

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Letras – Linguística e Língua Portuguesa

Renata dos Santos

**A (CO)CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE EVENTOS MEMORIALÍSTICOS EM
ENTREVISTAS ORAIS QUE TEMATIZAM O OFÍCIO ARTESANAL OU
MANUFATUREIRO**

Belo Horizonte

2018

Renata dos Santos

**A (CO)CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE EVENTOS MEMORIALÍSTICOS EM
ENTREVISTAS ORAIS QUE TEMATIZAM O OFÍCIO ARTESANAL OU
MANUFATUREIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras – Linguística e Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial, para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daniella Lopes Dias
Ignácio Rodrigues

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Ev'Ângela Batista
Rodrigues de Barros

Belo Horizonte

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S237c Santos, Renata dos
A (co)construção discursiva de eventos memorialísticos em entrevistas orais que tematizam o ofício artesanal ou manufatureiro / Renata dos Santos. Belo Horizonte, 2018.
186 f. : il.

Orientadora: Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues
Coorientadora: Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Memória – Experiências. 2. Comunicação oral. 3. Ocupações. 4. Cultura - Aspectos sociais. 5. Entrevistas - Análise do discurso. 6. Linguagem. 7. Semântica. I. Rodrigues, Daniella Lopes Dias Ignácio. II. Barros, Ev'Ângela Batista Rodrigues de. III. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. IV. Título.

CDU: 801

Ficha catalográfica elaborada por Rosane Alves Martins da Silva – CRB 6/2971

Renata dos Santos

**A (CO)CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE EVENTOS MEMORIALÍSTICOS EM
ENTREVISTAS ORAIS QUE TEMATIZAM O OFÍCIO ARTESANAL OU
MANUFATUREIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras – Linguística e Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial, para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Prof.^a Dr.^a Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues
PUC Minas – Orientadora

Prof.^a Dr.^a Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros
PUC Minas – Coorientadora

Prof.^a Dr.^a Ada Magaly Matias Brasileiro
Faculdade Pitágoras – Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Arabie Bezri Hermont
PUC Minas – Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Eliane Mourão
Universidade Federal de Ouro Preto – Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Leiva de Figueiredo Viana Leal
Universidade Federal de Minas Gerais/ Consultora da Unesco – Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Josiane Andrade Militão
PUC Minas – Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Lorene dos Santos
PUC Minas – Banca Examinadora

Belo Horizonte, 25 de maio de 2018.

Dedico esta Tese ao meu filho amado,
minha viDa,
Davi.
Você, filho, é a razão de, a cada dia, eu
acordar e dizer:
“Obrigada, Senhor, por mais este dia”.
Amo você!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar e de forma especial, a Nossa Senhora de Fátima, a quem consagrei meu doutorado. Intercedendo por mim junto a Deus, a Mãe Amada me proporcionou tão grande alegria ao finalizar meus estudos.

Aos meus pais, Geraldo e Laura, e à minha irmã, Adriana, por sempre fazerem de tudo para que eu me mantivesse firme nesta jornada.

Às “Tri”, como carinhosamente chamo as minhas sobrinhas, Beatriz, Fernanda e Júlia, por sempre me receberem com um olhar acolhedor e um sorriso estampado.

Às professoras Ev’ Angela Batista, Daniella Lopes e Ada Magaly, pelas contribuições que foram tão significativas durante a Qualificação e as orientações.

À professora Juliana Assis, pela presteza, simpatia e gentileza com que conduziu as demandas por mim apresentadas.

À Berenice e Rosária, pela paciência, competência e presteza com que me atendiam.

Aos professores Milton do Nascimento e Sandra Cavalcante, por contribuírem com meu doutoramento.

Aos professores da PUC Minas, pelos ensinamentos.

À Pró-Reitoria de Extensão da PUC Minas, por ceder o *corpus* deste estudo.

À Universidade Federal de Itajubá (Unifei), por me proporcionar a realização do doutorado concomitante ao exercício do cargo de docente.

À Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação da Unifei – *Campus* de Itabira, em especial a Ana Carla e Naida, por sempre me orientarem quanto aos aspectos formais de tramitação e desenvolvimento do meu doutorado.

Aos amigos que sempre me incentivaram a realizar com êxito este doutorado (não apresentarei nomes para não correr o risco de esquecer alguém). Deus os abençoe!

A memória não é representacional nem replicativa. A memória não se limita à replicação precisa de uma sequência prévia de eventos como faz um computador; ela tem a capacidade de repetir um ato mental ou físico, após um tempo, apesar do contexto em mudança. No contexto em mudança, a memória é o resultado dinâmico das interações entre a atividade neural contínua e distribuída e vários sinais vindos do mundo, do corpo e do próprio cérebro. (EDELMAN; TONONI, 2000).

RESUMO

Num processo interacional, os interlocutores atuam colaborativamente, alternam e complementam o diálogo por turnos conversacionais, criam e recriam cenas – memoradas ou projetadas. Sob essa perspectiva dialógica, meu principal objetivo, nesta pesquisa, foi verificar a configuração dos eventos memorialísticos, em interações dialógicas entre entrevistador e entrevistado, por meio da análise de entrevistas orais que versam sobre o ofício artesanal ou manufactureiro. Para isso, o objeto de estudo compreendeu a função do entrevistador e do entrevistado, considerando a seguinte problemática: como se configuram os eventos memorialísticos, na interação dialógica entre entrevistador e entrevistado, em entrevistas orais que tematizam o ofício artesanal ou manufactureiro? Para responder a esse questionamento, respaldei-me, como embasamento teórico principal, na relação entre os seguintes pressupostos: o processamento discursivo e o funcionamento da linguagem como propriedade natural do ser humano; a memória, durante a interação dialógica, enquanto não representacional, mas como reconstrução atualizada do passado; a topicalização discursiva, como operação básica na relação colaborativa e assimétrica entre entrevistador e entrevistado. Nesta investigação, de caráter exploratório, bibliográfico e documental, analisei um *corpus* gerado a partir de seis entrevistas orais de idosos entre 66 e 84 anos que integram o “Projeto de Extensão Memória e Cultura dos Ofícios”, desenvolvido em 2013, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Os resultados evidenciaram que a topicalização discursiva é uma operação básica que exerce influência direta na construção dos eventos memorialísticos e determina função para os interlocutores. Nas interlocuções analisadas, também foi evidente a presença das suboperações discursivas de assalto a turno, alongamento de sílabas e repetição de palavras, as quais reforçaram a delimitação do controle de pauta e do tópico discursivo, bem como do gerenciamento da interlocução por parte do entrevistador. Partindo do pressuposto de que a topicalização discursiva exerceria influência direta na construção de eventos memorialísticos, verifiquei que os interlocutores (co)constróem coletivamente a memória sobre a experiência de trabalho vivenciada no passado e que o entrevistador exerce uma relação assimétrica no processamento discursivo. As análises realizadas evidenciaram que, mesmo não vivenciando as experiências relativas ao ofício artesanal ou manufactureiro, o entrevistador é o principal (co)construtor das cenas memoradas.

Palavras-chave: Eventos memorialísticos. Processamento discursivo. Entrevistas orais. Ofício artesanal ou manufactureiro. Memória e linguagem.

ABSTRACT

In a interaction process, the interlocutors act collaboratively, alternate and complement the dialogues in conversation shifts, create and recreate scenes – remembered or projected. In this dialogical perspective, my main objective in this research was to verify the configuration of the memorialistic events, in dialogical interactions between interviewer and interviewee, through the analysis of oral interviews that deal with the handicraft or manufacturing. For this, the object of study comprised the role of the interviewer and the interviewee, considering the following problem: how are the memorialistic events configured, in the dialogical interaction between interviewer and interviewee, in oral interviews that theme is the handicraft or manufacturing? In order to answer this question, I supported, as the main theoretical basis, in the relationship between the following presuppositions: the discursive processing and language's functioning as the natural property of the human being; the memory, during the dialogical interaction, while not representational, but as an up-to-date reconstruction of the past; the discursive topicalization, as a basic operation in the collaborative and asymmetrical relationship between interviewer and interviewee. In this exploratory, bibliographical and documentary research, I analyzed a corpus generated from six oral interviews of the elderly between 66 and 84 years that are part of the “Projeto de Extensão Memória e Cultura dos Ofícios”, developed in 2013 at the Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. The results showed that discursive topicalization is a basic operation that exerts a direct influence on the construction of memorialistic events and determines function for the interlocutors. In the interlocutions analyzed, it was also evident the presence of discursive sub-operations of assault-by-turn, syllable stretching and repetition of words, which reinforced the delimitation of script control and the discursive topic, as well as the interviewer's management of interlocution. Starting from the assumption that discursive topicalization would have a direct influence on the construction of memorialistic events, I found that the interlocutors (co)construct collectively the memory about the work experience lived in the past and that the interviewer exercises an asymmetrical relationship in the discursive processing. The analysis showed that, even without experiencing the experiences with the handicraft or manufacturing, the interviewer is the main (co)constructor of the remembered scenes.

Keywords: Memorialistic events. Discursive processing. Oral interviews. Handcraft or manufacturing. Memory and language.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Funcionamento da Linguagem	26
FIGURA 2 – Engenho manual de cana	33
FIGURA 3 – Escravos serradores	33
FIGURA 4 – Escravos na Sapataria	33
FIGURA 5 – Representação gráfica das ondas sonoras de parte das entrevistas	94

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Dimensões da memória	41
QUADRO 2 – Normas para transcrição	65

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Evidências próprias da identidade coletiva aos entrevistados desta pesquisa	35
TABELA 2 – Dados referentes às entrevistas, entrevistadores e entrevistados	66
TABELA 3 – Incidência das suboperações na entrevista do Marceneiro	77
TABELA 4 – Incidência das suboperações na entrevista da Costureira	83
TABELA 5 – Incidência das suboperações na entrevista da Cozinheira	89
TABELA 6 – Quantitativo de assalto a turno	93
TABELA 7 – Incidência das suboperações na entrevista do Sapateiro, do Tropeiro e da Bordadeira	99

LISTA DE FRAGMENTOS

Fragmento 1	52
Fragmento 2	54
Fragmento 3	54
Fragmento 4	55
Fragmento 5	70
Fragmento 6	70
Fragmento 7	72
Fragmento 8	73
Fragmento 9	77
Fragmento 10	79
Fragmento 11	81
Fragmento 12	83
Fragmento 13	85
Fragmento 14	86
Fragmento 15	87
Fragmento 16	87
Fragmento 17	89
Fragmento 18	90
Fragmento 19	91
Fragmento 20	100
Fragmento 21	100
Fragmento 22	101
Fragmento 23	102
Fragmento 24	102
Fragmento 25	103
Fragmento 26	103
Fragmento 27	104
Fragmento 28	105
Fragmento 29	106
Fragmento 30	107
Fragmento 31	108
Fragmento 32	108
Fragmento 33	108

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Problematização	17
1.2	Objeto de estudo	17
1.3	Hipótese	18
1.4	Objetivos	19
1.4.1	<i>Objetivo geral</i>	19
1.4.2	<i>Objetivos específicos</i>	19
1.5	Justificativa	20
1.6	Estrutura geral da Tese	21
2	EXPERIENCIAÇÃO E MEMÓRIA NA EMERGÊNCIA INTERACIONAL	22
2.1	A linguagem e seu funcionamento	25
2.2	A linguagem e o trabalho como práticas sociais identitárias	32
2.3	Pressupostos teóricos sobre memória	37
2.3.1	<i>A memória na perspectiva de Candau (2014)</i>	38
2.3.2	<i>A memória na perspectiva de Edelman e Tononi (2000)</i>	43
2.3.3	<i>Contribuições sobre memória para a análise proposta nesta Tese</i>	47
2.4	O tópico discursivo na estrutura organizacional do texto falado	49
2.5	Os gêneros entrevista e entrevista oral	57
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	64
4	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	69
4.1	A entrevista com o Marceneiro	75
4.2	A entrevista com a Costureira	82
4.3	A entrevista com a Cozinheira	88
4.4	Análise dos dados comuns à fala do Marceneiro, da Costureira e da Cozinheira	92
4.5	O entrevistador como autor principal na conversação com o Sapateiro, o Tropeiro e a Bordadeira	95
4.5.1	<i>Breve descrição do Sapateiro, do Tropeiro e da Bordadeira</i>	96
4.5.2	<i>Análise das suboperações confirmadoras do entrevistador como</i>	

	<i>(co)construtor principal da conversaço</i>	99
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
	REFERÊNCIAS	114
	ANEXO A – Transcriç o das Entrevistas Orais	118
	ANEXO A.1 – Entrevista com o Marceneiro	118
	ANEXO A.2 – Entrevista com a Costureira	134
	ANEXO A.3 – Entrevista com a Cozinheira	145
	ANEXO A.4 – Entrevista com o Sapateiro	151
	ANEXO A.5 – Entrevista com o Tropeiro	162
	ANEXO A.6 – Entrevista com a Bordadeira	173
	ÍNDICE POR ASSUNTO	185

1 INTRODUÇÃO

A qualquer narração dessas depõe em falso, porque o extenso de todo sofrido se escapole da memória. E o senhor não esteve lá. O senhor não escutou, em cada anoitecer, a lugagem do canto da mãe-da-lua. O senhor não pode estabelecer em sua idéia a minha tristeza quinhoã. Até os pássaros, consoante os lugares, vão sendo muito diferentes. Ou são os tempos, travessia da gente? (ROSA, 1994, p. 571).

A interação dialógica entre os interlocutores envolve representações sociais por eles constituídas durante essa atividade interacional sendo a linguagem uma das formas que possibilitam ao ser humano se expressar produzindo sentido. Nesse intuito, a linguagem, capacidade constitutiva do ser humano e condição para que a consciência se desenvolva, é um processo natural humano. Por ser atividade constitutiva do ser humano, pela linguagem, o EU se torna sujeito na sociedade. Quando o processo coletivo de interlocução se efetiva, entende-se que o sentido foi coproduzido, ou seja, a interação dialógica foi realizada ou, nos termos bakhtinianos, ocorreu a essência da linguagem, que é a responsividade.

Neste estudo, tratarei da interação verbal entre os interlocutores de uma entrevista oral¹, que realizam a atividade de memoração sobre o ofício artesanal ou manufatureiro², quando o entrevistador escolhe um tema e os interlocutores predicam sobre ele e, assim, colaborativamente as cenas são criadas e recriadas, indiciando um evento. Destaco, para entendimento de minhas proposições nesta pesquisa, que memoração é o ato de entrevistador e entrevistado, na interação, comporem e recomporem cenas a partir de experiências conceituais como movimento corporal, experiências de caráter social e físico além de percepção. Não obstante, abordarei evento como a situação comunicativa que abrange um contexto de uso da linguagem, isto é, evento configurado durante a atividade interacional de uma entrevista. Para tanto, buscarei apoiar-me teoricamente em Benveniste (1995, 1989), Candau (2014), Edelman e Tononi (2000) e Jubran (2015), para verificar o que ocorre em uma situação específica do discurso.

No processo de memoração, o ser humano realiza uma operação geral que é a eventivação, operação global para construção de eventos. Pressupondo que os interlocutores, especificamente entrevistador e entrevistado, em interação, constroem-se como um EU e um TU na eventivação memorialística sobre a experiência de trabalho – o ofício –, centrando-me na operação básica de topicalização discursiva, constitutiva de toda e qualquer atividade de fala e, específico a este estudo, na construção de eventos memorialísticos, analisarei como

¹ Neste estudo, considerarei o *corpus* analisado como gênero entrevista oral; História Oral e entrevista, como instrumentos metodológicos.

² No capítulo 2 (ver 2.2), explicitarei algumas informações sobre ofício artesanal ou manufatureiro.

esses interlocutores constroem colaborativamente os eventos que evidenciam a memória dos ofícios artesanais ou manufatureiros. Essa operação básica, que é a criação de tópicos discursivos sobre os quais os interlocutores predicarão, é bastante comum em situações de uso real da língua na modalidade oral, visto que o tópico discursivo é o elemento constituinte da conversação, a interação é construída a dois e, no evento de fala em estudo – a entrevista oral –, considero, como principal hipótese (detalhada em 1.3), que a topicalização discursiva exerce influência direta na construção dos eventos memorialísticos, inclusive determinando funções para o entrevistador e o entrevistado. A relação entre entrevistador e entrevistado acontece colaborativamente, reforçando o pressuposto de que os turnos conversacionais se alternam e se complementam no processo interacional, cabendo ao entrevistador instigar o entrevistado a compartilhar as experiências memorialísticas, atualizando o passado em relação ao ofício artesanal ou manufatureiro, por meio do método da História Oral (HO).

Na HO exposta por estudiosos como Thompson (1992), o entrevistado reconstrói o passado a partir de relatos individuais ou coletivos como sujeitos ou testemunhas de acontecimentos. O foco da HO é a reconstrução do passado de alguém que testemunhou o vivido ou o vivenciou, falando sobre aquilo que lhe é mais significativo, ou seja, sonhos, anseios, crenças e lembranças. No decorrer das entrevistas orais analisadas por este estudo, perceberemos que os interlocutores reconstroem colaborativamente o passado, por meio do método da HO, que oportuniza a cada entrevistado reconstruir a individualidade do seu passado o qual faz parte de uma coletividade.

Corroborarei, no meu estudo, a teoria proposta por Edelman e Tononi (2000) de que cada entrevistado atualiza cenas que vivenciou no passado sem as reconstituir fielmente, pois a memória não é replicativa nem representacional (ver 2.2). A atualização das cenas considera a história de vida, a experiência incorporada, uma construção cognitiva de um mundo apreendido e experienciado, a identidade construída ao longo da trajetória de vida do indivíduo que faz parte de uma coletividade representativa de uma identidade social. Considerando o que exporei em minha tese³, tenho também como pressuposto que os entrevistados reconstroem um passado incorporado sobre o ofício manufatureiro ou artesanal, apresentando características coletivas que evidenciam a identidade coletiva, ou seja, as mesmas maneiras de estarem no mundo, representadas, por exemplo, pelo modo como falam⁴.

No âmbito do processo de construção discursiva da memória, analisei a construção e reconstrução de eventos memorialísticos por meio de entrevistas orais que têm como objetivo

³ Ao longo deste estudo, indicarei “tese” para se referir ao que defendo, e “Tese” para indicar este documento, ou seja, o gênero que apresenta a minha defesa.

⁴ No capítulo 2 (ver 2.2), essa especificidade será abordada tendo em vista a linguagem sobre o trabalho.

tematizar ofícios artesanais ou manufatureiros. As entrevistas orais, construídas pelo método da HO, a partir de um Projeto de Extensão⁵ desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) por Machado (2013), evidenciam o resgate de cada entrevistado como sujeito do processo histórico, um agente social que compartilha subjetivamente experiências sobre o ofício artesanal ou manufatureiro. Diante disso, apesar de o sujeito principal do processo histórico geralmente ser evidenciado, pelo método da HO, no entrevistado, por ele ter vivenciado ou experienciado os fatos, verifiquei se existe uma função diferenciada para entrevistador e entrevistado enquanto (co)construtores do evento memorialístico.

Portanto, foram evidentes, durante a minha investigação, os seguintes questionamentos:

- a) o entrevistador exerce influência voluntária na construção do discurso mesmo que a construção e reconstrução das cenas se baseiem em fatos de que o entrevistado tenha sido o único ator ou a testemunha?
- b) quem gerencia o processo interlocutivo e determina os tópicos discursivos?
- c) quais suboperações discursivas evidenciam a função do entrevistador e do entrevistado?
- d) durante a criação de cenas, como os marcadores discursivos são utilizados para atualizar acontecimentos passados em relação à posição ocupada pelo entrevistado no momento da evocação?

Em relação à motivação para este estudo, destaco que a principal, tendo em vista que eu buscava uma pesquisa que envolvesse o caráter social e fosse significativa e envolvente para mim e para os leitores, foi a proposta de analisar um *corpus* que fora construído a partir de um projeto de extensão, uma vez que as práticas extensionistas na universidade são por mim vistas com um olhar diferenciado, de envolvimento, de aprendizado constante, enfim, de grande satisfação. Afinal, para que uma pesquisa logre êxito, temos que estar envolvidos, ter prazer pelo que fazemos.

Além disso, tive a possibilidade de acessar um *corpus* que me permitisse reconstruir cenas de minha vivência em família. Desde criança, sempre tive contato com pessoas que exerciam ofícios artesanais ou manufatureiros, inclusive com meus pais, os quais sempre me incentivaram a usar nossas habilidades, nosso potencial, e não ficar esperando que tudo pronto chegasse rapidamente até nós. Meu pai exerceu a profissão de Almojarife, mas, em casa,

⁵ O referido projeto está detalhado no capítulo 3.

fazia um pouquinho de tudo, principalmente, no que se referia à marcenaria. Inúmeras vezes, desde criança, eu o observava – e arriscava ser sua ajudante – quando ele ia para o quintal e começava a exercer seu ofício. Ao analisar a entrevista oral do Marceneiro, por vários momentos, reconstruí as cenas que vivenciei com meu pai. Por sua vez, minha mãe era dona de casa e, para ajudar o meu pai com o sustento da família, artesanalmente produzia bolos, salgados e doces, os quais tinham grande saída para festas de aniversário e casamento. Com ela, aprendi a fazer doces, quitandas e salgados, a preparar um frango, a fazer sabão e a me virar como dona de casa. Também fui incentivada por ela a aprender a costurar e a bordar, enfim, como já manifestei, a usar os dons que me foram concedidos – confesso que até tento, mas alguns não estão ainda bem lapidados. No momento em que escrevi este parágrafo e no que analisei a entrevista oral da Cozinheira, da Bordadeira e da Costureira, reconstruí várias cenas da minha infância e adolescência. Quanta saudade!

Por fim, destaco que resolvi observar a construção de um tópico discursivo em eventos de HO que tematizam ofícios artesanais e manufatureiros porque sempre tive interesse em compreender melhor o processamento discursivo durante o ato conversacional. Aliás, ao participar das aulas, na Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da PUC Minas, senti-me atraída pela linguística cognitiva, para a qual ainda pretendo buscar aprimoramento e fortalecer meu conhecimento.

1.1 Problematização

A topicalização discursiva é a operação básica constitutiva de toda e qualquer atividade de fala e, no caso desta pesquisa, faz-se presente na construção do evento memorialístico, conforme inicialmente expus no capítulo 1 deste estudo. Ao analisar as falas que emergem da interação dialógica evidenciada neste documento, verifiquei a configuração do evento memorialístico sobre o ofício artesanal ou manufatureiro, considerando que existe uma função diferenciada para entrevistador e entrevistado. Diante disso, a problemática que embasa este estudo é: como se configuram os eventos memorialísticos, na interação dialógica entre entrevistador e entrevistado, em entrevistas orais que tematizam o ofício artesanal ou manufatureiro?

1.2 Objeto de estudo

O problema investigado neste estudo se especifica no âmbito do processo de

construção e reconstrução de eventos memorialísticos por meio de entrevistas orais que objetivam tematizar ofícios artesanais ou manufactureiros, buscando atualizar (materializar) discursivamente um passado distante, cujas impressões se mantiveram na memória. Em relação ao domínio de especificação do problema, o objeto de estudo configurou-se em termos do papel da topicalização discursiva enquanto emergência discursivo-cognitiva da interação humana, a saber: a função do entrevistador e entrevistado, sujeitos ativos numa interação dialógica durante uma entrevista oral que tem como tema o ofício artesanal ou manufactureiro vivenciado pelo entrevistado.

Para analisar o objeto de estudo, considere a relação entre os seguintes pressupostos teóricos: processamento discursivo e o funcionamento da linguagem como propriedade natural do ser humano, na abordagem de Benveniste (1995, 1989); a memória como não representacional, na perspectiva de Edelman e Tononi (2000), e como reconstrução atualizada do passado, na perspectiva de Candau (2014), durante a interação dialógica com o outro; e a topicalização discursiva, proposta por Jubran (2015), enquanto operação básica na relação colaborativa (especular⁶ ou não) entre entrevistador e entrevistado.

1.3 Hipótese

Um tipo de construção de eventos memorialísticos que abordo em meu estudo, existem dois pontos importantes a verificar: primeiro, se os interlocutores (co)construem, coletiva e discursivamente, a memória sobre uma experiência de trabalho vivenciada no passado; segundo, se existe uma relação assimétrica na qual o papel do entrevistador poderia ser o de subespecificar o tópico discursivo, desviá-lo ou ignorá-lo, determinando, assim, o que será topicalizado no discurso.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, busquei verificar a plausibilidade desta hipótese: se a topicalização discursiva exercia influência direta na construção dos eventos memorialísticos, inclusive determinando funções para o entrevistador e o entrevistado. Tive, para isso, como norteadoras, as seguintes ponderações:

- a) Hipótese 1: se a configuração de eventos memorialísticos dependeria da dinâmica estabelecida entre entrevistador e entrevistado na (co)construção dos tópicos e subtópicos discursivos constituintes do evento;
- b) Hipótese 2: se o processo de criação, integração e configuração de eventos

⁶ Utilizarei, neste estudo, o termo especular para identificar o direcionamento na conversação entre entrevistador e entrevistado, considerando que o entrevistador é quem controla toda a entrevista e determina o tópico discursivo, atribuindo-se o papel de principal (co)construtor das cenas memoradas.

memorialísticos, na produção de textos do gênero entrevista oral, evidenciaria o entrevistador como principal (co)construtor das cenas, diferentemente do abordado por autores como Thompson (1992) que evidenciam o entrevistado e veem a HO como um método que reconstitui o vivenciado pelo olhar do depoente, do entrevistado, ou seja, de quem vivenciou o acontecimento;

- c) Hipótese 3: se predicamos sobre experiências vivenciadas no passado, a narração não se faria exclusiva de quem as vivenciou, mas, na instância da fala, elas seriam (co)construídas pelo entrevistador e pelo entrevistado;
- d) Hipótese 4: durante a entrevista oral, se o passado vivenciado pelo entrevistado seria atualizado no tempo linguístico da instância de discurso e passaria a ser uma (co)construção do presente referenciado no tempo da instância de discurso, não se revivendo as mesmas cenas, ou seja, as cenas (co)construídas no momento da interação não repetiriam as cenas vivenciadas no passado.

1.4 Objetivos

No método da HO, considerando abordagens como a de Thompson (1992), o entrevistado é visto como sujeito do processo histórico que tende a compartilhar subjetivamente experiências, no caso deste estudo, sobre o ofício artesanal ou manufactureiro. Assim, como ator ou até mesmo testemunha de fatos vivenciados ou experienciados, espera-se que ele seja o principal (co)construtor das cenas que emergem da interação dialógica entre entrevistador e entrevistado.

1.4.1 Objetivo geral

Considerando as hipóteses elencadas no capítulo 1 (ver 1.3), por meio da análise de entrevistas orais que tematizam o ofício artesanal ou manufactureiro, o principal objetivo deste estudo foi analisar a configuração dos eventos memorialísticos, na interação dialógica entre entrevistador e entrevistado.

1.4.2 Objetivos específicos

Em relação aos objetivos específicos, busquei:

- a) embasar esta pesquisa adotando os pressupostos teóricos sobre linguagem,

- memória e topicalização discursiva;
- b) verificar se existe algum elemento (termos ou expressões) que indicia o privilegiamento do entrevistador ou do entrevistado na (co)construção de tópicos e subtópicos discursivos constituintes do evento de fala;
 - c) identificar, a partir da dinâmica estabelecida entre entrevistador e entrevistado, as principais suboperações que discriminam e tipificam o discurso construído a dois no texto oral dialogado;
 - d) explicitar, pela determinação e a subdeterminação do tópico discursivo, se existe influência voluntária do entrevistador durante a configuração de eventos memorialísticos com o entrevistado;
 - e) contribuir com pesquisas posteriores, apresentando o papel da topicalização discursiva na construção de eventos memorialísticos.

1.5 Justificativa

A justificativa principal para o desenvolvimento desta pesquisa está na necessidade de aprofundamento do tema quanto ao processamento discursivo, considerando o processo de (co)construção dos eventos memorialísticos – no caso em tela, sobre ofícios artesanais ou manufatureiros. Almejo, por meio da análise qualitativa de um *corpus* estruturado a partir de seis entrevistas, evidenciar o pressuposto de que, pela operação básica mínima de topicalização discursiva, cooperativamente os interlocutores constroem eventos dos quais, pela atividade de memorização, emerge a experiencição de alguém que testemunhou um acontecimento ou foi ator deste, conjuntamente à influência voluntária no discurso de alguém que busca depoimentos de como tudo aconteceu em relação a um determinado ofício.

Outro ponto relevante que investiguei foi a efetividade do método de HO em entrevistas orais, para a coleta de dados, a qual pode, tendo em vista as hipóteses especificadas em 1.3, contaminar / deturpar uma pesquisa ao invés de mostrar a realidade vivenciada. Nesse caso, considerando os dados que compõem o *corpus* deste estudo (ver capítulo 4), analisei o papel da topicalização discursiva em uma situação interacional de construção e reconstrução de eventos memorialísticos no gênero oral entrevista.

Destaco, ainda, que os resultados deste estudo reforçarão o pressuposto de que, pela operação básica de topicalização discursiva, o sentido é construído dialogicamente no e pelo discurso; pela linguagem, o locutor se projeta como EU em contraposição ao seu interlocutor, construído como um TU, instaurando uma instância enunciativa.

1.6 Estrutura geral da Tese

O presente estudo, excetuando este capítulo introdutório, está organizado em 4 capítulos, a saber: no capítulo 2, a fundamentação teórica; no capítulo 3, os procedimentos metodológicos; no capítulo 4, a apresentação e análise dos resultados; no capítulo 5, as considerações finais; nas partes pós-textuais, as referências, o anexo e o índice remissivo.

No capítulo 2, encontraremos todo o aporte que norteou a pesquisa, considerando a linguagem e seu funcionamento na perspectiva de Benveniste (1995, 1989), os pressupostos teóricos sobre memória retratados por Candau (2014) e Edelman e Tononi (2000), a estrutura organizacional do texto embasada em Jubran (2015) assim como a especificação do gênero entrevista, que foi estabelecido como o instrumento metodológico para análise do *corpus*.

No capítulo 3, expus a estrutura metodológica deste estudo, apresentando informações acerca do Projeto de Extensão que gerou todo o *corpus* analisado assim como dos procedimentos realizados para que esta investigação cumprisse o objetivo proposto.

No capítulo 4, teremos a apresentação e análise do *corpus* assim como as informações sobre os entrevistados, considerando as cenas que foram memoradas e reconfiguradas durante a atividade conversacional.

No capítulo 5, pelas considerações finais, apresentarei os pontos relevantes discutidos ao longo do capítulo 4 bem como se as hipóteses propostas em 1.3 foram confirmadas ou refutadas, tendo em vista o objetivo principal deste estudo (ver 1.2).

Por último, como partes pós-textuais, encontra-se a listagem de todas as referências utilizadas para amparar as informações contidas neste estudo, o anexo, que traz a transcrição realizada pelo “Projeto de Extensão Memória e Cultura dos Ofícios”⁷, e o índice remissivo, com os principais termos e expressões abordados nesta investigação.

⁷ Projeto de Extensão do Instituto de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, desenvolvido em parceria com os cursos de História, Letras e Comunicação Social, cujas informações detalhadas constam no capítulo 3 desta Tese.

2 EXPERIENCIAÇÃO E MEMÓRIA NA EMERGÊNCIA INTERACIONAL

Não. Eu estou contando assim, porque é meu jeito de contar. Guerras e batalhas? Isto é como jogo de baralho, verte, reverte. [...] A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe. (ROSA, 1994, p. 131-132).

O significado é construído, na mente, a partir da experiencição, ou seja, aprendo quando vivencio as experiências articuladas por mecanismos conceituais humanos. Na verdade, essa construção ocorre na vivência dos interlocutores, que interativamente criam, recriam, integram e configuram eventos memorialísticos. Nesta Tese, analisei como a topicalização discursiva (ver 2.3) exerce influência direta na construção de eventos memorialísticos, determinando funções para o entrevistador e o entrevistado que, no ato de memorização, (co)constróem eventos sobre o ofício artesanal ou manufactureiro.

Antes de aprofundar na base teórica que sustenta meu estudo, convém que eu deixe estabelecida a visão adotada para o termo discurso, o qual simbolizará, no pensamento benvenisteano, o que determino como materialização da fala em um contexto que estabeleci para analisar as entrevistas orais.

Com relação aos valores clássicos em linguística, há várias acepções para discurso, conforme abordado por Charaudeau e Maingueneau (2004), a saber:

- a) unidade linguística que se constitui por uma sequência de frases⁸;
- b) em uma dimensão social, utilização de signos sonoros cuja articulação permite ao homem comunicar-se com o outro⁹;
- c) próximo de enunciação, língua como assumida pelo falante (BENVENISTE, 1995);
- d) conjunto de enunciados provenientes da mesma formação discursiva¹⁰;
- e) inclusão de um texto em seu contexto¹¹;
- f) concepção a partir de um estudo linguístico das condições de produção de um

⁸ Abordagem proposta por Harris (1969). HARRIS, Zellig S. Analyse du discours. **Langages**, Pennsylvanie, ano 4, n. 13, p. 8-45, janv./mars 1969.

⁹ Abordagem proposta por Gardiner (1989). GARDINER, Alan Henderson. **Langage et acte de langage**: Aux sources de la pragmatique. Lille: Presses Universitaires du Septentrion, 1989.

¹⁰ Abordagem proposta por Foucault (1969). FOUCAULT, Michel. **L'Archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.

¹¹ Abordagem de Adam (1999). ADAM, Jean-Michel. **Linguistique textuelle**: Des genres de discours aux textes. Paris: Nathan Université, 1999.

texto¹².

Com o tempo, conforme se modificava a maneira de se conceber linguagem, o termo discurso foi proliferando por influência de diversas correntes pragmáticas que estabeleciam o discurso como organização transfrástica, orientado, forma de ação, interativo, contextualizado, assumido, regido por normas bem como assumido em um interdiscurso. Na sequência, apresentarei informações sobre essas oito acepções, as quais foram explicitadas por Charaudeau e Maingueneau (2004).

Na primeira acepção, como organização transfrástica, o discurso mobiliza estruturas que não sejam somente da ordem semântica ou sintática além de se submeter a regras de organização dos diversos gêneros. Na segunda acepção, o discurso é orientado conforme o propósito do locutor e o tempo em que se desenvolve, tudo em função de um fim, em cujo percurso poderá ocorrer digressão, retorno ao tópico, mudança de tópico. Ele também pode ser guiado em condições diversas – controlado totalmente, quando monologal, ou prestes a interrupções e desvios quando dialogal – e sofrer modificações frente à reação do outro interlocutor. Na terceira acepção, considerando que a enunciação constitui um ato a fim de modificar uma situação, o discurso é uma forma de ação que ocorre em atividades cotidianas de uso da linguagem, como um bilhete, uma mensagem de *WhatsApp* ou até mesmo um panfleto. Na quarta acepção, o discurso é interativo e se manifesta mais evidentemente na forma de conversação, a partir da qual existe uma troca entre os interlocutores virtuais ou reais. Na quinta acepção, pelo fato de não existir um enunciado fora de contexto, o discurso é contextualizado e pode definir ou modificar tal contexto durante a enunciação. Na sexta acepção, o discurso é assumido, apresentando referências pessoais, espaciais, temporais e de atitude assumida pelo locutor em relação a seu interlocutor. Na sétima acepção, o discurso é regido por normas sociais, associadas a comportamentos sociais, e específicas, por exemplo, as amparadas pelas leis do discurso de Oswald Ducrot¹³ ou as máximas conversacionais de Paul Grice¹⁴. Na oitava acepção, o discurso só tem sentido se estiver no interior, permeado por outros discursos e situado em um gênero, ou seja, ele é assumido em um interdiscurso.

¹² Abordagem de Guespin (1971). GUESPIN, L. Problématique des travaux sur le discours politique. *Langages*, Pennsylvanie, ano 6, n. 23, p. 3-24, juil./sept. 1971.

¹³ O ato de linguagem é desenvolvido em um quadro jurídico e psicológico imposto e as leis são necessárias para assegurar que a interlocução transcorra de forma que o locutor e alocutário produzam o sentido, principalmente ao não dito, e se respeitem no ato conversacional, conservando-se a cortesia, a racionalidade e a coerência. As leis foram divididas por Ducrot em: exaustividade, informatividade, economia, lítotes, interesse e encadeamento.

¹⁴ Ao acontecer uma troca comunicativa, os interlocutores agem conforme o princípio básico da cooperação que abarca as seguintes regras ou máximas: qualidade, quantidade, relação e modalidade.

Após apresentar tais acepções e definições, destaco que, neste estudo, não é um dos objetivos esgotar nem aprofundar argumentos sobre o termo discurso; na verdade busquei esclarecer que, apesar das várias teorias propostas sobre o assunto, assumirei discurso como a materialização da fala no contexto benvenisteano que adoto para analisar o *corpus* proposto. Para isso, sintonizo-me com Van Dijk (2012), quando ele expõe:

Para evitar o excesso de jargão e a confusão terminológica, neste capítulo, usarei simplesmente o termo ‘discurso’ para qualquer forma de língua manifestada como texto (escrito) ou fala-em-interação (falado), num sentido semiótico amplo. Isso inclui as estruturas visuais, como o layout, os tipos de letras e imagens para textos escritos ou impressos, e os gestos, a expressão facial e outros signos semióticos para a interação falada. (VAN DIJK, 2012, p. 166).

Retomando a abordagem teórica principal deste estudo e considerando o pressuposto de que, no processo de memorização (ver 2.2), são construídos e reconstruídos os eventos memorialísticos no gênero oral entrevista, considere as articulações teórico-conceituais acerca do funcionamento da linguagem (ver 2.1), na perspectiva da visão dialógica, como propriedade natural do ser humano, tendo em vista as abordagens sobre concepção de linguagem de Benveniste (1995, 1989), memória de Candau (2014) e Edelman e Tononi (2000) bem como sobre topicalização discursiva de Jubran (2015).

Quanto à abordagem que busquei na concepção de Benveniste (1995, 1989) sobre linguagem, considere que o processamento discursivo acontece quando o sujeito-locutor, ao instituir-se como enunciador, dialoga, construindo e reconstruindo tempo e espaço discursivos, com um alocutário, que é instituído como enunciatário.

Em relação à teoria de memória pautada em Candau (2014), com quem também dialoguei neste estudo, abordei pressupostos sobre a construção de eventos que evidenciam a memória dos ofícios quando o ser humano, no exercício memorialístico, é capaz de integrar diferentes espaços, reconstruindo e atualizando o passado a partir da interação dialógica com o outro. Para estabelecer minha concepção de memória não representacional, considere as articulações teóricas de Edelman e Tononi (2000) de que a memória não é um depósito de lembranças; pelo contrário, é dinâmica conforme o ato de memorização que leva em conta os sinais provenientes do mundo, do corpo e do cérebro, enfim, da interação entre os interlocutores.

Amparei-me em Jubran (2015) para reforçar meu posicionamento sobre topicalização discursiva, considerando como os interlocutores utilizam seus conhecimentos linguísticos e extralinguísticos, a fim de produzir sentido no processo interlocutivo. Nesse caso, privilegiei

informações quanto ao uso das principais suboperações discursivas que assumi nesta Tese.

Por sua vez, considerando que a narração dos eventos de alguém que testemunhou uma experiência ou a vivenciou é foco do método da HO, busquei amparo em Thompson (1992) para apresentar informações sobre o referido método, especialmente quanto à análise da evidência do principal sujeito durante a reconstrução dos eventos memorialísticos sobre o ofício artesanal ou manufatureiro.

Enfim, por meio de um estudo teórico-conceitual e adotando a visão de linguagem como natural do ser humano e essencial à interação humana, o quadro teórico está estruturado sob a perspectiva da visão dialógica da linguagem e a construção do significado na mente humana a partir de eventos, ou seja, de situações comunicativas abrangentes de um contexto de uso da linguagem que emergem no exercício memorialístico entre entrevistador e entrevistado.

2.1 A linguagem e seu funcionamento

Neste estudo, à luz da concepção benvenistiana sobre linguagem, busquei explicar como o processamento discursivo acontece quando o locutor institui-se como enunciador e, ao dialogar com seu interlocutor, instituído como enunciatário, constrói e reconstrói tempo e espaço discursivos. Nessa perspectiva, a existência do homem está diretamente ligada à linguagem, ou seja, esta é constitutiva daquele, que vive em sociedade e interage com o outro. Koch (2010) reforça isso quando expõe que interagimos pela linguagem a partir de objetivos a serem alcançados e tendo em vista as relações que queremos estabelecer, os efeitos a causar, comportamentos a desencadear, enfim, as diversas reações que desejamos obter do interlocutor.

Na perspectiva benvenistiana, entendo que a linguagem é incondicionalmente importante para que o homem viva e se comunique. Dessa forma, não se atinge “[...] o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 1995, p. 285).

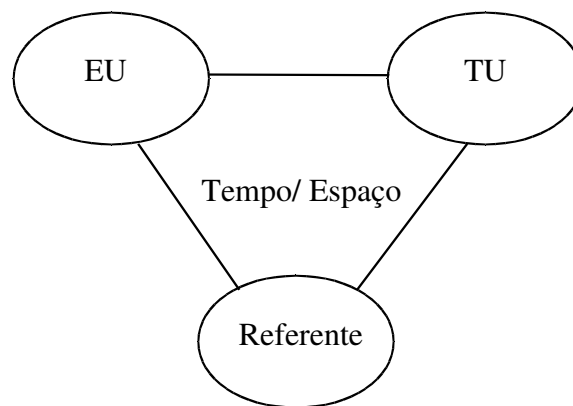
Outrossim, para viver, o ser humano precisa satisfazer suas necessidades (sejam físicas ou biológicas) e perceber que a linguagem é um meio de sobrevivência. Destaco que, para essa percepção, é condição ímpar a vida em sociedade, momento em que o ser humano passa a se perceber como sujeito, delimitando o seu EU, principalmente, no espaço discursivo. Para reforçar meu posicionamento, recorro a um fragmento de Benveniste (1995):

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito* [subjetividade]; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de “ego”. [...] Ora, essa “subjetividade” [...] não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. É “ego” que *diz ego*. Encontramos aí o fundamento da “subjetividade” que se determina pelo *status* linguístico da “pessoa”. (BENVENISTE, 1995, p. 286, grifos do autor).

Não obstante, a vida em sociedade faz com que o homem interaja com outro por meio da linguagem, instituindo-se como sujeito, tendo consciência de si mesmo por contraste, ou seja, empregando-se como EU a partir do momento em que se dirige ao TU na interlocução (BENVENISTE, 1995). Assim, ao configurar-se como sujeito (par EU-TU) em um tempo e espaço discursivos, o homem faz uso da linguagem, ou melhor, coloca-a em funcionamento; na dimensão de um processamento discursivo como atividade interativa, institui a enunciação. Reforço, diante do exposto, que, nesta Tese, a pesquisa está voltada para a perspectiva teórica da interação EU-TU como atividade discursiva e constitutiva de sentido tendo em vista que a linguagem está associada ao contexto, às condições de produção, enfim, à dimensão social. Nessa dimensão, que podemos dizer, sociointeracional, os sujeitos sociais se “inter-agem” em uma atividade sociocomunicativa (KOCH, 2009, 2010).

Nessa perspectiva teórica de interação, ou como aponta Koch (2009, 2010), de “interação”, considerando-se que a enunciação é a colocação da linguagem em funcionamento, ao se apropriar do aparelho formal da enunciação, o locutor se enuncia como tal, implanta o outro diante de si e institui a instância de discurso, em uma “[...] forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, 1989, p. 84), afirmação que pode ser complementada pela Figura 1.

Figura 1 – Funcionamento da Linguagem



Fonte: Adaptado de Benveniste (1989).

Com base na Figura 1, reforço que a enunciação somente acontece quando um locutor

institui-se como enunciador e dirige-se a um alocutário, instituído como enunciatário, em um espaço e tempo discursivos, com circunstâncias estabelecidas no e pelo discurso.

Neste embasamento sobre a apropriação da linguagem, enquanto processo no qual o homem se institui como sujeito pela enunciação, reforço que o EU, pelo ato individual de utilização, interage com o TU em um tempo e espaço discursivos. Assumo, pois, que a linguagem é capacidade humana que possibilita aos seres humanos implementar e gerir um processo natural humano, o da comunicação verbal, utilizada para a vida social e instituída pela necessidade de o EU se expressar, fazer-se sujeito em uma sociedade.

Nessa perspectiva de comunicação para a vida social, convém elucidar que, desde o nascimento, comprovando que é dotada geneticamente para desenvolver uma língua, a criança age linguisticamente em forma de balbucios que indiciam as primeiras tentativas de utilização do sistema de comunicação de uma língua e remetem a sentimentos e desejos diversos. Com o tempo, tendo em vista a experiência cotidiana de um ambiente em que se fala uma determinada língua, esta é apre(e)ndida e desenvolvida naturalmente pela criança que passa a aprimorar seu modo de se expressar. Por nascer com a capacidade natural de linguagem, que é indissociável ao ser humano e condição para que a consciência humana se desenvolva, a criança naturalmente demonstra o estar e ser na sociedade por um tipo de comportamento que se aprimora com o tempo, haja vista que ela é integrante da vida social.

Ao longo dos anos, a criança aprimora a forma de se expressar, adequando a linguagem aos meios social e cultural em que se encontra. Nesse instante, começam a tornar significativas algumas formas diversas de expressão que influenciarão seu modo de agir. Dessa maneira, ao chegar à adolescência, o sistema de comunicação em uma determinada língua é delineado em razão da influência exercida pelo meio em que se insere e ao qual está constantemente exposto. Macedo (2015), em seus estudos sobre linguagem e contexto, expõe que o repertório linguístico de um falante pode variar dependendo de onde está e com quem fala, ou seja,

[...] em ambientes de maior formalidade, entre pessoas que não conhecem, entre pessoas de posição hierárquica diferente, ou em situações em que estão autoconscientes quanto à linguagem, são capazes de adaptar sua maneira de falar e usar com maior frequência as variantes de prestígio, segundo as normas. (MACEDO, 2015, p. 59).

Durante a interação, conforme já mencionado, o ser humano age conjuntamente com seu(s) par(es) em uma atividade na qual o EU e o TU se constituem e se expressam. Essa interação corrobora o que foi exposto por Benveniste (1989, p. 93), em relação à linguagem:

esta “[...] é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem. Conseqüentemente, a linguagem exige e pressupõe o outro. A partir deste momento, a sociedade é dada com a linguagem”.

Contudo, ao desenvolver a linguagem com base nos meios social e cultural, o ser humano passa a ter subsídios linguísticos para construir sua capacidade de simbolizar, de se situar simbolicamente em um tempo e espaços enunciativos. Percebemos, ainda, que a constituição do ser humano como sujeito ocorre pela simbolização do pensamento, em que a linguagem tem explícito o uso do “eu” no discurso. A partir do momento em que a linguagem emerge dessa forma, o sujeito se apresenta como locutor em um ato de discurso individual, apropriando-se da língua para se mostrar ativo/ atuante na sociedade, enfim, sujeito no discurso. Diante disso, ao externar a linguagem subjetiva mais individualizada, apresenta-se como um ser social, um sujeito consciente de suas ações e de sua inserção e presença na sociedade. Em relação ao fato de a linguagem refletir a organização da sociedade e ao sujeito inserido nesta, Marcuschi (2004, p. 35) reforça que “[...] a própria língua mantém complexas relações com as representações e as formações sociais. Não se trata de um espelhamento, mas de uma funcionalidade em geral mais visível na fala”.

Quando Benveniste (1995) expõe que a organização da linguagem permite ao locutor apropriar-se da língua, ou seja, utilizar uma língua, colocar uma língua em funcionamento, ele se refere ao fato de ser a atividade da linguagem que possibilita a construção da subjetividade, a construção de estados de consciência unificados, denominados psique, de pessoa, com que o sujeito se estabelece na sociedade. A primeira revelação disso está no fato de falar, de pegar a palavra, ação já manifestada no balbucio, ou no desenho melódico dos enunciados, imitando a fala de seus coespecíficos, por exemplo, com o uso dos pronomes pessoais.

Em relação ao uso do “eu”, na enunciação, o locutor se constitui como sujeito e, reciprocamente, constitui o TU, formando, assim, um par linguístico com existência concomitante, relação EU-TU, considerando que o EU é o centro da enunciação. Diante disso, Benveniste (1989) assim delinea o quadro figurativo da enunciação:

Como forma de discurso, a enunciação coloca duas “figuras” igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do *diálogo*. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Este quadro é dado necessariamente com a definição da enunciação. (BENVENISTE, 1989, p. 87, grifo do autor).

Benveniste (1995) pontua também o que ele considera como não pessoa, representado pelo pronome “ele”, ou seja, qualquer um ou coisa sobre o que se fala no discurso. Neste caso,

o par “eu-tu” é colocado em oposição a “ele”, uma vez que a não pessoa, pela natureza individual, remete à situação objetiva dos enunciados de discurso.

Em relação ao par citado, pela abordagem benvenistiana, existem duas características: a unicidade e a inversibilidade. A primeira determina que “eu” e “tu” são únicos, indissociáveis, e “ele” pode ser qualquer sujeito, inclusive não humano, ou nenhum, no caso de impessoalidade. A segunda postula que “eu” e “tu” são inversíveis, ou seja, possuem papéis permutáveis na troca verbal, enquanto “ele” não identifica especificamente ninguém nem nada. A partir do momento que o locutor abre a boca, ele interpela um alocutário, EU interpelando TU, o qual conseqüentemente se dirá EU, ao passo que “ele” é ausente de alocação, é o falado, não apresenta traço de pessoalidade, enfim, “[...] é a única [pessoa] pela qual uma *coisa* é predicada verbalmente” (BENVENISTE, 1995, p. 253, grifo do autor).

Baseando-me nos pressupostos benvenistianos, entendo que a linguagem é uma propriedade natural do ser humano cuja atividade comunicativa expressa os modos de agir do interlocutor em um processo de interlocução com seus pares. A socialização significa que o ser humano se expressa, com vistas a ser recebido e entendido (aceito ou não).

Além da pessoa, o processo de enunciação inclui tempo e espaço e existe a partir do momento em que a língua é mobilizada pelo locutor, ou seja, no presente enunciativo. Neste, constantemente, são atualizados EU, TU e referente, em um tempo e espaço enunciativos. Benveniste (1995, p. 281, grifos do autor), quanto a isso, afirmou: “[...] os indicadores *eu* e *tu* não podem existir como signos virtuais, não existem a não ser na medida em que são atualizados na instância do discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor”. Essa atualização é marcada pelo presente enunciativo que não se repete; a temporalidade é marcada no tempo em que se fala, na instância do discurso, haja vista que as categorias pessoa, tempo e espaço só têm sentido na atividade enunciativa.

Em relação ao tempo, Benveniste (1989, p. 85) destacou que ele é produzido na e pela enunciação, considerando que desta “[...] procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. [...] o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo”. Isso mostra que o presente da enunciação é o do próprio ser e será delimitado, coincidindo com o momento da enunciação, entre o que será presente e o que não mais o é. Quanto à perspectiva de que o tempo é reconhecido como princípio organizador da língua, Corôa (1998, p. 32, grifo do autor) aborda que “[...] o tempo é uma experiência pessoal e intransferível, medi-lo é uma questão de definição, não de observação (para determiná-lo ou

identificá-lo), entendendo-se aqui por *definição* a introdução de novos termos como uma função de termos conhecidos”.

O tempo é uma das formas linguísticas que revelam experiências subjetivas e recobre “[...] representações muito diferentes, que são as muitas maneiras de colocar o encadeamento das coisas [...]; [e mais:] a língua conceptualiza o tempo de modo totalmente diferente da reflexão” (BENVENISTE, 1989, p. 70). Aliás, Benveniste (1989) apresenta três noções distintas de tempo: físico do mundo, crônico e linguístico.

O tempo físico do mundo é considerado infinito, é o tempo da natureza, dos fatos, a continuidade de eventos, estados e ações que se sucedem; é o tempo que “[...] cada indivíduo mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior” (BENVENISTE, 1989, p. 71). Por sua vez, o tempo crônico se refere à sequência dos acontecimentos comuns em nossa vida, a qual possui pontos de referência em que nos situamos, e socialmente é estabelecido em calendário. Esse tempo, por Benveniste (1989), é dividido em três condições que posicionam objetivamente os acontecimentos e definem a situação do ser humano em relação a eles, a saber: estativa, diretiva e mensurativa. Na estativa, um acontecimento importante é estabelecido como ponto de referência, é o ponto zero para se atribuir uma nova direção (nascimento de Cristo, por exemplo, que dá início ao calendário ocidental cristão); na diretiva, o eixo de referência é estabelecido por termos opostos, ou seja, antes ou depois de algo (ano 5 depois de Cristo é o único que figura depois do ano 4 e antes do 6, ambos tendo o nascimento de Cristo como referência e acontecimento comum); e, na mensurativa, é fixado “[...] um repertório de unidades de medida que servem para denominar os intervalos constantes entre as recorrências de fenômenos cósmicos [...]; [por exemplo:] o intervalo entre duas conjunções da lua e do sol será o ‘mês’ [...]” (BENVENISTE, 1989, p. 72). Por fim, o tempo linguístico está ligado organicamente ao exercício da fala, ao estabelecimento do tempo presente da instância da fala enquanto referencial para as temporalidades relacionadas, no ato linguístico, ao passado e ao futuro. Benveniste (1989) expõe que o presente linguístico, fundamento de oposições temporais da língua,

[...] que se desloca com a progressão do discurso, permanecendo presente, constitui a linha de separação entre dois outros momentos engendrados por ele e que são igualmente inerentes ao exercício da fala: o momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo do discurso, deixa de ser presente e deve ser evocado pela memória, e o momento em que o acontecimento não é ainda presente, virá a sê-lo e se manifesta em prospecção. (BENVENISTE, 1989, p. 75).

Assim, cada vez que um locutor constrói sua fala no presente, ele situa o acontecimento como contemporâneo ou não da instância do discurso mencionado. A língua,

nesse caso, ordena o tempo tendo como base um eixo que é a instância do discurso, tornando o presente a linha separadora entre o que não é mais presente e o que virá a ser, ou seja, a projeção do passado e do futuro a partir do presente da enunciação, o que é chamado de presente histórico, narrativo ou dramático por Corôa (1998). A principal característica desse tipo de presente é, apesar da flexão do verbo no tempo presente, referir-se a acontecimentos que ocorreram no passado. Pelas palavras de Corôa (1998, p. 41), o presente histórico apela para o “[...] psicologismo: para ‘dar vivacidade ou dramaticidade ao acontecimento’”. E mais:

[...] o presente histórico não corresponde simplesmente ao “que-já-ocorreu”, mas a um evento ou ação que ocorre como parte de um universo que é tomado na interlocução como “ainda presente” [...]. Neste caso, preenche-se a exigência definidora de que tanto o momento da fala como o momento do evento coincidam com o momento da referência, sem que haja, no entanto, a coincidência de limites temporais entre eles (CORÔA, 1998, p. 91).

Amparando-me em Benveniste (1989), destaco que, para analisar o *corpus* que proponho neste estudo, abordei o tempo linguístico porque este caracteriza o tempo que é específico da língua e está organicamente ligado ao exercício da fala, como função do discurso. Para Corôa (1998), considera-se o sujeito da linguagem como ponto de tensão temporal, pois, ao mesmo tempo em que a temporalidade se ordena na coordenada emergente na instância de uso, o falante se constitui como sujeito da própria fala na dimensão temporal.

Essa referenciação do tempo emerge da interação dialógica entre o locutor e o alocutário, de forma natural, e a construção do significado ocorre a partir da experienciação advinda do exercício memorialístico. O tempo linguístico é organizado a partir dos fatos que têm como referência o EU instituído na enunciação e os acontecimentos pessoais importantes provenientes da vivência do locutor, os quais emergem do tempo psíquico – da duração interior, conforme as emoções e o ritmo de vida interior do locutor – em relação ao linguístico – tempo da língua centralizado no presente da instância da fala; “[...] organicamente ligado ao exercício da fala [...]” (BENVENISTE, 1989, p. 74).

Outro ponto importante tratado neste estudo sobre a linguagem e a constituição intersubjetiva versará sobre a relação do sujeito com o trabalho, mediada pelo ato de (re)memoração (e, portanto, com os efeitos tanto cognitivos quanto afetivos desse processo), o que será apresentado em 2.2, tendo em vista a abordagem de Nouroudine (2002).

2.2 A linguagem e o trabalho como práticas sociais identitárias

Nesta parte da Tese, serão explicitadas informações acerca da linguagem sobre o trabalho, em especial ao ofício artesanal ou manufatureiro, prática secular e universal, basicamente em extinção na atualidade. Abordarei aspectos do funcionamento da linguagem que emerge na interação entre os sujeitos sociais que expressam seus anseios, medos, sentimentos e opiniões em uma interação dialógica sobre o ofício que realizaram boa parte da vida. Ao relacionar linguagem e trabalho, buscarei descrever e analisar uma determinada atividade profissional que expressa e é expressa por práticas languageiras, em situação de trabalho, praticadas pelos sujeitos desta pesquisa, quais sejam: seis entrevistados que praticaram algum ofício artesanal ou manufatureiro.

Nos estudos da linguagem, a discussão da relação sujeito/memória/ofício é tema pouco explorado, principalmente em relação ao artesanato, manufatura e indústria, tendo em vista que, pelas palavras de Cunha (2005), os historiadores da educação brasileira se preocupavam mais em explorar o ensino voltado ao trabalho intelectual e àquele destinado às elites políticas, o que fez o trabalho manual ficar em segundo plano. Historicamente, isso é reflexo de representações sociais¹⁵ que depreciavam o trabalho manual, a saber: por ser considerada “[...] própria de escravos, a atividade artesanal e a manufatureira acabavam abandonadas pelos trabalhadores brancos e livres, de modo que elas iam inexoravelmente para as mãos dos africanos e seus descendentes” (CUNHA, 2005, p. 2).

De acordo com Santos (2017), quando desembarcaram no Brasil, os africanos trouxeram uma diversificada bagagem cultural, principalmente porque vinham de lugares diversos e com tradições culturais bem distintas. Ao apresentarem uma infinidade de saberes relacionados à metalurgia, agricultura, construção civil, mineração, dentre outros, os donos exploraram o trabalho escravo para produzir riquezas e prestação de serviços, principalmente “[...] na produção de açúcar, na mineração de metais preciosos e em boa parte da produção cafeeira, além de atuarem em inúmeros outros setores da economia e da produção artístico-cultural” (SANTOS, 2017, p. 31).

Quanto às atividades artesanais e manufatureiras serem próprias de escravos, isso pode ser confirmado nas obras de Jean Baptiste Debret, pintor francês que, a pedido da Corte

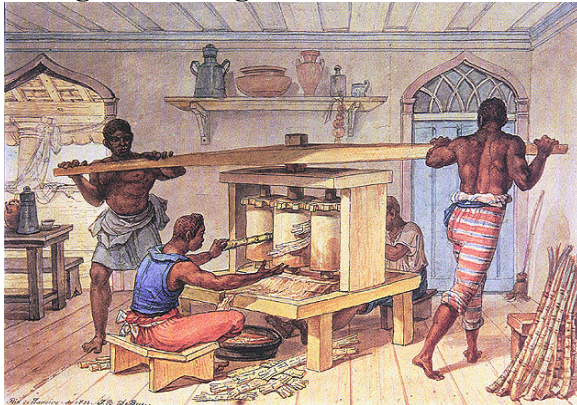
¹⁵ Estabelecido por Serge Moscovici, a fim de explicar e entender a realidade social, o conceito de representação social está associado à psicossociologia do conhecimento, o qual é adquirido a partir da compreensão exercida pelos indivíduos que pensam junto a seus pares sobre assuntos comuns. Essas representações são simbolizadas por uma fala, um gesto, uma situação que demonstre a produção dos saberes pelo e no cotidiano. Enfim, tudo que envolve a vida de um indivíduo é formado por representações sociais que ele estruturará acerca dos fenômenos sociais que integram seu cotidiano, enquanto característica produzida e socializada por um grupo.

Portuguesa no Brasil, retratou em tela os acontecimentos oficiais da realeza além de, devido à preocupação social que apresentava, mostrar os escravos e suas atividades, os acontecimentos políticos, a fauna e a flora brasileiras. O artista foi considerado

[...] um desenhista atento às questões sociais brasileiras [...] [identificando-se] com seu papel de ilustrador e documentarista dos acontecimentos contemporâneos. [...] [Ele e a realeza tiveram] consciência da importância da circulação das gravuras para a divulgação da imagem do Estado. (DEBRET, 2017).

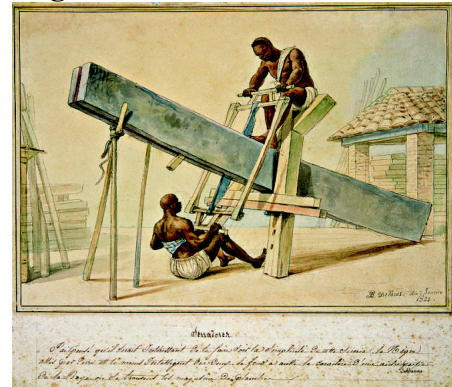
Pelas Figuras 2, 3 e 4, podemos visualizar um pouco do trabalho de Debret acerca, principalmente, das questões sociais que envolviam os escravos negros quando eles desenvolviam as atividades artesanais ou manufatureiras.

Figura 2 – Engenho manual de cana



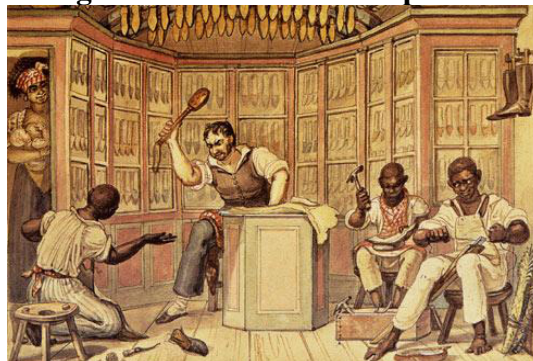
Fonte: Debret (1822a)¹⁶ *apud* ENCICLOPÉDIA..., 2017)

Figura 3 – Escravos serradores



Fonte: Debret (1822b)¹⁷ *apud* DEBRET..., [2016])

Figura 4 – Escravos na Sapataria



Fonte: Debret (1820-1830)¹⁸ *apud* LOJA..., [2008-2009])

¹⁶ DEBRET, Jean Baptiste. **Machine à Exprimer le Jus de la Canne à Sucre**. 1822a. Aquarela sobre papel, 17,60 cm x 24,50 cm.

¹⁷ DEBRET, Jean Baptiste. **Serradores**. 1822b.

¹⁸ DEBRET, Jean Baptiste. **Sapataria**. 1820-1830.

Como abordo os ofícios artesanais ou manufatureiros, em diversas partes da Tese, recorri a Cunha (2005) para esclarecê-los, sem, no entanto, tentar esgotar o assunto ou aprofundar nele, uma vez que o foco principal é outro. Os ofícios artesanais envolvem processos não sistemáticos a partir da relação de um aprendiz com o seu mestre, quando este é ajudado por aquele em pequenas tarefas e, aos poucos, o ofício vai sendo dominado pelo aprendiz; mestre e aprendiz realizam as atividades com autonomia propiciada pelo processo. Um exemplo disso é a atividade artesanal do sapateiro. Por sua vez, a atividade manufatureira envolve processos orientados ao artesanal e ao industrial, sem ter um caráter específico, em termos pedagógicos. Por abranger atividades artesanais e industriais, ora apresenta processos não sistematizados, ora sistemáticos e regulamentados, com vistas à formação padronizada, divisão de trabalhos e resultados controláveis e previsíveis. Um exemplo é a atividade de marceneiro.

Na sequência, sem querer estender ou esgotar o assunto, haja vista que não é o foco principal da minha tese, vejo com prudência estabelecer uma relação entre linguagem e trabalho. Ambas são atividades humanas complexas, com abordagens teóricas e metodológicas específicas e diversificadas de investigação, mas que possuem algo em comum: são práticas sociais, cultural e historicamente situadas, que buscam atender a uma determinada necessidade humana. Também são constitutivas das/ constituídas pelas relações sociais, de forma dialética, a fim de se socializarem saberes e valores específicos de um ou vários grupos sociais.

Como prática social, a linguagem pode refletir a identidade coletiva de um grupo, corroborando o que Candau (2014) expôs, a saber:

[...] é provável que os membros de uma mesma sociedade compartilhem as mesmas maneiras de estar no mundo (gestualidade, maneiras de dizer, maneiras de fazer etc.), adquiridas quando de sua socialização primeira, maneiras de estar no mundo que contribuem a defini-los e que memorizaram sem ter consciência, o que é o princípio mesmo de sua eficiência. (CANDAU, 2014, p. 26).

Essa afirmação de Candau (2014) está contextualizada nas evidências expostas na Tabela 1, a qual se baseia em sete categorias presentes no discurso dos sujeitos das entrevistas que fazem parte do corpus deste estudo. Assim, nessa perspectiva de uso da linguagem como reflexo da identidade coletiva, os sujeitos expressam suas especificidades quando manifestam, por características próprias de situações de trabalho, os valores e saberes relacionados ao ofício artesanal ou manufatureiro assim como o resgate da historicidade do indivíduo no trabalho.

No caso deste estudo, após analisar os vídeos que continham as entrevistas orais, percebi que foi recorrente a todos os entrevistados, pela gestualidade, o compartilhamento de uma maneira comum de estar no mundo: todos eles apresentaram o uso de gesticulação para reforçar alguma explicação sobre o instrumento de trabalho que usaram quando realizavam seu ofício. Também foi recorrente, na maneira de dizer, o uso constante de invocações religiosas, próprias da fala dos indivíduos na faixa etária dos entrevistados, por exemplo: “Graças a Deus, nunca criticaram a mim, não”.

Pela Tabela 1, podemos visualizar algumas especificidades presentes aos entrevistados, e extraídas do *corpus* deste estudo, que evidenciam as mesmas maneiras de estar no mundo, a partir da gestualidade e da maneira de dizer.

Tabela 1 – Evidências próprias da identidade coletiva aos entrevistados desta pesquisa

Categoria	Bordadeira	Costureira	Cozinheira	Marceneiro	Sapateiro	Tropeiro
Inserção da fala de outros interlocutores (discurso indireto)	15	07	03	07	07	07
Menção ao entrevistador na narrativa	33	13	05	13	05	43
Uso de gesticulação para reforçar a explicação	18	13	25	06	16	25
Inserção de outros interlocutores na narrativa	18	30	48	25	11	19
Invocações religiosas	07	05	06	08	15	06
Comparação com outras profissões e outras situações	02	02	04	01	03	06
Momento de desabafo quanto a questões pessoais	01	04	03	02	02	05

As evidências foram quantificadas por par dialógico.

Fonte: Autora deste estudo.

Essas características evidenciam que trabalho, vida humana e linguagem possuem uma íntima relação emergente nas práticas languageiras. Quanto a essas práticas, busco amparo em Nouroudine (2002, p. 18), que conceitua “[...] ‘práticas languageiras’ como termo genérico abrangendo os três aspectos da linguagem [...]”, quais sejam: “[...] a ‘linguagem como trabalho’, a ‘linguagem no trabalho’ e a ‘linguagem sobre o trabalho’ [...]”. Elas são constituídas por gestos e falas utilizadas quando o falante se dirige ao seu interlocutor, envolvido na atividade interacional coletiva, e pela fala monológica. Nesta Tese, vou me ater à dimensão da linguagem sobre o trabalho, quando analisar os discursos dos entrevistados que realizaram ofícios artesanais ou manufactureiros em uma determinada época da vida.

Em síntese, a linguagem como trabalho – que corresponde ao que é constitutivo da atividade – e a linguagem no trabalho – que corresponde ao que é constitutivo da situação – são assim explicadas por Nouroudine (2002):

Logo, é a diferença existente entre “atividade” e “situação” que permite distinguir os lugares e as funções da “linguagem como trabalho” e os da “linguagem no trabalho”. Enquanto a “linguagem como trabalho” é expressa pelo ator e/ou coletivo dentro da atividade, em tempo e lugar reais, a “linguagem no trabalho” seria, antes, uma das realidades constitutivas da situação de trabalho global na qual se desenrola a atividade. (NOUROUDINE, 2002, p. 22).

Em relação à linguagem sobre o trabalho, esta precisa se mostrar adequada ao objeto que referencia; no caso deste estudo, o ofício. Para Nouroudine (2002), a linguagem sobre o trabalho é motivada pelas exigências de uma equipe ou empresa, quando, por exemplo, se comenta ou avalia o trabalho, seja na própria empresa ou fora dela, em momentos de lazer do trabalhador. Este, por sua vez, para ser compreendido, tem que mostrar quem ele é, de onde fala e para quem fala, pois nem sempre a linguagem apresenta com clareza os sentimentos humanos. Por outro lado, Klein (2003, p. 39), em estudos que analisam as relações entre educação, trabalho e linguagem, no quadro de mudanças das linguagens articuladas às novas tecnologias e aos meios de comunicação de massa, expõe que a linguagem “[...] tem uma natureza ideológica posto tratar-se de atividade social e, enquanto tal, determinada por fatores sociais que emergem no processo de produção e, neste sentido, portadora das contradições inerentes à divisão de classes”.

Essas práticas languageiras (sobre, no e como trabalho), em algumas situações, podem se aproximar, se unir ou se distanciar, para que o conhecimento seja socializado quando se realiza ou não um trabalho. No caso deste estudo, da prática languageira sobre o trabalho, emergiram-se cenas sobre o ofício artesanal ou manufatureiro, momento em que, ao utilizar a linguagem, o entrevistado deixou aflorar a sua identidade pessoal como constituída pelo ofício que exerceu, mesmo não o realizando mais.

Com o embasamento exposto neste capítulo, analisarei os fragmentos extraídos das entrevistas orais que constituem o *corpus* deste estudo, demonstrando que, na perspectiva benvenistiana, as cenas construídas na interlocução evidenciam pessoas com responsabilidades, valores, representações, crenças e anseios em relação à vida no ofício e às questões pessoais. Ao analisar as entrevistas orais, perceberemos, ao observarmos quem fala, para quem fala e de que lugar fala, as formas como pensam o ofício, seus valores e a identidade coletiva dos sujeitos que vivenciaram atividades similares, sob a perspectiva da linguagem como natural do ser humano e essencial à interação humana que emerge em um tempo e espaço discursivos. Enfim, a partir do aqui/ agora enunciativo e predicando sobre um referente, o EU, aquele que enuncia, referencia-se em contraposição ao TU (que também pode

ser o próprio EU), instituindo, assim, o processo de referenciação da linguagem.

2.3 Pressupostos teóricos sobre memória

Ao realizar o exercício memorialístico, o ser humano integra diferentes espaços discursivos, reconstruindo e atualizando o passado ao criar e recriar cenas, isto é, relatos de experiências, a partir da interação dialógica com o outro. Baseando-me na operação básica de topicalização discursiva para construção do significado, explicitarei, dialogando com Candau (2014) e Edelman e Tononi (2000), as relações entre memória e construção de identidade bem como a memória não representacional. A memória, ligada indissociavelmente a identidade, é uma reconstrução contínua e atualizada do passado, e não necessariamente uma reconstituição fiel deste, ou seja,

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. (CANDAUI, 2014, p. 16).

A memória não é um depósito de lembranças, mas um processo de reconstrução delas. Quando ocorre uma lembrança, a memória já está enlaçada a outras recordações, por exemplo, o momento presente e o interlocutor. Dessa forma, o ser humano atribui valor às experiências conforme os aspectos emocionais que estejam relacionados a elas. Nessa concepção, as vivências são reconstruídas todas as vezes que são lembradas e, por mais que pareçam ser as mesmas, as lembranças emergem por caminhos associativos diferentes e se misturam a novos elementos.

Para Edelman e Tononi (2000, p. 93, tradução nossa), quanto às funções cognitivas, pelo fato de o cérebro evidenciar representações, o que se atualiza na memória são representações, ou seja, “[...] a memória é a fixação mais ou menos permanente de mudanças que, quando apropriadamente abordadas, podem recuperar uma representação e, se necessário, atuar nela”¹⁹. Os autores complementam que a memória é o resultado da combinação seletiva entre uma atividade neural e os sinais provenientes do mundo, do próprio cérebro e do corpo. Quanto a isso, Koch (2006) postula que mente e corpo são unos, ou seja, a mente é corporificada ao passo que aspectos motores e perceptuais bem como as formas de raciocínio abstrato são de natureza semelhante e estão inter-relacionados de forma profunda.

¹⁹ Do original: “In this view, memory is the more or less permanent laying down of changes that, when appropriately addressed, can recapture a representation and, if necessary, act on it.”

A autora ainda cita que, na concepção de que a cognição é resultado das ações e capacidades sensório-motoras, enfatizamos a enação, “[...] ou seja, emergência e desenvolvimento dos conceitos nas atividades nas quais os organismos se engajam, como a forma pela qual eles fazem sentido do mundo que os rodeia” (KOCH, 2006, p. 30).

Nesse ponto, destaco que os eventos que evidenciam a memória são criados e recriados a todo o momento, a partir da interação entre os interlocutores, considerando que, ao recuperar as lembranças, no caso desta Tese, o entrevistado constrói uma nova experiência e novas expectativas por meio da evocação atual realizada pelo entrevistador. E isso possibilita que novas experiências sejam posteriormente criadas. Assim, a memorização pode ser entendida como o encontro da lembrança com a experiência atual, o momento atual do qual emergem novos significados na vivência dos interlocutores.

2.3.1 A memória na perspectiva de Candau (2014)

Neste estudo, em relação ao processamento discursivo no exercício memorialístico, defendo que, pela interação dialógica, os interlocutores criam e recriam cenas atualizando o passado no presente. Tal defesa vem ao encontro da assunção de que identidade e memória são indissociáveis. Essa aceção é uma constante reforçada na obra de Candau (2014), o qual define memória como reconstrução contínua e atualizada do passado, e não necessariamente uma reconstituição fiel deste, e admite que a identidade seja construída socialmente durante a relação dialógica.

Para entendermos os problemas relacionados às realidades que remetem aos conceitos de memória e identidade, recorro a Candau (2014) que classificou as diferentes manifestações da memória, quando representativas da memória individual, em: protomemória, memória de evocação e metamemória. A primeira é a representação incorporada da memória social, a qual se expressa pelos gestos, práticas e linguagem, realizada sem tomada de consciência, ou seja, quase automaticamente. O passado não é representado; emerge no corpo e demonstra o agir sem pensar ou questionar como deve fazer. Quando a representação incorporada da memória social não se realiza por alguma razão, a sociedade se transforma e conhece uma mudança social de forma desorganizada, dissolvendo os grupos em suas formas anteriores. A segunda é a memória propriamente dita: a memória de recordação ou reconhecimento. Ela se beneficia de extensões artificiais, como saberes, crenças, sentimentos ou sensações, para expandir a memória. A terceira está diretamente relacionada à construção identitária uma vez que é a representação do que o indivíduo faz das próprias lembranças, do conhecimento que tem

delas. Nesse ponto, destaco que a metamemória, por introduzir a ação do indivíduo, a partir da capacidade que ele tem de pensar sobre a própria memória, corrobora os argumentos que exponho nesta Tese, reforçando o papel da linguagem, ou seja, da verbalização, como atividade de um indivíduo/ ser humano imerso no social – permeada pelas experiências culturais, sociais, enfim, frutos de sua vivência.

Além disso, a memória coletiva não pode ser compartilhada quando se refere à protomemória e à memória propriamente dita já que estas constituem faculdades individuais. Pelo contrário, a metamemória refere-se à coletividade, pois é o conjunto de representações da memória e pode ser compartilhada, uma vez que membros de um grupo poderão, durante a interação, compor e recompor cenas a partir de experiências conceituais e da linguagem supostamente comuns a todos os membros desse nicho. Nesse intuito, a identidade coletiva é uma representação cujas memórias compartilhadas, designadas por Candau (2014) como “contágio de ideias”, ocorrem com mais facilidade em um grupo composto por um número menor de indivíduos, categorizada como memória forte. Esse tipo de memória, para Candau (2014, p. 44), é organizadora/ estruturadora da identidade coletiva, “[...] massiva, coerente, compacta e profunda, que se impõe a uma grande maioria dos membros de um grupo”.

Por outro lado, o autor afirma que a memória fraca não é bem definida, é difusa e superficial, raramente é compartilhada por um conjunto de indivíduos, o que pode desestruturar um grupo haja vista que uma identidade coletiva se torna relativamente inatingível.

Diante disso, Candau (2014) reforça que, em um ponto, a memória forte estruturaria a identidade coletiva, organizada pela retórica holística, ou seja, pelo emprego de termos, expressões e figuras que designam conjuntos supostamente duráveis, estáveis e homogêneos. Em outro ponto, a memória fraca seria um forte parâmetro para dissolução ou colapso das identidades.

Para Candau (2014), a construção e as variações da memória e identidade, em aspectos do indivíduo, demonstram que a perda da memória é também a da identidade, condições necessárias ao conhecimento de si e à consciência. Nesse ponto, o autor destaca três direções para a realização da memória:

[...] uma **memória do passado**, aquela dos balanços, das avaliações, dos lamentos, das fundações e das recordações; uma **memória da ação**, absorvida num presente sempre evanescente; e uma **memória de espera**, aquela dos projetos, das resoluções, das promessas, das esperanças e dos engajamentos em direção ao futuro. (CANDAU, 2014, p. 60, grifos nossos).

Essas direções conjugadas e unificadas permitirão que o ser humano se conceitualize inscrito em um tempo, no transcorrer do qual a identidade é construída, ou seja, pela mnemogênese, o indivíduo capta e compreende o mundo a partir do momento em que tem consciência de si quando se lembra de acontecimentos decisivos do passado, percebidos como tal e que fazem sentido para quem lembra. Em outra esfera, está a memória do computador, a qual é incapaz de lembrar ou esquecer, de produzir laços sociais, diferente da humana, pois, conforme afirma Candau (2014, p. 62), “[...] o cérebro humano é capaz de desenvolver estratégias de maneira autônoma e de construir seus próprios programas (auto-organização)”.

O autor apresenta, ainda, que o ser humano relaciona passado, presente e futuro por meio dos traços do passado que se engajam ao presente visando às demandas do futuro. Outro argumento forte são as informações quanto ao tempo da lembrança, que é diferente do tempo vivido, cujas incertezas e tristezas da situação vivida são amenizadas pelo embelezamento das lembranças desagradáveis. Ao abordar o termo narração, o autor expõe que contar uma história é um ato de criação e não de repetição, momento em que o narrador ordena e torna coerentes os acontecimentos mais significativos de sua vida por meio das estratégias identitárias. Para Candau (2014), a memória é a arte da narração transformada em uma história significativa e exemplar cuja visão dos acontecimentos passados é, em parte, transformada pela posição que o narrador ocupa no presente. Enfim, Candau (2014, p. 77) expõe que “[...] a imagem que desejamos dar de nós mesmos a partir de elementos do passado é sempre pré-construída pelo que somos no momento da evocação”.

Em outro ponto dos seus estudos, Candau (2014) discute a memória relacionada ao ordenamento temporal, ou seja, pelo fato de que “[...] a incompletude provém da desordem, a melhor taxa de evocação das primeiras [tarefas concluídas] faz refletir sobre a necessidade de colocar o passado em ordem” (CANDAU, 2014, p. 83). Está aí a necessidade de ordenar o pensamento, relacionando-o àquilo que pretendemos recordar, seja por meio de relógios e agendas seja por fotografias; estas, aliás, são consideradas pelo autor como de destaque justamente por possibilitarem a representação/ reconfiguração do passado com mais facilidade.

Assim, para construir a própria identidade, o indivíduo precisa classificar, ordenar e nomear em sua memória os múltiplos mundos de acordo com uma lógica de categorização (semelhanças, diferenças, dentre outras). Para isso, as marcas temporais são de extrema importância para o estabelecimento da identidade visto que, ao pensar o tempo, emprestamos a ele atributos como a classificação, ordenação, denominação e datação. Em relação à consciência identitária, Candau (2014) evidencia que a memória longa revela memórias

fortes, pois organiza a representação que um grupo faz de si mesmo e de sua história. Nesse caso, o fluxo do tempo com datas precisas é ignorado, valorizando-se a densidade dos acontecimentos, ou seja, o tempo não é visto como uma quantidade mensurável, mas como qualidade emocional e associativa, isolando os acontecimentos que são esvaziados de duração. Em alguns casos, existe a função social para o passado, ou seja, “[...] muitas vezes, manifestando nostalgia por um passado pintado com cores de ‘velhos bons tempos’, o narrador faz uma crítica da sociedade atual que pode trair a exigência subjacente de mudanças para o futuro” (CANDAU, 2014, p. 89).

Por questões didáticas e de melhor visualização das informações, o Quadro 1 foi estruturado com uma síntese sobre as dimensões de memória propostas por Candau (2014).

Quadro 1 – Dimensões da memória

Memória individual (o que expressam)		Memória coletiva (como expressam)		Direções para realização da memória	
Proto-memória	Incorporação da memória social, realizada sem a tomada de consciência	Forte	Organizadora e estruturadora da identidade coletiva, imposta à maioria	Do passado	Recordações, avaliações, lamentos e balanços
Memória de evocação	Recordação ou reconhecimento, expandido por extensões artificiais	Fraca	Pouco definida, difusa, superficial e raramente compartilhada	Da ação	Absorvida no momento passageiro, instável
Meta-memória	Representação do que se faz das próprias lembranças e do conhecimento delas	Longa	Reveladora de memórias fortes, organizadora das representações do grupo	De espera	Projetos, promessas e comprometimento com o futuro

Fonte: Adaptado de Candau (2014).

Outro ponto importante abordado por Candau (2014) é a estruturação do ato narrativo por indicadores temporais centrados no narrador, ou seja, o tempo é contado pelos fatos que têm como referência os acontecimentos provenientes da experiência pessoal. Destaca-se, pois, que o acontecimento rememorado possui relação direta com o presente do narrador, com o tempo de instanciação da palavra, e isso será mais explorado, no capítulo 4, inclusive relacionando argumentos de Candau (2014) às hipóteses propostas por mim neste estudo.

Retomando a abordagem sobre a função social, Candau (2014) expressa que o ser humano é um ser social, que aprende tudo ao longo da vida e constrói, pela adaptação do presente ao futuro, sua identidade, a qual é organizada pela renovação do passado. O autor destaca, também, que a escrita é uma das formas para socializar os acontecimentos tendo em vista que o caráter fixo oferece referenciais coletivos com eficácia. A escrita²⁰ é vista como auxiliar da memória forte e orientadora de memórias individuais em uma mesma direção. Outra forma de socialização dos acontecimentos está na observação: um profissional ensina

²⁰ Sem um registro escrito que confirme/ respalde, ateste o valor da memória, os 6 entrevistados, todos com uma formação escolar ínfima, teoricamente estavam mais expostos à influência externa, do interlocutor.

por meio das múltiplas maneiras de dizer e fazer, ou seja, com o corpo, com o desenvolvimento do seu ofício, enquanto o outro observa. Também considerado uma forma de socializar o acontecimento, o apelo à tradição expõe o passado atualizado ao presente. Por outro lado, Candau (2014) reflete sobre o esquecimento: este não é visto somente como uma fragilidade da memória, mas como uma necessidade para seguir o fluxo da vida de forma estável, sem remorsos, tristezas ou qualquer sentimento que desestabilize a pessoa ou o grupo. Na verdade, o esquecimento representa, para Candau (2014, p. 129), “[...] um sinal de respeito à singularidade de cada vida humana que o trabalho da memória poderia alterar. Igualmente, o esquecimento pode ser necessário aos laços sociais e à afirmação da identidade de um grupo”.

Candau (2014) apresenta, como categorias organizadoras de representações identitárias coletivas, as doutrinas, os contos, os relatos e os mitos inscritos em uma trama narrativa. Para o autor, tais categorias, atualmente, têm sido perdidas e não há muitos indícios de memórias preponderantes organizadoras da sociedade, contribuindo, assim, para o desaparecimento das memórias coletivas. Como forma de enfrentar isso, as sociedades modernas têm petrificado o passado a fim de salvaguardá-lo, ou seja, conservam tudo de forma desestruturada e correm o risco de desnaturalizar – despojar daquilo que era a força responsável pelo vínculo identitário de um grupo – o que se pretende salvar. No entanto, Candau (2014) sustenta que, para reconstruir as memórias organizadoras de um laço social sem presença de submissão, o indivíduo deve fazer escolhas em suas heranças, reconhecer que não é possível alcançar a totalidade das memórias, admitir a individualidade e aceitar que não se compartilha o absoluto com o outro.

Os argumentos de Candau (2014) expostos neste capítulo mostraram que várias dimensões da memória se relacionam para a construção da identidade do indivíduo, sendo um de seus pontos fortes a busca da compreensão de como o ser humano passa de formas individuais a coletivas de memória e identidade. Neste estudo, embaso-me nas relações estabelecidas entre as dimensões da memória para construção das identidades a fim de demonstrar que, no exercício memorialístico, a memória é uma reconstrução atualizada do passado a partir da interação dialógica com o outro.

Na sequência (em 2.3.2), abordarei informações sobre memória, porém na perspectiva de Edelman e Tononi (2000) de que ela não é representacional, mas dinâmica, e considera os sinais provenientes da interação entre os interlocutores.

2.3.2 A memória na perspectiva de Edelman e Tononi (2000)

A memória é componente central dos mecanismos cerebrais que levam à consciência, aqui entendida como um processo que emerge da vivência, da experiencição, ou seja, não está localizada em uma região do cérebro. Neste estudo, considere a interação discursiva entre entrevistador e entrevistado, os quais, colaborativamente, constroem eventos sobre a memória dos ofícios, indo ao encontro de algumas abordagens de Edelman e Tononi (2000) sobre a teoria neurológica da consciência que propuseram e será exposta neste capítulo. Considerarei, também, pautando-me nos referidos autores, que a memória, enquanto processo construtivo, é um reflexo do modo como o cérebro muda sua dinâmica e repete um desempenho, que resulta da atividade neuronal aliada a sinais provenientes do mundo, do corpo e do cérebro. Para Edelman e Tononi (2000), os processos neuronais e biológicos não poderiam funcionar sem a interação com o mundo e com as pessoas. Não considere, para verificação de minhas hipóteses, abordagens que afirmam ser a memória resultado de um processo de recategorização contínua com possibilidade de repetição de um desempenho, por isso me pautei em Edelman e Tononi (2000) cujos estudos serão, neste capítulo, apresentados.

A teoria darwiniana propõe, considerando a origem das espécies, que os indivíduos são naturalmente selecionados conforme sua capacidade de adaptação ao ambiente e que a variação ou diversidade é base para a concorrência nessa seleção natural. Nesse aspecto, encontra-se a teoria da seleção de grupo neuronal proposta por Edelman e Tononi (2000), os quais aplicam estes princípios seletivos à compreensão das interações neurais e ao funcionamento do cérebro: formação de um repertório primário de grupos neurais altamente variáveis, durante o desenvolvimento do cérebro (seleção do desenvolvimento); formação de repertório secundário de circuitos neurais facilitados, durante a experiência, como resultado de alterações ocorridas na força das conexões ou sinapses (seleção experimental); e processo de reentrada, ao longo das conexões recíprocas entre os grupos neurais, a fim de assegurar a correlação espaço-temporal dos eventos neurais selecionados.

A partir do sistema seletivo da teoria de Edelman e Tononi (2000), a memória dinâmica, ou seja, não representacional, é originada por características do cérebro, as quais

[...] são um conjunto de circuitos neurais degenerados que compõem um repertório diversificado, um meio de alterar as populações sinápticas após receber vários sinais de entrada, e um conjunto de restrições de valor que aumentam a probabilidade de repetição de uma produção adaptativa ou gratificante, independentemente de qual circuito degenerado é usado²¹ (EDELMAN; TONONI, 2000, p. 97, tradução nossa).

²¹ Do original: “These characteristics are a set of degenerate neural circuits making up a diverse repertoire, a means of changing the synaptic populations upon receiving various input signals, and a set of value

A memória é não representacional uma vez que é vista, por Edelman e Tononi (2000, p. 93, tradução nossa), “[...] como a capacidade de um sistema dinâmico que é moldado pela seleção e exibe degeneração para repetir ou reprimir um ato mental ou físico”²². Essa degeneração nos circuitos neurais, reforçada pelos sistemas de valores, permite a mudança nas memórias particulares, da qual emergem novas experiências ou novos contextos. Para Edelman e Tononi (2000), isso origina as propriedades associativas da memória, quais sejam: uma percepção (por exemplo, tato, visão e olfato) que desencadeia um ato, um ato que provoca outro ato, uma palavra que desencadeia outras palavras e até uma imagem que instiga uma narrativa. Enfim, a memória é uma propriedade do sistema e, pela definição de Edelman e Tononi (2000, p. 99, tradução nossa), “[...] é o resultado dinâmico das interações de todos esses fatores agindo em conjunto, que serve para selecionar uma saída que repita um desempenho ou um ato”²³. A memória é, pois, para os referidos autores, dinâmica, robusta, associativa, criativa, adaptável e uma das bases essenciais para a consciência.

A partir de sinais do mundo ou de outras partes do cérebro, diversas possibilidades combinatórias são selecionadas, resultando em respostas de saída semelhantes aos adaptativos anteriores e que servem de base para a repetição de um ato mental ou um desempenho físico. Dessa forma, para Edelman e Tononi (2000), a memória é gerada dinamicamente tendo em vista que os atos e desempenhos estão sujeitos a alterações, mas mantendo-se a essência (estabilidade do desempenho memorial), por isso a memória é recategorica e não replicativa.

Em relação à consciência, Edelman e Tononi (2000) consideram que ela não está localizada em uma região do cérebro; ela é resultante de um processo que envolve interações neuronais específicas e fundamentais. Ela é um processo que emerge da vivência, da experiência e se apresenta como primária e de ordem superior.

A consciência primária, capacidade de construir uma cena mental integrada (presente lembrado) no presente que não requer língua ou um senso de si, depende dos estímulos sensoriais recebidos (presente) e da interação com as memórias categóricas (passado). Essa consciência é vista em alguns animais que possuem estruturas cerebrais semelhantes às dos humanos. Por sua vez, a consciência de ordem superior, própria dos seres humanos e coexistente à consciência primária, apresenta um senso de si, a capacidade de construir cenas

constraints that increase the likelihood of repetition of an adaptive or rewarding output regardless of which degenerate circuit is used.”

²² Do original: “We see memory as the ability of a dynamic system that is molded by selection and exhibits degeneracy to repeat or suppress a mental or physical act.”

²³ Do original: “Instead, it is the dynamics result of the interactions of all these factors acting together, serving to select an output that repeats a performance or an act.”

passadas e futuras assim como as capacidades semântica e linguística. Destaca-se que essa divisão da consciência em primária e de ordem superior é consistente à visão selecionista do cérebro introduzida por Edelman e Tononi (2000).

Para Edelman e Tononi (2000), um animal com consciência primária recria uma cena, composta de objetos e eventos ligados ou não uns aos outros, por meio da memória a partir da experiência carregada de valor anterior. Assim, a base para o surgimento da consciência primária em um animal é a capacidade que este tem em ligar eventos e sinais no mundo e construir uma cena por meio da reentrada com o sistema de valor. Dessa forma, o novo “[...] perceptualmente pode ser incorporado em pouco tempo na memória que surgiu de categorizações anteriores. A capacidade de construir uma cena consciente é a capacidade de construir, em frações de segundos, um presente lembrado”²⁴ (EDELMAN; TONONI, 2000, p. 109, tradução nossa). Destaca-se, diante disso, que o animal sem consciência primária pode responder a estímulos e sobreviver, mas não liga eventos ou sinais em uma cena complexa; isso demonstra a teoria seletiva evolutiva da consciência. Por fim, o animal não pode desenvolver a consciência de ordem superior uma vez que esta se evoluiu com a linguagem e o sentido de si, próprios dos seres humanos.

Na abordagem desses autores, destacam-se alguns processos que explicam a consciência primária: categorização perceptual (capacidade de dividir o mundo de sinais em categorias úteis a um ambiente que segue as leis físicas, mas não possui tais categorias), desenvolvimento de conceitos (capacidade de combinar diferentes categorias perceptivas relacionadas a um objeto ou cena para a construção de uma característica comum, uma informação universal), memória (capacidade de repetir ou reprimir um ato mental ou físico a partir da combinação de alterações sinápticas em circuitos de reentrada) e valor (capacidade de executar respostas a partir de cargas emocionais).

Para Edelman e Tononi (2000), a reentrada assegura a integração, que é essencial à criação de uma cena em consciência primária, e se relaciona a um número extenso de circuitos dinâmicos, no tempo e no espaço, cuja seleção a uma saída coerente, à consciência, depende das restrições de valor. Na verdade, a reentrada é um processo que age em diversificadas categorias temporais e espaciais e assegura a interação recíproca entre as várias áreas especializadas do cérebro. Ela permite os mapeamentos globais que levam a um presente lembrado, ou seja, ela é o mecanismo que conduz à integração e leva à consciência.

A integração determina um grupo funcional, isto é, este indica processos de integração no

²⁴ Do original: “What is new perceptually can be incorporated in short order into memory that arose from previous categorizations. The ability to construct a conscious scene is the ability to construct, within fractions of seconds, a remembered present.”

cérebro. Quanto a isso, Edelman e Tononi (2000, p. 113, tradução nossa) destacam: [...] o que experimentamos em um determinado momento é único, uma cena consciente unificada, uma cena que só tem sentido como um todo e que, ao mesmo tempo em que está sendo experimentada, não pode ser subdividida em componentes independentes”²⁵.

Essa unicidade é alcançada, segundo os autores, por núcleos dinâmicos, os quais são um sistema de grupos neurais que interagem entre si com mais intensidade do que com o restante do sistema. Esse sistema permite ao cérebro selecionar um estado dinâmico que conecta várias fontes de informação, e esse poder informativo torna o cérebro humano diferente de qualquer máquina feita pelo homem. Para Edelman e Tononi (2000), os grupos neurais se organizam conforme o princípio da seleção natural, ou seja, produzem atividades elétricas características e, pelas experiências, vão sendo selecionados e organizados tendo em vista a especificidade do estímulo. O resultado desse agrupamento é a formação de um núcleo dinâmico especializado em processar determinado tipo de informação. Dessa forma, é estabelecida a consciência, a qual é a capacidade que grupos neurais específicos têm para integrar informações em conjunto a habilidades semânticas e linguísticas. Ela está associada ao agrupamento de neurônios dinâmicos especializados em um determinado tipo de informação, a qual é integrada, ou seja, estabelece um estado consciente em virtude da reentrância.

Por sua vez, o núcleo possui características gerais de uma experiência consciente, denominada *qualia* por Edelman e Tononi (2000). *Qualia* são funções subjetivas singulares, ou seja, é uma lembrança que tem uma intensidade incomparável com a de outra pessoa haja vista que cada ser humano é singular. Edelman e Tononi (2000) reforçam que a vida somente adquire significado quando há um intercâmbio profundo com o outro, considerando, ainda, que a experiência consciente emerge do funcionamento de cada cérebro individual, ela é resultado de processos neurais particulares e das interações entre cérebro, corpo e o mundo. Para os autores citados, “[...] a consciência surge como um tipo particular de processo cerebral que é altamente unificado (integrado) e altamente complexo (ou diferenciado)”²⁶ (EDELMAN; TONONI, 2000, p. xii, tradução nossa).

Em relação ao sentido de si, a consciência de ordem superior emerge nas relações

²⁵ Do original: “Furthermore, these objects may be related to each other in specific and meaningful ways, and we could provide a concept and a name for each of them. Yet, with all this remarkable richness and diversity, what we experience at any one moment is a single, unified conscious scene, a scene that is meaningful only as a whole and that, while it is being experienced, cannot be subdivided into independent components.”

²⁶ Do original: “Exposing these matters to scrutiny is important because our position - that consciousness arises as a particular kind of brain process that is both highly unified (or integrated) and highly complex (or differentiated) - has wide-ranging implications.”

sociais e afetivas ligadas à cultura, pensamentos e crenças. Esse sentido liberta a imaginação e possibilita o rompimento com as amarras temporais do presente lembrado. Para Edelman e Tononi (2000), diferente do animal, que possui a consciência primária e pode gerar uma cena com base na reentrada integrada por sucessão de acontecimentos reais em um ambiente, o ser humano tem consciência de si e tem noção de presente lembrado, passado e futuro. A partir disso, ocorre a consciência da consciência, a qual sofreu grande influência com o desenvolvimento das capacidades narrativas que afetaram a memória linguística e conceitual, proporcionando ao ser humano não ficar preso ao presente lembrado, mas criar conceitos de tempo passado e futuro. Quanto a isso, Edelman e Tononi (2000) expõem:

Um novo mundo de intencionalidade, categorização e discriminação pode ser experimentado e lembrado. Como resultado, conceitos e pensamentos florescem. Relacionamentos que prometem recompensas positivas podem ser desenvolvidos, ressentimentos podem ser alimentados, e parcelas podem ser estabelecidas. As cenas são enriquecidas por símbolos. Valor conecta ao significado e a intencionalidade e pode por si ser modificado de maneiras mais ricamente adaptativas pela evolução dos sistemas neurais que ligam a aprendizagem individual à alteração dos sistemas de valores próprios.²⁷ (EDELMAN; TONONI, 2000, p. 195, tradução nossa).

Percebemos, pois, que a consciência de ordem superior começa a surgir com a linguagem e conseqüentemente é construído um sentido de si, a consciência, pelas relações sociais e afetivas. Abordagens quanto à consciência de si, em que o locutor se apropria da linguagem e se torna sujeito no discurso, a partir da interação dialógica no momento em que realiza a memorização, serão discutidas no capítulo 4. Além disso, apresentarei, em 2.3.3, os aspectos da teoria de Candau (2014) e de Edelman e Tononi (2000) que se refletiram nas minhas análises sobre processamento discursivo no exercício memorialístico.

2.3.3 Contribuições sobre memória para a análise proposta nesta Tese

Neste estudo, assumi o pressuposto de que a memória é a construção sobre o passado, que se atualiza e renova no presente, conforme já exposto por Candau (2014), a partir do exercício memorialístico assumido pelo entrevistador e pelo entrevistado. Nessa interação, as cenas construídas emergem por meio de uma palavra, um gesto, um sinal a partir dos quais os interlocutores colaborativamente constroem o evento em questão, ou seja, a entrevista oral.

²⁷ Do original: “A whole new world of intentionality, categorization, and discrimination can be experienced and remembered. As a result, concepts and thinking flourish. Relationships that promise positive rewards can be fostered, resentments can be nourished, and plots can be laid. Scenes are enriched by symbols. Value connects to meaning and intentionality and can itself be modified in more richly adaptive ways by evolving neural systems that link individual learning back to the alteration of the value systems themselves.”

Essa combinação, pautada na teoria seletiva de Edelman e Tononi (2000), expressa o momento em que entrevistador e entrevistado, na interação dialógica, compõem e recompõem cenas sobre o ofício manufactureiro ou artesanal a partir da relação entre as atividades neurais e os sinais oriundos do corpo, do cérebro e do mundo.

Nessa perspectiva proposta pelos autores supracitados, considerei, para argumentação da tese que proponho (ver 1.3), abordagens referentes à metamemória de Candau (2014), uma vez que o *corpus* analisado evidencia cenas emergentes de experiências conceptuais e da linguagem comuns a membros de um determinado nicho: pessoas que experienciaram o ofício artesanal ou manufactureiro.

Também salientei, em minhas análises, a perspectiva de Candau (2014) quanto à criação de cenas, ou seja, atualização do passado no presente, e não a repetição dos acontecimentos passados. Nesse ponto, apresentei indicadores temporais centrados no entrevistado, demonstrando que o tempo contado pelos fatos tem como referência os acontecimentos provenientes da experiência pessoal, o que, para Candau (2014), mostra a visão dos acontecimentos passados transformada pela posição ocupada pelo entrevistado no momento da evocação, isto é, um tempo que tenha ligação a aspectos emocionais e associativos de fatos marcantes ao entrevistado.

Quanto aos indicadores temporais no ato interlocutivo, Candau (2014) destacou:

O ato narrativo não se atém a um tempo abstrato expresso em divisões por dia, mês e ano; ele se estrutura em torno de indicadores temporais centrados sobre o narrador, quer se trate de contar o tempo a partir do momento no qual os fatos são produzidos ou tomar como referência os acontecimentos advindos da experiência pessoal. (CANDAU, 2014, p. 92).

Resgatando os pressupostos de Edelman e Tononi (2000), evidenciei, pela análise do *corpus*, como a memória é dinâmica. Para eles, os processos neuronais e biológicos não poderiam funcionar sem que houvesse a interação entre as pessoas e destas com o mundo.

Nas minhas análises, ao relacionar os pressupostos de Candau (2014) e de Edelman e Tononi (2000), abordei como os entrevistados atualizam o passado na interação dialógica com o entrevistador, criando e recriando cenas, as quais fazem parte de um evento que evidencia acontecimentos sobre o ofício manufactureiro ou artesanal. Nessa interação, o ato de memorização não concebe uma memória representacional, mas uma ação dinâmica em que, pela eventivação, os interlocutores consideram os sinais oriundos do corpo, do mundo e do cérebro. Dessa forma, as cenas construídas colaborativamente evidenciarão uma história de vida, uma experiência incorporada e uma identidade construída por um indivíduo que faz

parte de uma coletividade.

Reforço com isso que, nesta Tese, expus, na análise do processo de topicalização discursiva (discutida mais precisamente em 2.4), como o enunciador constrói sua identidade ao organizar os múltiplos mundos que manifesta, classificando, ordenando, denominando e datando a partir de indicadores temporais centrados no locutor, ou seja, o tempo é organizado pelos fatos que são os acontecimentos importantes provenientes da experiência pessoal, ou seja, o tempo psíquico. Pretendo defender com esses indicadores que, em uma entrevista oral, o entrevistado é o principal sujeito das cenas que emergem da interação dialógica uma vez que o tempo é contado a partir dos fatos centrados nos acontecimentos provenientes da experiência pessoal. O tempo, na interação dialógica, é elemento referenciado por indicadores temporais centrados no enunciador e mostra que o acontecimento rememorado era utilizado para contar o tempo e relacioná-lo diretamente ao presente.

Em relação ao objeto de estudo que proponho, os pressupostos que abarquei sobre memória reforçaram a minha hipótese de que a construção dos eventos memorialísticos recebe influência direta da topicalização discursiva, a qual, inclusive, determina funções para o entrevistador e para o entrevistado.

Assim, na tentativa de evidenciar o autor principal do discurso que emerge na interação dialógica, apresentei os pressupostos teóricos de Benveniste (1995, 1989), Edelman e Tononi (2000) assim como de Candau (2014) e, em 2.4, os pressupostos sobre a topicalização discursiva proposta por Jubran (2015), enquanto operação básica na relação dialógica entre entrevistador e entrevistado.

2.4 O tópico discursivo na estrutura organizacional do texto falado

No processo interacional, seja falado ou escrito, os interlocutores interagem porque têm motivo para isso, porque têm algo a manifestar, a dizer. Eles se estimulam reciprocamente e respondem um ao outro. Na forma escrita, diferente da falada, os interlocutores não estão presentes no instante exato – tempo real – da produção discursiva, (co)construindo o discurso presencialmente. A produção dialógica escrita, que apresenta uma defasagem temporal entre a produção e a recepção, é estabelecida quando o escritor desempenha seu papel de produzir o texto e se projeta como o leitor esperado, imaginado, instaurando uma relação dialógica ideal. Por sua vez, na forma falada, a dinâmica é em tempo real e interativa, os interlocutores estão presencialmente (co)construindo o discurso. Neste capítulo, tendo em vista que o *corpus* da minha pesquisa foi estruturado a partir de entrevistas

orais, discutirei a organização da interação discursiva falada, principalmente refletindo sobre tópico discursivo – estruturação e características – e sobre o gênero entrevista oral utilizado no método da HO a fim de registrar narrativas da experiência humana.

Considerando a interação face a face, os interlocutores se estabelecem como tal em uma situação cooperativa, a partir da qual negociam, argumentam e (co)constróem o discurso interacional, que se inicia pelo tópico discursivo. Para este estudo, assumi a definição de tópico discursivo como sendo a unidade textual sobre a qual os interlocutores dialogam, e o elemento que organiza o texto falado a partir do foco atencional. Entendo, para isso, que foco atencional é o foco de atenção, aquilo sobre o que se fala/ predica, quando um evento é construído; e a organização do texto falado é a estruturação do tópico discursivo em tópico principal, tópico constituinte e tópico menor.

Convém, para amparar minha afirmação, destacar o seguinte posicionamento de Jubran (2015, p. 86), com quem dialoguei em momentos específicos: “[...] o tópico discursivo torna-se um elemento decisivo na constituição de um texto falado, e a estruturação tópica serve como fio condutor da organização textual-interativa; [...] [ele] decorre, portanto, de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional na construção da conversação [...]”.

Antes de abordar mais precisamente o tópico discursivo, vejo como elementar prudência a definição de alguns termos que são essenciais ao entendimento da minha tese, quais sejam: memorar/ memoração, eventivar/ eventivação e encenar/ criação de cenas, os quais já vêm sendo mencionados e contextualizados ao longo deste estudo.

A partir do momento em que, na interação dialógica, os interlocutores tematizam sobre a experiência de trabalho, eles estão memorando sobre o ofício, ou seja, eles estão eventivando. Nesse ponto, os interlocutores criam eventos, os quais são compostos por cenas. Eventivar, pois, é construir eventos a partir da composição e recomposição de cenas. Por fim, as cenas são as manifestações linguísticas das situações memoradas/ (co)construídas pelos interlocutores e apresentam elementos essenciais à interação em um espaço e tempo instituídos por eles no discurso. A cena enunciativa é, pois, o lugar em que, no tempo presente da enunciação, EU e TU se instituem, discursiva e socialmente, como interlocutores que (co)constróem um acontecimento memorado, no caso desta Tese, o ofício manufatureiro ou artesanal. Lembro, principalmente, que a base para a memoração, a eventivação e a encenação é a topicalização discursiva, a qual será detalhada neste capítulo.

Início a abordagem sobre a estruturação e características do tópico discursivo destacando que o texto falado favorece a interação conversacional por meio da alternância de

turnos que, em muitos casos, ocorre pelo par pergunta e resposta. Salvo algumas exceções (videoconferência, por exemplo), os interlocutores ocupam o mesmo espaço físico e tempo, e o processamento acontece simultaneamente à verbalização. Tal conversação ocorre colaborativamente e um turno sempre faz referência a outro a partir de possibilidades que o turno antecedente suscita no seguinte. O ato colaborativo se manifesta e propaga a partir do momento em que os interlocutores constroem a conversação pelo tópico discursivo, aqui definido como sendo a unidade textual sobre a qual os interlocutores dialogam, e o elemento que organiza o texto falado a partir do foco atencional.

Assim, manifestado na interação dialógica entre os interlocutores, o tópico discursivo organiza o texto falado a partir de um foco atencional, um tema em questão. Ele é construído de forma colaborativa e pode aparecer explicitamente em uma fala ou apreendido no que é dito, decorrendo de um processo interacional da conversação. Percebemos que, a partir da perspectiva interacional, o tópico discursivo é estruturado com base em duas propriedades: primeiro, na delimitação do foco atencional; e segundo, na organização do texto falado.

Em relação à delimitação do foco atencional, o processamento discursivo é realizado com base no conteúdo, destacando a referencialidade textual, ou seja, sobre o que se fala, podendo os interlocutores, para isso, utilizarem referentes explícitos ou não. Pelo foco atencional, a conversação é direcionada para os diversos enunciados que formam um tópico, considerando que a interação interfere na sequência do tópico discursivo. Compreendo, com isso, que a cada foco atencional temos um novo tópico. Vejo a importância de recorrer a Jubran (2015) para referendar meu posicionamento quanto ao foco atencional, o que a autora intitula como *centração*. Para ela, há três critérios que materializam o princípio da *centração*, a saber: *concernência* (relação de interdependência semântica entre elementos textuais pela qual ocorre a integração no conjunto de referentes explícitos ou inferíveis), *relevância* (proeminência do conjunto de referentes) e *pontualização* (localização do conjunto de referentes em algum momento do texto). Esses critérios permitem que se reconheçam e recortem os segmentos tópicos, que são “[...] porções textuais que materializam, na superfície linguística de um texto, o princípio da *centração*” (JUBRAN, 2015, p. 87).

Em relação à organização do texto, ela se manifesta pelas relações de interdependência entre os tópicos discursivos, o que já delimito neste estudo como *tópico principal*, *tópico constituinte* e *tópico menor*. Tal organização abarca a relação de interdependência entre tópicos (*super* e *subordinação*) conforme a abrangência do assunto e articulações da relevância tópica na conversação. Entretanto, nem sempre o início e o fim de um tópico podem ser demarcados explicitamente, ocorrendo, em alguns casos, quando se identifica um

novo foco atencional a partir do momento que substituímos o conjunto de referentes, isto é, o foco atencional da sequência seguinte não é derivado da anterior. Quando isso acontece, falamos que ocorreu um desvio do tópico discursivo, ou seja, a digressão, a qual é identificada como uma fração da conversa que não se relaciona direta e imediatamente com o segmento precedente ou procedente. Em alguns casos, a mudança tópica pode ser marcada por mecanismos linguísticos, os quais sinalizam a divisão dos tópicos.

Exemplo disso está no Fragmento 1, em que o entrevistador evidencia a mudança do tópico ao utilizar alguns mecanismos.

Fragmento 1

L1: A senhora tem filhos?

L2: Te::nho, tive dez filhos... dois homens e oito mulheres. A mais velha é ela...

[Aponta com o dedo; risos]

L1: Ô Dona X...

[

L2: Quando eu vá/vim para Belo Horizonte, ela tinha nove anos de idade.

L1: Quantos anos de casada a senhora tem?

L2: Sessenta e um, em julho faz sessenta e dois.

L1: Ah::! Sim. E a profissão da senho::ra, eh::, foi igual da sua mãe?

L2: Foi, mas a:: a:: a gente mo/morou mais foi na cidade mesmo voltei para a roça...

[

L1: Pois é, mas a senhora foi dona de casa igual sua mãe...

[

L2: Tudo que minha mãe fazia eu sei fazer:...

L1: É::?

L2: Eu sei costura::r, ela me ensina::va, né. E::

[

L1: Bordar a senhora sabe?

L2: Bordar eu bordo a má::quina, a mã::o, tricô::, crochê::, tudo isso eu já fiz muito. Agora não estou podendo mu::ito fazer crochê muito não porque::, você sabe, né? A gente:: já não está com a vista muito bo::a... e:: então desanima. Ainda faço um pouco.

L1: E vendo esta cozinha aqui, dona X, a senhora:: fala que aprendeu tudo com a sua mãe.

L2: Tudo!

L1: O que a senhora mais gosta de fazer na cozinha?

L2: Ah::! Eu gosto, eu gosto, graças a Deus, eu gosto de fazer de tudo.

L1: É::?

L2: Eu mexo com as minhas plan::tas, faço comi::da, limpo a ca::sa. Tem uma menina que faz uma faxina para mim uma vez por semana, mas eu vou mantendo até ela voltar, né? Porque o serviço de uma faxina pesada, né, já para mim é difícil.

L1: E a senhora cozinha...

[

L2: Faço!

L1: ... faz todos os pratos?

L2: Fa::ço.

L1: É::?

L2: Fa::ço de tudo.

O entrevistador aproveita momentos de pausa (“A mais velha é ela...”) para iniciar outro tópico menor dentro do constituinte “família” (“Ô Dona X...”; “Quantos anos de casada

a senhora tem?”). O entrevistador também utiliza o marcador “e” para mudar do tópico constituinte “família” para o outro constituinte “profissão” (“Ah::! Sim. E a profissão da senho::ra, eh::, foi igual da sua mãe?”). Em outro momento, dentro do tópico constituinte “profissão”, o entrevistador tornou a utilizar o marcador “e” para mudar do tópico menor “gosto pelo ofício” para “tipos de prato” (“E a senhora cozinha...”).

Nesse mesmo fragmento, percebemos um exemplo de digressão quando, do tópico constituinte “profissão” estipulado pelo entrevistador (“Ah::! Sim. E a profissão da senho::ra, eh::, foi igual da sua mãe?”), a entrevistada responde brevemente (“Foi”), mas não aceita o novo tópico menor e continua a desenvolver o tópico constituinte “família” (“[...] mas a:: a:: a gente mo/morou mais foi na cidade mesmo voltei para a roça...”). Para garantir a continuidade do tópico constituinte já delimitado, o entrevistador assalta o turno, retoma a pauta e diz: “Pois é, mas a senhora foi dona de casa igual sua mãe...”. Nesse momento, também assaltando o turno, a entrevistada responde dentro do que fora estabelecido como tópico pelo entrevistador, a saber: “Tudo que minha mãe fazia eu sei fazer::...”. E mais: para garantir que não houvesse digressão, ao perceber que isso poderia acontecer quando a entrevistada realiza um alongamento de sílaba (“Eu sei costura::r, ela me ensina::va, né. E::”), o entrevistador logo assalta o turno e garante a continuidade do tópico constituinte “profissão”. Assim: “Bordar a senhora sabe?”.

Recorro novamente a Jubran (2015), para, analogamente à minha categorização, identificar a interdependência tópica como originadora de quadros tópicos, que por sua vez são categorizados por supertópicos – tópico mais abrangente – e subtópicos – tópicos (co)constituintes dos supertópicos. Exemplifico essa divisão proposta por Jubran (2015), utilizando o Fragmento 1, em que: supertópico é o ofício artesanal ou manufactureiro; subtópico constituinte é “família”; outros constituintes, dentro do subtópico “família”, são “filhos” e “casamento”.

Além da relação de interdependência na organização do texto, manifesta-se a coerência do texto falado a qual ocorre pela articulação intertópica nos fenômenos de continuidade e descontinuidade. Enquanto este é caracterizado pela inserção de novo tópico sem que o antecedente tenha esgotado, aquele decorre, sequencialmente organizado, da abertura de um novo tópico após o encerramento de outro.

Ao mudarem de tópico, entendo que os interlocutores encerram um tópico sob discussão e iniciam outro em que o foco atencional não se origina da sequência precedente. Para essa mudança, existem alguns mecanismos que sinalizam essa transição tópica, a saber: uso de marcadores discursivos que fecham uma sequência tópica; uso de enunciado

conclusivo do tópico em questão; silêncio/ pausa; uso de marcadores de passagem de tópico; uso de enunciados de início de tópico; uso de perguntas; assalto a turno; hesitações; repetições. Neste estudo, considere os seguintes mecanismos evidenciados por marcas de natureza diversa: de construção textual, de organização do texto e os fenômenos essenciais à oralidade.

Tais mecanismos serão, no capítulo 4 deste estudo, detalhados e exemplificados por dados extraídos do *corpus* em análise nesta Tese, considerando-se as principais suboperações em foco neste estudo, quais sejam: assalto a turno (AT), alongamento de sílabas (AS), e repetição de palavras (RP). Tais suboperações estão assinaladas no Fragmento 2.

<u>Fragmento 2</u>	
L1: A senhora ficou casada quanto tempo?	
L2: Eu <u>fiquei casada</u> , tem dois anos, vai fazer dois anos que ele faleceu quer dizer que... Quarenta anos.	RP
L1: A senhora casou em que ano?	
L2: Eu casei em sessenta e cinco.	
L1: E a senhora <u>ficou::</u> , a senhora teve filhos?	AS
L2: Tive duas filhas. Quer que fala o nome?	
L1: Claro! Pode falar, pode falar o nome da sua família.	
L2: Jaqueline é a mais velha e Cilene é a mais nova..	
L1: E a senhora...	
[AT
L2: ...e três netos..	
[
L1: <u>Três netos</u> .	RP
L2: Dois, dois meninos e uma menina.	

Em relação à construção textual, as que se encontram no *corpus* em análise no meu estudo são as paráfrases, repetições e tematizações. As paráfrases acontecem quando o interlocutor reformula um enunciado anterior, mantendo uma relação de equivalência semântica e podendo indicar o encerramento de um tópico. As repetições podem ser utilizadas para o interlocutor introduzir, retomar, manter ou delimitar tópicos além de indicar consenso do fluxo conversacional. E a tematização indicia ao interlocutor o foco da conversação, o tópico que será introduzido ou desenvolvido, o novo assunto em relevância, anunciado de forma prévia no segmento atual do texto falado.

O Fragmento 3 ilustra a tematização, no momento em que o entrevistador encerra a predicação sobre “família”, pois estavam conversando sobre “namoro”, e anuncia o próximo tópico constituinte “profissão” por meio dos marcadores iniciais “E então”.

<u>Fragmento 3</u>	
L1: E então, Dona X, eu gostaria de saber de qual que foi o ofício da senhora durante grande parte da sua vida?	

L2: Quando eu tinha quatorze anos, a minha tia arrumou pra mim em uma fábrica de tecido, aí eu trabalhei uns anos lá. Minha mãe costurava demais, ela que me ensinou a costurar e tudo, então aí eu gostava demais da costura eu fui e saí da fábrica, aí já fui pra costura, aí foi o resto da vida costurando, só com costura.

Quanto à repetição de palavras, no Fragmento 2, percebemos que os interlocutores utilizaram tal mecanismo para manter e indicar o consenso no diálogo (“ficou casada” e “fiquei casada”; “três netos”). Por fim, no Fragmento 4, temos um exemplo de paráfrase em que o entrevistador resgata um tópico menor anterior, mantendo uma relação de equivalência semântica, e introduzindo o tópico menor “discriminação da mulher”.

Fragmento 4

L1: A senhora falou que nasceu em trinta e quatro e com quatorze anos começou a trabalhar.

L2: Foi.

L1: Então que dizer que a senhora começou a trabalhar em 1948?

L2: Foi.

L1: Em 1948 então a mulher que saía pra trabalhar era discrimina::da?

L2: Era... eu acho.

Quanto à organização do texto, temos os marcadores discursivos pelos quais os interlocutores introduzem, continuam, retomam ou finalizam tópicos, articulando os segmentos do texto falado. A partir deles, é assegurada a continuidade do discurso e a garantia da coesão entre os tópicos que emergem ao longo do texto falado.

Por sua vez, os fenômenos essenciais à oralidade são hesitação e interrupção. A primeira é materializada principalmente por alongamentos de sílabas, expressões hesitativas e pausas silenciosas ou preenchidas (estas com mais ocorrência, pois o locutor, durante as silenciosas, corre o risco de perder o turno e mostra que tem pouco controle deste). A segunda proporciona a reformulação do dito ou novas inserções para a compreensão do que foi dito, podendo ocorrer com a interrupção feita pelo próprio locutor que predica no turno, ou com a interrupção feita pelo outro locutor.

Em relação às suboperações analisadas nesta Tese, utilizei, como principal fonte, as abordagens organizadas por Jubran (2015) acerca da construção interativa do texto falado. Para a autora, nessas situações interativas, que ocorrem

[...] face a face, o movimento rápido de produção da fala, não planejada com antecedência, e o envolvimento dos interlocutores no jogo de relações impessoais acarretam uma atualização flexível do sistema sintático virtual, gerando interrupções, inserções, repetições, correções, empregadas de maneira significativa na interação. (JUBRAN, 2015, p. 29).

Diante das várias suboperações possíveis em um evento de fala (assalto a turno, correção, repetição, parafraseamento, parentetização, referenciação, alongamento de sílabas, dentre outros fenômenos da construção interativa do texto falado), para as que foram delimitadas neste estudo, considerei a incidência e a função de cada uma na demarcação do segmento tópico das entrevistas orais que compõem o *corpus* que analisei. Assim, as três mais incidentes foram assalto a turno, alongamento de sílabas e repetição de palavras. As duas primeiras são fenômenos específicos da oralidade enquanto a terceira é um dos processos de construção textual mais presentes na oralidade.

O assalto a turno, que é uma forma de interrupção, acontece por vários motivos. O principal é a introdução, na sequência conversacional, de reformulações ao que já foi dito ou de inserções de informações necessárias à compreensão daquilo que está sendo predicado. Além disso, como forma de manter o tópico discursivo, na interação, Souza-e-Silva e Crescitelli (2015, p. 76) destacam que as “[...] tentativas de interrupção e a resistência em manter os turnos costuram os enunciados, evitando a ruptura do tecido dialógico e garantindo a progressão temática”. Nesta Tese, a função do assalto a turno foi primordialmente a de garantir a progressão temática e evidenciar o papel do entrevistador como sujeito principal na construção das cenas durante a memoração sobre o ofício.

Por sua vez, o alongamento de sílabas é uma forma de hesitação em que, geralmente, se procura ganhar mais tempo para planejar aquilo que será verbalizado. Esse fenômeno revela os procedimentos que o falante adota para resolver determinadas situações que emergem do processamento conversacional, enfim, como exposto por Marcuschi (2015a, p. 50, grifos do autor), “[...] diz respeito ao *como* se está falando, e não ao *que* se fala [...]”. No caso desta pesquisa, o alongamento apresenta principalmente duas situações: a de demonstrar a relação assimétrica entre os falantes – quando o entrevistador determina o tópico discursivo e já pressupõe a resposta a ser (co)construída – e a de apresentar, especialmente na fala dos entrevistados, uma coesão rítmica para a formação de listas e também para que eles planejassem o que seria verbalizado.

Não obstante, a repetição de palavras é um processo de reformulação para condução do tópico discursivo. Marcuschi (2015b, p. 207) expôs algumas funções para essa suboperação, a saber: “Contribui para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual; favorece a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis; dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas”. Neste estudo, evidencio que a repetição de palavras é uma forma de reforçar a relação assimétrica entre os falantes e a de confirmar o entrevistador como principal (co)construtor das cenas memoradas. Inclusive os

segmentos repetidos que emergem da conversação ocorrem pela heterorrepetição, ou seja, quando o entrevistado repete aquilo que o entrevistador falou. No capítulo 4, essas suboperações estarão mais bem explicitadas e analisadas por meio de fragmentos extraídos das entrevistas orais.

Resumindo os principais pontos que abordei, reforço que a topicalização discursiva é um processo constitutivo do texto falado ou escrito; no caso deste estudo, da conversação. Na construção do tópico discursivo, o foco atencional é instituído com finalidades interativas enquanto a organização textual considera a interdependência entre os tópicos e a mudança entre eles por meio dos mecanismos sinalizadores próprios.

2.5 Os gêneros entrevista e entrevista oral

Os gêneros compreendem os textos materializados que se encontram em nosso cotidiano com características sociocomunicativas definidas principalmente pela função e conteúdo. Suas principais características são: conceituam-se como tipos estáveis de enunciados; distinguem-se pelo plano composicional, conteúdo temático e estilo; são entidades escolhidas conforme a necessidade de uma temática, os envolvidos e a intencionalidade do locutor (BAKHTIN, 1997). São entidades dinâmicas e devem ser tratados conjuntamente com sua realidade social e a relação com as atividades humanas. Recorro, nesse momento, a Bakhtin (1997) para reforçar meu posicionamento:

Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Qualquer atividade discursiva é manifestada por gêneros discursivos, os quais correspondem às necessidades do cotidiano e pertencem a tipos de discursos diversos que ocorrem tendo em vista os setores de atividade social, o lugar institucional, o estatuto dos parceiros e a natureza ideológica. Köche, Boff e Marinello (2014, p. 11), inclusive, quanto a essa diversidade, explicam que os gêneros “[...] são ilimitados, visto que também são infinitas as situações comunicativas que requerem sua utilização”. Além disso, os gêneros devem ser constituídos conforme a função das circunstâncias sociais, os parâmetros da situação, enfim, as características que facilitem o processo de interlocução. Não obstante, eles são submetidos a condições de êxito, quais sejam: determinação correta de uma finalidade, identificação dos

interlocutores, identificação de lugar e momento legítimos, suporte material adequado ao gênero e forma correta de organização textual.

Em uma situação concreta de interação, durante a qual os interlocutores utilizam as competências linguística e comunicativa, a entrevista é um gênero que pode ser realizado por diversos domínios discursivos – jornalístico ou científico, por exemplo – que apresentam basicamente uma estrutura marcada por perguntas e respostas. De certa forma, considerando abordagens como a de Delory-Momberger (2012), a finalidade desse gênero é coletar e ouvir, com foco na singularidade, o que uma pessoa tem a dizer sobre um momento específico vivenciado por ela. Há, pelo menos, dois interlocutores com papéis específicos: um responsável pelas perguntas e outro pelas respostas; respectivamente, entrevistador e entrevistado em uma atividade conversacional. Para Fávero (2000), há uma relação de poder entre os interlocutores, o que influencia as condições da participação durante a conversação.

Para Delory-Momberger (2012), o entrevistador é quem tem o único e exclusivo papel de reproduzir relatos alheios, ou seja, “[...] mesmo quando ‘armado’ de seus modelos e grades, não faça e não possa fazer nada a não ser ‘contar’ por sua vez aquilo que lhe ‘contam’ os relatos dos outros” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 535), o que vai de encontro ao que defendo e mostrarei neste estudo. Aliás, a postura do entrevistador é algo de extrema importância para estimular a lembrança do entrevistado e, juntos, construírem as cenas. Dentre as características essenciais do entrevistador ideal estão: respeita o que foi dito e o entrevistado; sabe ouvir; dirige o processo da entrevista e participa dela sem interferir na fala do entrevistado e sem emitir juízo de valor; não interrompe nem demonstra desinteresse; respeita os momentos de emoção do entrevistado; e tem memória rápida e concentração para não repetir perguntas.

Por sua vez, em relação ao par dialógico pergunta e resposta, recorro a Fávero (2000) e Fávero, Andrade e Aquino (2015), os quais apontam que a linguagem é uma atividade social e as perguntas e respostas são elementos essenciais à interação humana. Assim, para a interação entre entrevistador e entrevistado, o usual é pelo par dialógico, o qual geralmente demonstra que quem pergunta – o entrevistador – tem o poder para conduzir, e quem responde – o entrevistado – prioriza somente o que está sendo perguntado. Segundo Delory-Momberger (2012), as perguntas e respostas demonstram o papel primeiro do entrevistador, que é o de fazer com que o respondente seja um informante direcionado pelo que o perguntador quer produzir e utilizar para defender sua tese. Como já venho expressando e defenderei em todo o estudo, não acredito que o entrevistador seja um mero gerenciador de perguntas para busca de respostas; ele, junto ao entrevistado, constrói interativamente eventos

de fala, gerencia todo o processo de entrevista e, por estabelecer o que será topicalizado independente de ter vivenciado as cenas, tem o papel de sujeito principal nesse processo de interlocução, ou seja, de autor do discurso construído colaborativamente.

A entrevista é uma técnica flexível de interlocução que pode ser caracterizada como informal, focalizada, parcial ou totalmente estruturada. Na informal, o entrevistador busca informações, coleta dados; na focalizada, ele aborda tema bem específico, cabendo-lhe gerenciar a conversação para que o entrevistado não se afaste do assunto; na parcialmente estruturada, os pontos de interesse são explorados ao longo da conversação; e na totalmente estruturada, os interlocutores se pautam em uma relação fixa de perguntas (GIL, 2016). Em todas as modalidades de entrevista, o entrevistador se pauta em um roteiro, que garante uma condução mínima prevista para o alcance dos dados que se pretende coletar.

Outrossim, a classificação mais usual para entrevista é a seguinte: não estruturada, estruturada e semiestruturada (MACEDO; CARRASCO, 2016). Na não estruturada, o entrevistador inicia a conversação com uma pergunta geradora e não existe um roteiro previamente estabelecido, por isso é de condução um pouco difícil e geralmente mais utilizada por entrevistadores experientes. No decorrer desse tipo de entrevista, o entrevistador busca relacionar o objetivo almejado com as informações que o entrevistado apresenta. Na estruturada, existe um roteiro previamente estabelecido por perguntas fechadas, as quais são feitas ao entrevistado na sequência em que foram elaboradas. Na semiestruturada, o roteiro é compreendido por perguntas abertas e o entrevistador conta com uma flexibilidade no processo haja vista que pode mudar a sequência das perguntas além de acrescentar outras conforme o andamento da entrevista. A escolha de uma ou outra modalidade levará em conta, principalmente, o objetivo da pesquisa e a quantidade de participantes.

Tendo em vista que o entrevistador e entrevistado estarão em um diálogo com vista a, no mínimo, ocorrerem perguntas que demandem uma resposta para que os dados almejados sejam coletados, a entrevista precisa ser organizada de forma a considerar quais dados o entrevistador quer obter e, para isso, quais perguntas precisam ser formuladas. Neste ponto, compreendo que possam ocorrer duas situações: a que o entrevistador deixa o foco livre e a que ele o topicaliza, mas em ambas o gerenciamento do processo está a cargo do entrevistador. No primeiro caso, as perguntas são amplas e permitem ao entrevistado escolher o subtópico sobre o qual quer discorrer sem, com isso, ser interrompido ou direcionado pelo entrevistador. No segundo caso, as perguntas são bem direcionadas e, a cada desvio do tópico (ou subtópico) cometido pelo entrevistado, o entrevistador retoma o processo.

No decorrer deste estudo, considereirei o segundo caso como a principal situação que

aconteceu nas entrevistas que geraram o *corpus* investigado em minha Tese. Nesse caso, as perguntas expressam claramente o foco do questionamento, de modo que o entrevistado não apresente uma resposta contrária ao que o entrevistador almejou. Este, não obstante, além de gerenciar o processo de entrevista, também delimita o tópico (e subtópico) que será abordado, para o que, sempre que necessário, interromperá o entrevistado e o fará seguir em um caminho discursivo controlado e monitorado. Nesse ponto, reforço a Hipótese 2 que investiguei, a saber: o processo de criação, integração e configuração de eventos memorialísticos, na produção de textos do gênero entrevista oral, evidencia o entrevistador como principal (co)construtor das cenas e não o entrevistado, ou seja, aquele que vivenciou o acontecimento.

Além das classificações expostas, reforço a abordagem de Fávero, Andrade e Aquino (2005) para destacar outras duas acepções para a entrevista, a saber: simétrica e assimétrica. Na atividade conversacional, em que os interlocutores se alternam dialogicamente em turnos, as alternâncias simétricas ou assimétricas assim se diferenciam:

Por relativamente simétrico, entende-se a conversação em que ambos os interlocutores têm o mesmo direito não só de tomar a palavra, mas também de escolher o tópico discursivo (“aquilo acerca do que se está falando”), direcioná-lo, estabelecer o tempo de participação. Quanto ao relativamente assimétrico, ocorre um privilegiamento no que diz respeito ao uso da palavra, cabendo a um dos interlocutores começar o diálogo, conduzi-lo e, ainda, mudar o tópico. (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2005, p. 16).

Neste estudo, tendo em vista a hipótese de que o papel do entrevistador seja amparado por uma relação assimétrica, o uso da palavra, a condução do diálogo e a instauração ou manutenção do tópico discursivo cabem ao entrevistador, conforme será exposto no capítulo 4.

Para complementar o uso da entrevista na coleta de dados, além do registro de anotações, é comum, e prudente, o uso de gravador (áudio e/ou vídeo), tendo em vista que isso amplia o poder de registro, a captação de elementos próprios da comunicação, como pausas, entonação da voz, gestos, expressões físicas e faciais, dentre outros que complementem, confirmem ou contradigam as palavras expostas pelo entrevistado, e permite ao entrevistador prestar mais atenção ao que está sendo falado. Ao usar esse recurso, o entrevistador ficará atento às expressões e desvios propositais²⁸ oriundos do entrevistado e se mostrará interessado à fala e às emoções de seu interlocutor, apresentando novos

²⁸ O entrevistado simula palavras e expressões a fim de mostrar aquilo que ele acha que o entrevistador queira ouvir.

questionamentos, quando necessário, e confirmando, por exemplo, com gestos aquilo que ouve. Dessa forma, detalhes importantes são registrados e percebidos, no momento da interlocução ou após esta. Para Thompson (1992, p. 146), “[...] a gravação é um registro muito mais fidedigno e preciso de um encontro do que um registro simplesmente escrito”.

Neste estudo, pois, as entrevistas são identificadas como semiestruturadas, assimétricas, em que o rumo da conversação é delimitado pelo entrevistador. Outro ponto que destaco nesta Tese está exposto na Hipótese 1: a configuração de eventos memorialísticos depende da dinâmica estabelecida entre entrevistador e entrevistado na (co)construção dos tópicos e subtópicos discursivos constituintes do evento. Por meio dessa hipótese, analisei se, intencionalmente, o entrevistador subespecifica o tópico discursivo, desvia-o, ignora-o, enfim, determina o que será topicalizado e se institui como principal (co)construtor do evento memorado, exercendo influência voluntária na construção do discurso.

Especificamente em relação a este estudo, o gênero que compreende o *corpus* analisado é a entrevista oral, a qual emerge de uma conversação, um evento de fala, em que os interlocutores voltam sua atenção para algo em comum: a de construir e reconstruir colaborativamente cenas sobre o ofício artesanal ou manufactureiro. Esse tipo de evento, para Rodrigues (1999, p. 31), “[...] constitui uma atividade num contexto específico, resultado da tarefa cooperativa de dois interlocutores num mesmo momento e num mesmo espaço”.

A entrevista oral é um gênero que emerge da interação entre os interlocutores que se reúnem para predicar sobre um tópico discursivo que, ao longo do evento de fala, pode ser desmembrado em vários subtópicos, ou seja, de um tópico principal são originados tópicos constituintes e destes, tópicos menores. Na entrevista oral, o entrevistador, por meio de uma pergunta direta, garante ao entrevistado o uso da palavra que é a resposta à proposição feita pelo seu interlocutor.

Nesse gênero oral, o tópico discursivo é apresentado, geralmente em forma de pergunta, pelo entrevistador, o que, pelas normas conversacionais²⁹, determina ao entrevistado a obrigação de uma resposta referente ao tópico proposto. É, pois, um gênero produzido coletivamente que se constitui com a alternância de falas dos interlocutores; “[...] é criação coletiva e se produz não só interacionalmente, mas também de forma organizada” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2005, p. 21).

Na entrevista oral, a interação depende de que cada interlocutor organize sua fala a fim de que a do outro seja viabilizada. Com isso, a progressão da entrevista oral vai sendo adaptada às necessidades de cada interlocutor cujas trocas de turno podem orientar ou

²⁹ Ver a sétima acepção que abordei sobre Oswald Ducrot e Paul Grice no capítulo 2, p. 23 desta Tese.

modificar o desenvolvimento do tópico discursivo. Aliás, para se manter a coerência nesse gênero, é necessário que os interlocutores sejam fiéis à temática proposta e, conforme Fávero, Andrade e Aquino (2005, p. 34), “[...] para que haja entendimento entre os interlocutores, é preciso que eles sejam coerentes no que dizem e, principalmente, saibam sobre o que dizem (tópico discursivo)”.

Dentre as características gerais mais comuns à entrevista oral, temos:

- a) o entrevistador é o responsável principal em iniciar e encerrar o diálogo;
- b) a estrutura é composta por perguntas e respostas;
- c) o entrevistado fornece as informações solicitadas;
- d) o gênero é oral, mas pode ser transcrito ou retextualizado para possíveis publicações e estudos.

Outra característica importante e relacionada à organização da entrevista oral é a sua sequência dialógica, a saber: inicia-se com a saudação, apresentação dos interlocutores e o objetivo da entrevista; desenvolve-se a partir dos pares adjacentes (pergunta-resposta); encerra-se com agradecimentos e, se necessário, algumas considerações complementares.

Em relação à retextualização ou transcrição, traços da oralidade e do contexto situacional são eliminados. A retextualização é um processo no qual se realizam operações complexas que interferem no sentido e no código, passando de uma ordem oral para outra escrita. Em relação a isso, Marcuschi (2004) relata que a passagem da fala

[...] para a escrita vai receber interferências mais ou menos acentuadas a depender do que se tem em vista, mas não por ser a fala insuficientemente organizada. Portanto, *a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem.* (MARCUSCHI, 2004, p. 47, grifos do autor).

Por sua vez, a transcrição é a passagem de um texto oral para o escrito, observando-se procedimentos convencionalizados. No caso deste estudo, as entrevistas orais foram transcritas (Anexo A) tendo em vista as normas para transcrição de Castilho (2014)³⁰. Nos fragmentos que utilizo e analiso nesta Tese, há divergências quanto à transcrição oriunda do Projeto de Extensão realizado por Machado (2013), do qual trato no próximo capítulo, uma vez que, ao assistir às entrevistas orais em vídeo, percebi algumas transcrições que não atendiam totalmente ao proposto por Castilho (2014). Dessa forma, minha principal

³⁰ No Anexo A, estão transcritas as entrevistas orais sem, no entanto, apresentar o quadro de transcrição proposto por Castilho (2014).

preocupação foi manter a fidelidade nas transcrições conforme a norma de transcrição que embasou o estudo.

Apesar de a transcrição parecer uma atividade simples, Marcuschi (2004) frisa que não o é, nem mesmo é natural. Para o autor, é

[...] uma atividade que atinge de modo bastante acentuado a fala original e pode ir de um patamar elementar até uma interferência muito grande. Não existe uma fórmula ideal para a transcrição “neutra” ou pura, pois toda a transcrição já é uma primeira interpretação na perspectiva da escrita. Há também questões éticas envolvidas, já que a transcrição pode reproduzir preconceitos na medida em que discrimina os falantes, deixando, para uns, evidências socioletais em marcas gráficas, anulando essas evidências, para outros. (MARCUSCHI, 2004, p. 53).

Por fim, destaco que, nesta pesquisa, identifiquei como gênero entrevista oral o *corpus* analisado, em contraposição à HO e entrevista, os quais identifiquei como instrumentos metodológicos. Em relação à HO, algumas abordagens estão expostas no capítulo 3, as quais corroboram o exposto por Delgado (2010, p. 16) acerca da HO enquanto procedimento, que “[...] traz em si um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento o tempo passado, e sobre a época na qual o depoimento foi produzido o tempo presente”. Para a autora, são produzidos documentos e fontes, tendo a interferência de um historiador, ocorrendo um cruzamento de intersubjetividades.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba. Agora, o senhor exigindo querendo, está aqui que eu sirvo forte narração – dou o tampante, e o que for de trinta combates. Tenho lembrança. (ROSA, 1994, p. 318).

Para realizar esta investigação científica, identifiquei a pesquisa como exploratória uma vez que se propôs maior intimidade com o problema, explicitando-o por meio das pesquisas bibliográfica e documental e da análise de exemplos (GIL, 2016). Por sua vez, quanto à obtenção de informações e aos procedimentos técnicos, a pesquisa foi iniciada com um minucioso estudo bibliográfico, uma vez que recorri a documentos impressos e *on-line*, como livros, artigos, teses e dissertações, os quais foram selecionados ao longo do estudo.

Caracterizada como documental, porque utilizei uma fonte de documentos interna a uma determinada instituição (GIL, 2016), a pesquisa considerou a análise aprofundada de um *corpus* gerado a partir de seis entrevistas, as quais integram o “Projeto de Extensão Memória e Cultura dos Ofícios”, desenvolvido pela Prof.^a Heloisa Guaracy Machado, do Instituto de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). O projeto teve como principal objetivo promover a aproximação do público com “[...] os saberes e fazeres que envolvem os ofícios artesanais e manufatureiros, [...] [relatados por idosos, em 2013, a partir de] depoimentos com moldes estabelecidos pela História Oral” (MACHADO, 2013). Ao longo das minhas atividades na Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da PUC Minas, tive acesso ao *corpus*, o qual veio ao encontro de uma das minhas expectativas: desenvolver uma pesquisa que envolvesse o caráter social e fosse significativa e envolvente. Dessa forma, pela pesquisa documental, analisei as entrevistas orais, disponibilizadas em vídeo e transcritas pelos bolsistas do referido projeto.

Uma das metas quantificáveis no Projeto de Machado (2013) era a consolidação de práticas extensionistas em disciplinas das Ciências Humanas, a saber: em História, a prática em laboratórios de Ensino e Pesquisa; em Comunicação Social, a produção de vídeos; e em Letras, a transcrição, redação e revisão do material coletado.

Em parceria com o Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte que busca registrar a memória dos ofícios, a principal justificativa para o desenvolvimento do projeto de extensão foi, conforme especificado por Machado (2013), “[...] criar oportunidade para a valorização das pessoas idosas, mediante atividades que exercitem a capacidade mnemônica, registrando sua memória – em especial, aquela que diz respeito ao desempenho de atividades produtivas e

de trabalho”.

Os depoimentos aconteceram pelo método da HO cujas entrevistas orais estão gravadas em Disco Versátil Digital (DVD), e participaram seis idosos com idade entre 66 e 84 anos, os quais foram selecionados pelos seguintes critérios: ter idade acima de 60 anos; ser residente em Belo Horizonte; estar participando do Programa PUC Mais Idade na unidade da PUC Minas São Gabriel; ter exercido algum ofício artesanal ou manufactureiro. Destaco que eu não coletei os dados; tal coleta ocorreu em 2013, por meio de um projeto de abrangência municipal que contou com a participação de três bolsistas e oito voluntários além de cinco docentes, todos vinculados a cursos da PUC Minas (Letras, História e Comunicação Social). O roteiro utilizado pelo entrevistador foi composto por entrevistas semiestruturadas com base nos seguintes tópicos constituintes: identificação pessoal (nome, idade e local de nascimento), família (da infância à fase adulta) e prática profissional. Outra ação realizada pelos bolsistas do referido projeto foi a transcrição das entrevistas orais, conforme os critérios propostos por Castilho (2014³¹) a partir das normas expostas no Quadro 2.

Quadro 2 – Normas para transcrição

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	Maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Alongamento de vogal ou consoante s, r	:: ou :::	ao emprestarem os...éh:: o dinheiro
Silabação	-	por motivo de trans-sa-ção
Interrogação	?	o Banco Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões
Comentários descritivos	((maiúsculas))	((tossiu))
Comentários do locutor que quebram a sequência temática; desvio temático	- -	a demanda da moeda – vamos dar essa notação – demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	[ligando linhas	A. na casa da sua irmã? [sexta-feira?
Citações literais, reprodução de discurso direto ou leitura de textos	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma barreira entre nós”...

Fonte: Adaptado de Castilho (2014, p. 34-35).

Em relação aos entrevistados, neste estudo, eles estarão identificados por siglas, pelo termo “Entrevistado” ou pelo tipo de ofício, preservando-se, por questões éticas, o nome de cada um. Na Tabela 2, extraídos do Projeto de Extensão elaborado por Machado (2013) e das transcrições, explicitarei alguns dados que poderão ajudar a delinear o perfil dos sujeitos entrevistadores e entrevistados. Destaco que, no capítulo 4, estão descritas outras

³¹ Na transcrição realizada durante a vigência do Projeto de Extensão, foi utilizada a obra de 2004.

informações, mais detalhadas, acerca dos entrevistados.

Tabela 2 – Dados referentes às entrevistas, entrevistadores e entrevistados

Entrevistado	Idade	Entrevistador			Transcritor			Entrevista	
		Sigla	Gênero	Curso	Sigla	Gênero	Curso	Duração	Local
Bordadeira	82	E1	fem.	Letras	T1	masc.	NI	54'37"	PUC
Costureira	79	E2	fem.	NI* ³	T1	masc.	NI	1h29'15"	PUC
Cozinheira	79	E3	fem.	História	T2	masc.	NI	1h13'23"	MAO* ⁴
Marceneiro	84	E4	fem.	História	T3	masc.	NI	47'29"	PUC
Sapateiro	66	E5	fem.	NI	T1	masc.	NI	55'50"	PUC
Tropeiro	* ¹	E6* ²	masc.	NI	T1	masc.	NI	1h09'01"	PUC

*¹ Não havia identificação de idade nos materiais pesquisados. *² E6 e T2 são a mesma pessoa.

*³ Não informado no projeto de extensão. *⁴ Museu de Artes e Ofícios.

Fonte: Autora deste estudo.

Dentre as atividades previstas para o desenvolvimento do projeto, destacam-se: a visita livre do grupo de idosos selecionados ao Museu de Artes e Ofícios para o reconhecimento do ambiente em que se encontram vários objetos museais relacionados ao ofício artesanal e manufactureiro; a coleta dos depoimentos individuais a partir da entrevista semiestruturada; e a transcrição dos depoimentos gravados. Das seis entrevistas, uma ocorreu no Museu de Artes e Ofícios e as demais, nas dependências da PUC Minas. Não obstante, como resultados esperados, destaco três indicados por Machado (2013) e que se relacionam diretamente aos objetivos de investigação propostos nesta Tese:

- Valorização do papel social do idoso por meio do registro de sua memória, destacando-se sua importância como sujeito portador de experiências e lembranças do passado.
[...]
- Criação de acervo de depoimentos orais, com registro da memória dos ofícios, a ser compartilhado entre a PUC Minas e o Museu de Artes e Ofícios.
[...]
- Desenvolvimento e aprendizagem da metodologia de história oral pelos professores e alunos dos cursos de História, Letras e Comunicação Social.

Convém destacar que a HO foi o método utilizado para a estruturação do *corpus* analisado neste estudo, pois retrata a história construída a partir do testemunho de sujeitos que vivenciaram determinado ofício artesanal ou manufactureiro no passado. Afirma Delgado (2010) que HO é um método que registra, por meio de narrativas induzidas e estimuladas, as versões, interpretações e testemunhos sobre a História, seja na dimensão factual, temporal, espacial, conflituosa ou consensual. Para o autor, a HO não é “[...] um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida” (DELGADO, 2010, p. 15-16).

Não obstante, existem alguns critérios que devem ser observados para confirmar a

fidedignidade do que a HO evidencia, a saber: apresentação de forma oral; uso da gravação; exatidão da transcrição; e complemento para outros métodos de pesquisa. A apresentação é feita realmente de forma oral cujo material de análise, geralmente por entrevista, é mais preciso e autêntico, ou seja, “[...] as palavras empregadas estão ali exatamente como foram faladas; e a elas se somam pistas sociais, as nuances da incerteza, do humor ou do fingimento, bem como a textura do dialeto” (THOMPSON, 1992, p. 146). A gravação contribui para uma análise sem manipulações de entrevistadores e analistas, os quais, em alguns casos, tendem a ajustar os resultados ao que eles pretendem como verdade. A honestidade e clareza do entrevistador, ao transcrever o relato oral, demonstram que as perguntas e respostas não foram alteradas seja por erro de transcrição seja por registro de resposta diferente. Em relação à transcrição fidedigna de dados linguísticos, Paiva (2015, p. 135) expõe que o principal objetivo da “[...] transcrição é transpor o discurso falado, da forma mais fiel possível, para registros gráficos mais permanentes, necessidade que decorre do fato de que não conseguimos estudar o oral através do próprio oral”.

Percebemos, assim, que a HO atua como complemento para se reinterpretar documentos ou até mesmo preencher determinadas lacunas, porém, neste estudo, o *corpus* gerado foi utilizado estritamente para se analisarem as cenas construídas a partir da interação dialógica entre entrevistador e entrevistado materializada nas entrevistas orais.

Para este estudo, verifiquei como os idosos, na interação conjunta com o entrevistador, reconstroem o passado no exercício memorialístico sobre o ofício que exerceram boa parte da vida. Ou seja, analisei momentos da interação que constituíram o *corpus*, buscando descrever a operação básica de topicalização discursiva em diferentes formas de manifestação na dinâmica do pareamento entre perguntas e respostas, própria do gênero entrevista oral.

Em relação à análise do *corpus*, foram realizados os seguintes procedimentos:

- a) análise das entrevistas orais, disponibilizadas em vídeo, para delimitação dos tópicos discursivos e da operação básica (topicalização discursiva) e suboperações³² (assalto a turno, alongamento de sílabas e repetição de palavras) da atividade conversacional;
- b) delimitação de pareamentos (perguntas e respostas) para indicação dos tópicos discursivos e das suboperações e mecanismos discursivos;
- c) análise dos pareamentos à luz das teorias de Benveniste (1995, 1989), Edelman e Tononi (2000), Candau (2014) e Jubran (2015).

³² As três suboperações que utilizo neste estudo para reforçar minha tese foram sinalizadas na Seção 2.4 e estão detalhadas na Seção 4.

Em um primeiro momento, realizei uma análise macro de todas as entrevistas orais, buscando comprovar que, em todas elas, a operação de topicalização discursiva e suas suboperações estão presentes. Em um segundo momento, analisei, minuciosamente, três entrevistas, considerando como critérios de seleção: duas com maior duração e uma com menor; das duas com maior, uma em ambiente familiar ao entrevistador (dependências da PUC Minas) e outra em ambiente familiar ao entrevistado (dependências do Museu de Artes e Ofícios). Em um terceiro momento, em todas elas, identifiquei a relação especular existente entre entrevistador e entrevistado, ou seja, quem determina o tópico discursivo e cria condições mínimas para controlar a entrevista é o entrevistador, independente do tempo físico transcorrido na interlocução. Essa relação também explicitou a problematização que assumo nesta Tese: como se configuram os eventos memorialísticos, na interação dialógica entre entrevistador e entrevistado, em entrevistas orais que tematizam o ofício artesanal ou manufatureiro?

Além disso, iniciei uma reflexão de como o ambiente, ou seja, o lugar da encenação interfere na construção tópica, operação-base composta por suboperações discursivas, a saber: assalto a turno, alongamento de sílabas e repetição de palavras. Em específico ao foco deste estudo, depreendemos que essas suboperações reforçam o papel do entrevistador de gerenciar os tópicos discursivos, modificando-os, mantendo-os ou retomando-os. Quando esse gerenciamento acontece, supõe-se que o (co)construtor principal da conversação passa a ser o entrevistador, aquele que, na construção colaborativa dos eventos sobre o ofício, determina a unidade temática que deveria ser instaurada pelo entrevistado. No caso da referida interferência, realizei uma análise comparativa entre a entrevista da costureira e da cozinheira, as quais, respectivamente, aconteceram na Universidade e no Museu dos Ofícios. Na primeira, o ambiente era familiar ao entrevistador e, na segunda, ao entrevistado.

Por fim, destaco que, ao analisar as entrevistas orais, cujos resultados estão expostos no capítulo 4, responderei aos seguintes questionamentos: quem é o principal (co)construtor evidenciado nas cenas que emergem da interação dialógica em entrevistas orais que tematizam o ofício artesanal ou manufatureiro e como a topicalização discursiva delimita a configuração temática dos eventos memorialísticos em estudo?

4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção.
(ROSA, 1994, p. 134).

Na interlocução entre entrevistador e entrevistado, emergem cenas que atualizam a vivência de uma experiência de trabalho acontecida no passado. Neste capítulo, apresentarei a análise das cenas memoradas que foram reconfiguradas conforme um tópico discursivo em evidência. Destaco, ainda, que a análise das entrevistas orais está embasada nas articulações teóricas sobre o funcionamento da linguagem como propriedade natural do ser humano (BENVENISTE, 1995, 1989), sobre a perspectiva de memória enquanto reconstrução atualizada do passado a partir da interação dialógica (CANDAU, 2014; EDELMAN; TONONI, 2000) e sobre a topicalização discursiva no processo interlocutivo (JUBRAN, 2015).

Inicialmente convém destacar, conforme proposto por vários estudiosos sobre a análise da conversação, dentre os quais cito Castilho (2014) e Marcuschi (2007), que o *corpus* foi constituído a partir de um processo interacional, focado na prática cotidiana, considerando elementos importantes que nos proporcionem a compreensão de como se organiza o ato conversacional. Tais elementos, conforme Brait (1999, p. 193), são “[...] a situação, as características dos participantes da interação em foco e as estratégias por eles utilizadas durante o diálogo”. Na conversação, tratada neste estudo como entrevista oral, ocorre uma interação verbal, centrada e desenvolvida enquanto os interlocutores voltam sua atenção para a criação e construção de cenas que tenham como tópico principal o ofício artesanal ou manufactureiro.

Em relação à principal hipótese que assumi desde o início, ou seja, que a topicalização discursiva exerce influência direta na construção de eventos memorialísticos e determina função para o entrevistador e o entrevistado, antes de apresentar as informações específicas a cada entrevistado, farei uma abordagem geral sobre as suboperações discursivas (assalto a turno, alongamento de sílabas e repetição de palavras) presentes nas seis entrevistas orais que compõem o *corpus* deste estudo. Em cada fragmento, estarão as siglas L1 e L2, as quais se referem, respectivamente, a entrevistador e entrevistado.

Em todas as entrevistas orais analisadas, percebemos a existência das suboperações

discursivas de assalto a turno conduzida, principalmente, pelo entrevistador, alongamento de sílabas e repetição de palavras, ambas demonstrando a constituição da fala dos interlocutores a partir do gerenciamento e da continuidade dos tópicos introduzidos e comandados pelo entrevistador. Tomemos, como exemplo, o Fragmento 5, no qual estão identificadas as três suboperações que delimitei neste estudo.

<u>Fragmento 5</u>	
L1: Quantos filhos tinha a família da senhora, o pai e mãe da senhora?	Alongamento de sílaba
L2: Meu pai teve, eles tiveram 13 filhos.	
L1: 13. E nessa, nesse grupo de 13 filhos a senhora era a mais ve::lha ou a mais no::va ?	Assalto a turno
L2: Não, eu tinha quatro, quatro, quatro na frente...	}
L1: À frente da senhora, mais velhos .	
L2: Mais velhos .	Repetição de palavra

Ao utilizar o alongamento de sílabas, o entrevistador já determina para o entrevistado as duas possíveis opções de resposta (“a mais ve::lha ou a mais no::va”), posicionando-se como alguém que havia vivenciado informações sobre a família de L2. Além disso, instaurando-se como total articuladora das respostas emergentes da interação, L1, ao perceber que poderia ocorrer uma digressão, assalta o turno e completa a cena discursiva em construção. Outra suboperação que ainda reforça a função do entrevistador é a repetição de palavras em: “L1: À frente da senhora, mais velhos./ L2: Mais velhos”. Para Marcuschi (2015b, p. 239), essa suboperação é “[...] uma estratégia valiosa para o processo textual-interativo, seja na sua contribuição para o processamento informacional, seja na preservação da funcionalidade comunicativa”.

No Fragmento 6, as suboperações cumprem a mesma função exposta no Fragmento 5, qual seja: manter o papel de principal construtor das cenas enunciativas para o entrevistador.

<u>Fragmento 6</u>	
L1: E qual que é a diferença do tropeiro carvoe::iro para o tropeiro de estra::da ?	Alongamento de sílaba
L2: Porque o tropeiro carvoeiro é o seguinte, o tropeiro de estrada ele viaja de rancho em rancho, né? Leva, leva o que tem na fazenda pra, pra, pra, pra, pra determinadas cidades. Igual naquele tempo as coisas o pessoal comprava, vinha fazer compra em Santa Bárbara e trazia aquilo que produzi::a: café::, touci::nho... e chegava em Santa Bárbara e comprava, pegava pa::no que era os fardos né, pra levar::,ERVE::ja, eh:: sal::, macarrão:: Aquilo que não produzia na região, ele levava e, e outras coisas mais né? Miude::zas, armari::nho em geral, tudo era comprado naquela ocasião. Santa Bárbara que era o, o, o foco onde é que a pessoa comprava.	Assalto a turno
	Repetição de palavra

L1: Aí tin..., aí fazia esse transporte?
 L2: Fazia esse transporte.
 L1: E, e você que fazia esse transpo::rte nisso que você está falando né? E seu pai carvoeiro transportava o quê?
 L2: Carvão.
 L1: Carvão?
 L2: Carvão. []
 L1: Nessas fazendas também?
 L2: Mas vamos falar da, da, do tropeiro em si primeiro e depois vou falar com você sobre o tropeiro carvoeiro... que é uma coisa mais simples.
 L1: Eu, eu queria exatamente isso: que você diferenciasse primeiro falando do seu pai sobre o, o tropeiro carvoei::ro, assim, por exemplo, porque tinha o lugar ou era nas fazendas que ele levava o carvão, ou existia alguma... []
 L2: Não... []
 L1: Só, só, só... []
 L2: Meu pai foi contratista de carvão. Contratista era aquele que fazia o carvão e vendia para uma determinada companhia. No caso nosso era metalurgia que hoje é barbará né? Metalurgia em Barão de Cocais e meu pai era contratista dessa companhia. Então ele, ele picava os ma::tos [risos], acabou com o meio ambiente, picava os ma::tos e fazia o carvão e a gente transportava a carga da carvoeira até pra cá de Ipoema que era o metro da fazenda Dona, ali que era o metro, trazia o carvão pra ali e dali pegava o caminhão e trazia pra usina.

Além das observações apontadas sobre as suboperações no Fragmento 5, ficou evidente, no Fragmento 6, o papel dominante de L1. No início da interlocução, há o seguinte questionamento com uso do alongamento de sílaba: “L1: E qual que é a diferença do tropeiro carvoe::iro para o tropeiro de estra::da?”. Percebendo que o entrevistador já detinha a função de principal (co)construtor das cenas, o entrevistado reforça esse papel iniciando a resposta com a primeira opção dada por L1 (tropeiro carvoeiro), mas, na sequência da fala, a tópico abordado é a segunda opção: “L2: Porque o tropeiro carvoeiro é o seguinte, o tropeiro de estrada ele viaja de rancho em rancho, né?”. O alongamento de sílaba também é utilizado pelo entrevistado (simbolizado pela elipse em vermelho), principalmente deixando a possibilidade de ser interrompido, ou ter o turno assaltado, pelo entrevistador. Entretanto, como as cenas construídas estavam seguindo ao roteiro estabelecido por L1, o entrevistado continuava sua interlocução. Quando percebia uma possível digressão, o entrevistador logo retomava, pelo assalto a turno, as rédeas da conversa.

É fato, pois, que o entrevistado, pelas evidências apontadas, não tem escolha autoral haja vista que o entrevistador, a todo o momento, gerencia a interlocução, delimitando o

controle da pauta discursiva proposta pela entrevista semiestruturada. O controle e a inexistência da escolha podem ser visualizados nos seguintes fragmentos, a partir do momento em que o entrevistador, pelo alongamento de sílabas, já delimita o tópico da interlocução, a saber:

- a) “A senhora morou em Piumhi sempre? Ou a senhora mudou:: na sua infân::cia.”;
- b) “Marcenaria não tem mulher::, seu X? O senhor já viu alguma mulher marceneira?”;
- c) “A reforma que o senhor faz, o senhor faz reformas de outros objetos também:: ou só sapatos?”.

Outra evidência, exposta no Fragmento 7, que confirma a determinação do tópico discursivo pelo entrevistador são as passagens de turno (consentidas ou não), as quais mostram o pareamento de pergunta e resposta a partir de uma relação especular entre entrevistador (que comanda) e entrevistado (comandado).

Fragmento 7	
L1: Marcenaria não tem mulher:: , seu X? O senhor já viu alguma mulher marceneira?	Alongamento de sílaba
L2: Não, marcenaria não.	
L1: É só homem mesmo?	Assalto a turno
L2: É. Agora ne profissão, em construção tem, né?	
L1: É.	
L2: Na parte de construção hoje em dia tá tendo... [Repetição de palavra
L1: É. [
L2: muita mulher [
L1: É. [
L2: trabalhando.	
L1: É... é. Mas é uma profissão masculina , o senhor diria...	
L2: É, masculina . Marcenaria... [
L1: As filhas mesmo num...	
L2: (Risos) num interessô não. Ah, marcenaria num... pra mulhe::r eu acho que num dá muito certo não, né?	
L1: Por que que o senhor acha isso? Pesado?	
L2: Ah, mexer com muita madeira, pesado, aquele negócio, né?	
Serviço pesado.	

No Fragmento 7, existem dois pareamentos que mais evidenciam a relação especular entre L1 e L2. O primeiro é o seguinte: “L1: É./ L2: Na parte de construção hoje em dia tá tendo.../ [/ L1: É./ [/ L2: muita mulher/ [/ L1: É./ [/ L2: trabalhando”. Mesmo sobrepondo a fala, o entrevistador vai (co)construindo, por meio de um marcador que reforça a resposta

esperada (“É”), a cena que reflete o posicionamento sobre a presença da mulher na construção civil. O segundo pareamento evidencia, por meio da complementação da resposta iniciada por L1, que o entrevistado identifica o esperado e complementa, especulando, dessa forma, que a aceitação, sem interrupções, seria para a seguinte fala: As filhas mesmo não interessaram, não. Isso está simbolizado neste par dialógico: “L1: As filhas mesmo num.../ L2: (Risos) num interessô não”.

Na interação dialógica entre entrevistador e entrevistado que buscaram construir e reconstruir a história dos ofícios pelo exercício da memoração, a topicalização discursiva desempenhou papel preponderante, pois, na articulação dos eventos, também denominada eventivação, os interlocutores colaborativamente compõem e recompõem cenas a partir das experiências conceptuais e da linguagem, e estas são constitutivas da existência humana, assim como já exposto por Edelman e Tononi (2000) em relação à consciência de ordem superior. Pelas operações discursivas supracitadas, percebemos a construção da eventivação memorialística sobre a experiência de trabalho; o entrevistador conduz o entrevistado, durante a interação, estabelecendo, assim, a existência de uma operação dialógica entre um EU e um TU, conforme já explicitado em 2.1, tendo em vista as abordagens de Benveniste (1995, 1989).

Em análise às entrevistas orais, visualizamos que os interlocutores colaborativamente criam e recriam cenas, indiciando um evento. Nessa interação dialógica, a atividade de memoração sobre o ofício é construída a partir da escolha e predicação de um tema, de um tópico discursivo. Os interlocutores, conjuntamente, realizam a construção da memória sobre o ofício, reforçando o posicionamento de Candau (2014) de que a eventivação é dialógica e que na interação se constrói a memória. Essa abordagem pode ser percebida no Fragmento 8, no qual, principalmente, o alongamento de sílabas e a repetição de palavras refletem a construção coletiva de cenas vivenciadas somente pelo entrevistado. Nesse caso, a eventivação é concretizada como dialógica.

Fragmento 8	
L1: O senhor me falou que os sapatos hoje mais atuais que são levados pra, pra consertar, né, os sapatos mais novos. Agora o senhor conserta mais sapato femini::no ou sapato masculino?	Alongamento de sílaba
L2: Feminino.	
L1: As mulheres têm mais sapatos...	Assalto a turno
[}
L2: Mais sapatos. As capinhas, as capinha gasta muito, né? Então é:: se eu for, se eu for depender de sapato de homem, eu morro de fome. Sinceramente, pois as mulheres só leva... Tem gente que:: leva três, seis pares de sapatos de uma pessoa para botar capinha. Ali que a gente consegue paga um aluguel::, paga luz::, paga	Repetição de palavra

á::gua.

L1: A reforma que o senhor faz, o senhor faz reformas de outros objetos **também::** ou só sapatos?

L2: Não, mochi::la... boto fecho em mochi::la, boto fecho em ma::la, boto pezinho em ma::la, puxador em ma::la, um pouquinho de cada coisa, aí o que aparecer ali eu estou pegando pra fazer.

L1: **Mais os sapatos é a maior quantidade?**

L2: **Maior, sapato é maior. Sapato...**

[

L1: Mochilas, essas mochilas que o senhor tá falando é essas **mochilas de escola?**

L2: De escola, **mochila de escola**. Sempre tem para botar fe::cho né, porque às vezes o fecho estraga, então de vez em quando eles levam lá para colocar ou trocar o fecho.

No decorrer deste estudo, amparei-me em Edelman e Tononi (2000) para explicitar que memória é um mecanismo fundamental para produzir consciência. Ela é construída no ato de criação de imagens e de cenários cognitivos, por isso ela não é representacional, não é estocada (EDELMAN; TONONI, 2000). Quando os interlocutores constroem e reconstroem eventos memorialísticos dos quais emerge a capacidade de se efetuarem projeções e simulações, de imaginarem e criarem, entendo que o cérebro não processa como um porta-arquivo; pelo contrário, ele é um conjunto de sistemas (por exemplo, auditivo, visual, perceptual e conceptual) que se articulam para criar cenas, situações e ações de vivência.

Na verdade, o ser humano carrega consigo a vivência que emerge no processo de interação cujos acontecimentos partilhados criam, integram e configuram os eventos memorialísticos. No caso da entrevista oral, as vivências que o entrevistado carrega consigo são transpostas da natureza pessoal para um conjunto de acontecimentos partilhados a partir do momento em que o entrevistador interage por meio de um tópico discursivo. Para Thompson (1992), a entrevista estimula que uma história possa ser contada novamente, porém de forma diferente a pessoas diferentes e em situações diversas. Nesse momento, os interlocutores constroem juntos os eventos que evidenciam a memória sobre um determinado acontecimento.

Por sua vez, quando os interlocutores predicam sobre um tópico discursivo, estabelecem um foco atencional, ou seja, aquilo que é o foco de atenção quando constroem o evento. O foco atencional é a referencialidade textual, ou seja, sobre o que se fala; é o que constitui e estabelece uma conversação, conforme já exposto por Jubran (2015). Ele é interativo e produzido discursivamente na atividade conversacional. Neste estudo, delimitei anteriormente a divisão dos focos atencionais em tópico principal, tópico constituinte e tópico menor (capítulo 3), os quais são interdependentes para a formação de um evento maior (a

memoração sobre o ofício).

Por fim, a linguagem é uma atividade interativa a partir da qual os seres humanos vivenciam a realidade, reelaboram-na, e assim constroem o significado no processamento discursivo. No caso das entrevistas orais, este processo de interação verbal é instituído desde a primeira palavra, a partir da qual aquele que ouve pode concordar ou discordar, fazer alterações, interromper, complementar, dentre outras situações, e, dessa forma, estabelecer a construção colaborativa do sentido que emerge da vivência humana no mundo. Com a linguagem, surge a capacidade de narrar, a consciência, e assim podemos construir o passado e o futuro relacionados a nós mesmos, enfim, podemos memorar a nossa própria existência a partir da topicalização discursiva. Assim, ao colocar a língua em funcionamento, o locutor se projetou como EU em contraposição ao TU, instaurando uma instância enunciativa com foco na produção de sentido.

Com base nesse posicionamento, em 4.1 a 4.3, analisarei alguns fragmentos da entrevista realizada com um marceneiro (Entrevistado 1), uma costureira (Entrevistada 2) e uma cozinheira (Entrevistada 3) cujos nomes foram ocultados por questões éticas. Como expus no capítulo 3, o agrupamento da análise, com os dados comuns expostos em 4.4, sobre esses entrevistados ocorreu considerando a duração da entrevista oral e o local em que ela aconteceu. Em 4.5, abordei as demais entrevistas orais, reforçando a função do entrevistador como principal (co)construtor das cenas eventivadas.

4.1 A entrevista com o Marceneiro

Na entrevista realizada com o Marceneiro, 84 anos, nas dependências da PUC Minas, o diálogo durou 45 minutos. Inicialmente o entrevistador pediu que o entrevistado discorresse um pouco sobre a família, momento em que ele falou sobre as cidades onde nasceu e foi criado, a profissão do pai e como ajudava a família enquanto criança até os 18 anos. Após esse período, e com o falecimento do pai, foi para outra cidade (Piumhi) aprender a profissão de marceneiro e trabalhar como tal.

Ao ser questionado se havia estudado, o entrevistado relatou que isso ocorreu quando ele ainda morava com os pais e que andava muito até outra fazenda para ter aulas. Ainda morando com os pais em uma fazenda, ele ajudava na lavoura e já fazia manualmente objetos de madeira, mostrando que gostava da marcenaria.

Na cidade de Piumhi, ele aprendeu a profissão na prática quando, durante cinco anos, trabalhou de empregado em uma marcenaria. Já com marcenaria própria, ele permaneceu na

cidade por uns quatro anos. Fazia de tudo e isso o ajudou a aprimorar-se como marceneiro, realizando atividades manuais e com ajuda de máquinas. Ele também falou sobre as máquinas de sua época e as existentes na atualidade. Para ele, as atuais são muito sofisticadas e quase não demandam do marceneiro, que praticamente só precisa elaborar o desenho (molde). No decorrer da entrevista, ele também explicou a utilidade de algumas ferramentas da época, como a serra, o furador, o torno e a plaina.

Quando foi para Belo Horizonte, vendeu a marcenaria de Piumhi e, depois de trabalhar um tempo em uma fábrica que não estava sendo bem administrada, comprou-a com um sócio. Passado um tempo, investiu em marcenaria própria, com muitos empregados, e atuou por uma média de 38 anos, totalizando 50 anos na profissão. Nessa cidade, também criou toda a família, composta pela esposa e nove filhos, dos quais oito mulheres e um homem, que seguiu o ofício do pai.

Ao ser questionado sobre a valorização na profissão, o entrevistado demonstrou que fora bem valorizado, principalmente porque as pessoas lhe davam preferência devido ao trabalho de qualidade que executava e por se preocupar em atualizar o serviço que prestava. Quando o entrevistador perguntou sobre o diferencial do serviço de antes e o da atualidade, o entrevistado destacou que a prioridade do atual era produzir muito em um tempo curto, visando ao lucro. Na época dele, a produção era mais lenta e praticamente tudo era feito manualmente. Segundo o entrevistado, as máquinas elétricas da atualidade contribuíam para a produção rápida. Mesmo assim, o marceneiro considerou que financeiramente o ofício lhe foi bem rentável.

Em relação à aposentadoria, o entrevistado respondeu ao entrevistador que passou a oficina para um dos filhos e comprou um sítio, no qual construiu um galpão, para atividades internas da marcenaria, mas sempre recebia serviço do filho. E por lá ficou uns dez anos. À época da entrevista, o marceneiro já se encontrava aposentado, principalmente porque precisava cuidar da saúde.

Ao encerrar o diálogo, outro entrevistador se posicionou, questionando o marceneiro sobre os tipos de madeira com que trabalhava bem como sobre a forma de aquisição delas. O entrevistado explicou como era todo o processo e, verificando que o roteiro havia sido concluído, a entrevista foi encerrada e o entrevistador agradeceu ao marceneiro.

Em análise à entrevista oral, percebemos que três suboperações discursivas são evidentes: assalto a turno, alongamento de sílabas e repetição de palavras cujos quantitativos de incidência estão expostos na Tabela 3. Essas suboperações permitem que os interlocutores construam tópicos discursivos, operação-base determinante da configuração e integração de

eventos no processo de memoração.

Tabela 3 – Incidência das suboperações na entrevista do Marceneiro

	Turno	Assalto a turno	Repetição de palavras	Alongamento de sílaba
Entrevistador	323	27	09	55
Entrevistado	306	07	45	09

Fonte: Autora deste estudo.

Exemplo dessas suboperações está no pareamento do Fragmento 9.

<u>Fragmento 9</u>	
L1:	Bom, e aí: o senhor ficou lá em Piumhi:: uns quatro anos, né, que o senhor falou? Nessa marcenaria...
	[
L2:	Não, não...
	[
L1:	Cinco anos...
L2:	É, nessa marcenaria foi.
L1:	Foram cinco anos.
L2:	É, eu morei mais anos, mas antes... antes mexia pros pros outros, né?
L1:	Uhum.
L2:	Agora depois que eu montei mesmo foi quatro anos e pouco.
L1:	Uhum. E como é que apareceu essa:: oportunidade pro senhor trabalhar na marcenaria. Alguém:: chamou o senho::r, o senhor bateu na po::rta, como é que foi?
L2:	Não, Lá eh... eu mesmo fui lá, procurei.
L1:	É?
L2:	É. Cheguei, fui procurar, eles estavam precisando, né? Na época... Mas é difícil...
L1:	E o senhor já gostava, então?
L2:	Eu já gostava. Agora aprender num é fácil, mas a gente trabalha bastante tempo até treinar, né?
L1:	Uhum.

No Fragmento 9, os interlocutores recriam a cena do início da profissão do entrevistado, compartilhando a lembrança sobre o tempo em que ficou em uma determinada cidade. Ao retomar o período de “quatro anos”, recuperando uma informação já explicitada momentos antes, há uma sobreposição entre os turnos, um assalto a turno (“Nessa marcenaria.../ [/ L2: Não, não.../ [/ L1: Cinco anos...”) e o entrevistador percebe que o correto seria “cinco anos”, o que é logo confirmado pelo entrevistado (“É, nessa marcenaria foi”). Além disso, no decorrer da cena, o entrevistador reconstrói a memória junto ao entrevistado no momento em que começa a questionar como as oportunidades apareceram. Ao utilizar o alongamento de sílabas em “Uhum, e como é que apareceu essa:: oportunidade pro senhor trabalhar na marcenaria. Alguém:: chamou o senho::r, o senhor bateu na po::rta, como é que foi?”, o entrevistador instiga, especula a resposta por meio de alternativas que ele

pressupõe serem as mais adequadas com as cenas anteriormente recriadas. A referida operação discursiva permitiu ao entrevistador elaborar duas possíveis cenas que seriam recriadas, e isso também demonstra a interação colaborativa, pois o questionamento indicia a busca de uma resposta, que é estabelecida pelo entrevistado. Na continuidade dessa busca, para a construção da cena, emerge a resposta: “Não, Lá é... eu mesmo fui lá, procurei”. Nessa dinâmica entre o entrevistador e o entrevistado, encontramos o processo de construção da memória, a qual é a construção de cenas que os interlocutores colaborativamente fazem e refazem a todo tempo. Outra operação materializada na fala é a repetição de palavras, a qual ocorre em: “E o senhor já gostava, então?/ L2: Eu já gostava.”. Nesse momento, na sequência tópica, o entrevistado confirma (“já gostava”) o que havia sido delimitado pelo entrevistador. Em um momento anterior da interlocução, o entrevistador também usa essa suboperação para confirmar o gerenciamento do processo e da topicalização, uma vez que ele mesmo repete uma expressão que havia dito, a saber: “L1: Cinco anos../ L2: É, nessa marcenaria foi./ L1: Foram cinco anos”. Mesmo que o entrevistado tenha confirmado a indagação com “É, nessa marcenaria foi”, o entrevistador reforça sua intervenção com a repetição de “cinco anos”.

No Fragmento 9, também percebemos três agrupamentos de mecanismos próprios do texto falado e que demonstram a ação ativa do entrevistador, concomitante à construção colaborativa do evento memorialístico, no gerenciamento do tópico discursivo, a saber: paráfrase e tematização; marcadores discursivos; hesitação e interrupção.

O primeiro se refere à construção textual. No fragmento “Bom, e aí:: o senhor ficou lá em Piumhi:: uns quatro anos né, que o senhor falou?”, temos a presença de uma paráfrase a qual demonstra o entrevistador recuperando uma fala do entrevistado: “[...] que o senhor falou?”. A tematização, por sua vez, é representada pelo anúncio do trabalho que se realizou em uma determinada marcenaria. Ao longo do fragmento, esse tópico é o foco atencional da conversação, lembrando que foi determinado pelo entrevistador logo no início do diálogo (“Uhum. Bom, e aí:: o senhor ficou lá em Piumhi:: uns quatro anos né, que o senhor falou? Nessa marcenaria...”).

No segundo, que se refere à organização do texto, encontramos vários marcadores discursivos que objetivam continuar, introduzir, retomar ou finalizar tópicos, articulando os segmentos do texto falado. Os de uso mais habitual nesta interlocução foram: “uhum”, “né” e “é”. Tomemos como exemplo este fragmento: “L1: Foram cinco anos./ L2: É, eu morei mais anos, mas antes, antes mexia pros outros, né?/ L1: Uhum”. O entrevistado inicia e encerra sua fala com marcadores que, respectivamente, representam uma indicação (“É”) e um pedido (“né”) de reforço em relação ao foco atencional em desenvolvimento, considerando, ainda,

que o último representa uma passagem de turno consentida do entrevistado ao entrevistador. Por sua vez, este utiliza um marcador (“Uhum”) para indicar consenso com a construção da cena, mostrar que está atento à encenação, reforçar seu posicionamento de gerenciador do processo e do tópico e passar o turno para o entrevistado.

O terceiro se refere aos fenômenos essenciais ao texto falado e costumam ocorrer simultaneamente no processo interacional. Um exemplo disso está no fragmento: “L1: Cinco anos.../ L2: É, nessa marcenaria foi”. O entrevistador faz uma pausa silenciosa e é logo interrompido pelo entrevistado, o qual confirma inicialmente por um marcador discursivo (“É”) a informação proposta pelo entrevistador. Mais à frente, ocorrem duas hesitações: uma com pausa preenchida (“L2: Não, Lá eh... eu mesmo fui lá, procurei.”) e outra silenciosa (“L2: É. Cheguei, fui procurar, eles estavam precisando, né? Na época. Mas é difícil.../ L1: E o senhor já gostava, então?”). Na primeira, o próprio entrevistado mantém a sua fala a partir do momento que preenche a pausa e não passa o turno ao entrevistado nem permite que ele a interrompa ou assalte. Na segunda, o entrevistado deixa uma pausa silenciosa e, confirmando o gerenciamento do processo e do tópico discursivo, o entrevistador o interrompe e delimita um novo tópico menor: “o sentimento de satisfação pelo trabalho na marcenaria”.

Percebemos, com isso, que os mecanismos discursivos, a todo tempo, são utilizados para demarcar a segmentação tópica e, no caso desta Tese, reforçar o gerenciamento constante que o entrevistador tem de todo o processo e da topicalização discursiva, afirmando-se como (co)construtor principal do evento memorialístico.

Ao reconstruir as cenas das vivências do entrevistado, em alguns casos, é necessário retornar ao momento em que os fatos aconteceram, ao tempo, à recordação de um determinado período, enfim, ao reviver de uma experiência. Destaco, nesse caso, que as cenas memoradas são reconfiguradas conforme o ponto de vista dos interlocutores, os quais falam por cenas e criam ambientes para criar as cenas. No Fragmento 10, exemplifico a memoração de um tempo revivido por um fato.

Fragmento 10

L2: No início lá foi isso, ajudava ele, né?

L1: Uhum.

L2: Tempo de criança, trabalhava na roça, direto.

L1: Uhum.

L2: Depois é que eu comecei...

[

L1: O senhor nasceu em que ano, seu [Entrevistado 1]?

L2: Em que ano? Cinco de Novembro, cinco do onze do/de vinte e nove.

L1: Mil novecentos e vinte e nove!

L2: É!

L1: Uhum. E aí o senhor ficou na lavoura até:: que idade? Dezesete que o senhor

falou?
 L2: Dezesete pra dezoito anos.
 L1: Sei.

Ao mencionar “Tempo de criança, trabalhava na roça, direto”, os interlocutores instituem uma relação de sentido, durante a qual emerge o significado da expressão. Ou seja, eles compartilham da emoção associada ao acontecimento (ser criança). Pressupõe-se que o sentimento de trabalho árduo seja emergente nessa situação, uma vez que, normalmente, o tempo de infância seja visto como um momento de brincadeiras, de atividades que não vislumbrem a responsabilidade com o trabalho. A recriação da cena sobre o tempo de criança nos permite duas acepções: a de um mundo de infância voltado para as brincadeiras, para a diversão; e a de outro mundo em que o trabalho árduo e as responsabilidades com os afazeres da família sobrepujam a diversão. Nessa interação, podemos inferir que, no mundo real, a partir do acontecimento expresso pelo indicador temporal (“[No meu] Tempo de criança”), a vida do locutor era árdua, sem muitos momentos de atividades próprias da infância, haja vista que ajudava integralmente (“direto”) a família nos afazeres da roça. Ao temporalizar o acontecimento, retomo as abordagens de Candau (2014) para identificar que o locutor utiliza uma estratégia discursiva que enfatiza a identidade do sujeito da entrevista.

Aqui novamente retomo um mecanismo que está presente em várias partes da interlocução e que se refere à organização textual: os marcadores discursivos. No Fragmento 10, temos duas situações:

- a) uma na qual, pelo uso de “uhum”, o entrevistador mostra que está atento, confirma a fala do entrevistado e permite a continuidade do tópico:

L2: No início lá foi isso, ajudava ele, né?
 L1: Uhum.
 L2: Tempo de criança, trabalhava na roça, direto.
 L1: Uhum.
 L2: Depois é que eu comecei...

- b) outra na qual o entrevistador, depois de assaltar o turno (“O senhor nasceu em que ano, seu [Entrevistado 1]?”), determina que o tópico constituinte “afazeres” seria inserido/ retomado (“Uhum. E aí o senhor ficou na lavoura até:: que idade?”) após o questionamento sobre a data de nascimento. Nesse mesmo fragmento, o gerenciamento do tópico pelo entrevistador é estabelecido por uma paráfrase (“Dezesete que o senhor falou?”).

Ao construir os eventos, os interlocutores criam e recriam cenas das quais emergem ações, processos, relações e estados dentro de um limite. Essa emergência mostra que (co)construímos cenas o tempo todo, ou seja, interagimos por cenas e caracterizamos eventos, os quais pressupõem um processo dinâmico que ocorre em um limite definido por uma relação de tempo e espaço motivada pela atenção com valoração. Quando qualificamos, a atribuição de valor é perceptível pela marcação temporal que caracteriza o evento. O que se sobrepõe é o emocional, uma vez que o tempo psicológico está na base da relação entre o tempo cronológico medindo o físico. Essa qualificação pode ser percebida no pareamento do Fragmento 11.

Fragmento 11

L1: E o senhor tinha convívio com os outros marceneiros, ou não, cada um na sua oficina, isolado...

L2: É, não, tinha convívio. Tinha uns outros lá igual eu, quando eu trabalhei no Padre Eustáquio, tinha diversas oficinas ali que a gente tinha convívio com eles.

L1: Uhum.

L2: Eles iam, visitavam a gente...

L1: Uhum.

L2: Né?

Ao expressar “quando eu trabalhei no Padre Eustáquio”, o entrevistado qualifica o acontecimento e caracteriza o evento por meio do tempo psicológico. Dessa forma, a cena é afetivamente construída agenciando a categoria espaço e tempo, demonstrando que, pela memorização, criativamente compomos e recompomos cenas em que o homem é inserido na sociedade.

Apesar de o tempo indicar a centração no locutor porque os fatos se organizam em referência ao EU instituído na enunciação e aos acontecimentos da vivência dele, no decorrer da conversação, percebemos que essa situação não privilegia o entrevistado como determinante na interação. Na verdade, toda a conversação foi gerenciada pelo entrevistador, seja o processo seja a (sub)determinação do tópico discursivo, e colaborativamente a memória sobre a experiência do trabalho de marceneiro, vivenciada no passado pelo entrevistado, foi construída pelos interlocutores. O que também comprova isso, e já mostrado ao longo deste capítulo, foi a incidência das suboperações e dos mecanismos discursivos, os quais serão detalhados nas entrevistas da costureira (ver 4.2) e da cozinheira (ver 4.3) a fim de comprovar o foco investigativo da minha Tese.

4.2 A entrevista com a Costureira

A Costureira, 79 anos, dialogou com o entrevistador durante 1 hora e 29 minutos nas dependências da PUC Minas. Inicialmente, após questionada pelo entrevistador, a Costureira informou que nascera em Belo Horizonte, teve quatro irmãos (três já falecidos à época da entrevista) e a profissão do pai era carpinteiro e da mãe, costureira. Ainda sobre a família, disse que era viúva e tinha duas filhas e três netos. Mencionou que conhecera o marido e se casara em Belo Horizonte.

Quanto ao ofício, falou que aprendeu a costurar com sua mãe e iniciou em uma fábrica de tecidos, de onde saiu, quando casou, para ocupar todo o tempo com os afazeres da casa e com a costura, pois disse gostar muito do referido exercício profissional. Ela trabalhou na fábrica e em casa até se casar; depois disso, somente ficou exercendo o ofício em casa até as filhas crescerem. Retornou para o trabalho na fábrica, concomitante ao ofício em casa, até se aposentar, momento em que se dedicou somente à clientela particular.

No decorrer da entrevista, falou sobre as máquinas que utilizava (de pedal, com motor e industrial) e como era utilizá-las, como teve dificuldades com a industrial e como havia diferença no produto final. Também informou que aprendeu tudo o que sabia com a mãe, a qual sempre costurou para clientes particulares e fazia roupas para crianças, homens e mulheres. Ela deixou claro que a mãe era bem criativa e zelosa, costurava com amor e sabia aproveitar retalhos para criar vestidos bem bonitos.

Inclusive ela informou que a mãe costurava para os residentes em uma instituição mantida pela entidade de São Vicente de Paulo, Cidade Ozanam, local em que foram morar após a morte do pai, porque a mãe ficou sem recursos financeiros para criar os filhos. Em relação à vida com a mãe e os irmãos, falou com pesar sobre a separação da família após a morte do pai. Como um dos irmãos tinha 10 anos, não foi aceito na instituição e teve que ir para outro local, conhecido como Instituto João Pinheiro, onde ficou até ter idade para servir o exército. Contou que iam visitá-lo aos domingos até a saída dele para o exército. Com o tempo, a mãe resolveu sair da instituição e alugar um barracão, mas, por não conseguir manter a família, enviou duas filhas (a entrevistada era uma delas) para trabalharem como empregadas em um colégio interno e ficou somente com o filho menor. Quando saíram do colégio interno, tentaram morar novamente com a mãe, mas esta ainda continuava sem recurso e, por isso, foram morar com a avó, com quem sofreram muito. Passado um tempo, a mãe resolveu reunir a família novamente e a entrevistada informou que foi a melhor situação que ocorreu, pois todos estavam juntos novamente e podiam trabalhar para ajudar, já estavam

crescidos. Nesse momento, informou que costurava ajudando a mãe, a qual faleceu quando a entrevistada tinha 20 anos.

Em relação ao ofício de costureira, a entrevistada informou como usava alguns instrumentos (por exemplo, a agulha, o dedal, a tesoura, a fita e o alfinete), explicou as técnicas de costura, falou sobre as dificuldades nos afazeres (utilizar a máquina industrial era a principal), os ensinamentos que recebia na fábrica, a desvalorização do ofício em relação ao de alfaiate e condições de trabalho. Ela destacou que sempre gostou do ofício e, mesmo que tivesse condição de escolher outro, continuaria como costureira. Expôs que, além de outras atividades, como caminhada, continuava, à época da entrevista, a exercer o ofício e que, se parasse, morreria.

Em outros momentos da interlocução, falou com certa tristeza sobre a vida de sofrimento que teve com o marido, o qual era alcoólatra e agressivo. Além disso, não valorizava o que a entrevistada fazia por ele. Quanto a isso, disse que procurava sempre se lembrar dos poucos momentos bons que teve com ele para amenizar o sofrimento.

Para finalizar a entrevista, a pedido do entrevistador, contou um caso ocorrido na época de sua infância, quando vivia na Cidade Ozanam, fato que mostrava momentos felizes ligados ao ofício de costureira, mas os quais não queria viver novamente, não queria voltar à época. O entrevistador encerrou o diálogo, agradecendo a colaboração da entrevistada, a qual deixou claro que reconhecia a importância do projeto e desejava que isso fosse uma forma efetiva de se valorizarem os ofícios.

Assim como na entrevista do Marceneiro, a da Costureira apresenta suboperações (Tabela 4) e mecanismos discursivos investigados nesta Tese, os quais demonstram estarem os interlocutores construindo tópicos discursivos no processo de memoração.

Tabela 4 – Incidência das suboperações na entrevista da Costureira

	Turno	Assalto a turno	Repetição de palavras	Alongamento de sílaba
Entrevistador	189	38	04	50
Entrevistado	182	16	25	21

Fonte: Autora deste estudo.

No Fragmento 12, temos incidências de alongamento de sílabas, de assalto a turno e de repetição.

Fragmento 12

L1: A senhora quando fa/falou que nasceu em trinta e qua::tro e com quatorze anos começou a trabalhar.

L2: Foi.
 L1: Então quer dizer que a senhora começou a trabalhar em 1948?
 L2: Foi.
 L1: Isso? Eh:: Em 1948 então era a... a prof/ a mulher que saía pra trabalhar:: era discriminada?
 L2: Era, eu acho.
 L1: Mas a senhora era menor de idade?
 L2: É, eu trabalhava na fábrica de tecidos, né? Lá e... e...
 |
 L1: A senhora fazia o que nessa fábrica?
 L2: Era:: no no tear, né? Tecia o... o... te/ eh:: eh:: o tecido, né? E também depois eu fui pra um/uma:: seção que chamava urdideira é que fazia o fio do... do... do... do... do... coisa pra tecer o pano, né? Era uma se/outra seção. Eu trabalhei lá também.
 L1: E a senhora fa/ficou quanto tempo nessa... nessa tarefa?
 L2: De quatorze anos, eu fiquei nove anos lá...
 L1: Na fábrica.
 L2: Na fábrica. Aí quando eu... eu tinha o quê... mais de vinte, né? Quando eu comecei a costurar... que aí eu saí da fábrica eu já fui pra fábric/pra pra costura.
 L1: Em casa a senhora chegava a... a cortar:: teci::do, fazer mol::de, como é que era?
 L2: É... não. Porque minha mãe eh:: também ela não aprendeu, ela não fez curso. Ela sabia prática, né? Então não tinha molde, eu punha uma na outra... Eu posso tomar água?
 L3: Fique à vontade.
 L2: Eu tomava...
 L1: Pode tomar á::gua, pode descansar um pouqui::nho.

Quando o entrevistador utiliza o alongamento de sílabas (“L1: Em casa a senhora chegava a... a cortar:: teci::do, fazer mol::de, como é que era?”), demonstra claramente a relação especular ao subdeterminar o tópico discursivo, delimitando inicialmente para a entrevistada duas possibilidades de abordar o tópico menor “desenvolvimento do ofício em casa”: cortar tecido e fazer molde. Em outro ponto do diálogo, percebemos um assalto a turno realizado pelo entrevistador: “L2: É, eu trabalhava na fábrica de tecidos, né? Lá e... e.../ [/ L1: A senhora fazia o quê nessa fábrica?”. Nesse caso, o entrevistador aproveitou um momento de hesitação da entrevistada, pela repetição de “e... e...”, para garantir que o tópico menor fosse “o desenvolvimento do ofício na fábrica”. Em outro ponto do diálogo, um momento de hesitação da entrevistada permitiu a interrupção do entrevistador, consentida pela entrevistada, para reforçar o tópico menor neste trecho conversacional: “L2: De quatorze anos, eu fiquei nove anos lá.../ L1: Na fábrica”. Na verdade, o entrevistador reformula a fala: de “lá” para “Na fábrica”. Nessa sequência dialógica, a entrevistada realiza a repetição de palavras em “L2: Na fábrica. Aí quando eu... eu tinha o quê... mais de vinte, né? Quando eu comecei a costurar, que aí eu saí da fábrica eu já fui pra fábric/ pra pra costura.”, confirmando o foco atencional sugerido pelo entrevistador. Nesse mesmo fragmento, podemos ver outras formas de hesitação, mas com a continuidade da fala pela entrevistada, a saber: “eu... eu tinha” (repetição hesitativa), “eh:: eh:: o tecido, né?” (alongamento) e “tinha o quê... mais de”

(pausa não preenchida). Além desse mecanismo, também ocorrem a interrupção e a paráfrase. No início do fragmento, o entrevistador faz uma paráfrase (“A senhora falou que nasceu em trinta e quatro e com quatorze anos começou a trabalhar.”), reformulando uma fala anterior da entrevistada e mantendo a relação semântica entre dois tópicos constituintes: “identificação pessoal” (tópico menor: “nascimento”) e “desenvolvimento do ofício” (tópico menor: “idade inicial para o trabalho fora de casa”). Em outro momento, a entrevistada faz uso de uma interrupção para se corrigir quanto a uma palavra: “já fui pra fábri~~c~~/ pra pra costura”.

Observamos, também, no Fragmento 12, uma ocorrência de digressão, a partir da qual confirmamos novamente que o entrevistador gerencia a topicalização discursiva, a saber: “L1: Isso? Eh:: Em 1948 então era a... a prof/ a mulher que saía pra trabalhar:: era discriminada?/ L2: Era, eu acho./ L1: Mas a senhora era menor de idade?”. Inicialmente o entrevistador recupera um tópico menor (discriminação à mulher trabalhadora) que havia sido desenvolvido em momento anterior do diálogo e, após a resposta da entrevistada, retoma outro tópico menor (idade inicial para o trabalho fora de casa). Na sequência, a entrevistada responde ao tópico (“É”) e insere outro (desenvolvimento do ofício na fábrica) que é, por uma interrupção do entrevistador (hesitação da entrevistada seguida de assalto a turno pelo entrevistador), confirmado, a saber: “L2: É, eu trabalhava na fábrica de tecidos, né? Lá e... e.../ [/ L1: A senhora fazia o que nessa fábrica?”.

Em específico ao gerenciamento da topicalização discursiva, no Fragmento 12, fica evidente que ele é feito pelo entrevistador, o qual determina estes tópicos menores ao longo da interlocução: nascimento; idade inicial para o trabalho fora de casa; desenvolvimento do ofício em casa; desenvolvimento do ofício na fábrica; discriminação à mulher trabalhadora. Esse gerenciamento, inclusive do processo, é ainda mais explícito no final do diálogo: “L2: [...] eu posso tomar água?/ L3: Fique à vontade./ L2: Eu tomava.../ L1: Pode tomar á::gua, pode descansar um pouqui::nho”. Ao pedir permissão para beber água e ser incitada a descansar um pouco, a entrevistada confirma o papel dominante do entrevistador no processo conversacional.

Em outro trecho, quando o tópico menor era “uso de molde no desenvolvimento do ofício”, o papel de determinação do tópico discursivo pelo entrevistador ficou evidenciado quando a entrevistada operou com a repetição sequencialmente, conforme apresentado no Fragmento 13.

Fragmento 13

L1: E dava certo?

L2: E dava certo.

L1: Sem o molde?
 L2: Sem o molde. Porque ela não aprendeu então ela não podia me ensinar porque ela também não sabia, né? Fazer molde, não... Ela aprendeu pela peça de roupa, né?
 L1: Uma, uma roupa servia de modelo pra outra?
 L2: Servia de modelo pra outra.
 L1: Colocava sobre o tecí::do...
 L2: Sobre o tecido.
 L1: E como é que marcava isso: com giz:: ou com:: alfinete?
 L2: Com lápis, né? Com lápis porque com caneta eh, não pode porque fica marcado, num:: de... num::, num:: desmancha, né? Agora o lápis não, eh::... fazia com lápis ou então giz, né? Quando, por exemplo, era uma calça pre::ta, um, um vestido escu::ro, aí é o giz porque é branco, né?... Pra marcar... Aí dava certo.

Percebemos que várias são as repetições (“E dava certo”, “Sem o molde”, “servia de modelo pra outra” e “sobre o tecido”), as quais confirmam novamente o que investigo e defendo nesta Tese, a saber: o entrevistador gerencia todo o processo de conversação, principalmente protagonizando a determinação do tópico discursivo, considerando, ainda, que todo o processo é uma atividade colaborativa entre entrevistador e entrevistada de construção coletiva de eventos memorialísticos sobre uma experiência de trabalho vivenciada por um deles no passado.

Outros mecanismos utilizados pelos interlocutores foram a tematização e os marcadores discursivos, que estão materializados no Fragmento 14.

Fragmento 14

L1: A senhora já participou de alguma associação:: de costure::ira de algum sindicá::to alguma coisa nes/nesse sentido?
 L2: Não.
 L1: Não?
 L2: Não, assim, de sindicá... não, não, não, não, não participei não.
 L1: Na fá::brica não tinha associação::...
 L2: Não.
 L1: Não tinha... um sindicato?
 L2: devia ter, né? Não sei, mas eu acho que não tinha não. Naquela época não tinha não. Era, era também na fábrica também era muito difícil. A gente não tinha... muita eh... opção nem nada não, nem muita... eh:: tinha era uma:: cooperativa... na fábrica tinha essa cooperativa, mas na na na na costureira sindicato... devia ter, né, mas eu nunca fiz eh coisa não.
 L1: Nunca fez par/
 [
 L2: Parte.

No início do fragmento, o entrevistador já anuncia o foco atencional que será desenvolvido pelo tópico menor “sindicalização”, aliás, subdeterminado por meio do alongamento de sílabas, o qual delimita a relação especular entre entrevistador e entrevistada. Além disso, os marcadores intratópicos são recorrentes no intuito de articular as unidades textuais, por exemplo, em “L2: Não, assim, de sindicá..., não, não, não, não, não participei não”. Ao proferir “Não, assim”, a entrevistada retoma a pergunta inicial feita pelo

entrevistador, estabelecendo a segmentação do diálogo no tópico discursivo em vigor.

O Fragmento 15 também apresenta explicitamente a tematização antecipada pelo entrevistador (tópico menor: “condições legais de trabalho”), com os mesmos objetivos de relação especular discursiva apontados no Fragmento 14.

Fragmento 15

L1: E como é que eram as condições de trabalho na fábrica em termos de de legislação. A senhora tinha uma carteira assina::da?

L2: É era carteira assinada, em todas que eu trabalhei tinha... até foi bom porque foi contando os anos pra eu aposentar, né? Então tinha a carteira assinada e... agora tinha uma coisa: igual eu... me puseram como contramestra. Era outra função, mas na minha carteira era o mesmo salário. Eu ganha::va por fora, ela me dava... mas na carteira não. Então quando eu aposentei... tinha que ser um salário... Então isso aí::... agora isso já deve ter mudado, né? Porque ninguém agora faz isso mais, né?

Em relação ao indicador temporal centrado no locutor, a Costureira apresenta fatos que se organizam em referência ao EU instituído na enunciação e aos acontecimentos da vivência dela, como podemos verificar no Fragmento 16.

Fragmento 16

L1: E quantos anos a senhora tinha quando a senhora casou?

L2: Eu tinha trinta anos.

L1: Ah sim.

L2: Aí quando eu casei, aí larguei a fábrica e fiquei em casa, costurando em casa, aí eu pegava costura na fábrica e levava pra casa e costurava em casa, até as meninas crescer, quando elas fizeram, ficaram maior né, e eu, aí eu saí pra trabalhar de novo nas fábricas.

L1: Entendi. Enquanto a senhora trabalhava em casa, eh:: aliás, o que a senhora gostava mais: da fá::brica ou de trabalhar em casa?

L2: Não, em casa. Era mais liberdade, né? Apesar de que o serviço rendia menos, porque na fábrica, na casa você tem que fazer de tudo, lavar, passar e e:: costurar também, e às vezes chega uma pessoa e você tem que sair. Então não é a mesma coisa que em uma fábrica, né?

Com as expressões “quando a senhora casou” e “quando eu casei”, o indicador temporal centra-se na entrevistada, incitando que os fatos são organizados tendo como referência o EU instituído na enunciação e os acontecimentos importantes provenientes da vivência dela. Mesmo assim, como já explicitado em 4.1, essa centração não privilegia o entrevistado como determinante na conversação, haja vista que toda a topicalização discursiva é gerenciada pelo entrevistador.

Enfim, todos os mecanismos e suboperações apresentados neste capítulo incidem sobre o mesmo foco: a memória sobre a experiência do trabalho de costureira é construída colaborativamente pelos interlocutores apesar de a condução do que vai ser falado ser feita

essencialmente pelo entrevistador, o qual é instituído como (co)construtor principal dos eventos memorados.

4.3 A entrevista com a Cozinheira

O diálogo desenvolvido entre o entrevistador e a Cozinheira, de 79 anos, teve duração de 1 hora e 13 minutos e foi realizado nas dependências do Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte, especificamente em um ambiente que representava uma cozinha própria da época da entrevistada. Assim como os outros entrevistados, a Cozinheira respondeu a questionamentos sobre a família (da infância à fase adulta), informações pessoais e o desenvolvimento do ofício.

Em relação à identificação pessoal, falou sobre a cidade em que nasceu, o ano, a profissão do pai (lavrador) e da mãe (doméstica) assim como a vida com os sete irmãos na cidade de Piumhi. Relatou que casou aos 17 anos e, após morar um tempo na cidade natal, mudou-se para Belo Horizonte com o marido com quem teve dez filhos. Disse que aprendeu muitos afazeres com a mãe, dentre eles: cuidar da casa, cozinhar, bordar, costurar e a fazer tricô e crochê.

Ao mencionar como aprendera a cozinhar com a mãe, detalhou como era o processo de arrumar um porco (desde a engorda até o abatimento e preparo na cozinha), fazer doces, farinha, quitandas, queijo e até fazer sabão. Para cada situação, detalhou o processo e ainda contou fatos que aconteceram com ela e os irmãos. Além disso, falou sobre as atividades que cumpriam na fazenda em que moravam, como cuidar dos animais e da plantação (café, alho, verduras, frutas, hortaliças, algodão, dentre outros).

Ela contou sobre a forma que tinham para se divertir: brincadeiras de socialização (passar anel, por exemplo), canto e dança, festas de Congado e cinema na cidade. Inclusive, ao final da entrevista, a pedido do entrevistador, cantou da mesma forma como fazia em sua infância e adolescência.

A Cozinheira disse ter orgulho da vida que levou e em momento algum se sentiu desvalorizada por ser dona de casa. Completou, ainda, dizendo que o estilo de vida dela na atualidade não é mais possível, pois as mulheres sentem necessidade de sair para trabalhar.

Em um determinado momento da entrevista, o entrevistador caminhou pelo ambiente que retratava uma cozinha e pediu à Cozinheira que falasse sobre os utensílios que estavam expostos. Mostrando conhecimento sobre o assunto, a entrevistada reconheceu e explicou o funcionamento de vários deles, dentre os quais estão o moinho, o aparador, o moedor de

pimenta, gamelas, fornos e tábuas.

Para encerrar a entrevista, a pedido do entrevistador, a Cozinheira falou sobre um fato que marcou a vida dela na fazenda, a saber: quando os vizinhos, em noite de lua cheia, reuniam-se para cantar. E encerrou a entrevista com agradecimentos e uma canção da época de infância e adolescência.

Assim como na entrevista oral do Marceneiro e da Costureira, a da Cozinheira apresenta mecanismos discursivos e suboperações investigados neste estudo, reforçando o que venho demonstrando em minhas análises: os interlocutores constroem e reconstróem colaborativamente os eventos memorialísticos sobre a experiência de trabalho, e o entrevistador é o gerenciador principal da topicalização discursiva, ou seja, é ele quem estabelece o tópico que será desenvolvido, ele é o sujeito principal da narrativa, o (co)construtor principal do discurso. Na Tabela 5, apresento o quantitativo dessas suboperações.

Tabela 5 – Incidência das suboperações na entrevista da Cozinheira

	Turno	Assalto a turno	Repetição de palavras	Alongamento de sílaba
Entrevistador	233	66	00	40
Entrevistado	173	34	16	35

Fonte: Autora deste estudo.

O Fragmento 17, que apresenta o tópico menor “local de moradia na infância”, materializa alguns desses mecanismos e suboperações.

Fragmento 17

L1: A senhora morou em Piumhi sempre? Ou a senhora mudou:: lá

[

L2: Não!

[

L1: ...na sua infân::cia.

[

L2: ...eu nasci lá, depois vim... nasci lá na roça, na fazenda, morei em Piumhi, estudei:: O pouquinho de estudo que tenho estudei na cida::de e:: depois, quando foi maio de sessenta e dois, é que eu vim pra Belo Horizonte. Eu casei com dezessete anos (risos) e ele com vinte e dois.

L1: Ah, sim.

L2: Aí:: nós moramos uns tempos lá::, né? Trabalhava com marcenaria::a, né? Depois viemos pra Belo Horizonte...

L1: Em sessenta e dois?

L2: Em sessenta e dois.

O entrevistador, por meio do alongamento de sílabas, tematiza o foco atencional (“moradia”) e indica duas possibilidades de resposta para a entrevistada: ter sempre morado

em uma cidade ou ter se mudado para outra. Na verdade, ele já topicaliza o que espera como resposta. A Cozinheira interrompe, recupera e articula a pergunta inicialmente pelo marcador discursivo “Não” e, ao longo da interlocução, utiliza “e:: depois” para continuar a abordagem topicalizada pelo entrevistador. Outros marcadores discursivos também estão materializados na interlocução (“Ah, sim”, “Aí”, “né” e “depois”), objetivando articular o segmento do texto falado. Com o uso de “Ah, sim”, o entrevistador mostra atenção ao diálogo, reforça seu posicionamento de gerenciador do processo e do tópico e passa o turno para a entrevistada, que, ao utilizar “Aí” e “depois”, retoma o tópico instituído pelo entrevistador; ao utilizar “né”, pede reforço em relação ao foco atencional em desenvolvimento.

Outra suboperação é a repetição de palavras, a qual ocorre em “L1: Em sessenta e dois?/ L2: Em sessenta e dois”, momento em que a entrevistada confirma o que foi delimitado pelo entrevistador.

Em relação ao assalto a turno, o Fragmento 18 tem essa suboperação materializada junto a outros mecanismos.

Fragmento 18

L1: A senhora fala que estudo::u que aprendeu::

[

L2: Eu estudei at.../lá só tinha na época só tinha quarta série primário e um curso de admissão. Eu fiz, né?

L1: Até a admissão?

L2: É:: só admissão eu fiz, mas num podia sair pra fora pra estudar:: porque::... os pais antigamente num deixava:: filho sair pra fora não::, de je::ito nenhum/

[

L1: Mas a senhora num tinha vonta::de de estuda::r...

[

L2: Ah::

[

L1: ...teve vonta::de?

L2: Ah! Eu tinha, gostava muito de estudar::

L1: É::?

L2: ...mas não tinha mais estudo lá, hoje lá tem faculdade, olha pro cê vê... Lá:: progrediu dema::is.

O assalto a turno foi recorrente neste fragmento e se manifestou, principalmente, pelo mecanismo da hesitação e interrupção. Houve dois casos de interrupção: primeiro, a do próprio locutor para reformular a fala; e segundo, a do interlocutor para inserir sua fala e continuar a segmentação tópica. O primeiro caso está materializado em “L2: Eu estudei at.../lá só tinha na época só tinha quarta série primário e um curso de admissão. Eu fiz, né?”, e está introduzido por uma pausa silenciosa que rapidamente é retomada pelo locutor. No segundo caso, materializado em “que aprendeu::/ [/ L2: Eu estudei at.../lá só tinha na época só tinha quarta série primário e um curso de admissão. Eu fiz, né?” e em “[...] de je::ito nenhum// [/

L1: Mas a senhora num tinha vonta::de de estuda::r.../ [/ L2: Ah::/ [/ L1: ...teve vonta::de?”, o alongamento (“je::ito”) possibilitou a interrupção do interlocutor que, de forma brusca, somente ocorreu posteriormente a este momento: “[...] de je::ito nenhum/”. Nos outros momentos de ocorrência do assalto a turno, houve alongamento (“aprendeu::”, “je::ito” e “Ah::”) e pausa silenciosa posterior a um alongamento (“vonta::de de estuda::r...”). Em todos esses casos, percebemos claramente a construção colaborativa e, em especial, o gerenciamento pelo entrevistador do tópico discursivo. Nesse fragmento, também percebemos uma digressão no momento em que a entrevistada desvia o tópico menor “estudo” para outro menor “obediência dos filhos aos pais”. Diante da situação, o entrevistador interrompe a entrevistada (assalta o turno) e retoma o tópico anterior, gerenciando todo o processo.

Outro elemento, alvo de investigação em minha Tese, é o tempo e está materializado no Fragmento 19.

Fragmento 19

L1: Os pa/ os pais da senho::ra eh:: eram de Piumhi também?

L2: Ah! Eh:: Eles num era de Piumhi não, meu pai é da Pimen::ta e lá tem muita fa/ muita gente da família dele. Inclusive meu sobrenome do meu pai, quando eu casei no civil, meu marido, o juiz num deixou eu colocar quatro nome. Acredita que tirou o sobrenome do meu pai pra pôr o do marido?... Olha pro cê vê, como é que as leis muda, né? Hoje ninguém é obrigado a fazer isso, né?...

L1: E qual, e qual/

[

L2: E eu... e eu... achei ruim dema::is mesmo.

[

L1: Qual que era o sobrenome do seu pai?

L2: Meu pai chamava Olegário Francisco Tomé e lá:: em Pimenta tem mui::ta família deste povo de... dele, né...

[

L1: A sua mãe.

[

L2: Ele era de Pimenta...

L1: Sim.

L2: E minha mã::e era de lá mesmo, ela nasceu em Pistais, minha mãe, mas ela... quando eu nasci, ela ainda morava lá em Pimen/

[

Neste fragmento, o indicador temporal centrado no locutor está materializado em “quando eu casei no civil” e “quando eu nasci”, mostrando que os fatos estão organizados tendo como referência o EU instituído na enunciação pela figura da entrevistada. Como já mostrei na análise do Marceneiro e da Costureira, na da Cozinheira ocorre a mesma incidência: o elemento tempo centrado no locutor não privilegia o entrevistado como determinante na interação, mesmo que os fatos estejam organizados de forma a evidenciar os acontecimentos importantes provenientes da vivência da Cozinheira. Na verdade, a topicalização discursiva é gerenciada pelo entrevistador.

Além do indicador temporal, no Fragmento 19, também está evidente a suboperação de assalto a turno, que se materializou a partir de uma pausa não preenchida após o marcador discursivo “né” (“L2: Meu pai chamava Olegário Francisco Tomé e lá:: em Pimenta tem mui::ta família deste povo de... dele, né...” e pela interrupção brusca que ocorreu nos outros casos.

Percebemos, com isso, que, assim como detectado na entrevista oral do Marceneiro e da Costureira, os mecanismos e as suboperações têm o papel de refletir a construção discursiva de eventos memorialísticos sobre o ofício, considerando que a topicalização discursiva é a principal operação e que a eventivação sobre a experiência do trabalho de marceneiro, costureira e cozinheira foi construída colaborativamente pelos interlocutores. Além disso, ficou evidente que a condução sobre o que vai ser falado foi feita essencialmente pelo entrevistador, que assume um papel de relação especular com os entrevistados.

4.4 Análise dos dados comuns à fala do Marceneiro, da Costureira e da Cozinheira

Nesta Tese, ao analisar essas três entrevistas orais, meu principal objetivo foi mostrar como a topicalização discursiva exerce influência direta em uma determinada situação interacional de construção e reconstrução de eventos memorialísticos. Durante a interlocução analisada neste estudo, entrevistador e entrevistado criaram e recriaram cenas, indiciando eventos em uma atividade de memoração sobre os ofícios de marceneiro, costureira e cozinheira. A partir da determinação de um tópico discursivo, os interlocutores predicaram e conjuntamente realizaram a construção da memória em uma eventivação dialógica.

Nas entrevistas orais analisadas, percebemos que os interlocutores construíram conjuntamente a memória a partir da vivência que o entrevistado carregava consigo. Ao ser estabelecido um foco atencional, os interlocutores predicaram sobre um tópico discursivo e estabeleceram uma conversação, a qual foi constituída pelos tópicos principal, constituinte e menor, interdependentes para a memoração sobre o ofício.

Considerando que a linguagem é uma atividade interativa, desde a primeira palavra os interlocutores vivenciaram e reelaboraram a realidade sobre os ofícios, construindo o significado no processamento discursivo. Os envolvidos nesse processo ouviram, falaram, concordaram, discordaram, interromperam, completaram, silenciaram-se, enfim, colaborativamente construíram o sentido, a memória que emergiu da vivência humana no mundo. Ao memorarem a existência a partir da topicalização discursiva, os interlocutores utilizaram operações discursivas diversas, colocando a língua em funcionamento e

promovendo a projeção de um EU que contrapõe um TU na instância enunciativa.

No caso desta investigação, subdeterminadas à principal operação de topicalização discursiva, estão em destaque as seguintes operações: assalto a turno, alongamento de sílabas e repetição de palavras. Essas três suboperações, assim como alguns mecanismos discursivos já delimitados neste estudo (paráfrase, tematização, hesitação, interrupção e marcadores discursivos), refletem a construção coletiva de eventos memorialísticos sobre o ofício de marceneiro, cozinheira e costureira. Neste documento, em 4.1, 4.2 e 4.3, foram explicitados fragmentos que materializaram as operações e mecanismos em análise, os quais efetivamente mostraram que, apesar de ser uma atividade colaborativa, a condução do que seria falado foi feita essencialmente pelo entrevistador, aquele que, a todo o momento, estabeleceu uma relação especular com o entrevistado. Outro dado de que isso seja verdade e efetivo, nas entrevistas orais analisadas, é a incidência de indicadores temporais centrados no locutor. Quando o tempo é centrado no locutor, a tendência é privilegiar o entrevistado como determinante na interação discursiva, pois as cenas evidenciam os acontecimentos importantes advindos da vivência do entrevistado. Neste estudo, independente de o elemento tempo estar centrado no locutor, toda a topicalização discursiva foi gerenciada pelo entrevistador, instituindo-se, dessa forma, como (co)construtor principal do discurso.

Outra situação importante e que refletiu expressivamente a relação especular do entrevistador sobre os entrevistados foi o ambiente. Com o Marceneiro e a Costureira, a entrevista foi realizada nas dependências da PUC Minas; com a Costureira, no Museu de Artes e Ofícios. Para manter o gerenciamento do tópico discursivo, a suboperação mais evidente foi o assalto a turno, com a qual o entrevistador conduzia o processo e determinava sobre o que predicariam. Ao analisar todas as entrevistas, detectei que o quantitativo de assalto a turno foi mais evidente na entrevista da Cozinheira (Tabela 6).

Tabela 6 – Quantitativo de assalto a turno

Entrevistado	Assalto a turno de L1	Assalto a turno de L2
Marceneiro	27	07
Costureira	38	16
Cozinheira	66	34

Fonte: Autora deste estudo.

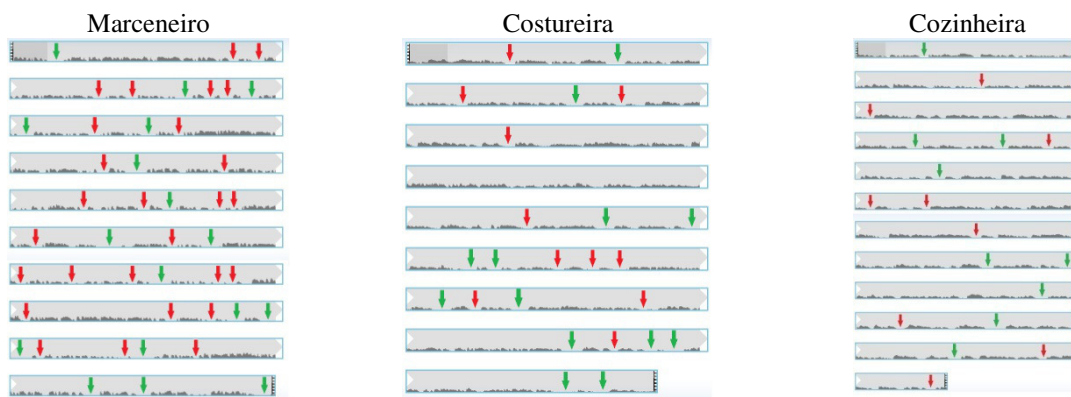
Em análise aos dados, percebi que o ambiente foi um fator decisivo para o desenvolvimento da entrevista – e respalda o que defendo em minha tese. Quando o entrevistado se encontra em um ambiente familiar, o gerenciamento do tópico discursivo tende a ser protagonizado por ele, o que pode ser comprovado pela quantidade de vezes que o

entrevistador assaltou turnos para retomar o tópico discursivo. Outra situação em que me pautei para concluir que o entrevistador gerenciou a topicalização discursiva foi a incidência de hesitações (com pausas silenciosas) proferidas pelos entrevistados.

Apesar de este estudo ser voltado à análise do processamento discursivo, julguei pertinente justificar a influência do ambiente por meio de dados quantitativos representados por ondas sonoras. Considero, no entanto, que o fator ambiente é uma vertente merecedora de um estudo à parte ao que aqui proponho, a fim de se apresentarem as várias configurações do ambiente e sua influência na interação dialógica. Isso não será feito neste estudo, tendo em vista que minha tese se configura em outro viés; mas fica aqui a possibilidade de um novo estudo com o *corpus* que ora analiso.

No diálogo com o Marceneiro e com a Costureira, houve vários momentos de pausas silenciosas, em detrimento aos poucos que aconteceram no diálogo com a Cozinheira, conforme observamos na Figura 2, a qual tem a representação gráfica de ondas sonoras, por meio do *software Movie Maker*, de um momento da entrevista oral em que o tópico menor era o “uso de ferramentas próprias do ofício”.

Figura 5 – Representação gráfica das ondas sonoras de parte das entrevistas



As setas verdes indicam as pausas maiores e as setas vermelhas, as menores.

Fonte: Autora desta Tese.

As pausas silenciosas (maiores e menores) na entrevista do Marceneiro e da Costureira demonstram que os entrevistados tiveram tempo para estruturar a fala e não eram interrompidos, a todo o momento, pelo entrevistador. Ao contrário, isso ocorreu com a Cozinheira, pois, em vários momentos, ela era interrompida pelo entrevistador para que o tópico discursivo fosse retomado.

Ainda em análise das ondas sonoras representadas na Figura 5, temos os seguintes dados, após conferir o vídeo com as entrevistas orais:

- a) na entrevista do Marceneiro, houve 2 assaltos do entrevistador e 1 do entrevistado e 3 pausas longas e 5 curtas do entrevistador;
- b) na entrevista da Costureira, houve 1 assalto do entrevistador e 2 da entrevistada e 2 pausas longas e 2 curtas do entrevistador.
- c) na entrevista da Cozinheira, houve 7 assaltos do entrevistador e 2 da entrevistada e 3 pausas curtas do entrevistador.

Essa análise nos leva a concluir que o ambiente familiar à Cozinheira foi um fator significativo para a incidência da suboperação de assalto a turno, por parte do entrevistador, haja vista que este, nos 7 casos apontados, teve que retomar o foco atencional, pois a entrevistada o estava desviando. A incidência mínima de pausas silenciosas nos mostra também que a Costureira praticamente não consentia a passagem de turno ao entrevistador, que o fazia pelo assalto a turno.

Para corroborar a tese de que o ambiente exerce influência no gerenciamento da topicalização discursiva, busquei outra entrevista oral em que o perfil dos entrevistados fosse semelhante. A Cozinheira se mostrou uma pessoa espontânea, alegre e extrovertida, perfil que podíamos encontrar também no Tropeiro. A conversa com o Tropeiro, ocorrida nas dependências da PUC Minas, durou 1 hora e 9 minutos e teve 5 assaltos a turno por parte do entrevistador, com a mesma finalidade das demais entrevistas: retomar ou inserir tópico. Percebemos, com isso, que, em específico às características deste estudo, o ambiente exerce, sim, influência no gerenciamento, por parte do entrevistador, da topicalização discursiva.

Nos três casos, foram consistentes e unânimes as seguintes situações: o entrevistador assaltou o turno para retomar ou inserir o tópico que se desviava do planejado; ele aproveitou as hesitações (com pausas silenciosas ou preenchidas) para interromper e gerenciar o tópico; os entrevistados assaltavam o turno para responder (algumas vezes com repetição de palavras) ao questionamento do entrevistador ou para terminar a fala (esse último caso, mais recorrente com a Cozinheira). Por fim, todas as situações reforçaram o que se investiga nesta Tese, ou seja, o entrevistador, além de gerenciar o processo da entrevista, também gerencia a topicalização discursiva e se institui como (co)construtor principal do evento memorado.

4.5 O entrevistador como autor principal na conversação com o Sapateiro, o Tropeiro e a Bordadeira

Neste capítulo, por meio de um estudo comparativo com as demais entrevistas,

reforçarei a minha tese de que o entrevistador se institui como (co)construtor principal da conversação ao passo que gerencia o processo e a topicalização discursiva. Para ser mais didática quanto à minha defesa, agruparei as informações pelas três suboperações que abordo nesta Tese e também por outras categorias que complementarão a análise, o que está exposto em 4.5.1.

4.5.1 Breve descrição do Sapateiro, do Tropeiro e da Bordadeira

Os entrevistados 4, 5 e 6, respectivamente, o Sapateiro, o Tropeiro e a Bordadeira, construíram a conversação orientados pelo mesmo roteiro de tópicos constituintes: identificação pessoal (nome, idade e local de nascimento), família (da infância à fase adulta) e prática profissional. À época, as idades eram: Sapateiro, 66; o Tropeiro não manifestou a idade em momento algum; e Bordadeira, 82. Todos já estavam aposentados e participaram da entrevista nas dependências da PUC Minas.

O diálogo com o Sapateiro durou 55 minutos e 50 segundos. Assim como ocorreu com os demais, o entrevistador pediu que o entrevistado falasse um pouco sobre a família, local de nascimento e profissão dos pais. Após relatar que os pais eram lavradores em Carmo da Mata, cidade na qual frequentou até o terceiro ano escolar, informou que a esposa era viva e tinha dois casais de filhos.

Por volta de 1961, mudou-se para Belo Horizonte e inicialmente trabalhou como cozinheiro. Depois, aos 12 anos, foi trabalhar como faxineiro em uma fábrica de calçados masculinos e por lá ficou quase 6 anos, época em que também trabalhou com calçados, via os funcionários trabalhando e aprendeu a profissão. Ele mencionou quais eram suas tarefas na fábrica e que saíra de lá para constituir seu próprio negócio: inicialmente fabricava sapatos e os vendia e, depois de aumento da concorrência, passou a fazer somente reformas e continuava no mesmo local, Bairro Coração Eucarístico, há 49 anos.

Ao ser questionado sobre o ambiente da sapataria, contou sobre as dificuldades vividas em relação ao local que era pequeno, ao horário cansativo de trabalho e ao desânimo por não ter, no início, muita clientela. Com o passar do tempo, tudo foi melhorando e ele viu no conserto a sua garantia de renda para sustentar a família. Ele também falou sobre as ferramentas de sua época, a diferença do trabalho de sua época – tudo manual – e o da atualidade – a maioria já pronta de fábrica, somente sendo usada para encaixe, por exemplo. No decorrer da entrevista, ele explicou a utilidade de algumas ferramentas, como a lixadeira, o martelo, a agulha de mão e a máquina de remendo.

Quando o entrevistador perguntou sobre a presença dos filhos para continuidade da profissão dele, o Sapateiro disse que tentou ensinar, mas os filhos não quiseram aprender e seguiram áreas distintas: um se graduou em Contabilidade e outro em Informática.

Em relação à valorização na profissão, afirmou que isso aconteceu com ele, principalmente porque as pessoas lhe davam preferência devido ao trabalho de qualidade que fazia, além de ser muito conhecido pela população. Quando o entrevistador perguntou sobre o diferencial do serviço de antes e o da atualidade, o entrevistado destacou que os materiais recentes eram mais fracos e isso fez com que ele ainda tivesse mais conserto e retorno financeiro. Na época dele, a produção era mais lenta e praticamente tudo era feito manualmente.

Para encerrar o diálogo, o entrevistado mencionou que ainda estava na ativa e que os outros que atuavam no bairro já haviam parado ou falecido e, mediante as circunstâncias de falta de interesse dos mais novos pelo ofício, a tendência é de não mais existirem sapateiros. Após ouvir do Sapateiro que este possuía clientes fiéis há cerca de 40 anos, o entrevistador perguntou se houve algum fato marcante na vida do entrevistado. Ouvindo dele que não se lembrava de nada sobre isso, agradeceu ao entrevistado e encerrou o processo.

Com o Tropeiro, a conversação durou 1 hora e 9 minutos. Após esclarecer o que era o projeto de que ele estava participando, o entrevistador perguntou sobre a família, local de nascimento e profissão dos pais. O Entrevistado 5 priorizou informações sobre o pai e o avô, que eram tropeiros, somente falando o nome da mãe nos primeiros instantes e nenhuma outra informação sobre ela. Em um dos poucos momentos que mencionou a família, disse que fora casado e tinha dez filhos. Mencionou que nascera e vivera em Ipoema, em Minas Gerais, e começou a aprender a profissão, na época das férias, quando tinha 8 anos. Desde então, continuou o ofício e parou em 2005.

Em relação aos estudos, disse que, por só existir aquela fase, estudou até o terceiro ano, época em que aprendeu a ler um pouco e a fazer conta utilizando as quatro operações matemáticas. Informou que, há pouco, voltara a estudar na Educação de Jovens e Adultos e que estava aprendendo a matemática moderna.

Ele relatou, sempre com muitos detalhes, como era a vida do tropeiro, o que acontecia durante o trajeto da viagem, os preparativos e duração da viagem, os produtos que transportava e como fazia isso, assim como os momentos de diversão e a comida típica: o tropeiro. Para relatar as informações, ele não considerava datas e, a todo o momento, utilizava expressões como “naquele tempo”, “um dia”, “antigamente” e “aquele tempo”.

No decorrer da entrevista, sempre com detalhes e priorizando, com simpatia, tudo o

que o ofício lhe permitia fazer, mencionou os equipamentos que utilizava na época, como peitoral, chicote e azião. Explicou como fabricava o chicote e que ainda fabricava tacho de cobre, algo que aprendeu depois de certa idade somente vendo uma vez outra pessoa fazer. Aliás, mostrou-se habilidoso em várias situações, a saber: consertar cangalho, fazer arreio e consertar motor de jipe.

O Tropeiro mostrou-se satisfeito com a profissão e, apesar da tranquilidade e de gostar do que fazia, não sentia saudade, mas considerou que recordar os momentos vivenciados é o que ficou de mais marcante para ele. Encerrou a entrevista dizendo que o ofício de tropeiro deveria ser mais valorizado, principalmente porque muito do que existe atualmente se deve ao trabalho dos tropeiros que carregavam alimentos, produtos e madeiras de um lugar para outro, passando por trilhas perigosas e viajando por dias.

Com a Bordadeira, o diálogo ocorreu em 54 minutos e 37 segundos e, ao inicialmente ser perguntada sobre a família, local de nascimento e profissão dos pais, respondeu que os pais eram lavradores e que a família era bem grande: com 13 filhos. Ela falou que moravam em Dois Guanhões e lutaram muito para estudar, pois tinham que caminhar bastante para frequentarem as aulas na cidade. A Bordadeira elogiou a escola, os professores e a educação que recebera, inclusive falou que a qualidade da época era difícil de encontrar na atualidade e mencionou ter aprendido o ofício durante as aulas dedicadas a trabalhos manuais, quando ela tinha 10 anos.

A Entrevistada 6 era viúva, tinha um casal de filhos e não se sentia à vontade para falar sobre o primeiro casamento. O segundo casamento ocorreu com um viúvo que tinha 6 filhos, dos quais 5 ficaram com ela.

Ela mencionou que, antes do ofício de bordadeira, trabalhou até os 20 anos na roça, plantando, capinando e fabricando fumo. Dos 20 aos 22 anos, foi babá de dois garotos; aos 22 se casou, ficando em casa para cuidar da família; aos 30 anos, começou a exercer o ofício de bordadeira, pois sentia muita falta dos bordados que fazia. Passado um tempo, deixou o bordado e foi costurar. Ela disse, ainda, que fizera um curso para aprender o bordado à máquina e exercia o ofício somente à noite, pois, durante o dia, precisava dar conta dos afazeres da casa e costurar. Em um determinado período, quando os filhos já estavam criados, ela parou de bordar, fez curso de cabeleireira e estruturou, com a ajuda do marido, um salão em casa, profissão que exerceu por um tempo até voltar a bordar.

No decorrer da entrevista, ela descreveu alguns tipos de bordado, como o ponto cruz, o bordado cheio, ponto de pena e o macramê, inclusive mostrando alguns modelos que havia levado, e sobre os instrumentos, como a linha e os tipos de agulha. Também disse, quando

questionada pelo entrevistador, que o ofício não era muito valorizado, pois as pessoas achavam o trabalho muito caro. Nesse momento, a Bordadeira se mostrou satisfeita por ter ficado em casa cuidando da família e dos afazeres e tendo criado os filhos com a ajuda dos bordados e da costura que realizava em casa nos momentos de folga. Ela também descreveu a diferença do bordado a mão e do feito a máquina e disse que continuava a exercer o ofício por gostar muito e também para complementar a renda de um salário mínimo que recebia.

Ao comparar as ações do passado com as atuais, a entrevistada informou que antes havia mais qualidade nas peças fabricadas/ produzidas e mais interesse pelos produtos. Ela mencionou que os jovens dizem não ter paciência para aprender a bordar e que, por isso, o ofício não é muito valorizado e corre o risco de se extinguir.

Para encerrar, a Bordadeira achou importante deixar um recado para as pessoas a fim de que elas passassem a valorizar mais o que possuíam, a facilidade para se conseguir praticamente tudo, diferente da época de juventude da entrevistada. Ela reforçou a importância do projeto sobre o ofício e se mostrou satisfeita em poder contribuir.

4.5.2 *Análise das suboperações confirmadoras do entrevistador como (co)construtor principal da conversação*

Em análise à entrevista oral do Sapateiro, do Tropeiro e da Bordadeira, assim como nas demais, percebemos que as três suboperações discursivas já destacadas anteriormente são recorrentes (Tabela 7).

Tabela 7 – Incidência das suboperações na entrevista do Sapateiro, do Tropeiro e da Bordadeira

	Sapateiro		Tropeiro		Bordadeira	
	L1	L2	L1	L2	L1	L2
Turno	179	179	79	75	220	203
Assalto a turno	10	15	07	06	27	25
Repetição de palavras	12	29	01	09	11	34
Alongamento de sílabas	53	60	29	39	33	24

Fonte: Autora deste estudo.

Por meio do assalto a turno, do alongamento de sílabas e da repetição de palavras, as cenas sobre o ofício artesanal ou manufatureiro são construídas coletivamente tendo o entrevistador como principal gerenciador do processo de memorização e da topicalização discursiva, o que será exposto nos fragmentos delimitados neste capítulo.

No Fragmento 20, encontramos uma evidência de alongamento de sílaba, momento

em que o entrevistador já delimita as duas possibilidades de resposta do entrevistado.

Fragmento 20

L1: E o senhor prefere usar esse material hoje que já vem tudo pronto ou o senhor fazer todo esse material e ter melhor qualidade?

L2: Ah! Ter bem mais melhor qualidade... de sola. Não, porque o, porque geralmente o sapato que está vindo hoje... tudo é sintético... porque a... a sola é BEM MAIS CARA do que a borracha... eu eu falo com o freguês assim ó: “O de o o de sola fica em tanto, o de borracha fica em tanto”. “Ah! Não. Mas eu comprei esse sapato novo por TANTO... então você põe a o o o mais barato”. Então é onde que eh:: eh:: eh:: hoje, como é que fala, eh:: reciclagem né? Tudo isso é... é... reciclagem. Sapato, solado de borracha... sai mais barato. Agora de sola não, de sola de couro não, solado de couro não tem que, já vende as placas do:: do:: da sola né, cortar::, dobrar certinho, colar::, costurar::. Que antigamente não, antigamente cortava tudo, a gente... a gente costurava tudo na mão na base das fivelas. Agora não, hoje já tem a:: o bráqui. Que às vezes sola, leva LÁ na Rua Guarani... para costurar o o solado... agora está tudo fácil. Antigamente não, antigamente tudo era:: manual eh:: eh::... usava jiga, que a jiga era uma coisa para queimar as beiradas do sapato assim para dar o acabamento, dava até até calo na na aqui olha, usava aquela cera com com com carneiro... Agora hoje não, hoje tá tudo fácil.

Ao questionar o Sapateiro, atribuindo-lhe duas alternativas por meio do alongamento de sílabas, o entrevistador já antecipa a resposta pretendida ao enfatizar a palavra “fazer”: “L1: E o senhor prefere usar esse material hoje que já vem tudo pronto ou o senhor fazer todo esse material e ter melhor qualidade?”. Por meio das alternativas, o entrevistador questiona e instiga a elaboração da cena predeterminada, qual seja: a de que o viável seria fazer o material para ter mais qualidade no serviço. Essa construção coletiva das cenas é confirmada pelo Sapateiro quando ele inicia com a alternativa antecipada pela pergunta (“Ter bem mais melhor qualidade... de sola.”) e ainda apresenta entonação enfática para confirmar isso (“a sola é BEM MAIS CARA do que a borracha...”).

Em relação à tese que proponho, o Fragmento 20 é uma das confirmações de que o entrevistador é (co)construtor principal do evento memorialístico construído, pois, mesmo diante de várias hesitações e pausas do entrevistado, ele não o interrompe nem assalta o turno, pois percebe que a resposta pretendida está sendo construída no momento. Tanto isso é verdade que, em outros momentos da conversação, o entrevistador interrompe o Sapateiro para que este fale o que aquele já estabeleceu, conforme podemos ver no Fragmento 21.

Fragmento 21

L1: Tá. Então o horário de almoço do senhor é muito rápido?

L2: É:: é:: é::... rapidinho mesmo, uma hora, duas horas, que::... eu vou lá pegar o almoço, almoço lá, às vezes eu estou lá almoçando chega um freguês, largo a marmitta pra lá, vou lá atender eles lá e TAL e VEM e começa de NO::vo e::.

L1: Até que horas o senhor fica... no trabalho?

L2: Até seis ho::ras:: cinco e mei::a. Eu pego eh:: eh:: quatro e meia da manhã::, quinze da man/ quinze pra cinco da manhã::, vou até essa hora...

[
L1: Por que...

[
L2: ...porque vai dando cinco horas da tarde a gente está... com aquele cheiro de cola... a gente fica até:: dopado, entendeu? Então tem que saí mais cedo pra... principalmente com esse tempo de calor, Nossa Senhora! Com esse calor a gente sofre mesmo.

Mesmo diante de várias pausas (alongamentos e hesitações) do entrevistado (“É:: é:: é::... rapidinho mesmo [...]”; “[...] que::... eu vou lá [...]”; “[...] a gente está... com aquele cheiro de cola... [...]”), o entrevistador percebe que as cenas construídas serão do modo como ele havia planejado e não o interrompe. No entanto, quando ele percebe que o Sapateiro poderá introduzir outro tópico diferente do que ele havia proposto, interrompe-o e garante a sequência da cena a ser construída: “vou até essa hora.../ [/ L1: Por que.../ [/ L2: ...porque vai dando cinco horas da tarde a gente está [...]”.

Outra suboperação que evidencia o entrevistador como (co)construtor principal é a repetição de palavras exposta no Fragmento 22, que demonstra vários momentos em que ela é recorrente.

Fragmento 22

L1: Nesse período, o senhor já era casado?

L2: Era casado.

L1: Casado?

L2: Casado!

[...]

L1: Quando o senhor começou fazer conserto, o senhor chegou a fazer tudo na MÃO?

L2: Tudo na mão! Quando eu comecei, era tudo era tudo na mão. Lixava na lixava na mão:: com gro::za. Groza é uma espécie de uma lima, só que tem que ela, os dentes dela é mais mais larguinho assim, né. Pra lixar:: as capinhas do do do salto do acabamento... agora hoje não, hoje é tudo hoje é tudo pronto.

Nos primeiro e segundo pareamentos de perguntas e respostas do Fragmento 22, podemos perceber a repetição que reforça a autoridade do entrevistador, ou seja, ele comanda a forma como a resposta será dada. Quando ele usa a expressão “era casado”, o entrevistado responde com as mesmas palavras, o que é reforçado, no segundo pareamento, quando a pergunta é feita com uma palavra (“casado”) e a resposta é feita somente pela única palavra. Mais à frente, quando, na pergunta, o entrevistado ouve o questionamento reforçado enfaticamente no trecho “tudo na MÃO”, ele atende à indução do entrevistador e começa sua resposta com as mesmas palavras, ou seja, “Tudo na mão”; e ainda a repete na frase seguinte: “Quando eu comecei, era tudo era tudo na mão”.

Na entrevista com o Tropeiro, todas essas suboperações também foram evidentes. No

Fragmento 23, podemos ver a indução da resposta, promovida pelo entrevistador, quando ele utiliza o alongamento de sílabas para destacar qual a cena a ser construída, bem como tem reforçado tal gerenciamento quando a resposta seguinte é uma repetição idêntica da pergunta feita pelo entrevistador.

Fragmento 23

L1: E e ficava encarregado SÓ de fazer transporte de mercadori::a ou tinha outra coisa que que vocês assim produziam alguma mercadoria também?

L2: Não. Era só mercadoria que se produzia: era cacha::ça, café::, eh touci::nho... essas coisas que a gente trazia, da da da fazenda o que saía era isso.

L1: Produção própria?

L2: Produção própria.

Além disso, ao reforçar enfaticamente com “SÓ”, o entrevistador demonstra qual a resposta esperada à cena que coletivamente ele e o entrevistado constroem na conversação.

Em outro momento da interlocução, podemos perceber o gerenciamento do processo pelo entrevistador, quando ele utiliza a repetição para reforçar que a última palavra deve ser a dele. Isso está exposto no Fragmento 24.

Fragmento 24

L1: E lá nos acampamentos então tinha essa essa essa coisa... parava/paravam mui::tos tropeiros nesses acampamentos de uma vez?

L2: Quase todos... eh naquele tempo era muita tropa, era difícil você chegar a um acampamento que tinha duas dois dois lotes de burro só. Geralmente tinha tinha dia que você chegava e tinha cinco seis tropas, às vezes você chegava... a pessoa já tinha chegado mais ce::do, chegava e saía antes da gen::te, mas geralmente saía tudo é de manhã mesmo.

L1: Sim... Aí então eh chega::va de manhã e saía à tar::de?

L2: Não. Chegava à tarde...

[

L1: Chegava à tarde e saía de manhã.

L2: Geralmente você saía de manhã, quando era mais ou menos meio dia, você já estava no rancho. Ali você ficava o resto do dia eh::... descansando os burros pra no outro dia cedo sair.

Para reforçar o seu posicionamento de (co)construtor principal da conversação, o entrevistador, após perceber que havia se equivocado com a resposta, assalta o turno iniciado pelo entrevistado e completa a cena: “L1: Sim... Aí então eh chega::va de manhã e saía à tar::de?/ L2: Não. Chegava à tarde.../ [/ L1: Chegava à tarde e saía de manhã”.

Outra situação que demonstra a tese deste estudo quanto à função do entrevistador evidenciada pela topicalização discursiva, e que está materializada no Fragmento 25, ocorreu no momento em que a entrevista foi interrompida pelo toque de celular do Tropeiro, enquanto ele explicava como se fazia um chicote.

Fragmento 25

L1: O o chicote é você mesmo que faz?

L2: Eu faço chico::te, eh:: faço ta::lha, faço muita coisa de de de de correia eu faço quase tudo.

L1: Explica um pouco pra gente como que você fa/ produz o chicote, como é que faz.

L2: O chicote você pega o couro né, o couro e... aí você corta as corre::ias, né? Pela o couro com o canive::te, corta as corre::ias e vai trançando... Aí sai sai essa iapa aqui ó. Você pode fazer isso que eu fiz aqui, está entendendo? Aí essas iapas que ficar cur::ta eu posso fazer desse quadriculado umas três iapas, aí você muda, tira ela fora, muda... meu Deus do céu, gente... Desculpa, desculpa...

((Toque do celular; algumas gargalhadas e trechos incompreensíveis))

L1: ... porque é na PU::C, uma entrevis::ta...

L2: Eu vou falar com ela assim: “Mas ó...”. Está gravando não, né? Não, eu não posso falar o que eu ia falar, não.

L1: Aí pode continuar explicando como é que é a montagem do do chico::te, como é que produz ele.

A posição de (co)construtor principal do entrevistador está tão delimitada na conversação que o Tropeiro iniciaria um novo tópico, porém percebe que não seria aceito no momento. E reforça isso ao questionar se estava gravando, a saber: “Eu vou falar com ela assim: “Mas ó...”. Está gravando não, né? Não, eu não posso falar o que eu ia falar, não”. Ele já entende que o acordo estabelecido implicitamente na conversação o impede de predicar sobre tópicos diversos; tanto que o entrevistador retoma a fala e expõe ao entrevistado qual seria o tópico para continuidade da construção das cenas, qual seja: a explicação sobre a montagem de um chicote.

Essa mudança de tópico pelo entrevistado, com a retomada pelo entrevistador, também ocorreu em outros momentos da conversação, assim como apontado no Fragmento 26.

Fragmento 26

L1: Aí a gente falou um pouco do tocador de burro e do tropeiro, que era o dono da tropa. No seu caso... você já foi tocador de bu::rro ou sempre foi tropeiro?

L2: Sempre eu fui tropeiro, mas sempre eu and/ mas sempre eu fui dono de tropa... sempre eu fui dono, mas não é que a primeira tropa eu comprei. A primeira tropa o meu pai me deu lote de burro. Ele:: eu fiquei com:: ele me deu esse lote de burro, aí:: depois que o burro ia ficando velho, ia sempre reformando... e pra gente::... muitas vezes eu eu eu tocava também os burros, você está entendendo? E na/ no caso de eu estalar o chicote quando estava passando na ou chegando na ru::a, você estalava o chico::te, mas eh::... pra poder mesmo alertar aquelas pessoas que estávamos chegan::do, né? E muitas vezes você tinha tinha algumas pessoas que você já tinha vontade de ver... Então estalando o chicote e ela apareci::a, não é isto?.. Porque você vai ver, faz um barulhinho bem forte... é quase igual um um um... revólver trinta e oito. Num:: faz um barulho bom.

L3: E se e se fizesse um barulho desses na cidade tinha gente que ficava feliz?

L2: Ah::! Com certeza [risos], com certeza ficava, não é? Eh::

[

L1: E que que era esse lote de burro? Quantos burros tinham nesse lote?

Quando o entrevistador, pelo alongamento de sílaba, delimita para o Tropeiro que ele se reconstitua na cena como um tocador de burro (“No seu caso... você já foi tocador de bu::rro ou sempre foi tropeiro?”), a resposta não é imediata para tal função. Em um primeiro momento, talvez por considerar uma função menor no ofício de tropeiro, o entrevistado se reforça como dono de tropa, tropeiro e portador de lotes de burro para só depois se assumir como tocador de burro, assim como fora delimitado pelo entrevistador (“[...] muitas vezes eu eu eu tocava também os burros, você está entendendo?”). Neste único momento em que se localizou na cena como tocador de burros, rapidamente buscou mudar o tópico menor, falando sobre como fazia com o chicote para avisar às pessoas que estava chegando a um determinado local. Nesse momento, outro entrevistador (L3) assume o turno e busca continuar, por meio de uma pergunta, a construção da cena em que o Tropeiro mostrou existirem pessoas que ficavam felizes com a presença deles. Assim que iniciou a resposta e apresentou uma hesitação (“Eh::”), o entrevistador principal, por meio do assalto a turno, retomou o tópico constituinte e novamente se mostrou como sujeito principal da conversação.

Com a Bordadeira, esse gerenciamento do entrevistador também foi evidente por meio do assalto a turno, do alongamento de sílabas e da repetição de palavras. No Fragmento 27, temos alguns exemplos do gerenciamento do entrevistador.

Fragmento 27

L1: É::? Aí a senhora então nunca pensou em substituir o trabalho a mã::o pelo trabalho à máquina? Fazer tudo à máquina?

L2: Não, tudo a mão. Quando eu bordei:: eu bordei muito à MÁquina, bordei muita blu::sa mui/muita coisa à máquina.

L1: À máquina?

L2: À máquina.

L1: Aí a senhora deiXOU de bordar a mão?

L2: Deixei. Aí eu parei de bordar a mão pra bordar, à máquina é muito mais fác/mais rápido.

L1: É::? E o resultado é tão bonito a senhora acha quanto? Mesmo? O resultado assim, na hora que a senhora olha o bordado a mão e o bordado à máquina?

L2: O bordado a mão ele é mais boni::to...

[

L1: É?

L2: Né?... Você pode ver uma, você faz uma:: aplicação... na máquina e faz uma aplicação na mão pra você ver.

L1: A mão é mais bonito?

L2: A mão é mais bonito.

Inicialmente, quando o entrevistador apresenta duas possibilidades e induz o foco da resposta por meio do alongamento de sílabas (“[...] substituir o trabalho a mã::o [...]”), mesmo repetindo, ao final da pergunta, se o bordado deveria ser feito todo à máquina (“É::? Aí a senhora então nunca pensou em substituir o trabalho a mã::o pelo trabalho à máquina? Fazer

tudo à máquina?”), a entrevistada repete palavras da primeira e segunda opções, reforçando a resposta pretendida pelo entrevistador, qual seja: “Não, tudo a mão”. Na sequência, há outros três momentos em que a repetição de palavras reforça o domínio do entrevistador:

- a) primeiro pareamento: “L1: À máquina?/ L2: À máquina.”;
- b) segundo pareamento: “L1: Aí a senhora deiXOU de bordar a mão?/ L2: Deixei. Aí eu parei de bordar a mão pra bordar, à máquina é muito mais fácil/mais rápido.”;
- c) terceiro pareamento: “L1: A mão é mais bonito?/ L2: A mão é mais bonito”.

Percebemos que, para as três perguntas, a entrevistada poderia ter respondido “Sim”, mas, devido ter sido o gerenciamento da conversação delimitado desde o início pelo entrevistador, a única resposta possível seria pela repetição. Há casos, como o apontado no segundo pareamento, que a indução da resposta (“Deixei”) era feita pela entonação enfática na pergunta (“DeiXOU”). Inclusive defendo isso apontando outros momentos em que a repetição fora delimitada pelo entrevistador na pergunta (Fragmentos 28 e 29). No Fragmento 28, ao predicarem sobre o tópico menor “vida escolar”, o entrevistador delimitou pelo alongamento de sílabas (“Era gran::de ou peque::na?”), quais as duas possibilidades de resposta. Ao obter, como resposta, um termo diferente (“[...] era muito boa”), o entrevistador tornou a perguntar, naquele momento já abordando como seria a construção da cena referente ao tamanho da escola.

Fragmento 28

L1: Como é que foi, a senhora chegou a frequentar a esco::la?

L2: Frequentei.

L1: Como é que foi essa época, Dona X, conta pra nós?

L2: Nós só andávamos:: uns sete quilômetros, nós morávamos longe, sete quilômetros da de Dores... e a gente vinha para Dores pra...

[

L1: Ter aula na cidade?

L2: É, era. Lá tinha... a gente estudava lá.

L1: E como que era a escola? A senhora lembra? Era gran::de ou peque::na?

L2: Não, a escola era muito boa.

L1: É::?

L2: Era, um prédio muito bom.

L1: Grande a escola?

L2: Gran::de. Professores Ótimos, que hoje a gente custa encontrar... e:: o ensinamento naquele tempo – eu vou vou completar – o ensinamento naquele tempo... é o ginásio de hoje.

L1: É::?!

L2: Era mui::to bem feito o ginásio, era bem feito.

Dessa forma, diante da resposta preestabelecida pelo entrevistador e confirmada pela entrevistada, esta continuou a construção da cena não mais informando as condições do

prédio, mas sobre a qualidade do ensino. Se a entrevistada não tivesse iniciado a resposta com o que fora pretendido pelo entrevistador (“Gran::de”), certamente nos três momentos em que seria possível (duas hesitações e um alongamento), o entrevistador teria assaltado o turno e gerenciado novamente o tópico discursivo. E nova confirmação temos quando o entrevistador não interrompe, mas reforça a cena construída por meio do alongamento “E::?!” e ainda dá a oportunidade para que a entrevistada complete a fala: “Era mui::to bem feito o ginásio, era bem feito”.

O Fragmento 29 também reforça o gerenciamento do tópico discursivo e até a forma como ele deve ser expresso.

Fragmento 29

L1: É::! A senhora lem::bra de coisas da escola que a senhora tenha aprendido e falado: “Nó:: Isso eu aprendi pra nun::ca mais esquecer”?

L2: É, eu aprendi o ponto de cruz.

L1: A senhora apren...

[

L2: Bordado.

[

L1: Na esco::la...

[

L2: Na escola.

[

L1: Dona X?

L2: Tinha um dia na semana, que tin/era... uma um dia na semana era uma vez... catecismo numa semana e na outra semana trabalhos manuais...

[

L1: Ah::!

L2: E aí eu aprendi... aprendi todas as duas coisas.

L1: É, né::?

L2: É.

L1: Então a senhora aprendeu os primeiros pontos do bordado pequenininha na escola?

L2: Foi, no quar/ foi o, o... só o ponto cruz

[

L1: Isso!

L2: ...que eu aprendi.

L1: O primeiro ponto, né?

L2: O primeiro ponto.

L1: Quantos anos a senhora tinha?

L2: Ah! Eu tava com uns::... uns dez anos mais ou menos.

No Fragmento 29, ao predicarem sobre uma aprendizagem que ocorrera para a vida inteira, a Bordadeira teve a oportunidade de falar sobre o catecismo e o bordado. Entretanto, o entrevistador já havia, por meio da construção coletiva da fala e pela entonação que demonstrava a satisfação pela resposta, selecionado qual seria o tópico centralizado no momento: “L2: É, eu aprendi o ponto de cruz./ L1: A senhora apren.../ [/ L2: Bordado./ [/ L1: Na esco::la.../ [/ L2: Na escola./ [/ L1: Dona [Entrevistada 6]?”. E para sustentar que a cena

seria construída voltada para informações sobre o bordado, novamente o entrevistador direciona a pergunta (“Então a senhora aprendeu os primeiros pontos do bordado pequenininha na escola?”) cuja resposta deveria enfatizar a expressão “primeiro ponto”. Para isso, ao ver que a Bordadeira não havia mencionado a expressão, novamente fez a pergunta (“O primeiro ponto, né?”), reforçada pelo marcador “né”, cuja resposta atendeu ao gerenciamento proposto (“O primeiro ponto”). Nesse momento, outro pareamento se construiu, mostrando que o entrevistador havia conseguido a resposta almejada.

Em relação ao assalto a turno direcionado pelo entrevistador, essa suboperação ocorreu todas as vezes em que ele queria se sustentar como sujeito principal das cenas criadas, seja para direcionar o tópico discursivo seja para confirmar que tal direcionamento já estava proposto por ele, assim como apontado no Fragmento 30.

Fragmento 30

L1: Quanto custa mais ou menos hoje pra, por exemplo, borDAR uma blusa? A senhora sabe o preço?

L2: Ah:: não, não sei não.

L1: Não sa::be?

L2: Passou tantos anos que eu mexo com isso.

L1: É, né::? Não sabe nem colocar o preço, né?

L2: Não::: Sei não. Bom! Se eu for borDAR, primeiro eu vou comPRAR, fazer a conta do material que que eu comprei::, que eu gastei::... vou ver o TEMpo que que eu levei::... e o bordado se é diff::cil, né? Requer mui::ta... Aí eu já sei como é que eu vou cobrar...

[

L1: Eu era a pergunta que eu ia fazer pra senhora, como é que a senhora coloca o PREço, então a senhora faz a conta desse jeito?

L2: A conta primeiro, né? Quanto... Às vezes a pessoa vem e fala: “Ah, não! Não vai ficar...”; “Uai, não, minha filha, eu não vou ganhar dinheiro não”.

No Fragmento 30, ao perceber que a cena construída evidenciaria o próximo tópico delimitado pelo entrevistador, este interrompe a entrevistada, assalta o turno e reforça que a pergunta já seria feita naquele momento e ainda certifica sobre o direcionamento da resposta: “Eu era a pergunta que eu ia fazer pra senhora, como é que a senhora coloca o PREço, então a senhora faz a conta desse jeito?”.

Outrossim, como já abordei em alguns pontos deste documento (ver 4.1, por exemplo), o elemento tempo não privilegia o entrevistado como o determinante na interação. Geralmente, considerando a abordagem de Candau (2014), o indicador temporal centrado no locutor é uma das principais dinâmicas que ocorre na (co)construção de tópicos constituintes de um evento. Isso, na verdade, não deixou de acontecer no *corpus* exposto nesta Tese; a minha defesa é a de que, mesmo com o indicador temporal evidenciando o entrevistado como

locutor central, o entrevistador, em todo o momento, reforça a função que exerce como (co)construtor principal da conversação. Para reforçar meu posicionamento, apresentarei esses indicadores materializados na fala do Sapateiro, do Tropeiro e da Bordadeira, respectivamente, Fragmentos 31, 32 e 33.

Fragmento 31

L1: E a partir daí:: o senhor:: é:: ficou 4 anos como nessa fá::brica?

L2: Não, trabalhei... mais... quer ver, foi... eu não lembro... foi mais de quatro anos... quase 6 anos mais ou menos, depois que eu saí de lá:: que eu montei por minha conta.

L1: Aí quando o senhor montou, por conta do senhor, o senhor também:: qual exatamente que era o trabalho que o senhor fazia por conta do senhor?

L2: Eu, quando comecei por minha conta, eu comecei a fabricar. Fabriquei por minha conta. Depois eh:: tinha muitos concorrentes... que é onde a:: tinha a:: em frente aqui na:: no no no:: Ali na:: Como é que chama? Na:: Hitz, uma uma na:: fábrica de de mecânica ali. Então eu fazia o sapato lá e trazia para aqui por causa do passeio; um dia surgiu um ponto lá no chão lá, eu vendi uns dois ou três par, depois eu desanimei... eu fui e passei pro conserto, reforma, porque reforma eu estou até hoje.

Fragmento 32

L1: E o e o você:: já:: o trabalho já era diferente, né? As mercadorias que você levava?

L2: É.

L1: Como é que era?

L2: É no princípio não. Depois passou a ser carvão também. No princípio, eu trabalhei, depois a::... de MAIS velho, aí eu já passei a a a a eu mesmo fazia carvão:: Que eu eu comprei um mato muito grande e hoje eu tenho esse mato ainda. Já tornou a criar de novo e é mata. Eh:: eu cortei esse mato duas vezes, eu mesmo, passei carvão e vendi.

L1: Sim, e a cidade que você fazia...

[

L2: A cidade é Ipoema mesmo, a cidade é Itabira, né? Distrito de... Ipoema é distrito de Itabira.

L1: Aí você nasceu em Itabira?

L2: Não. Nasci no município, no município de Itabira, mas é no distrito de Aliança. No meu tempo, era Aliança, hoje é Ipoema.

Fragmento 33

L1: E depois a senhora começou a trabalhar com bordado, a senhora tinha quantos anos?

L2: Quando eu comecei a trabalhar com o bordado, foi assim, depois:: que eu estava com uns:: quinze/uns trinta anos, mais ou menos, que eu comecei a trabalhar... Porque eu fui sentindo assim falta, necessidade, que aquilo que a gente bordou:: acabou tu::do, né? Então... eu comecei a bordar. Aprender a bordar.

L1: E a senhora gostava/gostava de bordar?

L2: Gosto.

Nos Fragmentos 31, 32 e 33, o indicador temporal está materializado nas seguintes expressões: “[...] depois que eu saí de lá:: que eu montei por minha conta”; “Aí quando o senhor montou [...]”; “Eu, quando comecei por minha conta [...]”; “[...] depois a::... de MAIS

velho [...]”; “No meu tempo [...]”; “Quando eu comecei a trabalhar com o bordado [...]”. Além desses momentos, existem outros em que o referido indicador se configura como uma das principais dinâmicas para determinar o entrevistado como o locutor central da conversação. Mesmo assim, ao longo de toda interlocução, a função exercida pelo entrevistador torna este interlocutor o gerenciador do processo de entrevista e da topicalização discursiva, afirmado como (co)construtor principal do evento memorialístico construído.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O senhor sabe?: não acerto no contar, porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco caroço, querendo esquentar, demear, de feito, meu coração, naquelas lembranças. Ou quero enfiar a idéia, achar o rumozinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. As vezes não é fácil. Fé que não é. (ROSA, 1994, p. 242).

Neste estudo, em que meu principal objetivo foi verificar a configuração dos eventos memorialísticos na interação dialógica entre entrevistador e entrevistado, a hipótese que norteou toda a análise e se confirmou foi esta: a topicalização discursiva exerce influência direta na construção de eventos memorialísticos e determina funções para o entrevistador e o entrevistado. Ambos atuam colaborativamente em um processo interacional cujos turnos conversacionais se alternam e se complementam, mas é ao entrevistador que cabe a função de estabelecer uma relação especular com o entrevistado, que compartilhará experiências memorialísticas, atualizando o passado sobre o ofício artesanal ou manufactureiro.

O *corpus* analisado no capítulo 4 materializou a interação verbal entre os interlocutores de uma entrevista os quais realizaram a atividade de memorar o ofício artesanal ou manufactureiro, a partir da delimitação de um tópico discursivo, por parte intensa e dominante do entrevistador, sobre o qual os dois predicavam, criando e recriando cenas que indicaram em um evento comunicativo. Dessa forma, quando os interlocutores memoravam sobre o ofício, construíram, naquele processo interacional, um evento e se construíram como EU e TU, centrando-se na topicalização discursiva, a qual é uma operação básica constitutiva de toda e qualquer atividade de fala.

Quando predicavam sobre um tópico, as cenas vivenciadas no passado pelo entrevistado eram atualizadas no presente linguístico sem que houvesse reconstituição fiel do que fora experienciado uma vez que, confirmando os preceitos de Edelman e Tononi (2000), a memória não é replicativa nem representacional. O que emergiu da interação foram cenas que levaram em consideração a experiência incorporada, a construção cognitiva de um mundo experienciado. Nessa perspectiva de atualização das cenas de um mundo experienciado, considerando estudos como os de Thompson (1992), o sujeito principal do processo histórico deveria ser evidenciado no entrevistado, principalmente porque, em uma HO, o relato é de quem vivenciou ou experienciou os fatos. No entanto, como eu me propus a verificar se existia uma função diferenciada para entrevistador e entrevistado enquanto (co)construtores de um evento memorialístico, apesar de o entrevistado ter sido o ator ou testemunha de fatos vivenciados ou experienciados, concluí que ele não se apresentou como o principal

(co)construtor das cenas que emergiram da interação dialógica em estudo nesta Tese.

O que corrobora essa conclusão são as suboperações identificadas e analisadas neste estudo, a saber: assalto a turno, alongamento de sílabas e repetição de palavras. Elas reforçaram que o gerenciamento da interlocução e a delimitação do controle de pauta discursiva e do tópico discursivo cabem ao entrevistador, que tem influência voluntária na atividade conversacional apesar de a construção e reconstrução das cenas se basearem em fatos cujo ator ou testemunha tenha sido o entrevistado. Importante destacar que, no processo de memorização em estudo, os eventos memorialísticos sobre cada ofício foram construídos coletivamente, ou seja, os interlocutores (co)construíram, coletiva e discursivamente, a memória sobre a experiência de trabalho que fora vivenciada no passado.

Em relação às hipóteses descritas em 1.3, todas se confirmaram após a análise do *corpus*. A dinâmica estabelecida entre os interlocutores na (co)construção de tópicos e subtópicos constituintes do evento comunicacional influencia a configuração de eventos memorialísticos, ou seja, de forma intencional, o entrevistador subespecifica, ignora ou desvia o tópico discursivo, reforçando que a configuração de eventos memorialísticos, sobre ofício artesanal ou manufatureiro no caso deste estudo, depende da dinâmica que foi estabelecida entre o entrevistador e o entrevistado. No gênero entrevista oral, o entrevistador é o principal (co)construtor das cenas, mesmo que ele não as tenha experienciado, contrariando o que estudiosos da HO defendem, ou seja, que o entrevistado é o principal (co)construtor haja vista que o objetivo desse método é reconstituir o vivenciado pelo olhar do depoente, do entrevistado, ou seja, de quem vivenciou o acontecimento. Quando os interlocutores predicam sobre as experiências vivenciadas no passado, a narração não é exclusiva do entrevistado, isto é, ocorre, na instância da fala, a (co)construção pelo entrevistador e pelo entrevistado. Porque a memória não é representacional, o passado é atualizado no tempo linguístico da instância do discurso, passando a ser uma (co)construção do presente referenciado no tempo da instância do discurso, ao passo que as cenas (co)construídas não são revividas nem repetem o que foi vivenciado no passado.

Diante disso, sinalizo para uma lacuna na efetividade das entrevistas orais utilizadas no método de HO quando se quer mostrar a realidade vivenciada tendo o entrevistado como principal (co)construtor. Na presença do entrevistador que gerencia todo o processo e delimita o tópico discursivo, ele se efetiva como principal (co)construtor e os dados a serem coletados na entrevista pela HO apresentarão a vertente proposta pelo entrevistador. Isso mostra que, em uma determinada pesquisa com dados coletados pelo referido método, o investigador deve se certificar de que o (co)construtor principal realmente será o entrevistado e não haja influência

voluntária por parte do entrevistador.

Por sua vez, em relação aos pressupostos teóricos que embasaram este estudo, as minhas análises reforçaram o que eu expus no capítulo 2 quanto à linguagem, memória e topicalização discursiva. Pela topicalização discursiva, um evento comunicacional é construído no e pelo discurso, considerando que, pela linguagem, o EU se contrapõe ao TU, os quais colaborativamente instauram uma instância enunciativa. Nesse ponto, amparei-me em estudos de Benveniste (1995, 1989) sobre linguagem para considerar que o processamento discursivo ocorre no momento em que o locutor, instituído como enunciador, dialoga com um alocutário, instituído como enunciatário, construindo e reconstruindo espaço e tempo discursivos. Quando utilizei os pressupostos de Candau (2014) e Edelman e Tononi (2000), a intenção foi estabelecer a minha concepção de memória não representacional e reconstrução atualizada do passado emergente na interação dialógica cuja memorização considera os sinais provenientes do corpo, do cérebro e do mundo. Quanto a Jubran (2015), os pressupostos me permitiram certificar como os interlocutores utilizam os conhecimentos linguísticos para produzir sentido no processo interlocutivo e, recorrendo às suboperações que assumi nesta Tese, determinar a influência voluntária do entrevistador durante a construção e reconstrução das cenas que indiciaram os eventos sobre o ofício artesanal ou manufatureiro.

Após todo o exposto, constatei que a construção discursiva de eventos memorialísticos em entrevistas orais que tematizam o ofício artesanal ou manufatureiro foi realizada colaborativamente entre entrevistador e entrevistado, mas com a condução do que seria falado essencialmente pelo entrevistador, estabelecendo, assim, uma relação especular com o entrevistado. Mesmo que os indicadores temporais centrados no entrevistado pudessem indicar o contrário, o principal (co)construtor do discurso foi o entrevistador.

Acredito que a presente pesquisa é relevante à área dos estudos linguísticos porque, ao analisar a operação básica de topicalização discursiva, pontuei, a partir de entrevistas orais, como o sentido é construído dialogicamente *no e pelo* discurso. Em relação aos estudos sobre linguagem, evidenciei, também, como o EU se contrapõe ao TU, construído como interlocutor, em uma instância enunciativa própria da oralidade. Dessa forma, ao relacionar os estudos de Benveniste (1995, 1989), Candau (2014), Edelman e Tononi (2000) e Jubran (2015), reforcei a necessidade de aprofundamento de pesquisas quanto ao processamento discursivo em eventos memorialísticos, considerando o significativo papel da topicalização discursiva no gênero oral entrevista.

Outra relevância que considero ímpar, independente da área, é o estudo que envolve o caráter social, principalmente na universidade, relacionando a tríade ensino-pesquisa-

extensão. Quando bem articulada, essa relação tende a trazer mudanças substanciais ao processo de ensino e aprendizagem assim como à formação profissional e cidadã dos envolvidos. Neste estudo, busquei também evidenciar essa tríade, ao realizar uma pesquisa documental a partir do projeto de extensão desenvolvido na PUC Minas.

Por fim, destaco que a investigação realizada evidenciou que há muitos desdobramentos possíveis, principalmente se considerarmos o *corpus* analisado. Penso que uma das vertentes seria o que já sinalizei em 4.4, ou seja, a influência do ambiente no processamento discursivo de eventos memorialísticos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução: Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.
- BRAIT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999. cap. 9, p. 189-214. (Projetos Paralelos, v. 1).
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.
- CASTILHO, Ataliba T. de . A conversação. In: CASTILHO, Ataliba T. de. **A língua falada no ensino de português**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2014. cap. 1, p. 27-51. (Coleção Caminhos da Linguística).
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. **Tempo e temporalidade na língua**. 1998. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística)-Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/271156>>. Acesso em: 30 mar. 2018.
- CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp; Brasília, DF: Flacso, 2005. Livro eletrônico.
- DEBRET. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18749/debret>>. Acesso em: 19 abr. 2018.
- DEBRET e a Missão Artística Francesa no Brasil – 200 anos. **Veja Rio**, Rio de Janeiro, [2016]. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/atracao/debret-e-a-missao-artistica-francesa-no-brasil-200-anos/>>. Acesso em: 19 abr. 2018.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Leitura, escrita e oralidade).
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-740, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

EDELMAN, Gerald M.; TONONI, Giulio. **A Universe of Consciousness: how matter becomes imagination**. New York: Basic Books, 2000.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Reprodução fotográfica Pedro Oswaldo Cruz. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61279/engenho-manual-que-faz-caldo-de-cana>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

FÁVERO, Leonor Lopes. A entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, Dino (org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2000. p. 79-97. (Projetos Paralelos, NURC/SP, 4).

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda. O par dialógico pergunta-resposta. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 127-157. (Gramática do português culto falado no Brasil, v. 1).

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino da língua materna**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

JUBRAN, Clélia Spinardi. Tópico discursivo. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 85-126. (Gramática do português culto falado no Brasil, v. 1).

KLEIN, Lúgia Regina. Trabalho, educação e linguagem. **Educar**, Curitiba, v. 21, n. 2, p. 15-42, 2003. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1550/155019882002.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Coleção texto e linguagem).

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. **Leitura e Produção Textual: Gêneros textuais do argumentar e expor**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

LOJA de Sapateiro – Presença Africana. **Museu de Imagem e História**, [2008-2009]. Projeto de Extensão do Curso de História da Unopar Virtual. Disponível em: <http://www.unoparead.com.br/sites/museu/exposicao_negros/negro05.html>. Acesso em: 19 abr. 2018.

MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. Linguagem e contexto. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: O Tratamento da Variação**. 4.

ed. São Paulo: Contexto, 2015. cap. 7, p. 59-66.

MACEDO, Mônica M. Kother; CARRASCO, Leanira Kesseli (orgs.). **(Com)Textos de entrevista: olhares diversos sobre a interação humana**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.

MACHADO, Heloisa Guaracy. **Memória e Cultura dos Ofícios**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2013. Registro PROEX-2013/7694-1S. Não paginado.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007. (Série Princípios, 82).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Hesitação. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015a. p. 49-68. (Gramática do português culto falado no Brasil, v. 1).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Repetição. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015b. p. 207-240. (Gramática do português culto falado no Brasil, v. 1).

NOUROUDINE, Abdallah. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M. Cecília Pérez; FAITA, Daniel (orgs.). **Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França**. Tradução: Ines Polegatto, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002. p. 17-30.

PAIVA, Maria da Conceição de. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: O Tratamento da Variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015. cap. 14, p. 135-146.

RODRIGUES, Ângela C. Souza. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999. cap. 1, p. 13-32. (Projetos Paralelos, v. 1).

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 1994. v. 2.

SANTOS, Lorene dos. **Saberes e práticas docentes em Redes de Trocas: Educação das relações étnico-raciais em questão**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília; CRESCITELLI, Mercedes Canha. Interrupção. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 69-82. (Gramática do português culto falado no Brasil, v. 1).

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

ANEXO A – Transcrição das Entrevistas Orais³³

Anexo A.1 – Entrevista com o Marceneiro

C: É... Não quiser falar, não é, o senhor fala “olha, isto eu não, não quero.”

S: Certo!

C: O senhor fica à vontade, ta? Qualquer coisa a gente desliga a câmera também, não tem problema algum, podemos interromper... é, continuar num outro dia, quem vai...

S: Tá certo!

C: Quem vai definir o ritmo aí é o senhor, tá bom?

S: Tá bom!

C: Bom, podemos começar **Xxxxxxx**?

SS: Pode.

C: Ah... É... Então... Mesmo que a gente vá, né, dar atenção maior a, à profissão do senhor, eu queria que o senhor começasse nos contando, primeiro falando o nome do senhor completo, contando um pouco, é, da família do senhor, onde o senhor nasceu, qual era a profissão dos pais, quantos irmãos...

S: É, mas eu nasci foi... Eu nasci mesmo, morava lá... lá... perto de Pimenta. Mas aí meus pais foi mexer com fazenda lá mais tarde eu fui criado foi lá, perto da vila costinha, pra lá de São Mateus. Fiquei lá até os...dezesete anos. Depois ele adoeceu, fui pra Pium í, aí que eu fui começar a mexer com, começar a mexer com marcenaria lá.

C: Sei... E o pai do senhor era o quê?

S: Meu pai mexia só com, problema de fazenda né?

C: Fazenda né?

S: Mexia com lavoura.

C: Uhum.

S: Lavoura de milho, lavoura de arroz, aquele negócio.

C: Uhum

S: No início lá foi isso, ajudava ele né?

C: Uhum.

S: Tempo de criança, trabalhava na roça, direto.

C: Uhum

S: Depois é que eu comecei.

C: O senhor nasceu em que ano, seu **Xxxxxxx**?

S: Em que ano? Cinco de Novembro, cinco do onze de vinte e nove.

C: Mil novecentos e vinte e nove!

S: É!

C: Uhum. E aí o senhor ficou na lavoura até que idade? Dezesete que o senhor falou?

S: Dezesete pra dezoito anos.

C: Sei.

S: Depois que eu fui pra Pium í pra... Fui mexer com a profissão...

C: Uhum.

S: Aprender lá, né?.

C: Uhum.

S: Depois eu montei a firma por conta pra mim.

³³ Para manter o sigilo quanto aos envolvidos (entrevistadores, transcritores e entrevistados), os nomes foram sombreados. Além disso, por questões de organização do espaço nesta Tese, somente foram copiados os textos das transcrições assim como se apresentam na versão original do “Projeto de Extensão Memória e Cultura dos Ofícios”.

C: Uhum.

S: Trabalhei muitos anos lá.

C: Uhum.

C: E o senhor chegou, nesse período, até os dezoit... dezessete, dezoito anos, o senhor chegou a estudar?

S: Não, eu estudei mesmo foi na roça, naquele tempo.

C: Sei.

S: Depois eu não continuei não.

C: Na roça era como, que era esse...

S: Não, na roça...

C: Era a mãe do senhor, como é que era?

S: Não, na roça era... estudava com... tinha um professor.

C: Ah sim!

S: Professor, lá a gente andava ele, ele dava aula nas casa residencial, onde, a primeira vez que eu fui estudar, a gente andava, mais ou menos... três... Andava uns quatro quilômetros, a pé, pra estudar lá na fazenda.

C: Numa outra fazenda...

S: É, outra fazenda. Em outra fazenda. Eu estudei até... hoje prevalece o primeiro, segundo grau.

C: Uhum, uhum.

S: Eu estudava... Depois eu virei, quando eu parei de estudar né por causa do meu pai “ah, deixa eu arrumar pra ele ir pra Formiga, pra formar.” aí, como é que vai né? Os pai nem deixava nada, tem que ficar por aqui mesmo.

C: O professor do senhor queria que o senhor continuasse?

S: Queria que eu continuasse. Mas num deu pra continuar... aí fiquei, fui mexer com profissão, né?

C: Uhum.

C: E, e nesse período que o senhor tava na fazenda ainda com os pais do senhor já tinha alguma... já gostava da marcenaria, já mexia com alguma coisa de madeira, como é que era?

S: Na roça até que eu gostava muito. Naquele tempo, trabalhava na roça, pegava as ferramenta, gostava de ficar fazendo... mesinha, aqueles negócio né? Era aquele início da profissão, né?

C: Uhum. Uhum.

S: É... Mas lá não tinha máquina, não tinha nada, tinha que fazer tudo manual.

C: Era tudo manual?

S: Tudo manual. Serrar a madeira, tudo na mão. Fazia mesa, aquelas mesa que tem lá na roça, assim, tudo na mão, manual. Me dava muito trabalho, aquilo.

C: E isso, por, por gosto do senhor ou por que todo mundo fazia, era assim que se fazia?

S: É não, eu que gostava mesmo, os outros ninguém faz... os outros irmãos ninguém mexia com isso não. É, parece até que a pessoa tem um dom né?

C: É!

S: Já nasce com aquele dom.

C: É!

S: Né?

C: Uhum.

S: Aí, continuou né?

C: Uhum

S: Mas em Belo Horizonte... anh, depois mexi com estante, depois que eu mudei, morei no Passo Pastel, depois fui pro Alto dos Pinheiros, lá montei a marcenaria lá, aonde tem a casa lá é, trabalhei lá uns trinta e, sei lá, trinta e sete, trinta e oito anos

C: Uhum

S: Criei a meninada toda lá.

C: Uhum, uhum

S: Graças a Deus, né?

C: É. Aí vamo, vamo continuar essa, essa, trajetória do senhor aí. Aí o pai do senhor faleceu?

S: É, aí...

C: Adoeceu e...

S: Aí eu fui pra lá, ele adoeceu, pobrema lá, hoje que eu fico pensando, eu acho que ele tinha pobrema de... como é que fala, aquela doença dada pelo barbeiro, malária né?

C: Sei.

S: Sofreu tonteira na roça, aquele negócio, aí nós foi pra cidade, tratou, o médico lá falava que era pobrema de coração, aquele negócio, mas ficou tratando lá, ficou... dois ano direto tratando lá, teve jeito não, morreu.

C: Uhum

S: Morreu com sessenta... sessenta e um ano.

C: Isso em Pium í já? O senhor já tava em Pium í?

S: Tava em Pium í!

C: E lá é que o senhor começou de fato a trabalhar... pra ganhar dinheiro, vamo dizer assim.

S: Pra ganhar dinheiro

C: Por conta própria!

S: É, por conta, né? Aí eu trabalhei muito tempo lá, fui trabalhando.

C: E o senhor lá começou com o quê?

S: Começou com...

C: A trabalhar com o quê lá... Chegando em Pium í?

S: Ah, cheguei em Pium í comecei a trabalhar na marcenaria...

C: Já na marcenaria!

S: É. Eu trabalhei muito tempo antes, quando ele tava tratando, eu levei, deixa ver, lá da roça eu levei uns boi pra lá, comprei carroção, trabalhei até com carroção lá enquanto ele tava doente.

C: Uhum!

S: Puxando pedra, puxando tijolo, aquele negócio todo

C: Uhum!

S: Cê vê, tive que fazê, ganhar dinheiro, né?

C: É!

S: Aí depois é que ele faleceu, aí é que eu... fui mexer com marcenaria.

C: Uhum. Tinha uma firma... uma marcenaria que não era do senhor...

S: É.

C: Que senhor entrou...

S: É, trabalhei de empregado lá uns... três anos e tanto lá, aí depois é que eu comprei.

C: E aí o senhor fez algum curso ou foi aprendendo na prática?

S: Fui aprendendo na prática, não fiz curso nenhum, só na prática mesmo.

C: Uhum! E como é que era esse trabalho que o senhor fazia lá quando entrou? Já entrou fazendo tudo o que um marceneiro faz.

S: É, entrei fazendo né, aí pegava mesa pra fazer, cadeira né, fazia as cadeira, mesa, banco, todo o tipo. Depois foi aperfeiçoando aí passamo a fazer todo o tipo de armário que precisava, a gente fazia né?

C: Uhum

S: Continuei lá, muito tempo.

C: Uhum.

S: Aí trabalhei em Pium í direto mexendo nessa outra lá quatro... quase cinco anos. Depois é que a gente veio pra Belo Horizonte.

C: E quem ensinava esse trabalho, porque quando o senhor entrou o senhor sabia era fazer as coisas lá manuais, né?

S: Fazer manuais, é.

C: E... e ... nessa marcenaria que o senhor foi trabalhar já tinha algumas máquinas...

S: Tinha! Ah é, nessa que eu fui trabalhar tinha máquina.

C: Uhum.

S: Aí tinha as máquina... máquina pesada mais de necessidade. Parte que era manual aí era pouco, mais era só máquina mesmo

C: Uhum

S: Né? Tinha que trabalhar né?

C: Uhum. E aí quem foi ensinando o senhor assim?

S: Aí tinha um moço lá quando eu comecei a trabalhar, tinha um moço que tinha uma serralheria lá, serraria, que pegava madeira e com ele lá tinha um marceneiro. Ele ia lá me dava aquelas explicação lá, o que eu precisava, foi, pouco tempo foi eu aprendi não precisou mais de... explicação.

C: Pro senhor não era difícil?

S: Era difícil não!

C: E... e como é que pagavam o senhor? Como é que era o... Era salário, era por... por tarefa, como é que era?

S: Quando eu trabalhava de empregado eles pagava... mensal... Pagava salário... Salário baixo mas pagava.

C: Uhum. E tinha que fazer tod...todo... todas as coisas ou senhor, tinha assim especialidade? Alguém fazia só isso, o senhor só aquilo outro...

S: Não, dentro da marcenaria, quando eu comecei todo mundo fazia... o seu tipo de serviço, aí passava um serviço pra gente, vamo dizer uma cristaleira, um armário, todo mundo fazia aquele serviço né? Não tinha especialidade certa não.

C: Fazia tudo?

S: Tudo, fazia tudo. Aí treinava, aprendi fazendo tudo.

C: Uhum. E o que que... Como é que o senhor... vamo dizer se, se hoje entra um jovem numa oficina de marcenaria

S: Hum...

C: É... O que é que ele precisa de saber assim, o que é que ele precisa de prestar atenção, o que é que é mais importante, o que... o que é que o senhor ensinaria a ele?

S: Ah o jovem hoje pra entrar na marcenaria é mais complicado né, porque ele tem que aprender... as máquina hoje é toda mais aperfeiçoada né?

C: Hum...

S: E tem que trabalhar com mais cuidado porque as máquina toda são mais perigosa né?

C: Mais perigosas ainda?

S: É!

C: É?

S: Ah é, hoje tem máquina mais automática.

C: Sei...

S: Então tem que ter cuidado pra daná.

C: Uhum

S: Né? Tem que treinar. Marceneiro hoje se ele puder fazer... um curso melhor, porque aí ele entende, fazer desenho, fazer tudo né?

C: O senhor chegou a fazer algum curso ao longo da... da profissão do senhor?

S: Não, cheguei a fazer não.

C: Não?

S: Não. Trabalhei mais foi prática mesmo, fiz curso não.

C: Na prática, aham.

S: Mas é isso né?

C: E o... o dia a dia assim, da profissão, seu **XXXXXXX**, como é que é? Chega na... na marcenaria e... quais são as principais atividades, que que a pessoa tem que fazer?

S: É, já vai chegando, pega as ativ... o que é que tem que fazer, atividade né? E trabalha nos horário certinho.

C: Uhum.

S: Só para no horário de armoço, depois a tarde, né? Mas é isso.

C: E as máquinas principais, quais são?

S: As máquina...

C: É, na época que o senhor começou, não as de hoje, porque as de hoje o senhor falou...

S: Ah é...

C: Que são sofisticadas, automáticas...

S: É, na época que eu comecei tinha a circular, aquela máquina grande.

C: Circular é o que? É uma serra...

S: É uma máquina que trabalha tipo uma mesa grandona assim com uma serra no meio, né?

C: Sei.

S: Pra aparar a madeira. Põe paralelo pra regular pra cortar. Tinha a plânia, elétrica... furador. Não tinha nada automático né? Furador hoje você põe a madeira lá eles fura praticamente sozinho né? Meu tempo tinha que fazer manual, forçando pra daná.

C: O que que é um furador, o senhor pode me explicar? É porque eu não entendo nada, o senhor tem que me (risos)

S: Furador tem uma mesa aqui com uma [...] aqui, você põe uma broca na ponta dele né? Aí tem a regulagem ali e a outra de fazer assim procê curar as peça na... põe a peça lá já faz a cura, você quer furar só redondo você põe, mas normalmente você tem que fazer a cura cumprida assim já pra encaixar na peça.

C: Uhum.

S: Né?

C: É pra fazer o encaixe então?

S: Pra fazer o encaixe.

C: Uhum.

S: E aí você faz tudo lá, depois monta, cola tudo né? Depois vai pra lixadeira, manual.

C: Uhum. Então chega o desenho, primeiro tem um desenho?

S: Primeiro tem um desenho.

C: E o senhor aprendeu também a desenhar?

S: É, desenhar, nós fazia. Fazia um molde lá, a gente já fazia o desenho pra mos, depois pra mostrar pra ele e tal, faz o desenho na hora pro freguês quer encomendar um armário, vamo dizer né, aí você já pega um papel e faz um desenho pra ele, ele "ah, é isso mesmo que eu to querendo." Já combinava as coisa.

C: Uhum

S: Né? Sem curso sem nada, prática né?

C: Uhum. E aí depois desse desenho ele, eles, tinha, tem que ser detalhado assim ou não, ou esse desenho já vai pra pegar a madeira pra fazer?

S: É, esse desenho já vinha com as medida toda, chega, só pegar as madeira e já ir cortando, né?

C: Uhum.

S: Tem os detalhe né? Tá... já dá o desconto quando vai encaixar já tem que dar o desconto nas madeira [...] mas é...

C: Dá o desconto é o que seu **XXXXXXX**?

S: Hum?

C: Dá desconto na madeira é o quê? (Risos)

S: Aí vai encaixar a outra aqui você já desconta aquela... a outra peça cê já vem por fora, né?

C: Pra tirar?

S: Pra tirar.

C: Na...

S: É...

C: Na... no cumprimento, sei lá, né?

S: É... é.

C: Na medida? Faz o desconto na medida...

S: É.

C: E o senhor tava falando que antes era tudo... é... meio que... não era automático, né? Por exemplo a ser... mas a serra, é, era já na eletricidade?

S: A serra na eletricidade, né? Porque hoje não tem nada, hoje praticamente tudo é automático. Hoje tem serra, que corta madeira, tem que tá foliando, hoje tem máquina pra tudo, até pra foliar tem o maquinário que faz hoje, só põe a peça lá e já sai pronto.

C: Foliar... é fazer este acabamento

S: É, acabamento aqui, cê colocou isso aqui já vem com a folha aqui, igual esse acabamento por fora que tá aqui ó. Hoje é tudo automático, as peça né?

C: Hoje então qual que é o papel de um marceneiro?

S: Marceneiro mas é só o... faz o desenho, põe a peça lá, corta, a máquina faz praticamente tudo, né? Até pra invernoizar tem máquina hoje, né? Diminuiu a mão de obra mas, mas tem trabalho que, tem muito material pesado hoje que tem que pegar aquelas [...] muito pesado, joga em cima da máquina, depois que põe na máquina a máquina corta tudo sozinha, né?

C: Ele projeta na máquina e a máquina faz...

S: Projeta... Ela faz tudo.

C: Mas mesmo assim o senhor acha que é mais perigoso...

S: É, a máquina é bem perigosa.

C: É?

S: É.

C: Porque também se der alguma coisa errada vai passando por cima?

S: Aí vai né? É isso aí

C: Uhum. Bom, e aí o senhor ficou lá em Pium í uns quatro anos né, que o senhor falou? Nessa marcenaria... Cinco anos...

S: É, nessa marcenaria foi.

C: Foram cinco anos.

S: É, eu morei mais anos mas antes, antes mexia pros outro né?

C: Uhum.

S: Agora depois que eu montei mesmo foi quatro ano e pouco.

C: Uhum, e como é que apareceu essa oportunidade pro senhor trabalhar na marcenaria, alguém chamou o senhor, o senhor bateu na porta, como é que foi?

S: Não, Lá é... eu mesmo fui lá, procurei

C: É?

S:É. Cheguei, fui procurar, eles tavam precisando, né? Na época. Mas é difícil...

C: E o senhor já gostava, então?

S:Eu já gostava. Agora aprender num é fácil mas a gente trabalha bastante tempo até treinar né?

C: Uhum. E começa fazendo coisa mais simples?

S: Começa coisa simples. Começa fazê aquelas coisa simples, fazia banquinho, fazia cadeira, aqueles troço que é mais simples, depois é que vai aperfeiçoando.

C: Cadeira é mais simples?

S: Cadeira é, pra fazer é.

C: É?

S: É. (riso)

C: Todo mundo fala que cadeira é difícil.

S: Ela é enjoada né, saber, tem que saber certinho. Mas é uma coisa que cê corta que se errar uma peça não causa prejuízo nem nada né? Pouquinha coisa.

C: Uhum.

S: Agora um armário, se erra peça de armário já é um, causa mais prejuízo.

C: Uhum.

S:É.

C: E lá... tinha torno? O senhor já fazia... trabalhava com torno ou não, tudo peça reta?

S: Na, na outra... Na outra que eu, que eu montei lá eu já tinha torno, torneava peça também.

C: Aí o senhor montou uma pro senhor?

S: É, montei!

C: Ainda em Pium í?

S: É, Pium í. Aqui eu não mexia com torno não. Mas lá naquele tempo usava muito, chegava muito freguês procurando peça torneada né?

C: Uhum.

S: Então tinha que ter.

C: Uhum.

S: Né?

C: E o torno, como é que é, que é... que é o trabalho no torno, o que que... como é que é a máquina, como... o que que... o que que faz com a madeira, como é que o senhor poderia explicar pra gente?

S: Ah, o torno cê pega uma, uma, tem uma peça grande, tem um, como diz o caso um cabeçote daquele de lá, cê regula ele assim e já tem o motor que liga aqui cê ... cê liga o motor e a peça gira assim, tem que ser bem colocado porque senão ela escapa, aí cê trabalha com um formão que cê vê lá, formãozinho manual a gente torneava todas as peça. Torneava, lixava, já saía pronto. Pé de mesa, pé de tudo, né?

C: Então a máquina só faz girar?

S: É, só faz girar, a gente faz manual. Um paralelo ali cê pode por a mão em cima e ficar lá pra cá e... e faz o desenho que quer... na peça. É bom, o serviço.

C: E o...o...o esse [...] que o senhor usava er... era pequenininho, né?

S: Era pequeno, [...] pequeno. Tinha diversas largura. As vezes pegava um mais seco pra fazer aqueles... aqueles freezer, aquelas negócio. Tinha uns mais largo também que fala, né?

C: E o que que o senhor acha que da, destas etapas todas que o senhor ta falando aí, chega madeira, serra madeira, depois lixa, depois faz a...

S: Hum...

C: Também tem esse acabamento, como é que o senhor chama, foliar né?

S: Foliar, é!

C: É! O torno, o que que o senhor acha que de todas essas é o... mais difícil, assim pra aprender, pra fazer ou que foi pro senhor?

S: O torneamento, ele é difícil né?

C: É?

S: Tem que saber, além de saber tornear, tem gente que não dava conta de fazer não porque, ia lá, queria fazer qualquer coisa, porque o torno cê começa a tornear tem aqueles anelzinho que aparece na madeira né?

C: Uhum.

S: Ele é difícil.

C: Uhum.

S: Agora trabaíá as montagem a não ser torneada... fácil né? Num tem pobrema nenhum.

C: Pro senhor né? (Risos)

C: Aí depois o senhor já montou lá mesmo, já montou a marcenaria do senhor. E foi caro comprar essas peças, como é que o senhor fez pra montar?

S: Tinha um... tinha um homem lá que tava com o maquinário parado lá, nós compramo até... barato.

C: Uhum.

S: Facilitou, pagamo lá nuns três pagamento... e num foi difícil não.

C: E era o senhor sozinho ou o senhor tinha um sócio?

S: Não, eu comecei lá... comecei lá eu tinha um sócio, trabalhou comigo [...] depois ele separou porque ele foi mexer com caminhão, tava até contando as menina. Mas depois foi um irmão meu, morava na roça, mexeu comigo lá uns ano lá, mas aí... aí depois... ele trabaíou comigo uns... uns cinco anos direto lá... aí depois que eu vendí lá, que eu resolvi vim pra Belo Horizonte.

C: Uhum. Por que que o senhor veio, assim?

S: Hein?

C: Senhor veio por que casou? Como é que foi?

S: É, aí eu já tava casado, já tinha até filho, né?

C: Ah, sim.

S: Aí... um, um moço que era... casado com uma cunhada minha falou : “Ah, vamo pra Belo Horizonte, trabaia com a gente lá!” aí... interessei e vim pra cá. Aí fiquei com ele lá uns tempo na oficina e depois... Essa oficina que trabaiei com eles aqui em Belo Horizonte... Eu e um outro rapaz compramo a fábrica deles, e eles começou a trabaia de qualquer jeito, deixou... Começou a quebrar né? Aí eu e esse outro rapaz compramo, pagamo as dívida tudo rápido lá e continuamo um punhado de ano [...].

C: E era aonde essa?

S: Era na rua Pacaembu, Carlos Prates.

C: Sei.

S: Hoje eles mudaram o nome da rua lá. Aí depois é que eu fui pro Alto dos Pinheiros

C: Uhum.

S: Aí, separei da sociedade, aquilo tudo e fui mexer por conta minha lá.

C: E o senhor sempre... trabalhou mesmo ali na frente mesmo da máquina?

S: Trabalhei, graças a Deus!

C: E tinha ajudante? À medida que o senhor foi...

S: É...

C: Progredindo...

S: Fui aumentando lá eu fui arranjando mais gente, né?

C: Uhum.

S: Aí o serviço aumentou muito. Aí eu tinha bastante empregado também, por minha conta.

C: Uhum.

S: Empregado bão, tinha uns pior mas tinha (risos).., tinha que ter.

C: Uhum.

S: Porque aumentou muito o serviço, mexia com muito armário embutido, instalação comercial aí eu fazia muito. Aí trabalhei um tanto até...

C: O senhor fazia mais residencial ou comercial?

S: Fazia residencial, fazia montagem de loja, né, no centro, né? Fazia tudo.

C: Uhum.

S: Foi bom, posso reclamar não.

C: E essas pessoas que iam trabalhar com o senhor, eles já vinham... Porque depois começam a ter uns cursos né?

S: Ah, começa.

C: SENAC, não sei que, começa a ter os cursos técnicos, essas pessoas que trabalhavam pro senhor faziam curso, o senhor contratava ou o senhor ensinava igual o senhor aprendeu?

S: Não, ensinava, num tinha curso não, eles trabalhava todo mundo sem curso mesmo.

C: Uhum.

S: Foi praticando né?

C: Uhum. E algum virou marceneiro assim... por c... depois?

S: Muitos virou. Tem marceneiro na praça aí que trabaiou comigo muitos ano, né?

C: Então o senhor formava as pessoas também?

S: É, formava.

C: Né?

S: Começava menino né? Trabalhava... As vezes começava menino, me ajudando lá, naqueles tempo podia dar serviço pra menino,hoje num pode...

C: Uhum.

S: Né? Eles ia aprendendo, aprendendo. Hoje tem marceneiro que aprendeu lá comigo que tem... Tem firma aí, por conta.

C: Uhum.

S: Né?

C: E os filhos do senhor, algum se interessou pela marcenaria, como é que foi?

S: É, tem um filho que... tem um filho que continua a marcenaria.

C: É?

S: É! Só que ele num mexe com é... Num mexe com parte residencial não, só estalagem só.

C: Uhum.

S: Montagem de supermercado aí tudo ele faz.

C: E os filhos, o senhor colocava na oficina também ou esse foi por conta própria assim, é porque gostava, como é que foi? Ou o senhor tentou ensinar o... o trabalho pros filhos?

S: Ah pro filho, eu... eu só tenho um filho homem.

C: Ah sim.

S: Ele a... ele interessou, ajudar né? Ele tava estudando, depois, minha [...] falou “Agora cê vai ter que estudar fora aí e tal.” Ele já falou “Não! Num vô fazer curso não. Vou ajudar meu pai.” Foi me ajudar e... continuou, graças a Deus!

C: Marcenaria não tem mulher, seu **XXXXXXXX**? O senhor já viu alguma mulher marceneira?

S: Não, marcenaria não.

C: É só homem mesmo?

S: É. Agora ni profissão, em construção tem né?

C: É.

S: Na parte de construção hoje em dia ta tendo muita mulher trabalhando.

C: É... é. Mas é uma profissão masculina, o senhor diria...

S: É, masculina. Marcenaria...

C: As filhas mesmo num...

S: (Risos) num interesse não. Ah, marcenaria num... pra mulher eu acho que num dá muito certo não, né?

C: Por que que o senhor acha isso? Pesado?

S: Ah, mexer com muita madeira, pesado, aquele negócio, né? Serviço pesado.

C: Uhum. O senhor... O senhor julga que, nessa... nessa... nessa trajetória longa do senhor, foram quantos anos mesmo que o senhor ficou trabalhando como marceneiro?

S: Ah, como marceneiro eu... Ah, trabalhei muitos ano. For contar... uns dez ano lá em Pium í... mais... ah, num sei não, trabalhei foi muitos anos.

C: Uns cinqüenta anos, mais ou menos? Como marceneiro?

S: É, mais ou menos.

C: Uhum.

S: Cinqüenta anos.

C: E nesse... nesse longo período aí que o senhor ficou na... na atividade, teve alguma... algum episódio, algum fato que marcou assim, profissionalmente né, mais o senhor?

S: Não, num teve... Única coisa que me marcou um pouco foi que eu cortei um dedo aqui (risos) aquela coisa ficou marcada. Ai ai, [...] trabalhando de madrugada (risos), de manhã, trabalhando acho que quatro horas da manhã, deixei a mão pegar na serra lá, esse dedo saiu fora, tá vendo?

C: Mas... Num cortou o dedo fora não né?

S: Ficou pendurado na pele

C: Ficou pendurado... (risos)

S: Ficou (risos) sinal aqui ó...

C: É. E foi o único acidente que o senhor teve?

S: Graças a Deus, única coisa.

C: E é uma profissão que... que as... que as pessoas acidentam com freqüência, como é que é?

S: Pessoa, num tiver cuidado acidenta fácil né? Esse dia, procê vê, eu tava trabalhando de madrugada, com sono né? Fui trabalhar e descuidei... descuido, né? Máquina a gente não pode descuidar, né?

C: O senhor costumava virar a noite trabalhando?

S: Ah, virava... Quando apertava muito o serviço a gente virava a noite.

C: Tinha que entregar as encomendas.

S: Entregar, cê tratava tal dia pra entregar, tinha que... tinha que trabalhar!

C: Uhum. E alguma coisa que o senhor não gostava, assim na, na profissão, tinha alguma coisa que quando aparecia o senhor...

S: Ah, na profissão... Única coisa que as vezes não gostava era de trabalhar com certas madeira né? Igual a madeira de Ipê, que a gente trabalhava demais, aquilo aquele pó fininho, amarelo, cê sujava a roupa, aquilo... e respirava aquele pó também, era muito pó. Aí, isso é que a gente num gostava.

C: E tinha equipamento de segurança, assim, seu **XXXXXXXX**, na época?

S: Num tinha nada naquela época, não tinha nada!

C: Era a mão livre, o rosto... Nem os óculos que...

S: Não. Enfrentava a poeira mesmo né? Tinha não.

C: É, então uma profissão de, de valentia também né?

S: É. Tomar um golinho dessa água.

C: Tá... o senhor... tá, tá gravando?

SS: Claro.

C: Tá! O senhor, na época, foi se... se destacando, assim né, foi ficando conhecido aqui em Belo Horizonte

S: Aham.

C: Tinha, tinham muitos marceneiros, assim, quando o senhor chegou ou a oficina do senhor era...

S: Aqui em Belo Horizonte?

C: É!

S: Não, até que tinha, mas num tinha muito não.

C: Sei.

S: Marcenaria grande, que eu falei que vim, fui ajudar... meu cunhado lá... tinha pouco marceneiro. E os que tinha, tinha uns marceneiro lá que era muito grosseiro também, num trabalhava direito não.

C: Uhum.

S: Né? Depois...

C: O que que o s... O que que diferenciava o trabalho do senhor, assim, a... a marc... se olhar a marcenaria do senhor e as outras marcenarias que tinham na cidade, as pessoas procuravam o senhor por quê?

S: A pessoa vai trabalh... é, inclusive quando eu começo trabalha aqui no... em Belo Horizonte... Aí tinha... tinha um moço que mexia com umas loja no centro... eles dava preferência muito pra gente, sabe? Muito bom, aquele negócio, tal... Além deles, outros freguês passava a conhecer, procurava a gente direto né?

C: Uhum.

S: Então... tinha muita preferência.

C: Mas o senhor acha que a preferência era por quê, o senhor sabia fazer algum tipo de móvel diferente...

S: Ah é, é, eu fazia...

C: Com a qualidade...

S: Diferente e qualidade, mo... mais bem feita, naquele tempo.

C: Uhum.

S: Eles mesmo falava: "Ó, dá o serviço fulano não, que eles trabalha muito mal." Tem uns cara que sabia entregar serviço rápido mas num, num fazia bem, o serviço, né?

C: Uhum

S: Então com isso a gente... não faltava serviço pra gente.

C: Uhum.

S: Né?

C: E o senhor tinha convívio com os outros marceneiros, ou não, cada um na sua oficina, isolado...

S: É, não, tinha convívio. Tinha uns outros lá igual eu, quando eu trabalhei no Padre Eustáquio tinha diversas oficina ali que a gente tinha convívio com eles

C: Uhum.

S: Eles ia, visitava a gente...

C: Uhum.

S: Né?

C: Mas não era um grupo assim organizado, não né?

S: Não, num tinha organização, né?

C: Uhum.

S: É

C: Porque tudo era autônomo não é Seu [XXXXXXX]?

S: É!

C: Cada um com a sua oficina, né?

S: Cada um, é! Agora tem uns... tinha uns que as vezes não... não queria praticamente [...] né, cada um pra si, mas tinha uns muitos lá que era... De vez em quando eles visitava, até pra ver um outro serviço né, que a gente tocava, né?

C: Uhum.

S: Mas...

C: E o senhor foi modificando a oficina com o tempo?

S: É, com o tempo, modificando, só pra ir fechando cada vez mais, né?

C: Uhum.

S: É!

C: E como é que o senhor ficava sabendo das novidades, assim, uma máquina nova, um jeito de fazer novo, como é que o senhor ficava sabendo?

S: É... Ah, isso é intermédio dos outros mesmo, que falava com a gente, né?

C: Tudo na prática, né...

S: Na prática!

C: ... Seu [XXXXXXX]?

S: É, tudo na prática.

C: É!

S: É!

C: Num é mais assim né, senhor [SOM INTERROMPIDO]

S: Ah, hoje em dia ta muito diferente, né? Pessoal hoje em dia ta muito...

C: Se o senhor compara o jeito do senhor trabalhar com o jeito do filho do senhor, que que o senhor vê de, de grande diferença?

S: Ah, a diferença hoje é porque... a turma, hoje trabalha mais, eles trabalha mais é... De acordo com entrega. Sempre ta querendo mais... produ, é... mais produção, né? Naquele tempo às vezes cê pegava um serviço, num tinha muita correria, hoje cê trabalha com muito... muita produção. Né?

C: Se o senhor pegava, por exemplo, uma loja, quanto tempo que o senhor demorava?

S: Ah, tinha loja que a gente pegava lá é, demorava até um mês pra entrega porque, fazia móvel, aquele troço todo... E a produção era mais lenta né? Então demorava mês, às vezes até mais, pra entregar.

C: E o filho do senhor?

S: Ah, meu filho ele entrega serviço aí direto, setor... quer dizer [...] lá, nós fomo no trabalho dele em Belo Horizonte, né? Tem loja aí que eles pega ela pra fazer uma montagem é, monta aquilo dentro de uma semana, rapidinho tá entregando o serviço, né?

C: E isso a máquina é que favoreceu?

S: É, a máquina. Produção é rápida, né?

C: Uhum. E... e... na oficina, claro que a do... a do... a oficina do filho do senhor, que na verdade ele herdou do senhor, né?

S: Não, ele herdou a profissão só, né?

C: Só a profissão. A oficina ele montou toda... toda nova, toda diferente.

S: É.

C: Uhum.

S: Montou toda nova.

C: E ele tem... ele, a oficina é maior que a do senhor? Tem mais funcionário?

S: Oficina dele hoje é muito grande.

C: É?

TOQUE DE CELULAR

C: Xô ver aqui Seu [XXXXXXX], o que é que vai faltar pra gente.

S: Tá! Alô, perai. Vê aí quem que é, não sei quem que é não.

C: Quer [XXXXXXX], atender?

I: Hã?

C: Quer, quer que ele atenda? Quer...

I: Não, precisa não. É... Eu to querendo lembrá-lo, é... que o senhor já trabalhou muito tempo né pai, depois o senhor foi morar no sítio, ele teve um sítio lá em Betim, ele montou um galpão lá, aí o meu, meu irmão mandava serviço pra ele, né pai?

S: Ah, lá no Sítio, é!

I: É, o senhor trabalhou muito lá também.

S: Trabalhei...

I: O senhor trabalhou, quer dizer, o senhor parou de trabalhar como marceneiro tem o quê?

S: Eu parei aqui... Quando eu parei com a oficina aqui, aluguei aqui o galpão, o meu filho começou nela ali

C: Na oficina que é do senhor?

S: Aí...

C: Aí o senhor resolveu aposentar?

S: É, aí... Falei "Ah, vou parar com isso", mas aí fui pro sítio, comprei um sítio lá perto de Betim... Cabô que eu fiz um galpão lá, fechei o sítio, pus umas maquininha lá

C: Risos

S: Aí num dava sossego lá, mandava serviço direto pra mim. E lá em Betim também eu pegava lá direto né? Acabei ficando lá nove anos e tanto, eu quase num mexi no sítio não, ficava mex... agarrado na marcenaria.

C: Na marcenaria.

S: Ah, mas teve bom. (Risos)

C: É.

S: Né?

C: E... Nós já tamo caminhando pro... pro... pra encerrar aí, eu vou sair um pouquinho da... Dessa lida profissional...

S: Hum

C: É ,ah... na sociedade de Belo Horizonte na ocasião, né, que o senhor chegou e começou a trabalhar como marceneiro, a, a profissão era uma profissão que dava re... uma boa renda pro senhor, dava pro senhor dá uma boa condição pra família, como é que o senhor avalia?

S: Aqui em Belo Horizonte né?

C: É.

S: É aqui já era melhor, já dava... tinha um ritmo de vida melhor né?

C: Uhum.

S: Não era... igual era lá em Pium í, eu trabalhava mas lá sempre ganhava menos dinheiro.

C: Uhum.

S: Quando eu passei pra aqui já melhorou bastante.

C: O Senhor... então, em termos do retorno...

S: É...

C: Financeiro, o senhor julga que é uma profissão que...

S: É. Até hoje ela é uma profissão boa,

C:Uhum.

S: Né? Posso reclamar não. A pessoa sabendo tocar, né?

C: Uhum. E do valor assim que a sociedade dá, o senhor sentia que o senhor era valorizado, que o trabalho do senhor era valorizado...

S: Uai, senti! Todo mundo dava valor naquela profissão, né?

C: Uhum.

S: Sentia sim. Nunca senti, como diz o caso, nunca senti desvalorizado na profissão. Né?

C: Então é boa né?

S: É boa!

C: Porque o senhor fez o que o senhor quis... (risos)

S: Fiz o que eu quis né? (Risos)

C: Ganhou dinheiro e ainda era valorizado. Senhor, senhor julga... assim... realizado...

S: Graças a Deus, atualmente...

C: Na profissão?

S: É, atualmente eu me sinto realizado, né? Num posso reclamar não.

C: Uhum, uhum.

S: Né?

C: E aí me conta quando que o senhor resolveu de fato aposentar. O senhor resolveu por que, assim? Porque o senhor po... né?

S: É.

C: Trabalhando por conta própria...

S: É porque eu trabalhei né, chega uma época que a gente resolve né, aposentar, pegar os direito que a gente tem, né?

C: Uhum.

S: Agora atualmente, como diz o caso, parei de trabalhar mesmo porque mexo com uns tratamentozinho, senão queria ta trabalhando até hoje. Mas pela idade que eu tenho também já num permite né?

C: Senhor cons... senhor acha que pra idade do senhor ainda teria alguma coisa dentro duma marcenaria... porque tem um... um serviço pes... que o senhor falou pesado né?

S: Ah tem!

C: Que, que não é pra mulher?

S: Não!

C: Nem prum senhor da idade do senhor?

S: Na minha idade também acho que já num dá mais pra mexer com serviço pesado, né? Tem o mais leve. Se fosse mais novo um pouco eu queria tá trabalhando.

C: Uhum.

S: [...] Mas o que é que vai fazer?

C: **XXXXXXX**, naquele roteiro... vão ver se tem mais uma... alguma, só um instantinho tá Seu **XXXXXXX**?

S: Tá bem.

C: Porque nós perguntamos ó, o que que nos interes... interessaria saber: Como que o senhor escolheu a profissão...

S: É.

C: Né, o senhor já nos falou, como que o senhor aprendeu a profissão...

S: É.

C: As principais técnicas...

S: É

C: Né?

S: Certo, é.

C: Essa questão da sociedade.

S: É.

C :Ah, ficou faltando só uma coisa e... e, o senhor falou do filho do senhor, né, que... que foi o que... O único filho e que ele resolveu...

S: É.

C: Seguir o pai, né?

S: É.

C: E... E assim, a família, pra família do senhor, o senhor acha que foi uma profissão que sacrificou a família ou

não?

S: Não. É, num acho não, porque... Tempo que eu trabalhei, graças a Deus, nunca faltou nada pra família, então, acho que...

C: Uhum.

S: Foi bom, né?

C: Uhum. É bom né, seu [XXXXXXX], chegar nessa...

S:É.

C: Nessa etapa da vida e, olhar pra trás e, né, ter uma, uma satisfação profissional.

S: E minha turma lá é grande, graças a Deus. Eu tenho nove filhos.

C: Nossa Senhora!

S: (Risos) Tenho um filho e, e oito mulher. (Risos)

I: E...e perdeu um né pai? O senhor teve dez filhostrabalhando só com essa profissão. Minha mãe nunca trabalhou fora.

S: É.

C: É. Mas o senhor trabalhava muito né?

S: Trabalhava. Trabalhava, trabalhava muito.

C: A rotina do senhor começava que horas?

S: Ah começava cedo né? Todo dia, sete horas tava trabalhando já.

C: Já tava com a serra ligada.

S: É. Às vezes apertava, sete horas já começava e ia à noite até mais tarde também, é. Mas é isso né?

C: É.

S: Pessoa quando quer vencer na vida tem que esforçar né?

C: Uhum.

S: Não pode parar, né?

CC: Ah, bom, eu não tenho roteiro, mas nas anotações que eu tenho das outras entrevistas, a gente se perguntou, tanto no tropeiro, no...no... no seu [XXXXXXX] né primeiro, quanto no sapateiro, na questão da..da, de sindicato, é, se... se... se sabia da existência, já existia uma organização da... da categoria mesmo, se... se participava, se não... se tinha contato com isso.

C: É, eu perguntei pra ele se eles, né, se conhecia os outros marceneiros, se eles eram organizados...

S: Ah é, é.

C: Tem sindicato?

S: Hein?

C: Tem sindicato de marceneiro?

S: Tem.

C: Tem?

S: Tem. Toda a vida teve.

C: É?

S: É.

C: Mas era atuante, como é que é?

S: É, é.

C: É? E o senhor chegou a fazer parte?

S: Fiz, naquele tempo a gente fazia parte, tinha parte. Toda a vida teve.

C: Uhum.

S: Agora atualmente eu num sei porque, tô por fora disso né, mas... continua.

C: Uhum. É, deve ter ainda né?

S: Deve.

C: Uhum.

S: Pois é.

C: Bom, eu acho que da...da...da minha parte tá, todas as nossas questões o senhor respondeu.

S: Então ta bom.

C: Eu agradeço muito ao senhor...

S: Muito obrigado.

C: E... acho que nós tínhamos esclarecido quando fomos à casa do senhor que esse depoimento tanto vai ficar aqui conosco na universidade pra que, né, as pessoas que queiram saber do ofício, da profissão, é, possam consultar, como vai também lá pro... pro museu...

S: Ah tá bom.

C: Tá? Onde tem uma parte que é da marcenaria, né?

S: Tá bom. Eu também agradeço vocês de ter... como diz o caso confiança de me chamar aqui pra mim prestar... Depoimento. (risos)

SS: Posso perguntar só uma curiosidadezinha?

C: Pois não.

SS: Anotação assim de cidadão comum. O senhor falou, que meu pai também é marceneiro, o senhor falou que o ipê, ele trabalhava muito com ipê, dava, dava poeira mesmo, que ele era desagradável né?

S: É.

SS: Aí eu fiquei curioso. Tinha algum tipo de madeira pro marceneiro trabalhar que era mais fácil, quando alguém falava assim "Não, eu quero uma mesa... sei lá de jacarandá.", que o senhor ficava feliz?

S: Ah, jacarandá eu trabalhei muito com jacarandá. Tem o jacarandá, tinha o angelim, né? Tinha umas madeira mais difícil de ser trabalhada, mas tinha outras... jacarandá é uma madeira dura mas o pó dele não prejudicava a gente, já o ipê já prejudicava bastante.

C: E quando essas madeiras começaram a ser proibidas como é que o senhor foi fazendo? Porque hoje não pode mais né?

S: Hoje não pode! Naquele tempo era liberado, num tinha problema nenhum.

C: Uhum.

S: Tinha pérola do campo também, que era boa, madeira boa, hoje em dia a gente nem vê mais!

C: Aí foi mudando como, assim? Aí, quando essas madeiras começam a ser proibidas começa a usar o quê, que tipo de madeira? Ai já vai direto pro compensado?

S: Aí já vai... Atualmente eles nem tá trabalhando mais com essas madeira mais né? Passou pra compensado e o... MDF né, que já vem as chapa grandona, é só cortar e montar.

C: Uhum. E, e pra fazer um, um, um torneado, hoje?

S: Ah, torneado tem que ter madeira maciça, né? Mas hoje ta meio difícil, tem pouca gente mexendo com torneado, né?

C: Uhum.

S: Mas ainda faz! De vez em quando eles pega uma madeira maciça e faz né? (risos)

C: Meio por debaixo dos panos?

S: Meio debaixo dos panos porque ta proibido. (risos)

C: É.

SS: E, e, o, o pente é que lev... é quando ele encomendava... vão supor que eu chegasse na oficina do senhor, quisesse fazer um guarda roupa, uma cama. É, eu, eu poderia escolher a madeira, eu sei que ia interferir no preço, mas o senhor que ia atrás da madeira? Eu fico curioso com isso...

S: Mas quando cê queria a ma... ah...

SS: Eu queria um guarda roupa, queria de uma madeira...

C: Jacarandá.

SS: Eu tinha dinheiro pra pagar. Eu que tinha que arrumar a madeira, ou a loja, a firma que comprava isso?

S: Não, a gente já pegava com tudo, te dava pronto.

C: E onde que o senhor comprava a madeira?

S: Tinha muita madeireira que tinha os material tudo que a gente precisava, né?

C: Uhum.

S: Aqui em Belo Horizonte mesmo existia. A gente já comprava...

SS: O senhor tem razão! Subindo a Nossa Senhora do Carmo ali onde eu estudava era cheio de madeireira...

S: É.

SS: Quando eu era menino, depois sumiu.

S: Nossa Senhora do Carmo né?

SS: Isso! Madeireira do seu Joaquim, o senhor ta falando eu to lembrando.

S: Ah, pois é!

SS: Era cheio de madeireira quando eu era menino depois foi acabando.

S: Naquele tempo vinha, de vez em quando a gente comprava, quando entrava, tinha, marcenaria maior, cam... Tinha caminhão que trazia caminhãozada de madeira maciça pra gente.

C: Já trazia a madeira maciça...

S: Já! Ele ligava, que às vezes eu passando, me conheceu, o cara “Ó, tô levando caminhão de madeira.” A gente comprava aquele caminhão de madeira maciça. Hoje em dia não tem isso mais, não trazem mais.

C: E de onde vinha, o senhor sabe?

S: Hein? De onde...

C: De onde vinha.

S: Espírito Santo. Vinha lá de uma cidade, chama Colatina...

C: Sei.

S: Aqueles lado lá, Espírito Santo.

C: Uhum.

S: Vinha todo tipo de madeira de lá. Hoje em dia isso num tem mais.

C: E aqui onde que era a, a madeireira que o senhor comprava ou o senhor num tinha uma, o senhor ia atrás do que precisava

S: É, comprava em diversas né? Tinha madeireira, tinha a Progresso né, Madeiras Progresso, tinha Curvelano, tinha diversas madeireira aí. Comprava...

C: Progresso ainda existe, não existe?

S: Eu acho que existe mas eu num tenho muita...

I: Tem umas antigas que ainda existem, a Progresso, a Paraná, Madeireira Paraná na Pedro II,

S: É, a Paraná tinha ela lá na, na Tamoios e tinha uma outra na Pedro II, a mesma.

I: É.

S: Agora num sei.

C: Uhum.

S: Né? Num tenho procurado, então, a gente fica por fora (risos). É, só isso.

SS: É, isso que o senhor falou é tão verdade que em 2004 foi descoberto que o maior [...] de madeira do Brasil é do Espírito Santo. Tá até hoje correndo na justiça. O homem mais rico...

I: É, falou a verdade.

SS: Mafioso, o que mandava na coisa de madeira, porque eu, eu gosto de ler sobre isso, eu tô estudando cerrado e mata atlântica, então em 2004 esse homem foi denunciado. A maior máfia de tráfico de madeira passa pelo Espírito Santo.

S: Ah passa pelo Espírito Santo.

C: É.

SS: Então essa informação do senhor é muito quente porque o homem é capixaba, o mais poderoso da máfia da madeira...

S: É?

I: É!

SS: De madeira de lei mesmo, né? E ele foi denunciado em 2004 isso, é, é assim, recente, tem uma década que isso vazou.

C: Mas isso hoje sai mais é do norte né?

SS: Ah é, é. Mas como que ele tem essa informação, porque é de lá mesmo, esse cara tem [...] a décadas, por isso que foi até a CPI da madeira que chegou nele, porque é tipo pistoleiro, é gente difícil de mexer no Espírito Santo. Então já é antes, porque, ele, comparando, né, tempo, o tempo que ele tava atuando né, vinha do Espírito Santo, como que as informações realmente procedem.

C: Uhum.

S: Tá certo.
 C: Seu [XXXXXX], muito obrigada então, mais uma vez.
 S: Às ordens, eu que agradeço.
 C: Nós fizemos quarenta e cinco minutos
 S: Hein?
 C: Quarenta e cinco minutos...
 S: Quarenta e cinco minutos?
 C: É, de depoimento. Eu vou pegar lá o termo de seção pro senhor assinar...
 SS: Perfeito, cinco minutos de making off. É o que ta passando (Risos)
 C: Só um instantinho ta, que eu já venho.

Anexo A.2 – Entrevista com a Costureira

L1: Eu queria saber o nome completo da senhora?
 L2: [XXXXXX].
 L1: A senhora nasceu onde, Dona [XXXXXX]?
 L2: Eu nasci em Belo Horizonte.
 L1: E:: a quanto tempo a senhora nasceu? Que ano a senhora nasceu?
 L2: Eu nasci em é 1934.
 L1: Que dia e mês?
 L2: Dia 14 de setembro de 34.
 L1: A senhora fez 79 anos.
 L2: 79.
 L1: Dona [XXXXXX] é:: qual que era a profissão do seu pai?
 L2: Meu pai era carpinteiro e minha mãe costureira.
 L1: E a senhora nasceu em que bairro aqui em Belo Horizonte?
 L2: No bairro das Graças né, que falava. Bairro das Graças, eu não sei agora como que chama. Perto do bairro Floresta, ali (coladinho) na Floresta.
 L1: E quantos irmãos a senhora teve?
 L2: Eu tive cinco, um faleceu com três meses, então nós somos quatro, vivos, agora faleceu mais dois, então agora só tem dois, eu e meu irmão só.
 L1: E a senhora estudou Dona [XXXXXX]?
 L2: Eu até falei com o [XXXXXX] que eu não sei como que é agora, eu fiz o primário e depois do primário eu não sei como que era mais, como que fala agora.
 L1: A gente hoje divide em ensino fundamental, ensino médio. Provavelmente a senhora deve ter feito o ensino fundamental um e dois
 L2: Isso é, isso, é.
 L1: E a senhora hoje, qual o estado civil da senhora?
 L2: Viúva.
 L1: A senhora ficou casada quanto tempo?
 L2: Eu fiquei casada, têm dois anos, vai fazer dois anos que ele faleceu que dizer que... Quarenta anos.
 L1: A senhora casou em que ano?
 L2: Eu casei em sessenta e cinco.
 L1: E a senhora teve filhos?
 L2: Tive duas filhas. Quê que fala o nome?
 L1: Claro pode falar, pode falar o nome da sua família.

L2: **XXXXXXX** é a mais velha e **XXXXXXX** é a mais nova..

L1: E a senhora...

L2: ...e três netos.

L1: Três netos.

L2: Dois meninos e uma menina.

L1: Dona **XXXXXXX** a senhora conheceu o marido da senhora é:: aqui em Belo Horizonte mesmo?

L2: Aqui em belo Horizonte.

L1: A senhora nunca mudou daqui?

L2: Não, nunca. Ele era de brumadinho, mas ele trabalhava aqui em Belo Horizonte, eu conheci ele aqui, casamos aqui lá na igreja do Floresta, e ficamos um ano pagando aluguel, depois a gente adquiriu a casa lá do conjunto era cooperativa, a gente fez uma poupança e depois comprou casa, lá no Barreiro, que dizer que esses anos todos foi só no Barreiro.

L1: Que a senhora morou no bairro da graça e no Barreiro.

L2: E lá no barreiro.

L1: A senhora namorou muito tempo?

L2: Não eu acho que foi um ano e pouquinho, casamos logo, ficamos noivos e casamos logo não demorou não.

L1: E então Dona **XXXXXXX** eu gostaria de saber de qual que foi o ofício da senhora durante grande parte da sua vida?

L2: Quando eu tinha quatorze anos a minha tia arrumou pra mim em uma fabrica de tecido, ai eu trabalhei uns anos lá, minha mãe costurava demais, ela que me ensinou a costurar e tudo, então ai eu gostava demais da costura eu fui e saí da fábrica, ai já fui pra costura, ai foi o resto da vida costurando, só com costura.

L1: E a senhora chegou a trabalhar a senhora começou a trabalhar na fábrica?

L2: Trabalhava em casa com minha mãe, e minha mãe me ensinando, ai depois que eu trabalhei na fábrica, ai eu já sabia costurar direitinho, ai passei a trabalhar em fábrica de costura mesmo.

L1: Sim. E em casa à senhora chegou a trabalhar...

L2: Trabalhei.

L1: ...depois da fábrica a (senhora)...

L2: Ai eu trabalhei até casar.

L1: E quantos anos a senhora tinha quando a senhora casou?

L2: Eu tinha trinta anos.

L1: Ah sim.

L2: Ai quando eu casei ai larguei a fábrica e fiquei em casa, costurando em casa, ai eu pegava costura na fábrica e levava pra casa e costurava em casa, até as meninas crescer, quando elas fizeram ficaram maior né e eu ai eu saí pra trabalhar de novo nas fábricas.

L1: Entendi. Enquanto a senhora trabalhava em casa, é aliás, o que a senhora gostava mais da fábrica ou de trabalhar em casa?

L2: Não em casa. Era mais liberdade. Apesar de que o serviço rendia menos, porque na casa você tem que fazer de tudo, lavar, passar e:: costurar também, e às vezes chega uma pessoa e você tem que sair então não é a mesma coisa que em uma fábrica.

L1: E o quê que a senhora costurava em casa?

L2: Eu costurava roupa das fábricas, a gente ia e pegava as roupas trazia e fazia em casa, e depois levava e entregava.

L1: Então a senhora nunca trabalhou pra clientela particular?

L2: Não. Ai depois agora mesmo depois que eu já aposentei ai eu trabalhei cinco anos pra eu aposentar, e quando eu aposentei ai eu comecei a costurar em casa conserto, umas coisas mais simples, que eu fazia pro pessoal lá do bairro mesmo que eu conhecia e até hoje eu faço é isso, vou fazendo.

L1: As máquinas que a senhora trabalhava quando a senhora aprendeu como é que era?

L2: As máquinas na minha casa?

L1: É na sua casa.

L2: Aquela (cinza) bem simpleszinha que minha mãe tinha, ela costurava era nela.

L1: Aquela que (tem que escorregar a mão no pano).

L2: Então não tinha motor, era tudo de bater o pedal mesmo e ai depois das fábricas não, já era maquina industrial e com motor e tudo, ai eu fiquei apertada porque [risos] a industrial é completamente diferente, muito possante.

L1: O quê que a senhora achava, melhor ou pior, as fábricas, as máquinas possantes ou a maquininha de pedal?

L2: Pois é, a de pedal era bom porque era mais de vagar e tudo, agora a industrial era beleza igual carro você pega e você tem que apertar, então a industrial é rápida demais, o tempo que você faz em uma em casa igual eu fazia pijama, camisa, uma camisa que eu fazia em casa lá na industrial nossa senhora era completamente diferente, o tempo era muito menor.

L1: E essa, essa aprendizagem da senhora desse ofício a senhora fala que foi a sua mãe não é isso?

L2: É a minha mãe.

L1: E a sua mãe te ensinou como, ela tinha isso como ofício também?

L2: Como ofício.

L1: Te botava pra aprender, pra olhar ou ela te pegou e ensinou?

L2: Não ela me ensinou, me punha na máquina e me ensinava a costurar mesmo, como que era pegar o pano e cortar, e como que era com o pedal que você que tinha que controlar a máquina, e então a hora de parar, então isso tudo ela me ensinou. Agora na industrial eu passei muito apertado porque eu não sabia, eu nunca tinha trabalhado com a industrial.

L1: E qual idade que a senhora começou a costurar com a sua mãe?

L2: Nessa, quinze e dezesseis anos, foi quando eu estava trabalhando na fábrica de tecido ainda, eu chegava em casa e minha mãe ia me ensinado.

L1: A sua mãe costurava pra fora?

L2: Pra fora, minha mãe fazia enxoval de neném, e:: igual eu falei com o **Xxxxxxx**, terno pra homem que era de brim, então ela fazia os ternos porque meu pai morreu muito cedo, com 42 anos ele faleceu, então minha mãe ficou com 32 anos viúva, então a gente não tinha não pensão naquela época o marido não deixava nada, então minha mãe teve que ir lá pra cidade de (Ozanão) eu não sei se vocês conhecem é uma instituição, então nós fomos pra lá, fomos criadas lá, então minha mãe costurava lá mesmo pro pessoal todo lá, então na época de natal ela fazia, então ela fazia os ternos pros homens, pra todo mundo ir de roupa nova pra missa de meia noite, então ela fazia os ternos pros velhos.

L1: Ela costurava tanto pra homem quanto pra mulher?

L2: Pra mulher.

L1: E como que eram as roupas que sua mãe costurava a senhora lembra? Ou a senhora pelo menos assim como que eram os vestidos como que era?

L2: É engraçado tem até uma coisa ela ganhava lá ia pra lá, o pessoal mandava, doava pra instituição, doava retalhos de pano ai o quê que acontecia foi um pacote com retalhos de retalhos de um tipo só, mais pequenininho, o quê que minha mãe fez foi emendando e fez um vestido pra mim, mas ficou lindo o vestido [risos] de retalho pequenininho, então ela era muito assim sabia é:: fazer as coisas direitinho, então eu fiquei muito alegre com o vestido.

L1: Colorido?

L2: Todo colorido, mais ficou bonitinho, então ela fazia roupa tanto pra mulher como pra neném, porque naquela época ela tinha que fazer tudo.

L1: E a senhora aprendeu a fazer tudo isso, terno roupa pra mulher?

L2: Não isso ai não, eu já fui mais pro lado feminino só, então eu gostava de fazer era só roupa feminina mesmo, agora na fábrica eu fazia camisa pra homem, era camisaria que chamava, então a gente fazia camisa pra homem.

L1: E ficava horas sentada na máquina?

L2: Oito horas.

L1: E em casa a senhora tinha um horário certo pra trabalhar?

L2: Eu tinha. Eu gosto de fazer meu horário, então eu geralmente faço tudo de manhã, tudo que eu tenho que fazer eu faço na parte da manhã, atarde depois de uma hora uma e meia eu vou pra máquina, e agora eu faço também uma, eu sei explicar o quê que é, é tipo uma cestinha que eu aprendi também, então isso também eu faço durante o dia quando não tem conserto e nem nada, ai eu faço.

L1: É como é que era o ambiente de trabalho assim, porque quando a senhora, o que a gente têm mais necessidade de entender e o que a gente têm mais interesse de entender é como que a senhora desempenhava esse ofício em casa, não na fábrica, então eu queria que a senhora me descrevesse, como é que era esse ambiente de trabalho, tanto em casa com sua mãe que a senhora aprendeu como na fábrica?

L2: Eu pra mim eu achava, foi bom.

L1: A senhora não têm lembranças desse ambiente, desses momentos com sua mãe, que sua mãe te ensinava?

L2: Tenho muito, minha mãe eu tenho muitas saudades dela me ensinava á costurar e:: era melhor, se eu pudesse tinha continuado a costurar só eu e minha mãe, mas na fábrica eu também não tenho muita coisa, porque era fábrica pequena toda (cabia).

L1: Ficava em que bairro?

L2: Lá no Barreiro eu trabalhei em três lá, e trabalhei na Savassi também, mas fiquei pouco tempo porque eu estava, por causa de ônibus que tinha, então estava mais difícil e eu ainda tinha as duas filhas solteiras em casa então pra mim tava mais difícil, então eu preferi ir pro Barreiro mesmo. Então era mais fábrica pequenininha não muito pequena mais bem menor do que essas fábricas maior que têm uma produção enorme então eles exige mais também da pessoa, mas a minha patroa era muito boazinha muito boa mesmo, **XXXXXXX**.

L1: Era?

L2: Era, é. Ela não morreu ainda. E foi a **XXXXXXX** e a outra eu nem lembro mais o nome foi à primeira, eu fazia calça, calça de feminina então era só calça que a gente fazia.

L1: Ah sim. E essa esse horário a senhora já trabalhava oito horas por dia?

L2: É, oito horas.

L1: E a senhora ia a casa almoçar?

L2: Não, ia, porque eu já morava no barreiro, tinha uma hora de almoço, então a gente já deixava pronto, tinha que fazer de manhã pra deixar pronto, ai vinha almoçar chegava e era só esquentar e almoçava e voltava de novo, porque era uma hora só.

L1: Na fábrica qual era a atribuição da senhora? A senhora tinha uma atividade certa?

L2: É eu era costureira, depois igual eu falei com o **XXXXXXX**, eu fui trabalhando e eles foram me conhecendo e tudo, ai ela me pós de, falava contra mestra, quer dizer era mais supervisionava o serviço e olhava mais costureira, era mais assim isso. Mas já foi mais pro final, acho que eu fiquei mais um ano e pouco como, nessa função.

L1: Quais são, como é que era as ferramentas de trabalho que a senhora tinha?

L2: É tinha, em casa, a gente usava de dedal...

L1: Como é que funcionava esse dedal?

L2: É porque a agulha se você trabalhar a mão costurar a mão, igual minha mãe fazia enxoval de criança tudo na mão.

L1: E esse dedal colocava aonde?

L2: Ai o dedal você punha nesse dedo, e pra empurrar a agulha, pra ela não machucar a gente, é, pra ela não machucar o dedo, se não ia furando o dedo porque ela a gente forçava pra enfiar a agulha no tecido, então é pro final eu não gostava muito não.

L1: Então além do dedal, o que mais que tinha?

L2: Tesoura. Uma tesoura boa...

L1: A senhora tinha todos esses materiais?

L2: ...fita métrica.

L2: É, a fita também, tem que ter... O que mais... É eu acho que é isso.

L1: Alfinete essas coisas.

L2: É alfinete também, eu tenho até um imã ai eu ponho os alfinetes pra não ficar solto, né.

L1: Aonde que a senhora comprava essas ferramentas?

L2: É nessas casas de aviamento, que falava, então de primeira a gente ia ao centro pra comprar que achava, mas agora no Barreiro tem umas boas mesmo, que acha tudo.

L1: Antes era tudo no centro?

L2: Antes era tudo no centro, a gente tinha que ir no centro pra comprar, mais agora não, agora lá tem.

L1: É me conta aqui é, a senhora tinha alguma técnica pra fazer a sua costura, pra desempenhar o seu ofício que diferenciava das demais colegas, a senhora criou alguma habilidade diferente, a senhora não é canhota não?

L2: Não, não sou não. Era tudo a mesma coisa igual toda costureira mesmo, têm umas mais inteligentes mais criativa, [risos] eu acho que eu até conheço, melhor e muito mais criativa que a gente, mas o básico é a mesma coisa.

L1: E a, qual que foi assim que a senhora pode me falar qual que foi a principal dificuldade pra exercer o seu

trabalho?

L2: É porque eu aprendi com minha mãe de novinha, então na fábrica eu não tinha eu não sabia nada assim eu não tinha prática nenhuma eu nunca tinha visto, igual o que eu te falei eu nunca tinha visto uma máquina industrial, então eu pra mim foi difícil, mas eu precisava do serviço, precisava de trabalhar e ganhar mais do que em casa, então eu passei apertada pra aprender.

L1: Teve alguém que te ensinou?

L2: Teve até que a: essa que eu fui a primeira fábrica que eu trabalhei, até elas tiveram paciência comigo, me ensinaram [risos], me ajudava. A colega de coisa falava, me dava as dicas direitinho porque é muito diferente da máquina industrial pra essa comum, mas deu certo graças a deus.

L1: É: como é que essa profissão da senhora normalmente as pessoas viam essa profissão? Porque a senhora nasceu em uma época que a mulher tinha poucos direitos.

L2: Tinha eu falei com eles, era muito desvalorizado, igual o alfaiate não era, mas a costureira não tinha valor não.

L1: Por que quê não Dona XXXXXXXX?

L2: Eu não sei por que viu, talvez porque fosse ofício de mulher. Porque a mulher naquela época não tinha também, geralmente tudo, a mulher não tinha muito direito, ela casava tinha filho olhava casa, que dizer você saía pra uma ou outra profissão já era, já não era olhada com bons olhos eu acho, a mulher que saía pra trabalhar fora não, todo mundo já olhava meio, então eu acho que isso também influenciava. De ser desvalorizada.

L1: Mas a costureira que fazia o trabalho dela em casa também sofria esse preconceito? A senhora acha que sofria?

L2: Não eu acho que era menor, era menor porque o certo é que a mulher tinha que ficar em casa, o problema daquela época era esse, a mulher tinha que ficar em casa. Cuidando da casa de menino, então era uma coisa á parte então não chamava tanta atenção. Era em casa.

L1: E como que a senhora se sentia contrariando essa regra?

L2: É porque eu era a cina da minha da minha, como é que fala? Da minha geração, eu acho, porque tudo que eu queria era diferente entendeu, então pra mim foi muito difícil, com marido porque era difícil a gente querer passar na frente, então ficava reprimida porque não era às vezes o que eu queria. Mas a época era aquela, então.

L1: E como é que eram as condições de trabalho na fábrica em termos de legislação, a senhora tinha uma carteira assinada?

L2: É era carteira assinada, em todas que eu trabalhei tinha carteira, até foi bom porque foi contando os anos pra eu aposentar. Então tinha a carteira assinada, agora tinha uma coisa igual me puseram como contra mestra era outra função, mas na minha carteira era o mesmo salário, eu ganhava por fora, ela me dava na carteira não, então quando eu aposentei tinha que ser um salário. Então isso ai, agora isso já deve ter mudado. Porque ninguém agora faz isso mais né.

L1: A senhora falou que nasceu em setenta e quatro e com quatorze anos começou a trabalhar.

L2: Foi.

L1: Então que dizer que a senhora começou a trabalhar em 1948?

L2: Foi.

L1: Em 1948 então a mulher que saía pra trabalhar era discriminada?

L2: Era, eu acho.

L1: Mas a senhora era menor de idade?

L2: É eu trabalhava na fábrica de tecidos. Lá e...

L1: A senhora fazia o quê nessa fábrica?

L2: Era no tear. Tecia é o tecido, e também depois eu fui pra uma secção que chamava urdeideira é que fazia o fio da coisa pra tecer o pano, era outra secção eu trabalhei lá também.

L1: E a senhora ficou quanto tempo nessa tarefa?

L2: De quatorze anos, eu fiquei nove anos lá na fábrica, ai quando eu tinha mais de vinte, quando eu comecei a costurar, que ai eu já saí da fábrica eu já fui pra fábrica pra costura.

L1: Em casa a senhora chegava a cortar tecido, fazer molde, como é que era?

L2: É não, porque minha mãe também ela não aprendeu, ela não fez curso ela sabia prática, então não tinha molde, eu punha uma na outra, eu posso tomar água?

L1: Pode tomar água, pode descansa um pouquinho.

L2: Ai eu, o quê que eu estava falando?

L1: O quê nós estávamos falando mesmo?

L3: É do...

L1: Do molde.

L2: Então ela não aprendeu, então quê que fazia, punha outra roupa, uma pronta, por exemplo, a pessoa levava e falava “essa aqui está boa pra mim está boa”, então o quê que a gente, a gente dobrava o pano e punha a roupa em cima e riscava, e ai cortava, dava certo.

L1: É, todas as roupas faziam assim?

L2: Todas assim.

L1: E como é quê que é, a senhora coloca...

L2: Por exemplo, a calça, você dobra a calça, não tem aqui pra mim, dobra ela direitinho nas costuras certinho e tudo. O pano tem um jeito também de dobrar, porque você corta primeiro uma perna depois a outra, entendeu?

L1: Ah sim.

L2: Então você põe risca e corta aquela perna depois torna a dobrar o pano e corta a outra perna da calça, vestido é a mesma coisa, você dobra ele os ombros direitinho, ombro com ombro, e as bainha dos lados a costura, dobra o pano também do jeito que você vai cortar e põe e corta.

L1: E dava certo?

L2: Dava certo.

L1: Sem o molde?

L2: Sem o molde. Porque ela não aprendeu então ela não podia me ensinar porque ela também não sabia, fazer molde não, ela aprendeu pela peça de roupa.

L1: Uma roupa servia de modelo pra outra?

L2: Servia de modelo pra outra.

L1: Colocava sobre o tecido?

L2: Sobre o tecido.

L1: E como é que marcava isso com giz ou com alfinete?

L2: Com lápis, com lápis porque com caneta não pode porque fica marcado, não desmancha, agora o lápis não, fazia com lápis ou então giz, quando, por exemplo, era uma calça preta um vestido escuro, ai é o giz branco, pra marcar, ai dava certo.

L1: E que tecido que a senhora gostava mais de costurar? Ou o que gostava menos?

L2: O algodão, o algodão porque agora esses tecidos estão difíceis de mais, essas malhas [risos]. Escorrega e é mais difícil, mais o algodão é beleza porque ele é firme, então pra gente costurar era muito melhor, eu acho.

L1: E assim como é que a sua família, seu marido especialmente, porque a senhora falou que perdeu o marido muito cedo e antes a senhora trabalhava pra ajudar a mãe, como é que seu marido via seu trabalho? Como é que a sua família via?

L2: É ele não dava muita opinião não, assim, não importava de eu trabalhar, mas também não incentivava nada, mas deixava eu trabalhar, a não ser que faltasse alguma coisa em casa ai não, mas se tivesse tudo certinho em casa.

L1: O quê que é que a senhora fala de faltar alguma coisa dentro de casa?

L2: Lavar roupa, roupa passada, comida. Tinha que está tudo assim na hora, ele era bem assim... Como é que eu falo... Ahh bem atrasado, assim ele não valorizava também, então era meio complicado, mas eu tirava de letra, não tinha problema não, eu fazia as coisas eu deixava prontinha pra ele porque ele trabalhava.

L1: Ele fazia o quê, seu marido?

L2: Ele trabalhava no cinema e teatro e ar refrigerado na máquina ele era... operador, de ar refrigerado, eu não sei se é refrigerado é refrigerado.

L2: Ele trabalhou muito anos no cinema, aqueles ali do centro todos ele trabalhou.

L1: Ele trabalhou.

L2: É.

L1: E a senhora sentiu essa desvalorização, todas que a gente falou em relação á ele também?

L2: É ele não foi bom marido.

L1: Não.

L2: Não. Eu sofri demais porque ele bebia demais e fumava muito, então não foi assim, antes logo no princípio

não, ele foi ótimo pai, maravilhoso, ele faleceu, mas minhas filhas eram doidas com ele e ele foi muito bom pai mesmo, até uns cinquenta e tantos anos ele foi beleza, ele falava assim “eu não entro em boteco, boteco não é lugar de homem”, mas você acredita que depois de cinquenta anos ele começou a beber, você precisa de ver, foi difícil demais minha vida depois dessa época, então eu procuro lembrar sempre só da boa.

L1: Só da parte boa.

L2: Mas eu sofri muito com ele. Ele foi muito agressivo, ele bebia e ficava agressivo, nó muito difícil, então não dava valor sabe como, podia fazer tudo pra ele que pra ele não tinha valor nenhum, então eu não tenho assim lembrança boa dele depois dessa época não, mas eu procuro sempre lembrar do princípio. Porque já foi velho que ele começou. Então ele era muito bom, foi bom mesmo, beleza, agora depois não.

L1: Minha vó teve esse problema também...

L2: Teve?

L1: Minha avó era costureira...

L2: Eu tenho vontade de conhecer sua vó [risos],

L1: Né.

L2: Ta identificando assim.

L1: Eu acho que se a gente apresentar ela pra senhora vocês vão ter uma conversa boa.

L2: Que beleza.

L2: Do jeito que você está falando, tem muita coisa em comum.

L1: Meu avô ele começou a beber ele também teve esse problema, e ele também ficava um pouco agressivo, mas aí a minha avó ela depois que os que os filhos estavam mais velhos também, aí ela separou, ela enfrentou esse problema mesmo da senhora de ter que trabalhar fora, e a sociedade não ver com bons olhos.

L2: Não vê, né. E é engraçado que a mulher não podia sair de casa.

L1: E aí ela acabou tendo que mudar, ela mudou muitas vezes, mudou inclusive de cidade algumas vezes, ela morou no interior de minas, depois foi pro interior da Bahia, foi pro Rio e aí depois ela voltou pra cá pra Belo Horizonte, mas agora.

L2: Agora ela mora em Belo Horizonte?

L1: Hoje ela mora em Belo Horizonte, mas aí ela separou.

L2: É minhas filhas falavam elas mesmas falavam, “a senhora é masoquista a senhora gosta de sofrer, porque é impossível larga ele” eu falava assim, eu ficava assim falando, meu deus do céu, porque eu sou muito católica, aí eu ficava assim aí meu deus lá no altar eu prometi que era na doença, na saúde, então eu tinha, eu vou cumprir essa promessa, e foi bom pra mim porque a hora que ele adoeceu, eu fiquei com ele, o tempo todo no hospital, ele morreu comigo, nós dois só assim, ele morreu em um domingo de manhã, então estava só eu e ele no quarto, então eu falei “pronto entreguei né”, agora eu estou vivendo, agora eu fico assim até com medo de tanta liberdade, porque eu não tinha ele não deixava eu fazer nada entendeu, tudo é achava ruim então...

L1: É em relação ao seu marido, que a senhora falou, é e eu queria fazer outras perguntas também, mas elas são mais específicas em relação ao ofício mesmo. Então Dona [XXXXXX], eu queria saber da senhora assim o quê que você acha é:: de:: qual quê é a profundidade do seu ofício? Vou explicar melhor a pergunta, como é que você acha que o seu ofício atua na vida das pessoas, você acha que é muito importante não é tão importante, é mais ou menos, você acha que?...

L2: Para um tipo de pessoa é. Por que a pessoa, por exemplo, a pessoa não sabe fazer não sabe costurar não sabe nada, então leva lá pra gente e a gente faz, aí igual eu te falei a pessoa fica satisfeita fala que “ah eu acho que ficou bom”, pra mim não precisa nem pagar [risos] porque de tão bom que eu acho a pessoa falar né, então eu acho que para essas pessoas ainda tem um certo valor, tem outros não que não valorizam vestem a roupa não quer nem saber como é que foi feita nem nada. Então eu acho que têm esses dois lados.

L1: Sim, é:: aí você tinha falado já que é diferente trabalhar na confecção de trabalhar em casa, a senhora falou com a [XXXXXX] que:: a senhora faz o seu horário mesmo em casa a senhora faz?...

L2: Eu procuro fazer, a gente não cumpro certinho porque em casa é diferente, chega uma pessoa você tem que largar e tudo, mas eu procuro sempre de manhã fazer tudo de casa, e a tarde costuro.

L1: Mas esse horário que a senhora estipulou a senhora cumpre ele é:: a senhora estipulou tem muito tempo, desde que a senhora começou a trabalhar...

L2: É eu gosto eu gosto das coisas assim bem, eu sou meia... como é que fala?

L1: Metódica.

L2: É assim até não deve ser não? Mas eu sou, então pra mim tudo é assim eu não gosto de fazer correndo nada, se tem que ir em algum lugar eu gosto de ir bem mais cedo não gosto que a pessoa me espera, então eu gosto

assim bem...

L1: Organizada.

L2: Organizada, tem hora que é até chato. Mas eu sou assim.

L1: Mas aí então desde que a senhora começou a trabalhar em casa a senhora tem um horário estipulado pra?...

L2: Eu tenho, depois do almoço eu gosto de.

L1: E a:: mais uma pergunta que eu tinha pensado, é:: se o:: seu ofício é:: mudou a:: forma da senhora interagir com as pessoas, se te deu alguma é:: se o seu ofício te modificou de alguma forma? Mesmo que seja fisicamente, por exemplo, a senhora ficava muito tempo sentada, se te deu algum problema na coluna ou a senhora estava falando lá do dedal que a senhora nem usa mais, se deu algum calo alguma coisa assim? Teve...

L2: Não não, eu acho que a coluna fica sempre, sempre tem alguma né...

L1: Algum problema.

L2: É algum problema porque é muito tempo, por mais que eles falam que você tem que ficar bem encostada pra postura. Mas sempre da mesmo.

L1: A senhora sente que em relação a interagir com as pessoas a senhora acha que a sua profissão te mudou de alguma forma?

L2: É eu acho bom, eu acho bom assim que a gente conhece várias pessoas, conversa com um, eu acho bom pra mim foi bom, porque igual eu falo, meu marido já não dava muita atenção nem nada, então pra mim esse outro lado foi bom, eu tenho mais contato com as pessoas, conheço muita gente também, e eu acho bom essa, com as pessoas, às vezes em casa a gente não tem, então é beleza, eu preciso todo mundo precisa.

L1: Dona **Xxxxxxx** a senhora fala que é:: o seu único ofício foi de costureira...

L2: De costureira.

L1: Se a senhora não fosse costureira, o quê que a senhora gostaria de fazer, de ter feito?

L2: Costureira[risos], eu me identifico de mais com essa profissão eu gosto, entendeu, eu gosto mesmo de costurar, então eu não penso em ser outra coisa não.

L1: O quê que a senhora pensa assim em termo de contribuição pra sociedade que a sua profissão trouxe?

L2: É eu, na época eu não achei que tinha contribuição nenhuma, porque não tinha valor nenhum não era (nada), mas agora eu vejo que tem valor sim, sabe então pra sociedade era bom essa profissão, então é eu acho que agora, agora eu penso diferente de primeiro não, mas agora eu acho que... Que pra sociedade a costureira faz falta.

L1: Por quê?

L2: Olha a costureira mesmo que foi em casa, igual faz um vestido pra você só, só pra você, então só tem aquela modelo, agora você vai na loja tem uma imensidão de vestido tudo igual, então quer dizer a costureira faz uma coisa personalizada pra você só, então eu acho que isso aí se valorizasse era bom. Então eu acho que...

L1: Na época que a senhora começou a costurar não tinha esse quantidade de opções, não havia os produtos industrializados não é isso?

L2: É isso.

L1: Nesse momento a costureira era mais valorizada que hoje ou não?

L2: É porque tinha que ser valorizado porque não tinha outra opção para as pessoas era só aquilo, então tinha que valorizar, mas nesse sentido é porque precisava e era só aquela, não tinha outra opção pra pessoa então tinha que procurar era aquilo.

L1: A senhora acha que o ofício de alfaiate, era mais valorizado que o de costureira?

L2: Muito mais, muito mais. E também era muito mais, eu falo assim, parece que dava mais trabalho, fazer um terno era coisa muito difícil, era um profissional mesmo que fazia uma coisa direita, era muito bonito, terno pra fazer dá muito trabalho mesmo, eu acho que mais que o nosso.

L1: A senhora já participou de alguma associação de costureira de algum sindicato alguma coisa nesse sentido.

L2: Não, não sindicato, não participei não.

L1: Na fábrica não tinha associação?

L2: Não.

L1: Não tinha um sindicato?

L2: Devia ter. Não sei mais eu acho que não tinha não, naquela época não tinha não, era também era na fábrica também era muito difícil, a gente não tinha muita opção nem nada não, nem muita, tinha era uma cooperativa na fábrica tinha essa cooperativa, mas na costureira sindicato, devia ter né, mas eu nunca fiz coisa não.

L1: Nunca fez parte.

L2: Parte.

L1: E como é que era esse ambiente de trabalho na fábrica, com as suas companheiras de trabalho, tinha homens trabalhando na fábrica também?

L2: Não, não tinha homem, na fábrica de costura, não tem homem não, era só mulher mesmo.

L1: E a relação da senhora com os donos...

L2: Era boa, muito boa.

L1: Com os donos com os colegas?

L2: Com os colegas, porque igual quando foi no final que eu passei a contra mestra ai eu tinha qualquer problema qualquer coisa com as costureiras eu que tinha que levar pra patroa, então era muito bom meu relacionamento, com as colegas graças a deus nunca teve nada não.

L1: Dona [XXXXXXX] eu vou te fazer uma pergunta que eu acho que a senhora até já respondeu mais eu vou começar. Tem algum tipo de assinatura profissional, que a senhora, por exemplo, você vai costurar uma roupa ai a senhora faz de um determinado jeito ou não tem uma coisa assim ou não tem ou assim uma coisa bem bem detalhe seu, por exemplo, você vai remendar uma coisa ai a senhora faz de um jeito seu?

L2: Não eu acho que não, do jeito que eu aprendi mesmo que eu faço,

L1: É um padrão.

L2: É padrão, padronizado, tem às vezes assim leva pra mim fazer, por exemplo, teve um problema na calça, rasgou e quer que eu conserte, então eu acho que a minha máquina facilita, aquela que faz remate, então eu faço bem bonitinho e todo mundo fala que fica bom, mas não sei.[risos]

L1: Como é que chama esse remendo que a senhora faz?

L2: É como que você falou?

L1: Porque normalmente as pessoas (trecho incompreendido).

L2: É um buraco então como não tem pano, não tem como por exemplo, queimou com cigarro.

L1: Como que a senhora faz esse ai?

L2: Então eu vou na minha máquina ponho o ponto de zigui zague, ele vai fazendo assim, e eu vou também fazendo até encher aquele...

L1: O espaço.

L2: ...espaço com a linha só, porque não tem pano, queimou o pano, então eles falam que isso, quem leva elogio e fala que fica bom, não sei se fica[risos], mas eu acho, mas isso ai não é todo mundo que faz, porque a hora que fala que é buraco não tem jeito só se você puser o pano em baixo, mas ai fica diferente, então eu faço assim para ficar o melhor que a gente pode fazer.

L1: A senhora tem uma história assim interessante da sua profissão, alguma coisa assim que marcou a profissão da senhora? Porque normalmente a gente tem alguma coisa que marca talvez uma cliente que ficou satisfeita ou que não ficou satisfeita, ou um erro que a senhora cometeu, alguma coisa que não tinha solução e a senhora solucionou, a senhora tem alguma história ou mesmo da sua mãe...

L2: É da minha mãe eu até falei com o [XXXXXXX]...

L1: ...na época que a senhora estava aprendendo?

L2: ...é meu sobrinho neto da minha mãe, o primeiro neto, então ele ficava doido com ela querendo ver, mas ele tinha dois anos, piquitinho, dois ou três eu acho que era dois anos, eu sei que era bem pequenininho ai ela sentava ele na mesa da máquina pra ele ver ela costurando, ele foi e enfiou o dedinho debaixo da agulha chegou a enfiar, mas ai ela na maior calma e ele gritando, ela foi suspendendo na roda da máquina com a mão e foi e tirou, a hora que minha cunhada a mãe dele chegou e ela[risos] já tinha resolvido o negócio, então isso ai ficou marcado porque meu sobrinho, igual eu falei com o [XXXXXXX] ele tem sessenta anos e tem a marquinha da agulha que enfiou, então isso ficou bem marcado pra todo mundo, pra gente.

L1: A senhora chegou a costurar em bastidor, fazia o uso do bastidor?

L2: Não eu nunca. Porque ai é bordado na máquina, punha no bastidor ou na mão mesmo.

L1: É É na mão mesmo, (trecho incompreendido).

L2: Eu sei até fazer como é que é, mais não.

L1: O quê que uma costureira igual a senhora faz hoje? Em termos de trabalho manual em casa?

L2: Eu faço conserto.

L1: Bainha.

L2: Bainha, prego zíper em calça jeans, nó vai todo dia toda hora tem gente lá pedindo pra trocar o zíper e bainha igual eu te falei, cerzir buraco, e fazer bermuda às vezes corta a calça jeans, às vezes a barra fica muito estragada porque geralmente as barra são grande ai estraga e a gente corta e faz a bermuda pra pessoa aproveita. Então eu faço mais é conserto.

L1: Então a senhora faz barra, prega zíper...

L2: Prego zíper.

L1: ...botão.

L2: Botão, às vezes blusinha assim que fica abrindo, porque agora tudo é apertadinho, fica abrindo e eu prego colchete entre o botão pra poder ficar fechadinho.

L1: O quê que a senhora mais gosta de fazer na costura?

L2: Tudo, assim tudo em conserto, qualquer coisa eu não acho ruim não eu acho bom fazer.

L1: Dona [XXXXXX] eu vou pedir para a senhora me contar aquela história que a senhora contou da sua mãe, dos ternos.

L2: Minha mãe... Minha mãe igual nós fomos pra cidade de (Ozanam) moramos lá...

L1: Onde que fica essa cidade (Ozanam)?

L2: É na Renascença perto da Cidade Nova.

L1: Porque quê vocês mudaram de cidade? Depois a senhora completa.

L2: É porque meu pai não deixou nada pra minha mãe...

L1: Seu pai era? Carpinteiro?

L2: Carpinteiro, então naquela época o marido morria e pronto.

L1: Que ano que ele morreu, a senhora lembra?

L2: Eu tinha três anos.

L1: 1937.

L2: Então.

L1: Ele morreu de quê?

L2: De câncer, naquela época não falava, colocaram até um nome de uma doença que a gente nem sabia falar o nome de tão difícil, mas ele tinha uns caroços que davam no pescoço e ele fazia radioterapia, naquela época já tinha, ele fazia ai sumia, mas ele ficou dez anos assim.

L1: Seu pai tinha quantos anos quando ele morreu?

L2: Quarenta e dois.

L1: Ai ele morreu...

L2: Ai ele morreu e ela ficou sem...

L1: Desamparada.

L2: Desamparada e a família na época todo mundo afastou então ela começou a ter, não sei se vocês conhecem, aquelas cadeiras de telinha que tece, então ela fazia isso, mas não deu conta, porque eram quatro filhos, então ela não conseguiu não, só com as cadeiras não deu jeito, então nós fomos pra lá, meu pai era confrade, da sociedade São Vicente de Paulo, então eles mesmo arrumaram pra ela ir pra lá, então nós fomos, meu irmão, como meu irmão tinha, eu tinha muita dó do meu irmão esse que ta vivo, com dez anos ele não podia mais ir pra lá, então o quê que aconteceu nós fomos e ele teve que ir pro instituto João Pinheiro não sei se vocês lembram também, era ali onde é o quinto batalhão na Gameleira, ai nós fomos pra lá e no mesmo dia separou, ele foi mais se você visse a cabeça dele que dó, porque era o mais velho, porque tinha dez anos ai não podia ir eles não falaram não.

L1: A senhora quer água Dona [XXXXXX]? Pode tomar.

L2: Não obrigado. Ai ele não pode...

L1: Separou.

L2: Separou na hora assim, ai levou ele pra lá, pronJoão Pinheiro, e nós ficamos em (Ozanam), ai nós ficamos com a mãe...

L1: Com a mãe?

L2: ...é com minha mãe e ele ficou lá no João Pinheiro.

L1: E vocês não se viam?

L2: A gente ia domingo visitar ele lá no João Pinheiro, até que ele foi servir o exército e ficou lá até os dezoito anos, ai depois a gente também ficou maior eu já tinha nove anos ai saímos de lá, mas era costurando sempre, só

costura.

L1: Ai vocês saíram de (Ozanam) e foram pra onde?

L2: Ai ela alugou um barracão pra gente, o negócio (é complicado) [risos], ai ela não deu conta também não, eu e minha irmã tivemos que ir pro colégio (secrete) não sei se vocês já ouviram falar, lá na Serra, nós ficamos lá também, ela arrumou pra gente ir pra lá, mas não como aluna, era tipo empregada das alunas, ai nos ficamos lá também até minha mãe, ai ela ficou só com meu irmão o outro, pra ver se conseguia sobreviver, era sobreviver porque era difícil demais não tinha nada, igual agora tem bolsa família, tem não sei mais o que, naquela época não tinha nada, nem pra ajudar, nada.

L1: E a família?

L2: A família sumiu todo mundo, assim ninguém, então ai nós ficamos no colégio esse tempo todo, quando saímos do colégio minha mãe não conseguiu mesmo, ai ficamos com minha vó ai ela foi pedir minha vó, ai nós sofremos muito com ela, ela foi muito ruim pra gente minha vó, muito ruim mesmo.

L1: A mãe do seu pai?

L2: A mãe do meu pai, ai depois ai minha mãe viu que não tinha jeito e nos juntou de novo, ai a gente já estava maior, ai começamos a trabalhar e foi beleza foi bom mesmo porque ai ela costurando ela não, até ela morrer ela costurou.

L1: Sua mãe morreu com quantos anos?

L2: Com quarenta, com cinquenta e dois.

L1: Morreu nova.

L2: Eu tinha vinte anos.

L1: Ela morreu de quê?

L2: Ela morreu de peritonite. Então ela ficou foi só operar porque não tinha jeito, tinha (suporado), ai morreu.

L1: Não na verdade era um caso mais pra finalizar, se a senhora quiser continuar falando, mas era em relação as duas (pernas depois a senhora conclui).

L2: Ah tá.

L1: A senhora ainda exerce o seu trabalho.

L2: É, isso.

L1: É o quê que motiva a senhora a continuar, porque a senhora tem uma idade de se aposentar, e já se aposentou, e o quê que lhe motiva a continuar?

L2: Eu acho que se eu parar eu morro, eu não posso parar, eu fico parada e começo a pensar e é só coisa ruim, então pra mim não dá não, eu não gosto de ver televisão durante o dia. Agora eu gosto muito de ler, palavra cruzada também eu gosto demais. Então eu estou sempre com alguma coisa...

L1: A senhora usa óculos?

L2: Eu uso só pra perto pra ler eu tenho que usar, então eu costuro, igual o oftalmologista falou, deve ser uma coisa de criança, que eu tenho quatro graus só de um olho, eu não enxergo quase nada então, deve ter sido de criança, porque a gente não ia no oculista nem nada, então depois de velha que eu descobri que eu não enxergava direito de uma vista então eu. O quê que eu tava falando?

L1: Da profissão da senhora.

L2: Ai eu não paro, não posso parar mesmo, não gosto de, eu faço caminhada levanto faço caminhada de manhã faço ioga também então eu acho que se eu parar eu morro.

L1: E a senhora tem alguma placa na porta de casa, alguma propaganda que a senhora costura?

L2: Não tem não é só mesmo o pessoal que já conhece, porque tem muitos anos que eu moro ali, então eu pra pessoa de fora eu nem costuro não, é só mesmo.

L1: Eu vou fazer uma pergunta indiscreta, se a senhora quiser responder se não quiser fica à vontade. Como é que é o preço do seu trabalho, como é que pensa o preço?

L2: Eu meu maior problema é esse porque eu não sei dar preço, entendeu? Ai eu fico assim, elas ficam rindo, às vezes me dá até mais, uma bainha de calça eu cobro dois reais, então elas falam “é um absurdo”, sabe eu fico assim achando esquisito cobrar. Então eu pra comercio eu sou uma negação mesmo, não sei, é dois reais pra todo mundo, “ahh dois reais” a bainha o zíper.

L1: Porque que a senhora fica acanhada de cobrar?

L2: Não sei, não sei.

L1: Mas não é a sua profissão?

L2: É não sei por que não, eu fico sem graça quando a pessoa fala “quanto, quanto que é” eu fico assim “ai meu deus do céu”, fazer o que a gente nunca teve valor então você acha que aquilo ali é uma coisa atoa que não deve cobrar, entendeu? Eu faço em um instantinho então eu...

L1: A senhora trabalha com uma técnica especial pra fazer uma barra, pra fazer um cerzido?

L2: Não eu já tenho no olho a medida, eu quase não uso fita que a gente já acostuma, com o tamanho uns três centímetros de bainha, então a gente já sabe então nem mede mais não, acostuma. A gente fala que costureira tem a fita nos olhos, mas é por isso porque a gente acostuma com os tamanhos então não tem dificuldades não.

L1: Dona [XXXXXX] o [XXXXXX] fez essa pergunta, pediu pra que a senhora contasse o caso do terno, então pra encerrar a gente queria ouvir.

L2: É minha mãe como eu te falei, em (Ozanam) chegava fim de ano e ela começava a fazer os ternos para os velhos, porque lá também tinha pessoa de idade também que não tinha casa nem parente nem nada ia pra lá também, eram as viúvas e os senhores assim. Então os ternos ficavam por conta dela, eles compravam o brim e ela fazia os ternos, mas como eles eram mais velhos, então tinha mais velhos, então ela punha o nome de cada um no papelzinho e pregava com alfinete naquele que estava pronta e ia e chegava na véspera de natal entregava pra cada um ir a missa com o terno novo, na missa do galo que eles falavam, meia noite, então quando entravam os velhos tudo com os papeizinhos, não tiravam não [risos] os nomes com com...

L1: identificado.

L2: ...é ai depois que acabava a missa ai falava, “tem que tirar, não é pra ficar não”, ai eles achavam que tinha já que tinha posto que ficar né, então era muito engraçado. Mas era muito bom.

L1: Dona [XXXXXX] era muito bom?

L2: Eu era feliz e não sabia. Porque eu acho que naquela época a gente não exigia nada, a gente não tinha esse consumismo que tem agora nem nada não, então a gente era feliz do jeito que era, do que tinha então eu acho que era um tempo bom, muito sofrido mais bom.

L1: Que perguntar alguma coisa [XXXXXX]?

L1: É:: se a senhora é:: a senhora relatou ai que sente saudades, a senhora voltaria nesse tempo?

L2: Não.

L1: Não.

L2: Não, nada.

L1: Nós queremos agradecer a senhora Dona [XXXXXX]...

L2: Eu que agradeço de ter colaborado com alguma coisa, que tomara que esse projeto seus vai pra frente e que tenha mesmo valor as profissões, é o que eu desejo.

L1: É a memória, nós estamos procurando guardar isso é muito importante pra nós.

L2: Pois é, e precisa.

Anexo A.3 – Entrevista com a Cozinheira

J: Qual o nome completo da senhora?

MJ: [XXXXXX].

J: Quando a senhora nasceu e onde?

MJ: Nasci em Pium-Í no dia 10 de novembro de 1934.

J: Os pais da senhora eram de Pium-Í também?

MJ: Meu pai era de Pimenta e, minha mãe nasceu em Pistais mas quando eu nasci ela morava em Pimenta.

J: E qual era a profissão do seu pai e de sua mãe, o que eles faziam?

MJ: Eles eram fazendeiros.

J: Quantos filhos sua mãe teve?

MJ: Teve oito, todos nasceram em Pium-Í.

J: A senhora morou em Pium-Í sempre? Ou a senhora mudou na sua infância.

MJ: Não, nasci na roça e fui pra Pium-Í para estudar. Quando me casei, com dezessete anos, eu e meu esposo moramos um tempo em Pium-Í e em 1962, mudamos para Belo Horizonte.

J: A senhora fala que estudou que aprendeu...

MJ: Eu estudei até a admissão, logo após o primário. Eu tinha muita vontade de estudar, mas não tinha nenhuma outra escola na cidade. Hoje já tem faculdade.

J: E a senhora casou-se com dezessete anos?

MJ: Com dezessete anos.

J: A senhora tem filhos?

MJ: Tenho, tive dez filhos, dois homens e oito mulheres.

J: Quantos anos de casada a senhora têm?

MJ: Sessenta e um, em julho faz sessenta e dois.

J: E a profissão da senhora foi igual da sua mãe?

MJ: Fui dona de casa como minha mãe, sei fazer de tudo um pouco: bordar, tricô, crochê, cozinhar e costurar.

J: E vendo esta cozinha aqui dona [XXXXXX], a senhora fala que aprendeu tudo com a sua mãe, o que a senhora mais gosta de fazer dentro da cozinha?

MJ: Gosto de fazer de tudo um pouco na cozinha.

J: E a senhora cozinha todos os pratos?

MJ: Sim.

J: E a senhora foi, foi ensinada a fazer ou a senhora olhava e aprendia a fazer sozinha? Como é que era isto?

MJ: Eu ajudava muito a minha mãe, principalmente a matar e arrumar porco.

J: E como era este processo de arrumar um porco?

MJ: o porco era criado na fazenda, tinha a porca de cria e os leitões castrados de engorda .

J: Como é que era este processo de matar o porco? De arrumar o porco?

MJ: O porco era morto, o sangue era retirado, depois o porco era limpo. O toucinho era picado e frito, lavávamos a barrigada e depois fazíamos chouriço e linguiça.

J: Esse processo durava quanto tempo? De arrumar o porco inteiro.

MJ: Demorava um dia inteiro.

J: Como é que era o processo do chouriço? A senhora lembra?

MJ: Estancava o sangue do porco e puía este sangue, temperava com um de toucinho.

J: Era doce ou de sal?

MJ: De sal, chouriço tem que ser de sal.

J: Além do porco, vocês matavam outros bichos na fazenda?

MJ: Sim, matávamos cabrito.

J: E doces na fazenda vocês faziam. A senhora aprendeu a fazer?

MJ: Sim, fazia doce de leite, doce de cidra, mamão. Eu saí da roça muito nova também e depois meu pai teve que vender a fazenda por causa da eletricidade que colocaram na cidade e passava na fazenda.

J: Mas vocês saíram da fazenda porque seu pai teve que vender a fazenda?

MJ: Sim.

J: Ai vocês foram para onde?

MJ: Fomos para a cidade.

J: Quando a senhora casou, a senhora fazia as mesmas coisas que na casa da senhora?

MJ: Sempre fiz porque em Pium-I na época podíamos fazer chiqueiro, engordar porco, ter galinha em casa. Eu só morei na roça ate dezesseis anos...

J: como era sua vida nesse ambiente da roça.

MJ: Nós íamos muitos fins de semana pra cidade, passeava, assistia as festas da igreja, passeávamos nas praças. Conheci meu marido na cidade, quando mudei meu pai comprou uma casa onde ele era vizinho.

J: A senhora namorou só ele?

MJ: Sim.

J: A senhora teve os filhos em casa ou no hospital?

MJ: Os mais velhos foram em casa sim, os quatro mais novos foram em Belo Horizonte no hospital.

J: E com parteira, com médico, como é que era isso?

MJ: Corria tudo bem, nunca aconteceu nada de anormal, mas, se precisássemos de médico, era só chamar o médico da família que ele ia correndo.

J: Aqui em Belo Horizonte a senhora mora em casa?

MJ: Moro em casa J: A senhora têm fogão a lenha, tem horta em casa?

MJ: Não.

J: E a sua vida de casada na cidade, a senhora continuo fazendo as coisas do mesmo jeito?

MJ: Tudo do mesmo jeito.

J: Matava porco, fazia doce, me conta como é que era o dia-a-dia da senhora na fazenda? A senhora tinha dia de arrumar porco, tinha dia de quitanda, como é que era isso?

MJ: Era serviço de mais, trabalhávamos o dia inteiro e íamos pra escola muito cedo, meio dia e pouco a gente estava em casa e já tinha serviço esperando a gente.

J: Que idade a senhora tinha?

MJ: Dez ou Doze anos.

J: E aprendeu a fazer farinha?

MJ: Sim.

J: torrava também?

MJ: Torrava.

J: Como é que a senhora processa essa mandioca ralada?

MJ: Pego a casca, lava bem e depois rala, compro tudo do jeito que eu quero.

J: Como é que você a prensa?

MJ: Coloco no pano de prato, o estico e vou colocando a massa depois torce igualzinho torce roupa, a água da mandioca sai, e a massa fica sequinha no pano.

J: Aí a senhora pega a massa e faz...

MJ: misturo em um pouco de fubá, coloco em um tabuleiro e deixo, depois coloco em uma frigideira grande que eu tenho e torro a farinha.

J: Criava galinha?

MJ: Sim tínhamos muitas galinhas e vacas.

J: quem tirava o leite?

MJ: Minha mãe e meus irmãos.

J: A senhora nunca tirou leite?

MJ: Não. Eu não cheguei a aprender a tirar leite.

J: Por que tem uma técnica num tem?

MJ: Sim.

J: E queijo, a senhora sabe fazer?

MJ: Sim.

J: Como é que é esse queijo que a senhora fazia aquele bem tampadinho ou aquele mais ()?

MJ: Colocava coalho no leite , colocava o leite na beirada do fogão quente então escorria o soro. O soro dava para os porcos e o queijo era posto na forma.

J: Qual é a técnica pra fazer um bom queijo?

MJ: Tem que espremer segurar a mão pra ele ficar lisinho, pra ele não espedaçar. Depois colocávamos sal grosso em cima do queijo.

J: Não tinha geladeira?

MJ: Não!

J: E lá tinha queijo curado?

MJ: Sim.

J: e tinha muita festa lá na sua casa?

MJ: As vezes tinha reunião das pessoas da redondeza na minha casa, meu irmão e eu cantávamos.

J: Quais músicas? Canta uma música pra mim? Lembra uma música que você cantava?

MJ: Mourão da Porteira, Couro do Boi... só moda de viola.

J: Depois a senhora vai cantar uma música pra mim então tá?

MJ: Nossa hoje estou com a garganta ruim.

J: Dona [XXXXXXX], a senhora me conta que teve uma família grande, muitos irmãos num é isso, me conta um poucocomo era a vida cotidiana em sua casa? Mesmo solteira a senhora tinha suas obrigações em casa?

MJ: Sim.

J: E a senhora era a mais velha das meninas?

MJ: Sim.

J: Então a senhora tinha mais responsabilidades que as irmãs?

MJ: Sim.

J: e como é que era essa coisa da:: das tarefas em casa, a senhora era responsável pra fazer, por fazer o que?

MJ: Eu fazia de tudo, ajudava minha mãe a lavar roupa, na roça era tudo na mão.

J: e como é que era o sabão pra lavar a roupa?

MJ: O sabão era feito com gordura de torresmo.

J: Como é o processo deste sabão, tinha um liquido que se extraia da cinza?

MJ: Minha mãe juntava a cinza do fogão em uma lata, todo dia limpava o fogão e ia juntando a cinza e jogando um pouco de água, e ela ia socando ate encher para poder colocar água. Furava a lata para vazar a agua. Quando a agua passava na cinza ela virava dicuada (soda) O sabão ficava uma beleza. Lavava terno de linho branquinho do meu irmão com aquelas bola de sabão escura.

J: E a senhora fazia...

MJ: Colocava o torresmo no tacho e ia cozinhando com o dicuada colocando a água. Caso a dicuada não desse colocava soda para o sabão não ficar com gordura.

J: e como é que tira o ponto deste sabão pra saber se ele é bom?

MJ: Na hora que o sabão engrossava e não tinha mais gordura colocava um pouquinho na água, se ele afundasse e num tivesse nem uma gota de gordura em cima da água. Tirava ele com uma colher de ferro grande e colocava em um lençol enrolava na hora que esfriava fazia as bola de sabão.

J: Sua mãe que te ensinou isso?

MJ: Sim, eu ajudava ela com as tarefas.

J: custa a esfriar né?

MJ: Sim. Eu faço sabão até hoje, mas hoje faço com resto de óleo não utilizável.

J: É o óleo e que mais?

MJ: Quatro litros de óleo, um quilo de soda, eu ponho a água morninha. Põe o óleo primeiro, a soda depois coloca um litro de água morna, eu ponho um pouco de fubá às vezes até um prato de fubá pra ajudar ele a engrossar depois mexe, ficava branquinho. Não vai no fogo, é só misturar igual mexer um bolo e ele vai virando sabão e que que acontece, por ultimo coloca um copo de álcool.

J: Aí a senhora despeja...

MJ: Despejo em uma caixa de plástico, se fizer ele de tarde de noite pode cortar os pedaços, não tem sabão nenhum melhor do que esse.

J: E lá na roça quando a senhora aprendeu a fazer esse era quente né?

MJ: Sim.

J: Então a senhora fazia sabão, fazia o que mais em casa, qual era a sua tarefa assim cotidiana?

MJ: Ajudava a cuidar da casa, lavar roupa...

J: E passar roupa essa roupa toda?

MJ: E lavava vasilha, as roupa era a gente com ferro de brasa, apanhava café, tinha um engenho a gente cortava as cana passava no engenho, fazia doce, tomava garapa, fazia batida de rapadura.

J: E quem cuidava dos irmãos menores?

MJ: Os menores era eu que ajudava.

J: A senhora ensinou suas filhas a fazer essas coisas?

MJ: Elas fazem de tudo, mas algumas coisas que eu fazia na roça elas não fazem.

J: Ô Dona [XXXXXXX], a senhora me conta que trabalhava muito e divertimento além dessa... desse grupo que se juntava pra tocar violão, cantar o que mais vocês tinham pra se divertir? Que vocês faziam pra divertir?

MJ: Na roça usava brincadeira, tinha uma brincadeira de passar anel, as moças e os rapazes ficavam todos

sentados nós tínhamos que adivinhar com quem estava o anel, era muito bonita e gostosa nossa forma de brincar.

J: qual outra a senhora lembra?

MJ: Só essa.

J: Tinha Congado, tinha essas coisas lá?- Em? - Tinha essas festas de Congado, Reinado, essas coisas lá?

MJ: Tinha sim na cidade, mas morávamos muito longe então não acompanhávamos não.

J: A senhora tinha vontade?

MJ: Não. Fui para a cidade muito nova com dezesseis anos e meus irmãos também não deixavam, tinham medo de briga.

J: E seus irmãos na roça qual era a tarefa deles?

MJ: Eles limpavam pasto, plantava arroz, milho, colhia, curava boi.

J: E a senhora tem alguma lembrança assim triste desta época?

MJ: Sim, meu irmão ficou com um problema na perna e minha mãe que tirava leite e fazia tudo pra ele.

J: Porque que a senhora num aprendeu a tirar leite?

MJ: Tinha medo da vaca e logo fui pra cidade.

J: A senhora não morou na roça casada?

MJ: Não.

J: A senhora achava pesado o serviço lá?

MJ: Não. Plantávamos muita hortaliça, tomate, repolho, cebola, alho ...

J: Qual era a época de plantar alho?

MJ: Semana Santa

J: e quem fazia as...?

MJ: Nós fazíamos as tranças.

J: A senhora conseguiu passar para suas filhas o modelo devida que a senhora teve?

MJ: Ninguém consegue o mundo mudou muito.

J: Eu vou mostra uns objetos para a senhora e eu queria que a senhora falasse um pouco sobre eles. Pode?

MJ: pode.

J: Então vamos lá!

MJ: Moinho.

J: Como é que funcionava isso?

MJ: Moinho de moer café.

J: E a senhora plantava isso na roça, como é que era esse processo?

MJ: Usava na roça , plantava o café, colhia e depois a hora que secava a gente limpava no pilão, o café, torrava e moía em um moinho desses, tomávamos café natural .

J: a senhora sabe que essa mesa aqui tem uns...

MJ: Porta garfo e colher.

J: e aquele objeto mais lá pra frente?

MJ: Minha mãe tinha um desses, tinha uma prateleira de colocar as vasilhas

J: Lá na frente tem outro objeto, Dona **Xxxxxxx**, caminha lá pra você vê.

MJ: Esse eu não conheço não. – isso parece que é uma coisa de amolar, não Dona **Xxxxxxx**? – deve ser, nunca tive um desses.

J: esse a senhora não teve não né.

MJ: Não, eu tive foi um chaleiro.

J: e essas gamelas aí, a de trás era pra que.

MJ: Usávamos essas gamelas para limpar porco.

J: E a essas mais fundinhas aí, e pra amassar quitanda?

MJ: A gente amassava biscoito, pão-de-queijo nas gamela.

J: Ah sim. A senhora fazia biscoito?

MJ: Fazia.

J: e era aquele forno grande?

MJ: Forno grande assava uma quantidade de biscoito e pão-de-queijo tudo de uma vez, broa na folha da bananeira.

J: É importante pra nós, principalmente você contar essas histórias.

MJ: Graças a Deus até hoje tudo que eu peguei pra aprender a fazer eu fiz.

J: E aquela peça grande lá, Dona [XXXXXXX], você conta alguma coisa dela?

MJ: Isso é uma gamela grande também.

J: E isso aqui seria a tábua do queijo?

MJ: Não. A tábua de fazer queijo era tipo um banco alto, estreito e comprido.

J: essa aí na fazenda era usada pra que?

MJ: Usava pra colocar vasilha.

J: E o fogão a lenha era nesse formato?

MJ: Sim.

J: e algodão vocês plantavam?

MJ: Plantava. Nós colhíamos algodão, tinha um descaroçador pra tirar a semente do algodão, passava o sabugo de algodão, em um daqueles cilindros de fazer pastel, o algodão passava e a semente ficava.

J: Esse era o primeiro processo né, tirar o caroço do algodão. E depois?

MJ: Depois tinha que bater ele. Minha mãe tinha um arco igualzinho aqueles arcos que os índio joga flecha, com um barbante forte ela colocava o algodão e fazia um ziguezague com o barbante e tirava o casquinho do algodão porque o algodão tinha cisco das folhas, tirava tudo e o algodão ficava limpinho.

J: E o próximo passo depois desse?

MJ: O próximo passo de desencaroçar era carda eu cardei muito algodão pra minha mãe fiar naquela rodinha.

J: e depois de cardá?

MJ: Eu cardava pra ela e ela fiava, fazia a linha, só não tinha o tear pra tecer, aí mandava pras tecedeira a lã e o algodão.

J: A senhora tingia a Lã lá?

MJ: Tingia.

J: A senhora tem saudade do seu tempo de roça?

MJ: Tenho sim mas não tem jeito não, tem que satisfazer com o restinho, fazer o que puder.

J: O que que a senhora chama de restinho?

MJ: O restinho de vida que eu tenho.

J: A senhora tem orgulho da vida que teve?

MJ: Tenho sim!

J: de se/ de ter sido dona de casa?

MJ: Eu sinto uma riqueza eu ter ficado dentro de casa pra cuidar dos filhos e meu marido trabalhando.

J: Esse formato num é possível mais né?

MJ: Não, mesmo que num precisa a mulher não aceita fica dentro de casa mais, são poucas as que ficam.

J: A senhora vem de uma época que as mulheres ficavam cuidando da família, criando os filhos e tal. A senhora sentiu em algum momento discriminação por conta disso?

MJ: Não. De jeito nenhum! Eu sinto eu é um foi numa riqueza que eu tinha de pode fica dentro de casa pra pode cria a família ajudei mais do que se eu trabalhasse fora, eu acho.

J: a senhora tem bonitas lembranças né?

MJ: Tenho.

J: Qual que é uma lembrança que mais te marcou na sua vida, uma lembrança alegre da sua vida. Da época que a senhora vivia na fazenda, que a senhora é:: recebia as pessoas lá na noite de lua cheia.

MJ: É todo lua clara os vizinho lá, os morador do lugar tudo ia pra lá.

J: Essa é uma lembrança boa?

MJ: Muito boa a lembrança.

J: Então a senhora podia cantar pra mim um pedacinho da música? Pra gente encerrar com a música pode?

MJ: Encerrar!

J: isso!

MJ: Vou cantar um pedaço.

J: Tá pode cantar.

MJ: É uma música que eu cantava muito, eu aprendi as músicas no alto-falante da praça, que eu não tinha rádio, eu não tinha energia, eu ia na cidade fim de semana aprendia as músicas no alto-falante da praça escutava uma, duas três vezes eu aprendia a música. Tem uma música que chama “Faz um ano”, não sei como que tá minha garganta não, minha garganta tá meia ruim sabe, lá o meu marido toca sanfona, toca violão, afina qualquer... – Instrumento – Instrumento de corda, aqui eu tenho viola [risos] eu tenho viola, eu tenho violão, sanfona.

J: A senhora toca?

MJ: Eu toco um pouquinho também viola, mais aí então tem uma música que eu cantava muito com meu irmão, aí ela é assim ó: “Faz um ano ele foi e não voltou, foi embora e sozinha me deixou, foi pra longe não quis mais o meu amor que tristeza eu fiquei triste chorando a minha dor.” a música que nós cantávamos lá na roça.

J: Oh que linda!

MJ: Linda não é! Depois fala é: “Faz um ano que teus lábios eu beijei na estação muito tempo là fiquei, suas mãos com bem força eu apertei que tristeza nos meus olhos quantas lágrimas enxuguei.” [risos] Depois tem mais um: “Faz um ano eu nem quero lembrar, suas juras fizeram me acreditar, mais um dia eu terei que me vingar o desprezo te darei quando o perdão vier buscar.” Bonita né? – bonita de mais eu estou com a garganta ruim de mais – tá lindo – nós morávamos na roça.

J: mais tá muito bonita a sua voz, muito bonita a música.

MJ: Mas agora num tem não boba, minha garganta já não é boa mais, hoje eu sinto um probleminha que o meu nariz esta meio entupido, acho que eu tomei um banho e tomei um vento, num pode toma banho e toma vento não [risos] qualquer um vento que agente toma a gente gripa.

J: Dona [XXXXXX] muito bonita a sua fala, muito obrigada viu, nos temos muito que agradecer a senhora essa esse bonito depoimento.

MJ: Foi bom, gostei muito.

Anexo A.4 – Entrevista com o Sapateiro

L1: Primeiro eu gostaria que o senhor se apresenta-se, falar o nome completo do senhor, qual que é o nome?

L2: [XXXXXX].

L1: Certo. O senhor é daqui de Belo Horizonte?

L2: Não, sou de Carmo da Mata, interior.

L1: De onde?

L2: Carmo da Mata.

L1: Carmo da Mata, sim tá. E:: o senhor nasceu quando?

L2: 47. 7 de julho de 47.

L1: 1947!

L2: 47.

L1: E:: os pais do senhor, todos dois são de Carmo da Mata, pai e mãe?

L2: Não. Meu pai é de Oliveira e a minha mãe de Carmo da Mata.

L1: E qual era a profissão do pai do senhor?

L2: Lavrador.

L1: Lavrador!

L2: Trabalhava na roça, é.

L1: E a mãe do senhor trabalhava em casa?

L2: Lavrador também. Trabalhava na roça também.

L1: Ela também era lavrador, trabalhava na roça também, é!

L2: Lavradora também. Trabalhava na roça. Era.

L1: E:: o senhor tem filhos?

L2: Tenho, tenho dois casados.

L1: É casado?

L2: Casados.

L1: Casados. A esposa do senhor é viva?

L2: É viva.

L1: Tem dois...

L2: Dois casais.

L1: Dois casais?

L2: É, dois casais.

L1: É:: E quanto que o senhor veio morar aqui em Belo Horizonte?

L2: Vim pra cá em... 60... 61 mais ou menos.

L1: É! O senhor saiu de Carmo da Mata e veio direto pra cá?

L2: Carmo da Mata, direto.

L1: Certo. Então o senhor mora aqui a uns 40 ou 50 e poucos anos.

L2: Deve ter uns 50 anos mais ou menos.

L1: É?

L2: É.

L1: [Risos].

L2: 50 anos. Porque só de sapateiro vou fazer 49. Só aqui no bairro. Já trabalhei em Patos também.

L1: O senhor morando em Carmo da Mata, o senhor frequentou a escola?

L2: Frequentei até o terceiro grau.

L1: Terceiro?

L2: É.

L1: Terceiro ano?

L2: É, terceiro ano.

L1: Tá. E a relação com o trabalho agora que a gente vai falar então. Você, o senhor trabalhou sempre como sapateiro ou teve outros trabalhos antes?

L2: Não. Antes quando eu vim pra Belo Horizonte, eu trabalhava de cozinheiro.

L1: Hamham.

L2: Entendeu, aí tinha uma menina que trabalhava na fábrica de calçados, então eu pedi ela para arrumar um serviço lá pra mim, então ela arrumou lá de faxineiro. Nisso, eu fui:: olhando as pessoas trabalhar e aprendendo, entendeu? Aprendendo e aprendi e trabalhei lá na fábrica de calçados uns 4, quase 6 anos mais ou menos, depois eu saí e vim trabalhar por minha conta.

L1: Lá na fábrica de calçados o senhor trabalhou como faxineiro e depois foi trabalhar com calçados?

L2: Na mesma fábrica.

L1: Na mesma fábrica?

L2: Aprendi lá mesmo.

L1: Aprendeu todo o serviço lá?

L2: Todo lá.

L1: E lá nessa fabrica de calçados vocês faziam o serviço, e como que era feito?

L2: Fabricava né, fabricava sapato sabe, era só sapato de homem. Então é cortava, montava, tinha um cortador, tinha um montador, tinha um frisador, tinha costureiro, tinha tudo separado.

L1: O senhor fez qual dessas funções?

L2: Montador.

L1: Montador?

L2: Montador, a:: alias fiz de tudo lá dentro né, montador, trabalhei costurando sapato, presponto, acabador, tudo.

L1: O quê que é o montador?

L2: O montador é montar o sapato na forma, pegar a casca, o corte do sapato, arranjar uma forma e ir montando, manual, entendeu?

L1: Certo.

L2: E depois daí vai e coloca em um canto para secar, um vai passando cola, outro vai colocando o brilho em volta, outro vai solando, até dá o acabamento lá na frente.

L1: Essa fábrica, onde que ela é?

L2: Na no Padre Eustáquio, na Rua Anchieta, número 250.

L1: Ela hoje ainda existe esta fábrica?

L2: Não, não já acabou, porque o dono de lá morreu que era o **Xxxxxxx**, aí fechou, os filhos não deu conta, fechou.

L1: Então o senhor começou a me falar, primeiro o trabalho de fazer o sapato, primeiro é montar o sapato, depois...

L2: Primero é cortar tudo no coro, a casca, depois prespontava, depois ia pra montagem, da montagem para o soldador, do soldador pro braque, do braque para o acabamento.

L1: Explica direitinho cada passagem dessas que eu não entendo, eu entendi que o senhor cortou o couro, prespontou, montou o sapato e depois?

L2: Depois só botava o solado.

L1: A sola!

L2: O solado. Depois vai para a costura, costurar o solado, numa máquina grande sabe? E:: depois vai pro acabamento, e aí já tem a parte só das mulheres.

L1: Esse acabamento é o que?

L2: É:: limpar o sapato, tirar cola do couro, é:: botar cadarço, botar palmilha, é um dos últimos serviços do sapato.

L1: Depois disso pronto!

L2: Ai vai e encaixa e manda pra loja.

L1: Aí, e essa fábrica ela tinha as lojas próprias ou ela distribuía pra várias lojas em belo Horizonte.

L2: Distribuía pra várias lojas, tinha um vendedor, chegava numa loja vendia um tanto, chegava noutra loja vendia.

L1: Tinha o vendedor da fábrica?

L2: Da fábrica, isso mesmo.

L1: E a partir daí o senhor é:: ficou 4 anos como nessa fabrica?

L2: Não, trabalhei mais, eu não lembro, foi mais de quatro anos, quase 6 anos mais ou menos, depois que eu sair de lá que eu montei por minha conta.

L1: Aí quando senhor montou, por conta do senhor, o senhor também, qual exatamente que era o trabalho que o senhor fazia por conta do senhor?

L2: Eu quando comecei por minha conta, eu comecei a fabricar. Fabriquei por minha conta. Depois tinha muitos concorrentes, que é onde a:: tinha a:: em frente aqui na:: como é que chama? Ali na:: Hitz , uma na:: fábrica de mecânica ali, então eu fazia o sapato lá e trazia para aqui por causa do passeio; um dia surgiu um ponto lá no chão lá, eu vendi uns dois ou três par, depois eu desanimei, eu fui e passei pro conserto, reforma, de reforma eu estou até hoje.

L1: O senhor quando começou a trabalhar por conta própria, o senhor fez tanto sapatos femininos quanto masculinos?

L2: Não, só masculino.

L1: A vida inteira o senhor trabalhou mais com sapatos masculinos!

L2: Só masculino.

L1: Por que não feminino?

L2: Feminino porque é::, e muita a::, a cor é muito diferente, o salto é diferente , entendeu?

L1: E sempre gostou de trabalhar com sapatos?

L2: Gostei.

L1: Foi coisa que o senhor fez com prazer!

L2: Gostei, eu amo sim trabalhar com sapato, eu gosto.

L1: É né?

L2: Gosto. Muitas vezes eu já tive vontade de parar, mas não aguento, tem que ir, eu aposentei, mas um salário mínimo pra aposentadoria num dá, tem que ir trabalhado pra ajudar, pra ajudar.

L1: O senhor tinha quantos anos quando começou a trabalhar na fábrica de calçados...

L2: Ahh.

L1:...com sapatos?

L2: Com sapatos, eu tinha uma base de uns doze anos mais ou menos, foi logo quando eu vim pra cá, pra cidade grande. Mas já chegando aqui não achava serviço, depois eu capinei muita lote para os outros, até aonde foi que essa menina que trabalhava na fábrica de calçados eu conversei com ela, e ela arrumou.

L1: Aí o senhor estava com doze anos?

L2: Estava com doze anos, doze pra treze anos mais ou menos.

L1: Tá. O senhor chegou a fazer algum curso...

L2: Não! Não!

L1: Pra poder... Não! Sempre trabalhou o senhor que...

L2: Eu trabalhei porque, eu olhando tudo na fabrica de calçados, porque é:: tinha uma montadora ali montando sapato ficava de olho, na hora do almoço, muita gente fazia cerão, então a gente sentava do lado ali e ficava olhando, pra como é que fazia, como é que espicha. Sabe? Tal como é que prega, como é que, entendeu? Porque o couro para montar ele tem um lado, de montar, se o couro espichar para frente, se espichar para:: frente assim, quando calçar ele, ele vira um jacar, faz isso ô, tem um lado.

L1: Certo!

L2: Aprendi isto tudo.

L1: Tem sempre um macetizinho.

L2: Tem! Tem até macete.

L1: O senhor comprava o couro quando o senhor veio trabalhar por conta própria. O senhor comprava o couro.

L2: Comprava o couro lá na Rua Guarani, na casa de couro.

L1: Casa de couro que o senhor comprava o couro.

L2: Comprava lá, comprava vez lá, na época vendia lá era o pé, o pé era um quadrado de 20x20, chegava lá pedia três pés, quatro pés, meia pele, cortava no meio e a gente trazia, chegava modelava, cortava, mandava, eu num tinha a máquina de presponto, mandava prespontar, quando eu ia lá buscar, trazia, aí que eu ia montar o sapato.

L1: E aí o senhor fazia todo o trabalho ou o senhor tinha alguém?

L2: Não. Eu, só eu sozinho, toda vida eu trabalhei sozinho, toda vida.

L1: Certo. E:: o senhor trabalhando sozinho, pra vender esses sapatos, como é que era a venda dos sapatos que o senhor fabricava?

L2: Era às vezes no sábado, às vezes onde tinha a Hitz aqui ainda, em frente a PUC, pra cima da PUC. Eu trazia um::, fazia era uns oito pares mais ou menos e trazia e vendia ali entendeu? Vendia dois pares, três pares, depois a coisa, o negócio foi abatendo, caindo, caindo, tinha muita concorrência, aí eu larguei de fabricar e fui para o conserto.

L1: Nesse período o senhor já era casado?

L2: Era casado.

L1: Casado?

L2: Casado!

L1: E trabalhando dava pra sustentar a família...

L2: Graças a Deus!

L1: só com o que o senhor fabricava...

L2: Criei a família toda com sapato, trabalhando com sapato.

...Pausa/Ajustes

L1: Onde que foi o primeiro local que o senhor trabalhou depois que o senhor saiu da fábrica, onde que era que o senhor montou a sapataria?

L2: Na Rua Dom José, Dom Antônio dos Santos, 56, lá naquele perto do posto de gasolina lá, ali embaixo ali.

L1: Aqui no Coração Eucarístico.

L2: Aqui embaixo, no Coração Eucarístico.

L1: O senhor sempre ficou aqui no Coração Eucarístico?

L2: Sempre fiquei, vai fazer 49 anos, que eu estou nesse pedacinho aqui.

L1: E como que era o local, era grande, o espaço era grande, dava para fazer essas divisões de fabricação dos sapatos?

L2: Não! Lá era pequenininho, onde eu comecei ali embaixo era menor que essa sala aqui, menor. E quando chovia entrava água a:: lá embaixo, entrava água lá dentro do quartinho, sofria ali viu, Nossa Senhora! Dali mudei pra Rua Tuitinga, da Rua Tuitinga eu passei pra onde eu estou hoje, lá na:: Dom Gaspar, na Dom Gaspar.

L1: O senhor chegava pra começar a trabalhar que horário?

L2: Antes era sete horas, era oito, hoje eu chego lá quatro e meia da manhã, quinze pra seis da manhã.

L1: E nessa época eram sete horas, como é que era o dia de vida do senhor? O senhor chegava sete horas e já estava cheio de serviço!

L2: Estava, toda a vida eu tive serviço.

L1: É?

L2: Toda a vida. Quando eu comecei, eu desanimei, foi dando uns três meses, quatro meses eu desanimei, mas depois foi, hoje não, hoje se eu quiser trabalhar dia e noite eu trabalho, tem muito serviço.

L1: É!

L2: Entendeu? Que e:: mas num tá igualzinho antigamente não, mas eu antigamente era:: pelo o sapato hoje mais tudo é sintético, antigamente não, era tudo, tudo na base de couro, sola de couro, palmilha de couro, contra pó de couro, borracha de couro, tudo era de couro, hoje não é:: palmilha de papelão, sola de prensado, entendeu?

L1: E os modelos dos sapatos, como é que senhor, o senhor mesmo que fazia os modelos que imaginava, como fazia sapatos diferentes, pra venda tinha alguém que desenhava pro senhor?

L2: O desenho:: tinha alguém que desenhava sabe? É:: fazia o modelo, a é:: fazia o modelo no papelão, mandava passar no papelão, depois botava encima do couro e cortava, só fazia só mandava fazer só o modelo.

L1: Era sempre o mesmo modelo?

L2: É sempre era o mesmo modelo.

L1: E na fábrica também era sempre o mesmo modelo?

L2: Era sempre assim.

L1: Sempre um, o único modelo.

L2: Tinha o modelador da venda, lá dentro, dentro da fábrica, cada época é:: tinha um sapato diferente entendeu?

L1: Trabalhar na fábrica e trabalhar no espaço do senhor, como é que era a diferença, essa diferença de estar lá trabalhando na fábrica e trabalhar no espaço do senhor, o senhor gostava mais de trabalhar por conta própria, me fala um pouquinho desse trabalho da fábrica e no espaço que o senhor começou.

L2: Porque fábrica de calçados quando eu comecei, não, eu aprendi a profissão lá dentro, que dizer é:: arruma o sapato, naquela época que foi em 61 ou 62 mais ou menos, quando a gente estava lá dentro eu gostava de trabalhar lá dentro com o sapato, mas hoje como eu passei pra reformar, eu gosto mais da reforma. Porque antigamente não, trabalhava para os outros lá, ganhava pouco, hoje não, hoje eu ganho mais, que reformando ganha mais né, que na época (???) até hoje tem fabrica de calçado que ganha por peça, quanto mais fazer, mais ganha, na montagem, na lixadeira, entendeu? Agora lá onde que eu estou ganha mais.

L1: Mais a fabricação, na fabrica é um número maior de sapatos que fazia por dia do que o senhor sozinho no trabalho do senhor.

L2: É:: porque na fabrica de calçados é::...

L1: Tinha mais pessoas.

L2: Tinha, era mais gente né, trabalhava mais, fazia mais ou menos por dia uns 60 pares por dia na época, cada um ficava com uma remessa de dez pares, cinco pares, outro de mais (???) pega uma remessa de vinte par.

L1: E quantos o senhor sozinho fazia por dia?

L2: Quando eu comecei eu fazia uns três pares por dia, prespontar, montar, botar solado e costurar, três pares.

L1: E a venda desses três pares era certa? O senhor tinha venda certa?

L2: Não::! Não era certa não, fazia pra:: talvez às vezes eu tinha até encomenda, mas era muito pouco, entendeu? Eu o:: levava até um pé de amostra pra loja pra vê se eu conseguia exercer uma remessa boa, mas não conseguia,

era muita gente, muito concorrente.

L1: E aí nesse caso o senhor optou então para o conserto por causa do:: rendimento...

L2: Justamente.

L1: Por conta própria.

L2: Aí é que eu passei para o conserto, por conta própria.

L1: Certo. Entre a fábrica o que o senhor recebia na fábrica e o que o senhor passou a receber fabricando o sapato, valia mais apenas a fábrica ou ser autônomo, trabalhar como autônomo?

L2: Autônomo! Bem melhor, bem melhor. Porque o serviço, agora tem uma capinha de colocar no sapato da mulher, tem um, toda hora, que dá mais serviço o sapato de mulher do que o sapato de homem. Tem sapato de mulher que quebra o galho da gente, tem só aquela capinha do saltinho, toda hora tem.

L1: E essa decisão então de deixar de fabricar para só consertar os sapatos como é que aconteceu essa mudança, de fabricar o sapato e depois passar pra só consertar esse sapato.

L2: Isso foi de hora pra outra, eu cismeï, eu não vou mais fazer sapato, tá dando prejuízo então vou mexer só com reforma, mas cheguei na reforma, não demorou, não demorou assim passando foi entrava um par, dois pares, deu um mês vou parar com isso mais não, fui aguentando as ponta e tal, depois foi só aumentando até hoje graças a Deus. Também tem quase, só aqui tem 49 anos, só de conserto, é muito tempo.

L1: Quais eram as ferramentas que o senhor utiliza no trabalho do senhor, quais que são as ferramentas?

L2: (Essovelo), pé de ferro, martelo, agulha de mão, uma máquina de remendo e uma lixadeira.

L1: Tá. Vamos por parte, o senhor vai me explicar cada um delas. A primeira que o senhor falou!

L2: (Essovelo) é para curar o couro, quando é um couro mais grosso pra costurar a mão; a:: agulha, agulha tem que pegar a agulha e fura né, o pé de ferro já é pra quando vai colar o sapato, põe o ferro lá dentro dele e fica batendo, o pé de ferro e a:: máquina é pra costurar, é pra fazer remendo ou é pra costurar, entendeu? De vez:: enquanto, tem algum, tem umas forma lá, de vez:: enquanto eu uso, até pra botar o sapato lá, eu tenho uma forma de tarraxa, porque muita gente leva o sapato pra botar na forma pra aumentar, em vez de o sapato não apertar, aumentar, pra alargar, entendeu? Essas são as ferramentas que eu uso.

L1: Qual que é o tipo de trabalho, o tipo de conserto que o senhor mais faz?

L2: Botar capinha só, no sapato de mulher, só capinha, o serviço que mais dá lá.

L1: Colocar capinha no salto?

L2: É. No salto.

L1: Como é que o senhor faz essa capinha no salto?

L2: A capinha já:: a gente já compra pronto, porque é de pressão, porque o salto já tem a:: é:: um ferrinho no meio assim, a gente arranca aquele preguinho que tem assim, lixa e depois vem com outra capinha e coloca, bate ali, tá pronto.

L1: Que mais?

L2: Porque antigamente era tudo feito na mão! Porque era salto de madeira, tinha de corta a sola colar, pregar, lixar, agora hoje não, hoje já vem tudo pronto, entendeu? Só é::: acerta a cabecinha do salto vem com a capinha coloca ali, pronto só isso.

L1: Quando o senhor começou fazer conserto, o senhor chegou a fazer tudo na mão?

L2: Tudo na mão! Quando eu comecei era tudo na mão era tudo na mão. Lixava na mão com groza. Groza é uma espécie de uma lima, só que tem que ela, os dente dela é mais larguinho assim né, pra lixar as capinhas do salto do acabamento, agora hoje não, hoje é tudo pronto.

L1: Então o trabalho de sapateiro é um trabalho que tem que ter muita paciência!

L2: Paciência! Tem que ter muita paciência, porque principalmente quando a senhora pega um salto pra enxertar, pra enxerte é aquele salto, aquele couro, coberto, salto coberto de couro, porque ali a gente tem que arrancar o salto, pegar o couro, pegar a pilica cobrir aquilo tudo ali pra enxertar, depois pregar no sapato de novo, às vezes o salto pode não pregar, pode rachar, botar outro salto, tem que ter uma paciência danada!

L1: O senhor é uma pessoa paciente?

L2: Sou. Graças a Deus eu sou paciente!

L1: Em casa...

L2: Sou. Graças adeus!

L1: o senhor leva essa paciência pra casa!

L2: Graças a deus!

L1: O senhor hoje trabalha, continua trabalhando sozinho?

L2: Continuo trabalhado sozinho.

L1: Já teve época que o senhor trabalhou com outra pessoa?

L2: Não, não.

L1: Sempre trabalhou sozinho?

L2: Toda vida sozinho. Sozinho e Deus.

L1: Porque que o senhor gosta de trabalhar sozinho?

L2: Porque eu:: sei lá, acostumei né, porque você vai, num gosto de ficar mandando, faz aquilo, faz aquilo, eu mesmo gosto de pegar aquilo ali, se saiu mal feito, foi eu que fiz, se saiu bem feito fui eu que fiz, não tem reclamação, não tem nada entendeu?

L1: A família do senhor, como que é a relação da família do senhor com esse trabalho do senhor. Seus filhos já ajudaram o senhor...

L2: Não! Não...

L1: o senhor já ensinou alguns deles a trabalhar?

L2: Não, eu quis ensinar eles, mas nenhum deles não quis. Um formou em contabilidade, outro em informática, então tá:: então tá::

L1: E na hora do aperto na sapataria, a esposa ajuda?

L2: Não, não. Ela só mexe na lavadeira, trabalha em casa, lava roupa para os outros.

L1: O senhor que resolve tudo!

L2: É eu que resolvo. Eu que vou pra cidade buscar material e tal, faço tudo.

L1: Quando o senhor tá na cidade, o senhor fecha...

L2: Fecho.

L1: então a sapataria?

L2: Fecho.

L1: E o almoço do senhor, o senhor vai todos os dias almoçar em casa?

L2: Não eu pego marmitex na vizinha, no:: restaurante perto da sapataria mesmo.

L1: Tá. Então o horário de almoço do senhor é muito rápido?

L2: É:: é rapidinho mesmo, uma hora, duas horas, eu vou lá pegar o almoço, almoço lá, às vezes eu estou lá almoçando chega um freguês, largo a marmita pra lá, vou lá atender eles lá e tal vem e começa de novo e::

L1: Até que horas o senhor fica no trabalho?

L2: Até seis horas:: cinco e meia:: Eu pego quatro e meia da manhã, quinze pra cinco da manhã, vou até essa hora, porque vai dando cinco horas da tarde a gente está com aquele cheiro de cola a gente fica até dopado entendeu? Então tem que saí mais cedo pra principalmente com esse tempo de calor, Nossa Senhora! Com esse calor a gente sofre mesmo.

L1: E porque que hoje o senhor começa tão cedo no trabalho?

L2: Para o serviço render mais. O serviço rende mais é de manhã. De manhã que o serviço rende. É mais fresquinho, passou de nove horas, dez horas, com esse tempo agora o sol vai só esquentando, principalmente onde eu trabalho ali, a telha é muito baixinha, é telha de amianto, é muito quente!

L1: E a clientela do senhor, é uma clientela grande?

L2: Tenho.

L1: Elas sempre são as mesmas pessoas que tão retornando?

L2: Mesmas pessoas, as mesmas pessoas.

L1: E é aqui do bairro essa clientela?

L2: É, tudo aqui do bairro. É até vi gente nasce, pequenininho assim, hoje é cliente já.

L1: O quê que o senhor acha que tinha de diferente no trabalho do senhor, que fazia com que as pessoas procurassem o senhor e não outro, outro profissional dessa área do senhor?

L2: Uai porque eles gostam do meu serviço, sabe? Porque o quanto eu puder caprichar, que eu puder fazer eu capricho, aí eles me procuram, uai eu tenho, eu tenho freguês lá de Venda Nova que morou aqui no Coração Eucarístico, mudou pra lá, sai de lá pra vim aqui trazer sapato pra mim, tem na Gameleira, tem aqui em venda Nova, no Padre Eustáquio, tem pra tudo quanto é lugar, graças a deus!

L1: E o senhor teve alguma vez, que teve algum problema mais no exercício do trabalho do senhor, que teve um

problema sério, que foi difícil de fazer alguma coisa?

L2: Não, que eu lembro não tem. Tem se é... quando eu comecei, trabalhar de reforma alias teve um trabalhinho porque até aprender, tem que aprender aquilo ali, porque trabalhava na fábrica de calçado, aprendi amontar sapato, fazer sapato, para reformar já é coisa mais diferente, muito diferente, e arrancar uma sola do sapato aqui, tem que sabe arrancar a sola, porque se não sabe depois que rasga o couro todo, então tem que.

L1: O quê que é o mais difícil de fazer no conserto assim do sapato?

L2: No conserto?

L1: É.

L2: Para falar a verdade, é faxetá, arrancar o sapato e faxetá o salto, é o serviço mais difícil.

L1: O quê que é faxetar um sapato?

L2: Faxetá um salto é o salto alto né, aquele que tem aquele couro por fora, que tem que arrancar, arrancar, às vezes estraga, aranha, então eles leva para trocar o faxete, chama faxete aquela coisa do salto. Às vezes arranca o salto, tira o couro, põe o couro espichado lá na mesa lá, põe o salto lá, faz ele que assim, corta, depois passa cola e vai enrolando o faxete no salto e depois prega no salto de novo.

L1: Isso é o mais difícil?

L2: É o mais difícil do sapato que eu acho é isso.

L1: Por quê?

L2: Ué Por causa do faxete, num sei, num sei é um troço que, o resto não o resto tudo eu já acho mais fácil, porque o:: faxete do salto é:: para o, talvez para arrancar até o salto a arma de aço até quebra, pode até quebrar, quebra e depois tem que trocar a arma de aço, a arma de aço pega salto até no meio do sapato, chama ibranqui, o meio do sapato, aquela curva do sapato, o salto fica aqui e tem o ibranqui entendeu, se arrancar, quebrar o a arma de aço tem que trocar tudo, aonde que eu acho mais difícil aquilo ali, mas de vagarzinho consegue fazer...

L1: O senhor faz?

L2: Precisa ter paciência para fazer, tem que arrancar a sola a arma de aço, depois para botar outra arma de aço, para depois colar a sola de novo, vim com o salto, pregar o salto, depois dá acabamento. Coisa mais inocente que tem, só isso mais difícil que tem.

L1: E hoje é muito mais fácil do que foi quando o senhor começou?

L2: É. Hoje em reforma, qualquer um hoje pode ser sapateiro, em reforma. Porque já vem tudo pronto, já compra tudo pronto, já compra solado pronto! Antigamente não, você já comprava o ponto de sola, comprava o ponto de sola de raspa de couro para fazer palmilha. Tinha que botar de noite de molho, de um dia para o outro para corta que aquela sola dura, corta para fazer o solado, para fazer contra corte tem que deixar de molho um dia, de um dia para o outro para xamprá para botar pra fazer o sapato. Couraça, a couraça era de raça, era:: mais fácil naquela época, agora hoje não, hoje qualquer um pode ser sapateiro. Geralmente tu vai na loja de couro já compra tudo, solado já vem pronto de borracha, já tem até sola prensada que já vem pronto, mas não é sola, é uma imitação de sola, que dizer ainda tá usando, eu ainda compro muita sola boa ainda, quando chega lá o freguês pergunta eu quero o sapato, o bojo, o solado só de couro mesmo eu vou lá na casa de couro e compro, corto e faço.

L1: E o senhor prefere usar esse material hoje que já vem tudo pronto ou o senhor fazer todo esse material e ter melhor qualidade?

L2: Não é bem maior qualidade uai, de sola. Porque geralmente o sapato que está vindo hoje tudo é sintético, porque a sola é bem mais cara do que a borracha, eu falo com o freguês assim, “ohh o de sola fica tanto, o de borracha fica tanto, mas eu comprei esse sapato novo por tanto, então você põe o mais barato”, então é onde que é hoje como é que fala é reciclagem né, tudo isso é reciclagem. Sapato, solado de borracha sai mais barato. Agora de sola não, sola de couro não, solado de couro tem a gente já tem que, já vende as placas da sola né, corta, dobra certinho, cola, costura. Que antigamente não, antigamente cortava, a gente costurava tudo na mão na base das fivelas, agora não hoje já tem o braqui. Que as veze sola, leva na Rua Guarani para costurar o solado, agora está tudo fácil, antigamente não, antigamente tudo era manual é:: usava jiga, que jiga era uma coisa para queimar as beiradas do sapato para dar o acabamento, dava até calo na coisa aqui olha, usava aquela cera com carneiro, agora hoje não, hoje tá tudo fácil.

L1: E o fato do senhor de antigamente ser esse trabalho muito manual né que o senhor não achava nada pronto, valia mais apenas o retorno financeiro do que hoje, porque hoje são muitas as peças que já vem prontas, o retorno financeiro pra fazer o conserto...

L2: Hum!

L1: antigamente pra fazer hoje como é que é?

L2: Hoje o retorno é bem melhor do que antigamente, porque antigamente dava mais trabalho, hoje não, hoje

tudo é mais fácil, o retorno é bem melhor, mais rápido.

L1: O senhor consegue fazer mais conserto!

L2: Mais conserto! Antigamente não, antigamente é:: se entrasse três par de sapato para assola, três ou quatro para assola a gente não acabava naquele dia, ia acabar no outro dia, agora esse não, o de hoje não, já compra o solado pronto, já vem e já cola. Talvez é:: coisa voltar na cidade de novo para levar para costura, quando são cinco horas já está pronto. Hoje é muito mais fácil, hoje é tudo muito mais fácil, muito mais rápido.

L1: É:: como é que o senhor faz o controle, esses sapatos que chegam na sapataria pro senhor fazer o controle assim de quem é direitinho, de não misturar os sapatos, como é que faz isso?

L2: É:: eu conserto e ponho tudo na prateleira, ali eu dou um prazo, um ano de prazo, e eu dou muito sapato para os outros, muito mesmo, porque passado assim de uma ano, eu espero um ano para não ter reclamação, porque a regra é noventa dias, eu espero um ano, para não ter reclamação, agora tem uns é:: quando não vai buscar mesmo eu vendo; é um sapato melhor, muita gente passa lá perguntando "tem sapato para vender", tem uai, aí vendo. Porque se eu fosse junta sapato, eu tinha que arranja um galpão para juntar sapato, porque muita gente não busca. É muito sapato mesmo.

L1: Leva e deixa lá né?

L2: É:: antigamente não, todo mundo buscava, se eu ficasse com três pares na prateleira era muito, agora hoje não, hoje sobra muito sapato.

L1: O senhor me conta assim, como é que as pessoas veem o trabalho do sapateiro? As pessoas valorizam o trabalho do senhor?

L2: Valorizam!

L1: Valorizam?

L2: Valorizam, muitos valorizam, eu o que eu puder fazer melhor eu faço. Porque tem muita gente que leva sapato, compra sapato de uma cor leva para pintar né, que as veze ele vai buscar, vai e olha na vitrine, o mesmo modelo que está lá, o mesmo modelo que lá na banca tem um punhado e às vezes é preto, lá custa R\$100,00, o que está na banca para vender por R\$20,00, então ele pega esse sapato de R\$20,00, o mesmo modelo leva lá para pintar, pintar de preto, pode pintar de azul, pode pintar de qualquer cor, o mesmo modelo que tá lá na vitrina tá aqui na banca para vender.

L1: E a família do senhor, valoriza o trabalho do senhor?

L2: Valoriza, graças a deus!

L1: Os filhos.

L2: Graças a deus! Graças a deus!

L1: O senhor foi uma pessoa muito feliz na profissão.

L2: Fui, até hoje, gra-ças-a-Deus. Eu gosto da profissão, eu amo a profissão, gosto mesmo, de vez enquanto eu cismo e falo assim "ahh o ano que vem eu vou parar, não vou trabalhar mais não", só que eu viver de aposentadoria num dá, mas, pois é, aí eu falo, "chegar ao ano que vem eu vou trabalhar só esse ano", aí passa aquele ano; o ano que vem eu paro; mais um ano, aí vai só, só passando.

L1: Alguma vez o senhor já sofreu alguma discriminação com o trabalho do senhor, as pessoas, o modo das pessoas falarem desvalorizando o sapato...

L2: Não! Não! Graças a deus!

L1: Desvalorizando o ofício, não com o trabalho né...

L2: Sei.

L1: que o senhor já me falou assim, o trabalho o senhor sabe que as pessoas gostam...

L2: Humhum.

L1: tudo do serviço do senhor, do trabalho do senhor...

L2: Sei.

L1: agora o fato de ser sapateiro sempre foi valorizado pelas pessoas na sociedade.

L2: Foi! Sempre foi valorizado, sempre. Muita gente fala chega lá e fala assim "ohh Antônio pelo tempo que você trabalha aqui você muito é o ca...", graças a deus eu sou muito querido, todo mundo, as veze tem gente que passa eu estou trabalhando, "Ohh **Xxxxxxx**, Ohh sapateiro", quando eu olho para traz, quando eu olho já está longe, é muita gente entendeu? Graças a deus!

L1: Conhece todo mundo.

L2: Todo o mundo! Todo mundo!

L1: Tanto tempo no bairro...

L2: Justamente!

L1: acaba conhecendo muita gente.

L2: Muita gente. Muita gente morreu aí já, morreu que eu no coração ali perto de mim ali já morreu o que um, uns oito vizinhos ali e eu estou ali até hoje.

L1: E sempre teve facilidade pra comprar o couro pra fazer o sapato ou já teve época...

L2: Não!

L1: que foi mais difícil?

L2: Sempre foi tranquilo, toda hora, todo dia, qualquer hora.

L1: E o preço do couro?

L2: Varia. Tem preço de todo um preço, tem mais barato, mais caro. O mais caro que tem é a pilica, que está ai numa faixa de uns trezentos reais, duzentos e oitenta o metro, entendeu? Tem couro até de oitenta reais, sessenta reais o metro, depende o couro.

L1: Tem épocas que esse couro falta?

L2: Não! Nunca faltou, nunca faltou, toda hora tem couro.

L1: E:: tem época que esse couro fica muito mais caro?

L2: Ehh geralmente aumenta, fica mais caro sim, mais nunca que abaixa, vai só aumentando, nunca abaixa não.

L1: As ferramentas que o senhor utiliza como é que é que o senhor compra essa ferramenta, aonde, como é que é?

L2: A ferramenta que eu tenho é desde a época que eu comecei a trabalhar, o pé de ferro tem desde a época, a máquina de costurar é desde a época que eu comecei, de vez enquanto o que eu tenho de comprar lá é agulha que arranca o fundo, quebra, que a gente vai puxar o cordão nele quebra, e agulha de máquina, únicas coisa que a gente compra. Geralmente o martelo tem dois lá que eu comprei para aliás, dois não três, na época que eu comprei eu falei assim, “eu vou comprar três de uma vez que eu vou gastar muito”, só gastou só um só, o outro tá lá, os dois tá lá na gaveta enferrujando lá, nunca nem usei, o pé de ferro também é a mesma coisa, não gasta, de vez enquanto a gente gasta é o que é:: lixa na lixadeira que tem o rebolo, a:: tem a lixa fininha e tem a:: lixa grossa para lixar salto e escova. Escova é:: engraxar sapato, queimar salto, faz muita coisa. Mas a escova tem muito tempo que está lá tem mais de vinte anos que eu não compro escova, o resto é só mais é material mesmo, cola, tinta, couro para de vez enquanto fazer algum remendo, sola também de vez enquanto um par de sola para fazer algum solado.

L1: Quantas vezes o senhor mudou de lugar do trabalho do senhor aqui dentro do Coração Eucarístico?

L2: Uma, duas, duas vezes.

L1: O senhor trabalhou em dois lugares até hoje?

L2: Dois lugares, não três, perto do posto de gasolina, na Rua Tuitinga e depois aonde eu estou agora, três vez, durante esses anos todos.

L1: O espaço hoje é do senhor?

L2: Não, alugado. Toda à vida foi, foi tudo alugado.

L1: Por que o senhor saiu do primeiro lugar?

L2: Do primeiro aqui embaixo aqui era até do meu cunhado, ele vendeu pra fazer prédio; aí Deus me ajudava, passei aqui pra cima; lá na Rua Dom Luiz da na Tuitinga; da Tuitinga saí de lá porque era o:: dono de lá mexia com livraria, papelaria, então ele precisou aumentar outro cômodo para botar papel e livro onde que eu passei pra aonde que eu estou hoje, e dali já vou para mais de 20 anos, onde que eu estou ali.

L1: Não pensa em sair de lá não?

L2: Não. Por enquanto não, só se o moço pedir o cômodo lá, aí agente é obrigado a saí né.

L1: É num espaço comercial que a sapataria é hoje?

L2: É numa lojinha metade dessa aqui.

L1: Tem mais lojas perto?

L2: Não. Tem não. Tem pelo outro lado lá, tem a lavanderia, tem o salão de beleza, na esquina tem mais é:: loja de roupas, com ressaca.

L1: Material que o senhor compra pra reforma hoje é um material muito caro?

L2: É, porque às vezes você vai compra uma sola, tem que prestar atenção tem solado de todo preço, borracha de todo preço, tem de dez reais, tem de vinte reais tem de quinze reais, tem de:: é de vinte pra baixo. Agora o solado de borracha mais caro que tem é pra tênis, é o mais caro que tem. Que tá lá na faixa de uns trinta e cinco reais

por par pra gente compra lá em baixo, o resto é:: uma borracha de placa, compra lá o quilo uai, compra meio quilo, dois quilo, um quilo .

L1: O senhor reforma sapatos mais antigos, de modelos mais antigos ou ainda sapatos novos? Hoje as pessoas ainda levam muito pra poder fazer conserto?

L2: Sapatos novos. Sapatos novos, antigos já quase não existe mais, o sapato antigo era o San marino, San Marino que dizer ainda existe, mais não é o mesmo material. Antigamente a fábrica San Marino só fazia sapato de sola de couro, hoje borracha, sintético, era o:: sapato San Marino e o Samelo, eram os melhores sapatos que tinha, quer dizer é de repente que eu acho que já tá tendo bom sapato. Sapato antigo hoje acabou.

L1: O senhor me falou que hoje os sapatos mais atuais que são levados pra consertar os sapatos mais novos. Agora o senhor conserta mais sapato feminino ou sapato masculino? O senhor me falou que hoje os sapatos mais atuais que são levados pra consertar os sapatos mais novos. Agora o senhor conserta mais sapato feminino ou sapato masculino?

L2: Feminino.

L1: As mulheres têm mais sapatos.

L2: Mais sapatos. As capinhas, as capinha gasta muito né, então é:: se eu for depender de sapato de homem eu morro de fome, sinceramente pois, as mulheres só leva. Tem gente que:: leva três, seis pares de sapatos de uma pessoa para botar capinha, ali que a gente consegue paga um aluguel, paga luz, paga água.

L1: O senhor faz reformas de outros objetos também ou só sapatos?

L2: Não, mochila, boto fecho em mochila, boto fecho em mala, boto pezinho em mala, puxador em mala, um pouquinho de cada coisa, aí o que aparecer ali eu estou pegando.

L1: Mais os sapatos é a maior quantidade.

L2: Maior, sapato é maior.

L1: Mochilas, essas mochilas que o senhor tá falando é essas mochilas de escola?

L2: De escola, mochila de escola. Sempre tem para botar fecho né, porque às vezes o fecho estraga então de vez enquanto eles levam lá para colocar ou trocar o fecho.

L1: O senhor trabalha com bolsa.

L2: Trabalho com bolsa também, pinto bolsa, coloco fecho, faço algum remendo em bolsa, costuro, qualquer coisa.

L1: O senhor falou pra gente que deixou de fabricar o sapato por causa da concorrência que era muito grande, então o senhor preferiu passar para a área de consertos.

L2: Conserto.

L1: Outras pessoas que trabalharam fabricando sapatos, também deixaram de fabricar e passaram a só fazer consertos?

L2: Na época que eu comecei, eu levava muito pé de amostra pra loja para a pessoa vê, então não dava para ver porque vendia hoje também depois que eu comecei a fazer é:: sapato aqui na loja aonde que eu conserto, eu conheci três, três fabricantes, fabricante assim de fundo de quintal igualzinho eu fui, não é fábrica não, desses três só tem um que mexe até hoje que ainda é, então ele vende lá na Afonso Pena na feira Ripe, os outros dois parou, só tem um da minha época né, quando trabalhava, quando comecei trabalhar.

L1: Surgiram outros, o senhor sabe ou não?

L2: Não, que eu sei não, as veze pode ter surgido, mas a gente não...

L1: Conhece.

L2: Não conhece né, porque a gente vai na casa de couro, as vezes e a gente encontra com um né a:: talvez você só faz o conserto, outro “ahh não estou fabricando não”, mais é só conserto mesmo.

L1: Existe alguma organização de sapateiros, um sindicato alguma coisa pra vida pra...

L2: Não.

L1: pra defesa da profissão?

L2: Não. De conserto não, só tem de:: fábrica, de fábrica né, eles têm o sindicato deles, e a loja de conserto não.

L1: De conserto cada um trabalha no seu espaço.

L2: Não. É cada um é.

L1: Como é que o senhor tira base dos preços do conserto que o senhor faz?

L2: A gente tem que vê o serviço primeiro pra vê, pra vê quanto que a gente pode cobrar. Tem serviço de todo preço, entendeu? Trocar salto é um preço, pra trocar solado é um preço, pra trocar uma capinha é um preço, pra

pintar é um preço, pra engraxar é um preço, tudo tem um preço.

L1: O senhor pra colocar o preço que o senhor coloca em cada conserto, o senhor tem base em outros sapateiros?

L2: Tenho. Sempre a gente encontra na casa de couro “quanto que você está cobrando para? Tanto. Quanto você cobra do solado? eu cobro é isso, é isso, tanto. Uai, então o seu está mais barato ou o meu está mais barato uai. Porque (???) está meio cara”. então se o meu estiver mais barato eu aumento só mais um pouquinho pra ficar quase igual o dele entendeu? Pra num ter...

L1: (???)

L2: Mas geralmente quase tudo é um preço só, então todo sapateiro é tudo a mesma base.

L1: O senhor conhece muitos sapateiros na compra?

L2: Em casa porque (???) geralmente é segunda feira, segunda feira e quinta feira que o sapateiro desce para fazer compras de material, ali encontra com um , encontra com outro, bate papo com um, bate papo com outro, como é que está o serviço, como que não está então.

L1: E o quê que o senhor me fala sobre a profissão do sapateiro, o senhor acha que vai acabar, que:: ela ainda tem muito tempo muitos anos (???) ?

L2: Olha o sapateiro na minha época quando eu comecei, só aqui no Coração Eucarístico tinha quatro, não tinha cinco, agora só tem um, que é eu, aqui no Coração Eucarístico, o resto, um já morreu outros mudaram num sei se está com sapato ainda. Daqui a alguns anos sapateiro e alfaiate vai ficar só no papel, porque está acabando tudo, ninguém quer saber de aprender, então é isso.

L1: E o senhor conhece algum sapateiro mais novo?

L2: Na casa de couro eu conheço. É:: ele começou recente é o mais novo, nem sei onde que é a sapataria dele, a gente encontra no braqui, todo mundo leva sapato pra costurar uai. Então encontra um com o outro, tem um pião lá que tem uns trinta anos mais ou menos o resto é tudo da minha idade, muitos poucos sapateiro, está acabando mesmo, ninguém quer saber de aprender. Antigamente tinha um punhado, engraxate, tinha muito engraxate, hoje não tem, só no centro da cidade, pega um ali, outro ali tal, está acabando tudo.

L1: Esse que o senhor me falou que tem mais ou menos trinta anos, ele aprendeu com o pai ou ele aprendeu, o senhor sabe me falar?

L2: Aprendeu com o pai.

L1: O pai também era sapateiro?

L2: Era sapateiro. E hoje inclusive até o pai dele já morreu. Elísio aprendeu com o pai dele.

...

...

...

L1: Acontecem caso todo dia de um cliente novo, um caso diferente, o quê que o senhor viveu assim esses anos de trabalho do senhor que marcou a profissão do senhor?

L2: Sempre tem um cliente novo, que um que vai falando pro outro, entendeu? E:: olha, eu tenho fregueses que devem estar comigo mais ou menos uns 40 anos e só leva serviço lá comigo. Tem gente que eu vi nascer aí está com vinte e cinco anos, já formou aqui na PUC e já foi lá também muitos anos atrás, **XXXXXXX** arrumou lá no jornal, é freguês meu até hoje, entendeu? Então é:: sempre tem gente nova, vai só renovando lá, me procura lá para consertar.

L1: E teve alguma coisa que aconteceu no trabalho do senhor que marcou, o senhor tem alguma lembrança disso mais forte?

L2: Não, que eu lembre não. Que eu lembro, não. O serviço que eu tenho mais lá, gente eu lembro de tudo não tem onde escolher não é tudo que eu tenho lá agente lembra de tudo.

L1: Obrigado então viu senhor **XXXXXXX**.

Anexo A.5 – Entrevista com o Tropeiro

L1: O projeto memória e cultura do ofício é um projeto da PUC com parceria do Museu de artes e ofícios, e ele quer promover uma aproximação do público com esses ofícios que eram práticas feitas antigamente, e que hoje a maioria dos ofícios se perdeu e as pessoas não conhecem mais, e nos temos em Belo Horizonte o Museu de Artes e Ofício que tem esse objetivo de resgatar a memória desses trabalhadores, o nosso trabalho é através da

entrevista oral resgatar a memória do tropeirismo com você. Então a gente vai começar a entrevista, sobre apenas um percurso, seu nome? A cidade onde você nasceu? O nome do seu pai e da sua mãe e a profissão deles, só para a gente ter isso como registro.

L2: **XXXXXX**, primeiro bom dia, eu sempre fui tropeiro, desde bem criança mesmo que eu fui tropeiro, depois trabalhei na estrada, por muito tempo e depois parei, passei a ser tropeiro só mesmo lá na propriedade, a gente pegava cachaça e levava pra algum lugar, mas nessas cidades mais perto já não era aquele tropeiro de rancho que eu ficava nas pousadas e nos rancho, aonde que você encontrava muitos tropeiros às vezes você conversava, igual tinha dia que tinha até alguma festinha, risos] naquele tempo, e passei a ser tropeiro mesmo de casa depois de muito tempo, então eu estou a disposição de vocês para o que vocês quiserem me perguntar e tiver no meu alcance de responder.

L1: Sim então vamos voltar um pouquinho antes, fala um pouco do lugar onde você nasceu da cidade, dos seus pais, da profissão deles.

L2: Bom, eu sou filho de **XXXXXX** e **XXXXXX**, é meu pai... Mexeu muito tempo com chácara de café, muito tempo, aí ele passou a colher café, e meu avó era **XXXXXX** (Jarcos) tinha tropa e então ele engordava muito cavalo e como tinha muito café a gente trazia café e levava café para Santa Bárbara, trazia pra Barão de Cocais, é:: Vespasiano essas cidades Caeté e a gente vinha de marcha. A tropa não andava naquele tempo mais de duas léguas e meia, de duas léguas e meia á duas léguas e meia você fazia um pouso, você saía cedo com a tropa o dia estava amanhecendo e você já estava arriando o burro pra sair, e aí você chegava ao repouso e passava um belo dia ali, você ia checar cangalha se tivesse alguma cangalha precisando forrar que às vezes o burro inchava o lombo você tinha que atarriar as cangalhas, se arrebentasse alguma coisa naquele trajeto você tinha que consertar olhar o (parâmetro) se está tudo de acordo, passava a noite e no outro dia cedo tornava pegar viagem, era assim a vida do tropeiro.

L1: E você ajudava seu pai?

L2: Eu trabalhei enquanto pequeno, eu cheguei a fazer algumas viagens com meus avós, depois eu ajudava meu pai, meu pai já era tropeiro, mas mexia mais com tropa de carvoeira, você está entendendo? Meu pai já era mais tropa de carvoeira, carvoeira e canavial essas coisas, não era aquela tropa de estrada, eu mexi mais na estrada talvez do que meu pai.

L1: E ele sobre coisas da fazenda?

L2: Sobre o que produzia na fazenda.

L1: E qual que é a diferença do tropeiro carvoeiro para o tropeiro de estrada?

L2: Porque o tropeiro carvoeiro é o seguinte, o tropeiro de estrada ele viaja de rancho em rancho, leva o que tem na fazenda pra determinadas cidades, igual naquele tempo as coisas o pessoal comprava, vinha fazer compra em Santa Bárbara e trazia aquilo que produzia café, toucinho e chegava em Santa Bárbara e comprava, pegava pano que era os fardos pra levar, cerveja, é sal, macarrão, aquilo que não produzia na região ele levava e outras coisas mais, miudezas, armarinho geral, tudo era comprado naquela ocasião. Santa Bárbara que era o foco onde é que a pessoa comprava.

L1: Aí fazia esse transporte?

L2: Fazia esse transporte.

L1: E você que fazia esse transporte nisso que você está falando, e seu pai carvoeiro transportava o quê?

L2: Carvão.

L1: Carvão?

L2: Carvão. Mas vamos falar do tropeiro em si primeiro e depois vou falar com você sobre o tropeiro carvoeiro que é uma coisa mais simples.

L1: Eu queria exatamente isso que você diferenciava primeiro falando do seu pai sobre o tropeiro carvoeiro, assim, por exemplo, porque tinha o lugar ou era nas fazendas que ele levava o carvão, ou existia alguma...

L2: Não, meu pai foi contratista de carvão, contratista era aquele que fazia o carvão e vendia para uma determinada companhia no caso nosso era metalurgia que hoje é mais (barbará), metalurgia em Barão de Cocais e meu pai era contratista dessa companhia, então ele picava os matos [risos], acabou com o meio ambiente, picava os matos e fazia o carvão e a gente transportava a carga da carvoeira até pra cá de Ipoema que era o metro da fazenda Dona, trazia o carvão pra ali e dali pegava o caminhão e trazia pra usina.

L1: O trabalho já era diferente, as mercadorias que você levava? Como é que era?

L2: É no princípio não depois passou a ser carvão também, no princípio eu trabalhei, depois de mais velho aí eu já passei a eu mesmo fazer carvão, eu comprei um mato muito grande e hoje eu tenho esse mato ainda, já tornou a criar de novo e é mata virgem, é eu cortei esse mato duas vezes aí eu passei carvão e vendi.

L1: Sim, e a cidade que você fazia...

L2: A cidade é Ipoema mesmo, a cidade é Itabira, Ipoema é distrito de Itabira.

L1: Ai você nasceu em Itabira?

L2: Não nasci no município, no município de Itabira, mas é no distrito de Aliança no meu tempo era Aliança hoje é Ipoema.

L1: Então fala um pouquinho do início, como você começou a trabalhar como tropeiro, como era esse transporte?

L2: Eu entrei pra escola com oito anos, eu entrei com seis e saí com sete, saí com sete anos, fiquei um ano em escola particular, fiquei um ano e saí da escola, com oito anos eu retornei à escola, e aí na ocasião das férias eu estava com oito anos, meu pai já me punha pra trabalhar junto com os tropeiros, então antes de dez anos eu já trabalhava com tropa e aí eu continuei até:: bem pouco tempo eu ainda era tropeiro, hoje eu represento o tropeiro, mas não tenho condições de ser um tropeiro não, até porque não existe mais a profissão hoje é só no nome.

L1: Foi substituída?

L2: É:: na hora que o caminhão chegou e levou a nossa profissão.

L1: Como de fato que o senhor começou a trabalhar com o tropeirismo, conta pra gente um pouco desse trajeto que você fazia nas cidades que você parava, cada cidade tinha uma mercadoria específica, ou você tinha que levar.

L2: Não a gente já pegava em casa geralmente a mercadoria, por exemplo, quando era de café a gente já levava direto, já saía lá da fazenda com a tropa carregada de café, se fosse toucinho também, vão falar do café aí você levava chegava lá e entregava, naturalmente meu avô ia na frente vendia e chegava lá ele já trazia outras compras aí só embalava e cortava e entregava um café, por exemplo, e voltava com diversas mercadorias, igual eu te falei trazia de lá, o macarrão, trazia essas coisas mesmo, macarrão, cerveja, pano, ele trazia e passava pros comerciantes.

L1: Passava o dia que você falou, quantos dias que chegava a passar fora?

L2: Ficava no máximo uma semana, porque você saía de casa vinha pra perto de Bom Jesus ali, não vinha pra Cabo de Arroz de Cabo de Arroz vinha pra cá de Bom Jesus ali é Tamanduá que chama e de Tamanduá você vinha pra Barão de Barão Santa Bárbara e voltava naquele rancho de novo e aí você ia de rancho, pra volta se a tropa tivesse mais vazia você dobrava, dobrava a marcha porque o burro vazio pode andar mais, não era igual quando estava pesado.

L1: E trabalha só o senhor sozinho?

L2: Não, nunca trabalha um tropeiro só, porque quando você está com a tropa geralmente tem um madrinheiro, o tropeiro e o dono da tropa, por exemplo, tem um madrinheiro, que é aquele que bate no cavalo madrinha, sempre são três pessoas, nunca trabalha um tropeiro só, muito difícil e numa tropa são dez cargueiros, dez burros, pra uma pessoa só é muito pesado, não tinha como não.

L1: E fica encarregado só de fazer transporte de mercadoria ou tinha outra coisa que vocês produziam alguma mercadoria também?

L2: Não era só mercadoria que se produzia era cachaça, café, toucinho era essas coisa que a gente trazia, da fazenda o que saía era isso.

L1: Produção própria?

L2: Produção própria.

L1: Então tinha que trabalhar, esse trabalho era coletivo. E você era o dono da tropa?

L2: Os últimos tempos eu já era o dono porque eu já era tropeiro e dono da tropa, que o tropeiro mesmo é aquele que é dono da tropa e o outro era tocador de burro, eles me chamam de tropeiro eu faço papel de tropeiro hoje porque eu ando com o chicote, por exemplo, eu carrego o chicote quando eu vou na fazenda na visitaçã dos tropeiros como se eu fosse o tocador de burro, mas afinal de contas eu sempre tinha um tropeiro junto comigo.

L1: E o tocador de burro ele chegava ao estatus de ser dono da tropa, ele tinha condições de assumir esse estatus de dono de tropa e tinha essa promoção?

L2: Bom tinha tropeiro que era tropeiro e tropeiro dono de tropa que era diferente e o tropeiro que era só tocador de burro, tropeiro é tropeiro e dono da tropa por isso eles falam tropeiro, e o tocador de burro é aquele que vai tocando e não é o dono, muitas vezes o dono também toca, mas não é o nome dele, é o tropeiro, que é o papel que estamos fazendo aí.

L1: Então fala um pouquinho pra gente, tenta descrever mais ou menos como que era a técnica desse trabalho, tenta contar alguns detalhes, tenta puxar bastante, desde embalar a mercadoria, a produção até o destino final de quando chegava á cidade, qual que era a reação das pessoas?

L2: Bom quando a gente tivesse chegando ou passando com a tropa, entrando numa cidade, você estalava o chicote e ia ao rancho, geralmente tinha mais pessoas no rancho... Tinha dia que tinha muita gente e tinha dia que eles faziam até uma festinha [risos], dançava um batucão ali [risos], e passava a noite. O tempo era muito alegre apesar de trabalhar muito, quando fosse tempo de chuva a gente sofria demais, porque tinha ocasião que você passava no atoleiro e a tropa atolava, aí você tinha que forrar o chão pra tropa passar com couro, pra tropa passar por cima, era muito penoso, mas de qualquer maneira era lucrativo porque se não a gente não faria, eu por exemplo gostava de fazer isso porque se eu não tivesse fazendo isso eu teria que está fazendo outro serviço mais pesado e pra mim seria pior[risos].

L1: Existia uma quantidade boa de tropeiros ou era um grupo?

L2: Naquele tempo existia muita tropa, muita tropa mesmo, lá em Ipoema, mesmo depois que surgiu caminhão, e que a gente não carregava as coisas, era só banana, cachaça esses trem, já não carregava mantimentos pra fora, vinha tudo no caminhão igual é até hoje, mesmo assim tinha dia que lá em Ipoema juntava mais de dez mutirões de burro, porque a região tinha muita banana, o pessoal trazia muita banana pra vender em Ipoema e de Ipoema pra vim pra aqui, então tinha muita tropa e era também o forte, não tinha o que carregar não tinha estrada era só trilha, você andava era nos trilhos, hoje não, hoje tem estrada de carro pra todo parte todo lado que você que ir na roça hoje tem uma estrada de carro, e naquele tempo meu avô era doido que caminhão fosse lá na fazenda, foi até ele morrer sem caminhão ir lá, o zé preto que era seu bisavô também [risos], foi até ele morrer sem caminhão ir lá na fazenda [risos], hoje não, hoje tem estrada carro, vai ônibus, vai tudo em qualquer lugar, lá até passa ônibus, até um lugar chamado “Cruzeiro do Boi Redondo”, aonde a gente passava com tropa, era assim: o menino ia na frente e a gente deixava a pessoa ir tocando o boi, a gente passava na frente e lá tinha um lugar chamado “Dente de Pedra” aí você passava e tinha que escorar burrinho por burrinho pegar o balaio do burro com a mão no cabeçote e escorar o burro pra poder o burro subir o top porque se não ele voltava de costas, se você não escorasse ele, ele voltava de costas, não tinha estrada era muito difícil.

L1: E as trilhas vocês conheciam?

L2: Era trilha mesmo.

L1: E conhecia bem as trilhas?

L2: Conhecia, não tinha como, porque era um lugar que passava sempre aí não tinha como você errar não.

L1: E as paradas?

L2: As paradas eram os ranchos, a maior parada era os ranchos porque nas cidades você passava, por exemplo, Ipoema tinha três ranchos, tinha um ali pertinho de casa que era o “Geraldo Lage” tinha um rancho, pra cima mesmo em frente de casa onde chama Rancho Fundo, hoje é um restaurante, lá também era outro rancho ali era o lugar que os tropeiros reuniam mais.

L1: O quê que é esse rancho?

L2: Rancho é o lugar aonde chegavam os tropeiros, você está entendendo, o tropeiro pernoita ali.

L1: E como que era o acampamento nessa parada, como que vocês conviviam juntos dos tropeiros.

L2: Por exemplo, suponhamos, eu estava com dez burros, que dizer dez burros tinha vinte balaio, vinte balaio, dez couros, dez cangalhas, o arreio da montaria, então eu chegava a um lugar e eu separava um canto ali, aquele canto eu colocava minha tralha, fazia trempe também, a trempe onde que eu ia fazer minha refeição e a trempe tinha um arco que você coava o café, aí você batia aquele trem ali e ascendia o fogo ali debaixo, eram três panelinhas penduradas no gancho e o fogo po baixo, aí você fazia, mas também comida de tropeiro era uma comida mais do que simples, apesar de ser muito gostosa, até hoje ainda tem o feijão de tropeiro, eu acho que quase todo mundo gosta, o feijão de tropeiro era o feijão junto com a pele, toucinho, mesmo que seja pra cozinhar no meio, misturava a farinha e fazia um arroz, um macarrão se tivesse, mas o que mais cozinhava era o arroz, e aí você comia aquele trem, a comida era muito forte porque era feita com gordura de porco, e carne você carregava, que podia ser uma carne seca ou então você já trazia de casa aquela carne de panela numa vasilhinha separado, aí todo lugar que chegava você podia colocar uns pedaços de carne, pra fazer no rancho era mais difícil pra você ficar cozinhando carne não dava, comida de tropeiro era rápida, não podia ficar demorando muito tempo pra fazer não.

L1: E lá nos acampamentos então tinha essa coisa, paravam muitos tropeiros nesses acampamentos de uma vez?

L2: Quase todos, naquele tempo era muita tropa era difícil você chegar a um acampamento que tinha dois lotes de burro só, geralmente tinha dia que você chegava lá e tinha cinco seis tropas, às vezes você chegava a pessoa já tinha chegado mais cedo, chegava e saía antes da gente, mas geralmente saíamos todos de manhã mesmo.

L1: Sim, aí então chegava de manhã e saía à tarde?

L2: Não chegava a tarde e saía de manhã.

L1: Chegava à tarde e saía de manhã?

L2: Geralmente você saía de manhã, quando era mais ou menos meio dia você já estava no rancho, ali você ficava o resto do dia descansando os burros pra no outro dia cedo sair.

L1: Sim, e tinha um relacionamento direto com outros trabalhadores outros ofícios, por exemplo, o pessoal que mexe com couro, vocês compravam mercadorias também ou só vendia ou vocês produziam?

L2: Não, comprava também, comprava quando você tivesse acabado com aquela mercadoria que você produzia, você comprava outra pra revender pra não ficar parado.

L1: Sim, você falou que tinha parada no acampamento, e nas cidades vocês não ficavam nem um pouco nas cidades não?

L2: Se o rancho era perto da cidade anoite a gente tinha que ir à cidade uai, tinha que ir, porque como é que, principalmente a gente que e rapaz uai, igual eu, eu gostava muito de conversar com as meninas eu tinha que ir pra poder conversar um pouco. Às vezes tinha cidade que tinha namorada que a gente aproveitava o tempo pra poder conversar um pouco, que nem sempre você tinha tempo pra poder ficar anoite toda conversando, igual hoje, hoje você mora aqui na cidade toda hora que você quer ver sua namorada você dá uma voltinha lá, e está batendo um papo, naquele tempo era mais difícil, o trabalho da gente era mais pesado, não era muito fácil não.

L1: E nas cidades que você parava o que tinha mais lá que te atraía? Tinha alguma festa?

L2: Tinha algumas festinhas, sempre chegava a um lugar que tinha um forrozinho aí você (voltava) no meio.

L1: E as pessoas gostavam da presença dos tropeiros?

L2: Geralmente tropeiro sempre foi uma pessoa bem respeitada, eu era muito calmo, mas a maior parte dos tropeiros confiava muito na força deles, era sempre assim, pessoas de repente, brava então ninguém nunca mexia, nunca mexia mesmo. Porque eles, eu por exemplo, eu tinha muita força, hoje o quê que adianta, eu carregava cento e vinte quilos como se tivesse carregando hoje vinte quilos nas costas pra eu era banana mesmo, carregava na maior facilidade, mas hoje também eu estou pagando, dor de escadeira pra todo lado, eu acho que é resultado disso mesmo, fazer muita força e muitas vezes você fala força só que é falta de jeito, você está com pressa pra pegar um peso, hoje vai ensinar a gente como que pega peso, manda a gente agachar, antigamente não, [risos] você pegava o balaio de quina assim punha a quina dele aqui e já jogava ele cá no ombro de uma vez só, isso aí era oitenta quilos pra fazer isso a gente falava quebrar a taquara aí a taquara já vinha quebrando[risos] e caía cá no ombro da gente, hoje pranta eu lá que eu fico o resto da tarde, capaz de ficar lá o resto do mês, até manda alguém me tirar.

L1: Fala um pouquinho dos equipamentos, como que fazia pra tocar mula, o que mais que tinha, você falou do chicote, você falou da mula guia, fala um pouquinho de como que era?

L2: Você quer saber como é que a gente usava, por exemplo, é o burro de guia você usava o peitoral, acho que eu cheguei a mostrar você o peitoral. Pois é, mas pra tocar era chicote mesmo, agora, por exemplo, se você fosse curar um burro você tinha uma, eu ainda tenho lá, chama azião, é uma ferramenta que você abre ela e ela tem uns dentes aí você a abre e tem dois pedaços de ferro assim sabe no meio, aí você a abre e fecha no beijo do burro aí você aperta aquilo você pode cortar um pedaço do burro que ele não sente, a dor é tanta que você imuniza o burro que ele não sente que dizer você pode pegar arriar, arruma o pé dele, prega ferradura, cortar, curar bicheira, castrar e o animal não sente, porque a dor é demais.

L1: Explica um pouquinho pra gente da utilidade do chicote e do colarinho, um pouco sobre esses instrumentos?

L2: O peitoral é mais pra alertar porque o burro vem atrás do burro de guia, você os acostumava e não precisava enfileirar, se você, por exemplo, fosse passar numa rua que você precisava voltar o burro em uma outra rua, isso aí era nas encruzilhadas, eu estou falando como se fosse rua, aí você gritava o burro de guia, que ele tinha ouvido, você educava o burro do jeito que você falava assim “ihhh vem cá” ele voltava onde que você quisesse, se você quisesse gritar ele pra ele fazer a curva ele volta lá atrás e fica rodando assim[risos] o meu fazia coitado porque se ele não fizesse ele apanhava, ele sabia, sou obrigado a fazer, porque ele gritou, se eu não fizer eu vou apanhar, ele fazia mesmo. Então Dezim Simão que era um dos dono comprador de mato pra fazenda, nesse tempo eu estava puxando carvão, lá na fazenda a gente passava perto da porta da fazenda e tinha dia que tinha três quatro doutores chefes lá da companhia, aí ele para fazer bonito falava “(Mauricio) faz esse burro, a tropa, entrar aqui dentro (trecho não compreendido) pra ele poder ver como que seus burros fazem” aí eu gritava “ihh vem cá” aí o burro fazia a volta passava lá e fazia a volta por trás do cocho tornava a voltar e saía, aí os homens até batia palma, porque a gente fala que o burro é ignorante é burro, é só no nome acho que eles são mais inteligentes do que a gente.

L1: E porque a preferência por burro ao invés de cavalo?

L2: É vamos falar cavalo é meio burro mesmo, porque se você for andar com cavalo de noite, por exemplo, se você sair com um burro da sua casa e for viajar você vai chegar lá, aí escurece dá uma tempestade e fica tudo escuro, porque você não enxerga nada, você põe a rédea na cabeça porque não adianta, não tem como dominar o animal, você pode colocar a rédeas na cabeça do arreio e se você tiver com um burro ele te leva em casa, e cavalo não, cavalo te leva pro meio do mato, cavalo é doido, cavalo é égua não confia não! Agora burro você

pode confiar mesmo porque ele te leva em casa, eles param só nas porteiras, aí é só você abrir as porteiras pra ele passar, quantas vezes mesmo depois que eu já estou viúvo, eu namorava uma mulher lá na Serra dos Aros [risos] sua irmã conhece ela, aí eu saía de lá e estava com chuva [risos] ela “não vai embora não, não vai não, vai não, vai não”, eu falava “não eu vou”, você vai perder nesse campo aí”, eu falava “nada esse burro me leva lá”, menino você não enxerga nem a orelha do animal você não enxergava, pois ele me trazia lá em casa, nós tínhamos que atravessar rio tinha que abrir porteira ele trazia a gente em casa e se fosse um cavalo ele saía doido comigo pro mato á fora, cavalo eu não brinco com cavalo não.

L1: E o chicote? O chicote qual a função do chicote?

L2: O chicote, cadê meu chicote está por aí, [risos...] eu vou mostrar você, pode mostrar? A função do chicote. Esse é o chicote, você sacode essas argolas pra alertar os animais, aí você sacode essas argolas juntas, o ouvido do animal é muito mais assim, é melhor do que a da gente a audição do animal, eles escutam mesmo é igual a fato de cachorro, você pode ir a algum lugar e não está sentindo nada que o cachorro percebe que algum bicho passou ali até dois dias antes ele percebe que passou. E assim eu também aviso o burro você sacode as esporas as argolas assim que o burro fica alerta, (aldeias) se você dá um estalo, depois se vocês quiserem eu posso até fazer para vocês verem, aí se você dá um estalo aí acabou eles emendam, eles mudam de andado e é pra isso que a gente usa o chicote, e também se você vê que o burro está meio lerdo você dá uma chicotada na cara ou no pé dele, naquele tempo a gente era meio covarde batia mesmo nos animais, parecia coisa que a gente não sentia dor [risos], mais hoje eu acho que a gente não deve fazer isso não, é só mesmo na lembrança, acho que ninguém deve bater em animal não, porque a mesma dor que os animais sofrem, que a gente sente, eles também sentem, eles são de carne e osso também.

L1: O chicote é você mesmo que faz?

L2: Eu faço chicote, faço talha, faço muita coisa, de correia eu faço quase tudo.

L1: Explica um pouquinho pra gente como que você produz o chicote, como é que faz.

L2: O chicote você pega o couro e aí você corta as correias, pela o couro com canivete, corta as correias e vai transando aí sai essa sai essa iapa aqui, você pode fazer isso que eu fiz aqui, você está entendendo? Aí essas iapas aqui eu posso vender esse chicote, eu já coloquei umas três iapas aí você muda tira ela fora, muda... ..meu deus do céu, gente desculpa, desculpa.

[Gargalhadas constantes não identificadas]

L2: Eu vou falar com ela assim, está gravando não, não eu não posso falar o que eu ia falar não.

L1: Aí pode continuar explicando como é que é a montagem do chicote, como é que produz ele.

L2: Pois é, eu faço hoje diversos chicotes não sei se vocês conhecem aqueles chicotes de três argolas chamados Taquinho, faço aquelas tacas, vastaca de pião mesmo, aquelas que têm aba um tantinho assim só, isso aqui eu já trançei até de quarenta e oito tento quarenta e oito pecinha, aqui, até de quarenta e oito peça dessa aqui eu já trançei, e [risos] quem trança de quarenta e oito trança de quantos queira, não tem quantidade não.

L1: E o tamanho do chicote, ele tem influência?

L2: Não, pra você fazer taca com essa quantidade de peça o máximo é um palmo assim de trança, você não trança, e o resto é folha, não tem condições de você trança uma distância dessa não, é muita coisa, até pra correias, você não acha, que isso é correia fininha pra tirar os tentinho, assim ele sai com nem três milímetros cada correia você corta com um pauzinho que chama figueira, você coloca ele lá e vem puxando com o canivete não tem como ela saí de uma largura só você pega e puxa e sai daquela largura.

L1: Você falou que mexe com tacho também, você fabrica tacho de cobre, como é que é a produção do tacho?

L2: Eu sempre faço tacho, mais só quando a pessoa me encomenda aí eu venho aqui em Belo Horizonte e compro a chapa, a chapa é mais ou menos, hoje você não está achando mais chapa para comprar, acha disco pra comprar, mais disco pequenininho, disco de oitenta pra baixo, disco de um metro e vinte, você compra duas folhas e emenda pra fazer, quando é pra alambique, tacho eu faço, já fiz tacho até de um metro quase um metro de boca e deste tamainho também, mesma coisa já fiz alambique de um metro de fundo e já fiz desse tamainho também que é mine alambique. Igual nós estávamos conversando Aparecida agora inventou lá Marlene, um negócio de fazer mine broaca, bruaca é aquela coisa que você usava pra carregar torrão de sal é um balaio de couro você está entendendo não é de taquara é de couro. Então é agora ela inventou da gente fazer bruaca, mine bruaca pras mulher carregar joia, aí você faz elas pra poder botar as joias.

L1: E desses objetos, desses produtos que você faz pra vender, quem te ensinou, ou foi você aprendeu durante o percurso?

L2: ~~XXXXXXXX~~, as pessoas aprendem muitas coisas se tiver um pouquinho de vontade, a gente aprende muitas coisas sem ninguém ensinar, por exemplo, eu aprendi a trabalhar com cobre porque eu tinha um alambique bem aqui em Sabará, levei um moço que chamava Cigano, mas já fora da manada foi e fez pra mim, a primeira vez que o alambique furou eu vim aqui e busquei-o, ele foi e consertou eu olhei aí na segunda vez eu já não chamei

mais, eu mesmo já consertei e ai você vai aprendendo. A mesma coisa quando eu aprendi a consertar cangalho, fazer arreo, eu faço! Se precisar fazer um socadinho eu faço, se precisar abrir um motor do jipe que é o carro que eu sabia, um fusca eu sei abrir eu já abri muitas vezes o motor de um jipe já abri motor de fusca abria mesmo. Um dia eu fiz uma coisa que até eu mesmo achei que eu não faria, vocês estão me chamando pra falar de tropeiro ou de mecânico também? [gargalhadas] Pode falar? Ai eu fui comprar um vira branquinho, o carro estourou o vira branquinho comigo no barro, eu falei assim “gente eu vou precisar trocar esse vira branquinho e eu não estou querendo descer esse morro todo não”, porque é muito pesado o motor de jipe, ai fui lá e falei com o moço lá em Itabira “eu estou querendo um vira branquinho, por exemplo, é o zero, dez até zero, vinte cinco está bom pra eu que o (casquilho) meu está praticamente morto e ele é mais ou menos, mas eu estou querendo”, ele chama José, eu falei, “José eu estou querendo colocar esse vira branquinho sem descer esse morro todo”, ai ele falo: “você não consegue não!” Eu falei “bom você já tentou?”, “não eu nunca tentei não”, “mas então eu vou tentar se eu não colocar eu chamo você pra montar”, ai eu cheguei e desci os (carta desci os mancais) escorei na frente na bulia da frente, onde é que eu não tinha que mexer porque tinha que tirar o macal, que o macal estava atrás da bulia ai, eu tirei desci o vira branquinho que já estava quebrado tornei a chegar o outro, coloquei a burra da bulia nele coloquei atrás do volante, coloquei os [risos] que a gente fala biscoito porque o biscoito são dois pedaços de borracha pra poder vedar o óleo, vedar o óleo pra não passar o óleo pra trás do volante, ai fechei ele menino e já saí rodando o jipe, não tive problema nenhum[risos].

L1: Mas então voltando aqui ao tropeiro, aqui fala um pouco sobre a condição do trabalho, (aquilo que você falou que era tudo mais) aconteciam muitos acidentes no percurso?

L2: Bom acidente com animal na carvoeira acontece, agora, na estrada é muito difícil acontecer um acidente porque a única coisa que acontece na estrada era atoleiro antigamente tinha gente que vivia de enfiar as mãos nos buracos de barro na estrada e vendia... Juntava ferradura pra vender pra comprar as coisas, porque antigamente a vida era muito difícil na roça pra muita gente, hoje em dia não, hoje em dia graças a deus você vai à roça você não sabe mais quando, hoje na roça, antigamente se tivesse chegando uma pessoa da cidade, por exemplo, que trabalhava você está na sua casa e a pessoa apontava lá no alto, por exemplo, está chegando uma pessoa da cidade, hoje em dia misturou ninguém sabe quem é da cidade só sabe no modo de falar, a gente que é da roça é matuto mesmo, não tem como falar muito certo [risos], mas se você for olhar como vestir você num sabe.

L1: Vocês andavam com muitas mercadorias vocês já sofreram algum tipo de assalto?

L2: Não, graças a deus não. Naquele tempo era muito não existia essas coisas não. Hoje a vida é muito melhor em alguns pontos, mas hoje você tem que olhar pra todo mundo e você não pode confiar. Não, não estou falando que estou desconfiando de ninguém que está perto de mim não [risos], mas hoje você está andando na cidade você tem que está olhando pra quem está do lado de você, tem ou não tem não é verdade? Você tem que está olhando quem é que está do seu lado, o movimento que ele vai fazer, não é igual aquele tempo aquele tempo eu, se eu contar pra você que eu já namorei ali em frente à praça da estação, tem uma lasanha ali que tem uns degraus alto assim, eu já namorei naquele lugar ali sô [risos] com uma moça ali naquele lugar, hoje vai um cara namorar lá que os outros chega e pega ela[risos], a mulher era bonita pra danar e toma ela uai. Nesse tempo eu era rapaz novo, hoje se for fazer isso eles toma ela [risos]. Naquele tempo não existia graças a deus, e se existisse roubo era roubo muito grande, ninguém roubava coisas pequenas.

L1: Mas como que vocês faziam pra se defender, vocês andavam sem proteção nenhuma, podia andar tranquilamente?

L2: Podia andar, mas ninguém andava desarmado e:: não sei se você viu aquele retrato meu lá na parede, lá em casa, eu tinha um trinta e oito na cabeça do arreo lá, não era um hábito das pessoas andar armado e ninguém atirava em ninguém, acho porque o modo de você andar armado, todo mundo andava armado, um respeitava mais o outro porque falava “fulano está armado se eu for dar um tapa na cara dele ele pode atirar ne mim não é isso?” E então não acontecia, era muito difícil ser pego, se existisse briga podia até acontecer morte, mas era dia de baile essas coisas lá na Serra dos Alves lá sempre matava um, era pertinho de lá de casa, lá eles matavam mesmo quase toda festa que tinha eles matavam um, matava com faca, matava a tiro, mais eu graças a deus ninguém nunca mexeu comigo e olha que eu sempre procurei, sempre onde tivesse muita gente baile, eu sempre frequentava baile que tinha as confusões, mas comigo nunca aconteceu nada graças a deus.

L1: Então não era um trabalho perigoso, e qual que era as vantagens de trabalhar como tropeiro?

L2: O tropeiro, naquele tempo, a vantagem maior de ser tropeiro é porque só de você ser tropeiro você já era alguém, se diferenciava um pouco dos outros porque não era qualquer pessoa que podia ter dez burros na estrada trabalhando, então isso dai já ajudava bastante, já levava, você chegava ao lugar e você já era mais respeitado um pouco, “fulano tem uma certa posse porque está com a tropa ai, se eu precisar dele fazer alguma coisa pra mim”, ele vai pedir eu posso pedir, era bem melhor que aquele que batia foice, enxada, não vou falar que também não batia não, porque todo mundo que mora na roça tem que fazer de um a tudo.

L1: Tinha uma condição social boa o tropeiro.

L2: Bom eu não vou falar que minha condição social era tão boa, mas também a minha vida era bem tranquila

graças a deus.

L1: É, então você falou que andava muito e tudo mais, você tinha família e como que era a relação da família com relação ao seu trabalho, você tinha que viajar muito e tudo mais, às vezes deixava a família, ficava dias fora de casa, como que era essa relação assim?

L2: Não eu era casado, eu tinha dez filhos e graças a deus estão todos ai, mas a mulher também entendia, e depois que eu arrumei menino ela tinha que se preocupar com os meninos ai ela não ficava preocupada comigo não, ela tinha muito filho para ela cuidar [risos], ela não preocupava muito comigo não.

L1: Você falou que o tropeiro carvoeiro ele levava o carvão pras fazendas.

L2: Não você pode ter entendido mal, porque a carvoeira geralmente era em uma fazenda, agora você pegava e levava pro metro, ai você, por exemplo, ai você pegava um tropa você levava o carvão media lá no metro e pegava o vale, agora aquele vale você passava para o contratista que era o dono, que era o dano da carvoeira, o dono da carvoeira o contratista, no caso meu pai, meu pai era contratista, agora ele com aquele vale ele ia lá à usina e recebia a quantidade, por exemplo, se fizesse mil metros de carvão no mês dois mil metros de carvão, eram muitas tropas puxando carvão não era só a minha, então é o carvão todos os vales vinha pra ele, agora ele pegava aquele vale ia e recebia o dinheiro dele no fim do mês, por exemplo, eu puxava o mês todo do carvão, por exemplo, se eu der todo dia eu recebia o vale. Por exemplo, cada burro levava meio metro de carvão, por exemplo, dez burros levavam cinco metros então no final do mês, que dizer cinco vezes, eu não trabalhava o mês todo, domingo a gente não trabalhava vamos dizer que eu trabalhava 22 dias 5 vezes dois dava cem metros, já dava cem metros que ele passava aqueles vales tudo no fim do mês ele ia e recebia aquele carvão, já recebia na usina.

L1: E no caso dos não carvoeiros no caso do tropeiro normal era por encomenda que vocês levavam os produtos ou vocês produziam e achavam que isso ia vender?

L2: No caso do não carvoeiro quando a gente trabalhava por conta, por exemplo, puxando cachaça geralmente a pessoa ia e tratava aquela mercadoria, quando você ia você ia só pra entregar você já ia levar o que estava tratado, por exemplo, o tropeiro que era o dono da tropa pra fazer uma comparação, ele ia na frente e enquanto você ficava no rancho ele chegava na frente e fazia os negócios vendia, às vezes se fosse comprar outra pra poder no outro dia pegar, você dormia naquele lugar enquanto você fazia as cargas e no outro dia você já pegava carga e montava no burro e já voltava com os burros, carregava pra traz.

L1: Qual que era a mercadoria que vocês mais vendiam?

L2: Nós mais vendíamos era aquilo que nós mais produzíamos café, toucinho e cachaça, era isso que mais vendíamos.

L1: Ai a gente falou um pouco do tocador de burro e do tropeiro que era o dono da tropa e no seu caso você já foi tocador de burro ou sempre foi tropeiro?

L2: Sempre eu fui tropeiro, mas sempre eu fui dono de tropa sempre eu fui dono, mas não é que a primeira tropa eu comprei a primeira tropa o meu pai me deu, ele me deu esse lote de burro, ai depois que o burro ia ficando velho ia sempre reformando e muitas vezes eu tocava também os burros você está entendendo? No caso de eu estalar o chicote quando estava passando ou chegando á alguma rua, você estalava o chicote mais pra poder mesmo alertar aquelas pessoas que estávamos chegando, e muitas vezes você tinha algumas pessoas que você já tinha vontade de ver ai ia estalando o chicote e ela aparecia não é isto. Porque você faz um barulho bem forte é quase um revolver trinta e oito faz um barulho bom.

L1: E se fizesse um barulho desses na cidade tinha gente que ficava feliz?

L2: Com certeza [risos] com certeza ficava.

L1: E que que era esse lote de burro, quantos burros tinham nesse lote?

L2: Um lote de burro são dez burros de cagalhas, uma mula de cerva e um cavalo madrinha, cavalo ou égua geralmente a égua é melhor pra amadrinhar porque, não sei por que, os burros gostam mais é da fêmea [risos], tem razão gosta mais, então quando se solta a égua no pasto com um colar no pescoço onde é que você bater aquele colar os burros viu que você chegou, os burros vinha até urrando, achando que a égua já ia embora. Ai eles iam pra lá porque eles aprendem a amadrinhar a ter ela como madrinha mesmo, eles parece que confia naquela animal que o animal vai guiar eles é igual o burro de guia, o burro de guia onde é que ele bate o peitoral os outros passa mesmo porque o peitoral é o que chama atenção dos burros pra poder os burros, não sei se é porque eles acha bonito, porque realmente o batido do peitoral pra gente que já acostumou ver é bonito e os burros acostumam com aquilo e eles seguem bem, segue mesmo, onde é que um vai como peitoral os outros seguem mesmo, hoje eu não sei, mas se eu for tocar uma tropa acho que eu consigo educar ainda, posso não aguentar pegar peso, mas saber como é que educa eu sei, tenho certeza.

L1: Nesses ranchos que vocês paravam vocês perdiam muitos animais?

L2: Dificilmente perdia, porque os ranchos eram lugares fechado, fechados assim, não era numa era fazenda, por

exemplo, de cem hectares no máximo, era dez arqueiros, era pastinho fechado. Ai você pegava e onde é que você visse o colar da égua batendo ou do cavalo madrinha batendo você ia e os burros estavam tudo em volta ali, estava tudo perto dela. O ruim é quando tinha tropa demais para você separar, mas você puxava e pegava sua égua, se puxasse ela seus burros acompanhava e a gente também conhece assim como a mãe conhece seus filhos, em qualquer lugar os burros também conheciam [risos] a madrinha deles.

L1: E nessa alimentação vocês comiam normalmente uma vez por dia? Só de manhã?

L2: Não, você comia de manhã no rancho pra sair que enquanto um estava arrumando os burros o outro estava arrumando ali e os dois arriavam os burros no almoço, ai quando você acabava ai você acabava de carregar o burro e já estava saindo e não tinha mais tempo. Existe um ditado até hoje que quem toca burro não para, então na hora que o burro estava com o peso na cacunda e você pronto pra acompanhar os burros porque se você parar o burro deita, não falava isso é um ditado muito antigo, quem toca burro não para porque se parar o burro deita, não podia parar mesmo porque você tinha que está sempre seguindo.

L1: Que horas que mais ou menos vocês saiam de manhã?

L2: Tinha dia que você saía mais ou menos no escuro (trecho incompreendido) escuro ainda porque você aproveitava, tinha dia que nove horas da manhã você estava chegando noutra rancho, ficava o dia inteiro e dava tempo pra você contar história, pra você ir nas fazendas lá perto, vê alguém que você [risos] tivesse vontade de ver, não é isto. Então era muito bom, era bom demais, mas eu não estou querendo que volta o tempo de tropeiro pra mim não [risos] pode continuar com os caminhões mesmo.

L1: Então vamos aproveitar e falar dessa questão aqui, vocês iam ver muitas moças nas cidades nas paradas tinha algum ciúmes do pessoal de lá incomodava com a presença?

L2: Aquele tempo era muito diferente de hoje, naquele tempo só de você ver as mulheres, as moças saía conversava mais não era igual hoje, naquele tempo ainda existia alguma moça que namorava pelo buraco da parede [risos], você namorava com uma e casava com outra, não foi o meu caso [gargalhada], mas existia isso sim.

L1: Pois é, você falou do burro de cangalho, o quê que é uma cangalho? Pra quê que serve uma cangalha?

L2: Uma cangalha, assim como o carro é composto de motor, pneu, carroceria, farol, assim também é a cangalha, a cangalha é composta dos ações talabardão, e a encosta talabardão, retranca, rabixo, peitoral, ai a cangalha está formada, você junta essas coisas e ai você pode falar que a cangalha já está pronta.

L1: E você que fazia a cangalha?

L2: Eu fazia não, eu faço.

L1: Então explica pra gente como que faz a cangalha.

L2: Eu tenho, eu tenho uma maquinazinha, eu meço, por exemplo, eu vou cortar uma retranca de duas aranhas são doze centímetros, são seis centímetros cada perna, ai eu ponho ela e meço ela ponho ela com doze e corto uma tira daqui ai eu corto e meço o meio da aranha que é onde que vai ficar a palmatória, que a gente fala, ai por exemplo eu vou costurar ela ai eu racho ela até separar e com cinco, dez minutos ou menos eu corto uma retranca com essa maquinazinha, sai tudo certinho ai é costurar, não dava trabalho, é só saber fazer que não dá trabalho não.

L1: E o chicote também, aproveitando que você esta falando do corte, da confecção do chicote e tudo mais, o couro desse chicote, como é que você adquiria, você comprava já tinha o couro ou...

L2: Naquele tempo, hoje é que eu trabalho com isso, naquele tempo eu não tinha tempo pra trabalhar não sô, hoje eu sou aposentado, já fiquei novo, hoje eu estou rapazinho e está muito melhor pra eu, ai hoje que eu faço essas coisas, mas é o couro bom, a pessoa mata um boi, você vai no açougue, todo açougue mata boi mesmo, ou então você vai no matadouro mesmo, eu compro sempre na mão daquelas pessoas, que as vezes mata boi lá pra poder repartir com a família, ai eu compro o couro, e alguns eu compro espichado outros eu compro e espicho eu mesmo espicho o couro, e ai eu faço as coisas, faço o chicote faço taca, faço cabeçada, você conhece aquelas cabeçadas angoladas, você nunca viu? Você já viu no burro? Aquelas cabeças tudo de argolas e argolas assim, uma (dobra) argola, vocês tem que ir embora pra roça pra vocês verem as coisas [gargalhada]. Mas eu faço essas cabeçadas angoladas, faço peitoral argolado, faço chicote de muitos tipos, faço, porque a cabeçada para você fazer tem que saber charruar, é um tramado ai eu faço assim, ai eu faço essas coisas. Pouco tempo tiveram uns gaúchos lá, que estavam falando comigo, ele levou um livro que eu pedi a ele, é um xerox, xerocou o livro e levou pra mim. Então tem muitas coisas que você olha nele você do jeito que está lá você tem mais facilidade pra fazer.

L1: Bom, então seu **XXXXXXX**, o quê que ficou de mais marcante pra você trabalhando como tropeiro, o quê que te marcou mais?

L2: O quê que me marcou mais do tropeiro é a recordação que hoje eu vivo, porque vem cá, se eu não fosse tropeiro eu estaria aqui? Com certeza não, não estava nada? Então isso ai é que ficou aquela saudade que você

não quer que volta, mas continua sempre na lembrança. Não é isto?

L1: É o senhor trabalha como tropeiro, por exemplo, o senhor teve a oportunidade de estudar?

L2: Eu estudei até o terceiro ano só, depois do terceiro ano a pouco agora tempo eu fiz uma, deve ter uns três anos, eu fiz uma prova, ai eu passei e hoje eu estou na sétima série fazendo o curso do EJA.

L1: Então não tinha, na época não tinha estudo?

L2: Não tinha oportunidade também, naquele tempo meu, nem quarto ano tinha lá em Ipoema, nem o quarto ano, só tinha até o terceiro mesmo.

L1: Mas aprendeu a ler e escrever?

L2: Não, eu leio mal, até que você está vendo eu falo mal [risos], hoje que eu estou aprendendo ler, conta eu sei fazer qualquer tipo de conta, as quatro operações, do jeito que é hoje matemática moderna eu estou aprendendo agora.

L1: Bom então o senhor podia contar um caso, o senhor trabalhou quantos anos de tropeiro?

L2: Muitos anos, muitos anos, maios ou menos, que eu estou atoa lá em Ipoema, até quando eu mudei pra Ipoema eu ainda era tropeiro, eu tenho engenho eu ainda tenho uma propriedade, lá tem engenho eu tinha tropa lá, é então até com uns dez oito anos atrás eu ainda era tropeiro, trabalhava pra mim, puxava cana, fazia cachaça, a melhor cachaça depois da do meu avô, quem fabricou lá em Ipoema foi eu, e até aqui dentro de Belo Horizonte, onde é que eu vendia ela era a melhor cachaça que tinha, eu vendi muita cachaça no bairro Aparecida, tinha um senhor ali na praça que chamava Afrânio, seu Afrânio, teve vez de eu trazer 509 litros de cachaça no jipe ali pra ele, lá era a melhor cachaça, não era só eu que falava era todo mundo, e muita gente falava que a cachaça não era boa, vendia, se ele falasse que era minha vendia, porque eu fabricava a boa, mas também a gente, uma técnica que eu tinha era minha mesmo. Eu não aproveitava a primeira cachaça, que a gente fala cabeça, e nem a última, que eles fala rabo, que é a água fraca, cabeça e rabo, a mesma coisa de cascar alho pra comer, você arranca a cabeça e o rabo e joga fora e come o meio. Então eu fazia isso na hora que eu fabricava, a primeira cachaça eu não aproveitava, que dizer eu aproveitava que eu jogava ela na água fraca e tornava a micar ela, mas não botava elas nas vasilhas. Toda cachaça que eu fazia não dava dor de cabeça, não dava mau-gosto, você podia tomar cachaça e podia fazer [expressão de soprar] na pessoa que não sentia aquele gosto azedo de cana. Que igual hoje se você tomar uma cachaça você é totalmente diferente. Meu filho faz cachaça, mas não faz, eu tenho certeza que ele não faz igual eu, porque ele quer com um pouquinho de cana fazer muita cachaça e não era o meu caso, eu fazia aquilo que eu via que a cana tinha que dar.

L1: Então você falou que até oito anos atrás o senhor ainda era tropeiro.

L2: Era tropeiro.

L1: Da mesma forma que era quando o senhor começou o senhor modificou?

L2: Não ai modificou muito, modificou porque a gente puxava cana da plantação era com burro com alça, geralmente era difícil você trabalhar sozinho e quando você fosse trabalhar sozinho, você tinha que amarrar uma corda lá no burro, amarrava uma corda lá no cabeçote da cangalha ai coitada do burro ele tinha que escorar aquele peso e você pegava três fechos e punha do lado e ele tinha que escorar o peso coitado, quase que tombando. Hoje não, hoje você puxa cana é no gancho, você corta os ganchos de pau e põe no burro, você põe um fecho de um lado outro do outro, fecho de um lado e do outro, ai você pode colocar até mais peso que você punha no animal sem incomodar ele, apertou você vai em casa. Você não pode é parar, se parar o burro deita, se deixar deitar, ai vai em casa.

L1: Você produzia cachaça, você bebia muito tinha algum vício assim?

L2: Não eu nunca bebi muito, até hoje eu bebo só eu tomo uma cachacinha na hora do almoço e algum dia na hora da janta. Muito difícil, mas não tomo dois dedos assim não [verticalizou dois dedos], eu tomo dois dedos assim [horizontalizou dois dedos] [gargalhadas].

L1: Mas tinha caso de tropeiro que arruma confusão?

L2: Tinha caso de muito tropeiro, eu tinha um amigo que era tropeiro, então um dia ele chegou lá no carro e sentou em cima do arcão, e naquele tempo, eu falei com você que os tropeiros eram meio atrevido, alguns, chegou um moço também que ele era tropeiro, e meu amigo estava sentado em cima do arcão, ai o outro falou, “você não sabe que não pode sentar ai? Isso ai não é lugar de sentar não”, ai ele foi e desceu, desceu tomou um gole e saiu lá pra baixo e ficou lá. Ai passou uma semana e na outra semana quando ele chegou o cara estava sentado no lugar que ele estava sentado, mas ai ele não ficou com coragem de falar com ele “o fulano desce daí”, ai ele falou assim: “me dá um gole ai”, ai foi o cara colocou um tanto assim, ai ele falou assim, “enche esse trem ai sô”, encheu o copo até em cima e thun, esperou mais dois minutos e deu um ars, ars, raspando a garganta assim, foi lá encheu o copo, ele estava com uma taca dessas de pião, chegou perto do cara e bateu a taca que jugou mesmo, todo mundo assustou, e falou assim, “aquele dia você me mandou descer, desce pra baixo ai se não você está na taca”, [risos] o cara desceu caladinho, se ele não descesse ia apanhar, o cara já estava bicudo,

ele ia bater nele mesmo, não ia? [risos] com certeza. E tem outro caso...

L2: ...Existia um tropeiro ele tinha um menino, que o menino, foi levar tropa pra encostar no pasto e o menino chegou lá e ele achou um ninho de galinha no estreito da porteira, ai ele estava com vontade, ele tinha que chegar e acender o fogo pra poder fazer a comida e depois almoçar. Ai ele falou assim: - Vou levar esse ovo, um ovo desses pra eu poder comer antes de fazer a janta, de o moço fazer a janta. Assim ele fez levou o ovo e fritou aquele ovo, colocou farinha, porque farinha não podia faltar, o tropeiro não podia deixar tinha que comer que era pra poder misturar no feijão tropeiro. Ai comeu aquele ovo, e foi trabalhando com tropa até quando que ele estava rapaz com uns vinte anos ele morreu, morreu e quando ele chegou lá no céu quis entrar lá, mas ai São Pedro perguntou pra ele: - Mas vem cá, você, o quê que você fez de errado lá na...? Ele respondeu: - Nunca São Pedro eu nunca fiz nada de errado. - Não você fez sim. - Não, não São Pedro eu não fiz nada de errado. - Não, mas e aquele ovo daquela galinha que você comeu aquele dia quando você era tropeiro? - São Pedro você me lembrou, é verdade eu comi o ovo da galinha, o ovo lá no ninho da galinha. - Pois é aquele ovo ia tirar uma franga, e ia dar muitos pintinhos, muitos pintinhos mesmo. Então você vai ter que voltar pra roça e trabalhar nessa fazenda até que você pague essa pena lá, pena por pena que essas galinhas tinham no corpo até você pagar tudo. Coitado ele ia sofrer muito, ai ele voltou pra lá e pediu serviço, pediu serviço na fazenda e foi trabalhar e todo dia ele ia cedo pro roçado com a foice e eles levava comida pra ele, ele pegava ia pra traz de uma moita, sempre tinha um cachorro lá, ele jogava, mas não comia não. Quando era de tarde ele trazia um feche de lenha, ele morava na fazenda mesmo, e ascendia um fogo lá e quando era tarde, que todo mundo já tinha dormido, ele ficava lá rolando em cima da brasa, sem roupa rolando pra lá pra cá pra lá pra cá, menino você sabe como que menino é, teve um menininho pequenininho que ficou preocupado. - Porque que aquele homem ascende aquele fogo ali, eu vou tocaia. Quando chegou achou ele rolando lá em cima das brasas, ele voltou com medo, ficou com medo, voltou e falou no outro dia cedo: - Pai aquele moço não é gente não, ele estava rolando em cima da brasa e depois ele levantou e não estava queimado. Ai o pai dele falou: - Amanhã eu vou olhar. Ai quando foi de noite o moço foi olhar, chegou e viu. Também voltou pra traz. Quando foi no outro dia cedo ele chamou, na hora que ele pegou a foice pra sair pro serviço, chamou ele e falou assim: - Vem cá, antes de você ir trabalhar passa aqui que eu quero falar com você. Ai ele falou: - Senhor eu fiz alguma coisa de errado, pro senhor está me chamando? - Não eu quero conversar com você. Ai ele falou. - Mas vem cá, por que você traz aquele fecho de lenha, você queima aquela lenha toda de noite, e no outro dia você traz do mesmo jeito, você não faz comida, porque você come aqui. Somos nós que damos a você comida e nem vemos você comendo. Porque que você faz isso? Ai ele falou: - O senhor é uma história muito longa, eu quando eu era menino, era madrinheiro de tropa passando naquele lugar ali tinha um ninho de galinha, eu tirei um ovo lá e comi, e quando eu cheguei no céu São Pedro falou comigo, ele é que me lembrou que eu tinha roubado esse ovo, e ele mandou que eu tinha que vim pra aqui e penar até que uma pena da galinha tivesse uma pena no corpo dela eu tinha que penar aqui na fazenda do senhor. Ele foi e virou e falou assim: - O meu filho se é isso o seus pecados estão perdoados e juntou aquela quantidade de pena assim, aquela quantidade de pena mesmo e pegou ele e subiu com ele pro céu. A história acabou. [risos] é história de tropeiro uai, tropeiro e pescador tem que inventar pra falar [gargalhadas].

L1: Eu queria perguntar outra coisa também a respeito da questão, por exemplo, se tinha dificuldades, por exemplo, os caminhos você falou que tinha trilha e quando chovia o que acontecia nesse percurso?

L2: Meu filho ai o pau quebrava, quando você não estava desferrado você pegava carga era quase toda época, de um rancho no outro chegava quase todo sujo de tanto pegar carga no caminho. Às vezes o burro levantava e tinha burro que não levantava ai tinha que carregar de novo e o balaio estava todo sujo, e ai tinha que ter os dois mesmo porque ai um pegava de um lado e outro do outro carregava era desse jeito, mas era só sofrimento e eu te contei quando eu chegava em algum lugar que tivesse atoleiro, você tinha que pegar os balaio pegar o couro porque a tropa trabalhava geralmente ancorada, o couro do boi (seguia) ai você tirava os couros e forrava aquele atoleiro com o tanto de couro que precisava e a tropa passava por cima e quando chegava no rancho ainda tinha que lavar couro e deixar o couro secar. Era muito difícil e um dia eu estava conversando mais meu compadre, nós estávamos fazendo uma entrevista, eu não sei se era pra globo, ai ele foi e virou e falou assim: - Eu tenho uma saudade daquele tempo, é uma dó que não volta. Eu fui e falei: É compadre podia voltar pra você, porque o meu está muito bom [gargalhadas], o meu está muito bom não quero não, eu sofri muito, era bom, não vou falar que era ruim, mas a gente sofria muito sô, você vê que. Teve um dia que, eu contei pra vocês isso lá em Ipoema, teve um dia que o rio lá perto de casa que a enchente chega muito rápido e eu entrei no rio, a água estava turva a corrente passando espuma, mas eu não achei que ia encher, na hora que eu estou saindo do lado de lá, tinha um atoleiro, eu estava só com quatro burros esse dia, caíram todos os quatro, todos os quatro e a água chegando e eu tive menino que descarregar o burro arrastar o balaio e colocar do lado de lá amarrar a carga na mão descarregar sozinho e ai eu já coloquei o balaio do jeito que a enchente não alcançava mais e carregasse. Quando foi no outro dia eu estava escarrando sangue de tanto fazer força, a gente sofri sô, sofri mesmo vida boa é, por exemplo, é vocês aqui da cidade que é, mas a pessoa na roça sofri seu tanto mesmo.

L1: Só pra finalizar você acha que o tropeiro teve uma importância social, assim na história?

L2: Eu sinto muito, hoje que eu estou vendo, que agora o pessoal, que vocês agora está dando, o pessoal em si

está dando algum valor pros tropeiros, mas tropeiro não é só na história como na vida do país, mal de nós se não fosse os burros porque no princípio até os índios que eram as mulas, você está entendendo, os índios que eram as mulas que carregava as tropa, até que chegou as mulas que vieram de Portugal da Espanha, que vieram as tropas de lá pra cá, que não existia aqui no país, que ai eles passaram a carregar as coisas no lombo do burro, mas os homens coitado dos índios, os portugueses chegaram e fizeram eles de mula, eles tinham que carregar aquela produção toda nas costas, hoje não, hoje a gente carrega, hoje não hoje carrega é o caminhão, carro, naquele tempo não a gente gastava lá de casa aqui quando começou a ter linha de poema pra aqui, a gente gastava dois dias, era um dia pra vim pra Belo Horizonte e outro dia pra voltar. Hoje nós viemos com uma hora e dez minutos, devagar, não viemos andando muito não sô, então as coisas melhoraram eu acho que se existe alguma coisa que tinha que ser valorizado nesse país, são os tropeiros porque o tropeiro carregava alimentos de um lugar pra outro, os tropeiros carregavam madeira de um lugar pra outro era teia de um lugar pra outro, pra fazer as construções vinha, chegavam no navio eles carregavam tropa pra poder, do porto até aonde que fosse construir ou até nos depósitos...

Anexo A.6 – Entrevista com a Bordadeira

L1: Qual é o nome completo da senhora?

L2: É **Xxxxxxx**.

L1: Quando que a senhora nasceu e onde?

L2: Eu nasci dia vinte e um de Janeiro de 1931.

L1: Qual era a profissão do pai da senhora?

L2: Meu pai era lavrador.

L1: E da mãe?

L2: Também.

L1: Lavradora?

L2: É.

L1: E eles moravam onde?

L2: Moravam em Dois Guanhões sabe, trabalhava na roça, mas lá era Dois Guanhões que era a cidade, hoje é cidade, naquele tempo era povoado.

L1: Quantos filhos tinha a família da senhora, o pai e mãe da senhora?

L2: Eles tiveram 13 filhos.

L1: 13. E nesse grupo de 13 filhos a senhora era a mais velha ou a mais nova?

L2: Não, eu tinha quatro na frente...

L1: À frente da senhora, mais velhos.

L2: Mais velhos.

L1: Quantos rapazes e quantas moças?

L2: Tinha cinco rapazes e sete moças.

L1: Que beleza! A senhora quando era pequena, jovem, a senhora mudou muito de cidade?

L2: Não, mudei não.

L1: Não?

L2: Não.

L1: Como é que foi, a senhora chegou a frequentar a escola?

L2: Frequentei.

L1: Como é que foi essa época Dona **Xxxxxxx**, conta pra nós?

L2: Nós só andávamos uns sete quilômetros, nós morávamos longe, sete quilômetros de Dores, a gente vinha para Dores pra ter.

L1: Ter aula na cidade?

L2: É era, a gente estudava lá.

L1: E como que era a escola? A senhora lembra? Era grande ou pequena?

L2: Não a escola era muito boa.

L1: É.

L2: Era, um prédio muito bom.

L1: Grande a escola?

L2: Grande. Professores ótimos, que hoje a gente custa encontrar e o ensinamento naquele tempo, (eu vou) completar, o ensinamento naquele tempo é o ginásio de hoje.

L1: É::.

L2: Era muito bem feito o ginásio, era bem feito.

L1: Que bom Dona [XXXXXXX]! E a sala era uma sala muito cheia?

L2: Não era tudo separado, primeiro a gente estudava tudo assim no quarto, no primeiro ano, o segundo ano e o terceiro ano, tudo separadinho, depois faltava professora e a gente ia tudo pra uma sala só, mas era de trinta á quarenta aluno em cada sala.

L1: Entendi. E eram misturadas as turmas? Assim, os meninos e as meninas?

L2: Não, menino com menina mesmo, não tinha separação não.

L1: E era escola pública?

L2: Era escola pública.

L1: Muito bem, e a senhora gostava da escola?

L2: Gostava.

L1: É. A senhora lembra de coisas da escola que a senhora tenha aprendido “nó isso eu aprendi pra nunca mais esquecer”?

L2: É eu aprendi o ponto de cruz.

L1: A senhora aprendeu na escola Dona [XXXXXXX]?

L2: Na escola. Tinha um dia na semana, era catecismo numa semana e na outra semana trabalhos manual, e ai eu aprendi, aprendi todas às duas coisas.

L1: É?

L2: É.

L1: Então a senhora aprendeu os primeiros pontos do bordado pequenininha na escola?

L2: Foi, só o ponto cruz que eu aprendi.

L1: Isso, o primeiro ponto?

L2: O primeiro ponto.

L1: Quantos anos a senhora tinha?

L2: Eu estava com uns... Uns dez anos mais ou menos.

L1: Dez anos mais ou menos?

L2: É.

L1: Que bom, hoje a senhora me disse que a senhora é viúva, como que é isso, a senhora foi casada, a senhora se casou em que ano?

L2: Eu casei... Ahh não, isso ai eu não gosto nem de lembrar e nem vou falar, porque...

L1: Está bom não tem o menor problema.

L2: Quando o marido da gente vai, a gente não tem vontade nem de lembrar quando é que ele foi, como ele foi e nem a data que foi.

L1: E quantos filhos a senhora têm?

L2: Eu só tenho dois.

L1: Um casal?

L2: Um casal. E do casal eu casei com um viúvo e ele tinha seis filhos, cinco ficaram comigo.

L1: Entendi, muito bem. Então com qual ofício que a senhora se encontrou? Assim, qual é o ofício da senhora mesmo, o trabalho da senhora na maior parte da vida foi de quê?

L2: Eu trabalhava muito na roça, plantando, capinando tudo, depois eu, quando era época de apanhar café a gente ia para o cafezal dos outros, era onde a gente ganhava dinheiro pra comprar roupa, sapato essas coisas, sabe. Que a roça não dá pra isso, agora o café, eu trabalhei muito tempo também no fumo, fabricando fumo, eu sei fiar fumo até hoje, se colocar eu faço [risos].

L1: E depois a senhora se mudou para a cidade?

L2: Não, eu continuei lá até... Eu estava com... Vinte anos quando eu fui trabalhar fora.

L1: E quando a senhora foi trabalhar fora, a senhora foi trabalhar com o quê?

L2: Eu fui trabalhar de babá.

L1: Babá?

L2: É tomando conta de dois meninos.

L1: E foi durante muito tempo?

L2: Foram dois anos.

L1: Dois anos?

L2: É.

L1: E depois? A senhora foi...

L2: Depois eu casei.

L2: Ai a senhora se casou?

L2: É.

L1: E depois a senhora começou a trabalhar com bordado, a senhora tinha quantos anos?

L2: Quando eu comecei a trabalhar com o bordado, foi assim, depois que eu estava com uns trinta anos, ou menos que eu comecei a trabalhar. Porque eu fui sentindo assim falta, necessidade, que aquilo que a gente bordou acabou tudo, então eu comecei a bordar. Aprender a bordar.

L1: E a senhora gosta de bordar?

L2: Gosto.

L1: Por quê?

L2: Porque uma é que quanto mais você borda mais vontade você tem, porque fica bonito, a gente procura ficar sempre com capricho, e depois eu parei de bordar e costurei, aprendi a costurar, porque eu estava sentindo que ficar pagando costureira não dava, então eu aprendi fiz o curso de, fiz o curso não eu comecei assim, desmanchando uma peça de roupa colocando em cima da outra e cortando, pegava aquela velha que não ia usar mais desmanchava, passava o ferro aí eu cortava.

L1: Então a senhora foi bordadeira e costureira durante um tempo?

L2: Isso. É.

L1: É.

L2: É.

L1: Quem foi que ensinou a senhora, a senhora disse que a senhora aprendeu o primeiro ponto do bordado pequenininha?

L2: A minha professora.

L1: Com a professora! E depois como é que a senhora foi aprendendo outros pontos? Quem foi que ensinou pra senhora o ofício?

L2: Não mais a gente, uma coisa puxa a outra, a gente vai aprendendo, a gente vai olhando. Eu pelo menos tenho facilidade de olhar um bordado e aprender.

L1: Então a senhora foi aprendendo sozinha? Só de olhar?

L2: É, fui.

L1: Que beleza! A senhora chegou a fazer algum curso, alguma oficina, assim, fora para aprender o ofício de bordar ou não?

L2: Não eu só, o único curso que eu fiz foi uma vez no SESI, isso tem pouco tempo, depois acabou com tudo, eu fiz lá o curso de bordado, eu era doida pra bordar á máquina e aí eu aprendi a fazer o bordado na máquina.

L1: Então a senhora passou a maior parte do tempo da vida da senhora bordando a mão e agora recentemente a senhora aprendeu a bordar na máquina?

L2: É não, agora recentemente não, porque já tem, depois que eu... tem muito tempo já que eu parei sabe. Agora eu faço assim lá em casa alguma coisa e às vezes passar um pontinho e (mexer) no crochê também sabe, passo pontinho nos panos de cozinha tudo sabe, então eu tenho prazer assim quando chega à época que chega uma pessoa que eu gosto e tal que vai me visitar aí eu vou e dou pra eles aquele trabalho.

L1: Legal! O quê que é mais difícil na hora de bordar Dona [XXXXXXX]? O quê que a senhora acha difícil ou a senhora acha tudo fácil? Tem alguma coisa difícil pra bordar?

L2: Não, tem. Eu acho mais, que eu acho que deve ser, eu tive facilidade mais nem todo mundo tem que a gente chama, o jeito da gente do nascimento na luta a gente vai aprendendo, eu não tenho dificuldades não, tenho não.

L1: E a senhora levava muitas horas bordando?

L2: Eu ficava muito tempo, eu bordava mais era à noite.

L1: Á noite?

L2: Porque eu tinha que lavar, cozinhar, arrumar a casa.

L1: Ainda costurava.

L2: Passava, é, ai quando era à noite eu pegava ai eu sentava lá e eu ia bordando.

L1: E tem assim, existe alguma técnica, algum ponto diferente que a senhora acha “nossa isso é mais difícil ou isso é mais fácil, ou esse ponto eu trabalhei mais no decorrer da minha vida”?

L2: É eu trabalhei. O que eu achei, mais difícil se não fizer bem fica ruim, é o bordado cheio.

L1: É? Era o mais difícil e a senhora também aprendeu sozinha?

L2: É eu aprendi sozinha, porque ai é só você pegar e olhar enfiar um fio só no pano, no tecido, ai ele fica bonito.

L1: Fica bonito?

L2: É, é só você, a agulha tem jeito de enfiar só de um a um pegando só um fio.

L1: Dona [XXXXXX] então existem, no bordado é assim, existem muitos pontos diferentes. E cada um tem um jeito de fazer?

L2: Tem um jeito de fazer.

L1: Se a senhora tivesse que me ensinar o ponto mais fácil, qual que a senhora me ensinaria? Eu não sei nada!

L2: Eu ensinaria o ponto de cruz [risos].

L1: É, e como é que a senhora me ensina o ponto de cruz?

L2: Mostra pra ela ai [XXXXXX].

L1: Tem o ponto ali?

L2: Tem.

L1: Ela vai me ensinar! E se a senhora tivesse que me explicar, se tivesse junto e não tivesse o pano nem nada pra me mostrar?

L2: Mais ai você não conseguia, sabe por quê? Você tem que comprar o pano próprio, porque o pano de cruz, eu aprendi sabe quando, você não sabe, eu e a Deivinha nós trabalhávamos na roça e a professora falou, “traz a linha, o pano e a agulha que nós vamos começar a bordar”, então meu pai comprava sal e o sal ainda vinha naquele saquinho Mossoró, vocês não lembram mais, e eu desmanchava e clareava aqueles paninhos e ficava aquele quadradinho, bonito mesmo sabe, e ai como a gente enxergava muito bem, a gente bordava. Porque o ponto de cruz você tem que olhar, o fio não pode passar dois, três, quatro não, se você começou com dois são dois, tanto dois assim como dois assim se não.

L1: Se não, não tem jeito?

L2: Não tem jeito.

L1: E tem que ter uma ótima visão?

L2: Tem que ter visão.

L1: Tem que enxergar muito bem se não não tem jeito!

L2: Tem que ter prática e visão. Traz lá [XXXXXX].

L1: [XXXXXX]. Vem [XXXXXX] que ela quer mostrar, que bom que a senhora trouxe Dona [XXXXXX]!

L2: Minha filha na hora que saí ainda falou “mãe leva o macramé pra eles ver”.

L1: Isso! Que coisa boa que a senhora trouxe pra nós. Aqui. Só que ela que é a nossa professora, como é que é? Quais são os diferentes?

L2: Deixa eu ver aqui, aqui é o bordado de xadrez, no xadrez.

L1: No xadrez?

L2: É. Ai as amostras que eu faço pra ficar mais fácil.

L1: Então isso aqui é uma amostra?

L2: Amostra. Está aqui, isso aqui pra você fazer palinha de roupa de criança é uma beleza, fica lindo!

L1: É Dona [XXXXXXX]?

L2: Eu já fiz muita palinha assim.

L1: E é difícil?

L2: Não, não você compra o xadrez, mede a pala e borda por dentro.

L1: Muito bem! Lindo.

L2: Isso aqui é uma toalha que eu bordei, tirei só a mostra dela é uma virada para um lado e outra pro outro, esse aqui o quadradinho você faz na ponta do (seguido)...

L1: Esse aqui?

L2: É. Tem esse aqui que você pode seguir numa blusa, numa saia no que a pessoa quiser em um casaco, ai você pega o xadrez borda e depois você faz isso aqui, dobra aqui e costura e fica o bordado.

L1: Que beleza em Dona [XXXXXXX], muito bom.

L2: Agora o que eu gostei mais foi desse aqui porque eu bordei muito desse aqui.

L1: Esse aqui?

L2: É.

L1: Esse a senhora bordou em pala de blusa de roupa de neném?

L2: Pala de blusa, frente de blusa sabe, tem gente que pede pra tampar a blusa toda, então a gente pega daqui vai até lá em baixo.

L1: Que beleza! E é a mesma cor ou pode ser cor diferente?

L2: Não pode ser, por exemplo, a blusa branca você quer fazer diferente é só colocar isso aqui torce e fica bonito porque a sombra no xadrez...

L1: Fica lindo.

L2: Da um tom.

L1: Muito bem, então essa é uma amostra e tem mais coisa Dona [XXXXXXX]?

L2: Aqui o que você falou o ponto cruz.

L1: Isso. Ahh que beleza!

L2: Eu só trouxe um paninho pra ver.

L1: Esse aqui é o que a senhora falou que é o mais fácil de aprender, não é?

L2: Esse é o mais fácil, você tendo isso aqui é o mais fácil, você vai só seguindo.

L1: Esse pano aqui lembra o paninho que a senhora, lá:: quando a senhora desencardia do sal ou não?

L2: Esse aqui não, esse aqui já é comprado agora (ta renovado) a gente bordava no pano, saco eu bordava no saco ficava nem parecia que eu fazia cada toalha.

L1: É Dona [XXXXXXX]?

L2: Nome dos meninos dos meus filhos tudo sabe, pra dá ele aquelas toalhas pra eles enxugar, então eu bordava o nome de cada um.

L1: Que beleza! E tudo nesse pano que a senhora aproveitava, já abria?

L2: Não, esse ai não, esse ai é a coisa mais fácil, fosse hoje era mais fácil pra bordar. Aqui é o ponto, aqui o ponto de pena.

L1: Porque que o nome é ponto de pena?

L2: É por causa disso aqui. Parece uma pena.

L1: Lembra uma peninha?

L2: É.

L1: Entendi, e parece que aqui tem uma coisa, tipo uma correntinha ou é impressão minha?

L2: É isso aqui é o ponto sombrinha, é a mesma, parece uma sombrinha.

L1: Entendi. Muito bom.

L2: Pronto. Agora esse aqui é o macramê, esse aqui tem pouco, não tem muito tempo que eu aprendi.

L1: É uma espécie de barra?

L2: É isso é pra colocar em barra de toalha de:: toalha de banho de::

L1: É um tipo de crochê Dona [XXXXXXX]?

L2: Não esse ai é macramê.

L1: Macramê é uma espécie de técnica, é diferente do crochê?

L2: É muito diferente.

L1: Muito diferente. E ele faz com agulha também?

L2: Não esse aí é com a mão.

L1: Tudo (enrola) com a mão?

L2: Não isso aqui é com agulha, a gente usa a agulha de crochê, e depois a gente trabalha com a mão [risos].

L1: Que beleza, muito bem! Bem deixa eu ver o que mais eu preciso perguntar pra senhora, porque a história da senhora é super bacana e interessante pra nós, a senhora acha que a profissão de bordadeira é uma profissão valorizada, ela é bem valorizada ou a senhora acha que... O quê que a senhora acha?

L2: Não eu não acho, as pessoas acham que a gente está pegando muito dinheiro deles porque o bordado de hoje você vê na loja eles põe lá um bordadinho atoa e cobra um absurdo, mas eles para pagar a gente eles pagam uma mixaria. Quando tem assim blusa pra bordar e tudo, a gente borda entrega pra eles, eles não, “ahh eu posso te pagar tanto”, se você vê que vale apenas você pega, se você não vê, “ah não assim não dá”.

L1: E o que eles pagam, a senhora acha que não paga o serviço de você?

L2: Não paga, paga não, não paga o trabalho. Eu acho que é por isso que muita gente largou de trabalhar e foi pegar serviço fora, largou a casa, porque a gente pra ganhar um dinheirinho, como eu tinha muito filho e eu não queria deixar meus filhos sozinhos eu queria acompanhar eles estudar e tudo mais, igual meu pai fez, eu tinha que aprender assim pra eu poder ajudar um pouco na despesa da casa.

L1: Entendi, muito bom! É, a senhora acha, quando a senhora fala assim “muita gente saiu pra trabalhar fora e eu fiquei com meus filhos, o bordado e a costura ajuda ficar”. A senhora acha que a senhora, a opção da senhora por ficar com os filhos por fazer o bordado em casa, isso a senhora acha que foi valorizado pelas pessoas ou a senhora acha que as pessoas...?

L2: Não eu não creio que foi, mais pra minha família, pros meus filhos foi, porque graças a deus até hoje estão todos bem, meus enteados e tudo, então foi ótimo eu ficar, trabalhei que dizer sacrifiquei um pouco, se eu tivesse ido pra fora eu ganharia muito e trabalharia menos, em casa você tem que trabalhar dobrado.

L1: Como que é isso trabalhar dobrado?

L2: Dobrado é você trabalhar, você tem que trabalhar dar conta daquilo que você pegou e dar conta da casa toda, cozinhar, lavar, passar, arrumar a casa, lavar o terreiro, tudo é a gente que faz.

L1: Isso mesmo. É:: a senhora no decorrer da vida da senhora dona [XXXXXXX], a senhora conheceu outras bordadeiras?

L2: Muitas

L1: Boas bordadeiras?

L2: Boas bordadeiras, e todas deixaram.

L1: Pois é, como é, a senhora acha que elas tiveram um pouco da mesma trajetória da senhora?

L2: Não, elas arrumaram emprego fora, elas não quiseram mexer com isso. Isso não deu nada pra elas. Pra elas não deu nada. Pra mim foi bom que...

L1: Anham. A senhora ajudou cuidar dos filhos...

L2: Ajudava muito meu marido, tratar da família e não faltar as coisas, a coisa que eu mais... É preocupava era de eu ficar pedindo as coisas, meu pai sempre falava com a gente, “olha, ninguém precisa saber da vida da gente”, porque às vezes você conta, “minha vida está assim está assado”, aquela pessoa não vai te ajudar e ainda leva sua vida mais pra fora ainda. E antigamente era vergonha, a gente tinha vergonha de ficar fazendo, hoje não hoje a pessoa abre e vai pra televisão chorar miséria e tudo, e eu não gosto disso que eu sempre agradei meu Deus e a minha fé que tudo ia dar certo e deu certo.

L1: Muito bem, muito bem! Dona [XXXXXXX] como é que a senhora fazia pra ter, assim, as ferramentas para o trabalho da senhora, comprar linha, agulhas essas coisas?

L2: Olha, quando eu... Parei um pouco de bordar, parei um pouco de mexer com bordado, eu fiz um bordado e quando teve um curso de cabeleireira no SESI, isso aí eu já estava com meus filhos já tudo criado, já estava dependendo assim desse segundo grau mais a gente tinha que pagar condução, pagar, hoje a pessoa tem muita facilidade de estudar e não tem vontade. Eu não, eu acho que se eu pudesse assim eu ia atrás eu ia estudar, então ficou isso pra trás porque a gente não pode ter tudo na vida, a gente tem que sonhar muito mais contentar com pouco, então foi aonde que eu...

L1: Foi fazer o curso de cabeleireira.

L2: Curso de cabeleireira. Aí fiz o teste, fiz a prova lá, todos exigem uma prova que é até bem forte, mais graças a deus não tive dificuldades não, aí a minha colega que foi ela tinha ginásio, ela fez junto comigo, ela falou

comigo, “você devia ter falado”, não que (exige muito o grau da gente) eu falei e amanhã se eles me pedirem o diploma e eu não tenho, coisa que eu não faço é mentir eu acho que a mentira não serve sabe, mentira, tirar as coisas dos outros, o que não é meu que não pertence a família, gente isso não é da gente porque que eu vou pegar, então foi aonde que eu tentei.

L1: Que a senhora tentou outra coisa como cabelereira.

L2: Mais ai eu trabalhei e meu marido ficou tão animado que me ajudou a montar um salãozinho, arrumou lá, nós com força fomos construindo, construindo sabe, um salão fora da casa pra não ficar entrando gente pra dentro de casa e ai eu trabalhei o resto do tempo [risos].

L1: É, e a senhora pra comprar esses, as ferramentas para o trabalho, a senhora tirava desse trabalho do salão?

L2: Do meu trabalho.

L1: Do próprio bordado?

L2: Do meu trabalho, eu ficava sem um tostão, mas eu comprava tudo de material daí um pouco eu já tinha, e a mesma coisa do salão, o salão tinha vez que o que eu ganhava eu ia e comprava material. Mas ai depois eu via o dinheiro entrando pra dentro de novo sabe, foi muito bom o salão foi um trabalho muito gostoso.

L1: A senhora disse que houve uma época na vida que a senhora fez um curso pra bordar na máquina.

L2: É

L1: Num foi. Qual é a diferença que a senhora vê maior no resultado do trabalho a mão e do trabalho na máquina?

L2: Não é porque o bordado a máquina você faz aquele (chilier) aquele aberto sabe, aquilo na mão você nem consegue, porque uma rosinha ou outra você ainda faz mais você (cazilhar) aquilo tudo na mão não dá, então foi aonde que eu entrei e fiz o curso.

L1: Então a senhora queria completar aquilo que a senhora já...?

L2: Completar o trabalho. Eu já tinha na cabeça, com ele e tudo mais nunca tinha pego, eu fui lá, todo curso que eu fiz foi bom.

L1: É, ai a senhora então nunca pensou em substituir o trabalho á mão pelo trabalho á máquina? Fazer tudo á máquina?

L2: Não, quando eu bordei eu bordei muito na máquina, bordei muita blusa muita coisa na máquina.

L1: Á máquina?

L2: Á máquina.

L1: Ai a senhora deixou de bordar a mão?

L2: Deixei. Ai eu parei de bordar a mão pra bordar na máquina, na máquina é mais rápido.

L1: E o resultado é tão bonito quanto, a senhora acha? O resultado assim quando você olha o bordado a mão e o bordado na máquina?

L2: O bordado a mão ele é mais bonito, você pode ver, você faz uma aplicação na máquina e faz uma aplicação na mão pra você ver.

L1: A mão é mais bonito?

L2: A mão é mais bonito.

L1: E porque quê a senhora acha que é mais bonito, a senhora que sabe tanto de bordado? Por que será que a mão é mais bonito?

L2: Eu não sei, eu acho porque, o capricho é muito mais, e tudo que você faz á máquina você pode ver, uma costura que é assim muita costura de uma vez só, eu costurei muito pra fabrica costurei de mais, já vinha cortado então eu achei melhor parar de costurar para o pessoal e costurar a máquina porque o tempo que eu estava cortando e tudo eu já estava costurando, eu costurava oitenta vestidos na semana.

L1: Ganha mais era tempo à máquina?

L2: É, mais fábrica também a fábrica paga muito pouco, mas como eu não estava mais assim com ansiedade de meus filhos não estava faltando ai o que vier é lucro.[risos]

L1: Dona XXXXXXXX eu vou fazer outra pergunta pra senhora que tem haver com a qualidade, assim, como é que a gente sabe, se eu sou uma pessoa que vou comprar uma peça bordada á mão ou bordado á máquina, primeiro bordado á mão como que eu sei que aquela peça está bem bordada, “não isso aqui é feito por uma bordadeira que sabe mesmo o que faz é uma peça que está bem bordada”, como é que eu sei?

L2: Uai você tem que olhar.

L1: Só na frente ou atrás?

L2: Você tem que olhar, olha o meu ai que você vê que está tudo errado [gargalhadas].

L1: Está tudo errado Dona [XXXXXXX] [gargalhadas]?

L2: Que na hora, esse bordado, por exemplo, esse xadrez ele não pode sair com ele aqui, você entendeu?

L1: Não pode ter um avesso?

L2: Não tem, não ele não pode dar ponto pra fora aqui, aparecer ponto.

L1: É esse que é o controle de qualidade, olhou atrás, se não deu ponto?

L2: Aqui ela mostra porque eu ainda deixei uns aparecendo, mas não é certo.

L1: Não é certo?

L2: Não, você pode olhar (não tem bordado).

L1: Isso então que é a qualidade do ponto á mão?

L2: É o bordado á mão.

L1: Pra saber se é bom a gente tem que olhar o avesso?

L2: É, olha o avesso.

L1: E o bordado á máquina?

L2: O bordado á máquina não tem avesso.

L1: Tem ou não?

L2: Muito pouco.

L1: É.

L2: É.

L1: Então a maquina já faz do jeito que tem que ser?

L2: É a maquina faz.

L1: Não aparece atrás?

L2: Aparece alguma coisa mais é muito pouco, agora a mão não seu desenho fica todo ali.

L1: A senhora disse assim, “eu fiz uma opção por minha família e o meu trabalho tem haver porque eu queria criar meus filhos e está bem pertinho”, hoje que os filhos já estão grandes a senhora já tem neto. A senhora acha que eles valorizam essa opção da senhora?

L2: Graças a deus! Nunca criticaram a mim não [gargalhadas].

L1: Não?

L2: Não.

L1: Que bom. A senhora ainda borda hoje á mão?

L2: Ahh se eu pegar eu bordo.

L1: Borda?

L2: Bordo.

L1: Profissionalmente, se alguém chegar lá falando, Dona [XXXXXXX] eu vim aqui com um vestido de noiva a senhora borda pra mim, eu vou casar daqui a quatro meses?

L2: É só você me dar o tipo que você quer.

L1: E a senhora faz?

L2: É.

L1: Que beleza! É::, e o quê que faz a senhora querer continuar a bordar?

L2: Não, isso ai agora eu faço assim um cabinho de mesa, um uma coisinha assim, não é que eu tenho assim pra trabalhar.

L1: Que fazer. Isso!

L2: Porque é a aposentadoria do meu marido eles tiraram tudo, com aquele negócio lá de tirar o dinheiro da gente, tirou tudo, eu fiquei com um salário mínimo, se eu não tivesse pagado só um salário mínimo hoje eu estava pior do que tudo, eu vejo todo mundo “eu recebo só um salário mínimo”, gente trabalha com a cabeça se você sabe que vai acontecer, porque agora eu não sei, dizem que não estão tirando mais toda vez q eu ia lá eles tinham tirado um bocado do dinheiro, até ficar.

L1: Então hoje a senhora não borda por necessidade, a senhora borda porque a senhora gosta e porque a senhora quer?

L2: Não hoje não, eu bordo porque eu gosto, eu ás vezes gosto muito da pessoa eu dou um presente

uma toalha de rosto, entrego e dou a pessoa essas coisas assim.

L1: Se alguém perguntar pra senhora assim, “Dona **Xxxxxxx** se a senhora tivesse que lembrar de uma história interessante ou diferente na função de bordadeira” a senhora lembra de alguma história falando nossa ou deu tudo errado ou deu tudo certo uma história engraçada. A senhora tem alguma história como bordadeira?

L2: Olha! Eu tive assim uma história muito importante, não foi que deu errado não, a minha professora ia está aqui no SESI e tudo com diploma, quem não aprendeu direito não ganhava o diploma não, era assim não sei agora, então ela falou comigo assim “se você bordar essa toalha, eu dou o diploma por essa toalha que você vai bordar”, aí eu falei, “pode deixar”, aí eu comprei um pano e levei, aí ele falou, “eu vou riscar pra você porque você está mexendo aí e sua mão não está muito boa pra riscar não, eu vou riscar pra você”, então ela tirou ela tinha o risco, então ela desenhou pra mim. E eu desenhei, quando ela chegou ela ficou boba como que eu dei conta, mais eu bordava lá e bordava em casa pra poder adiantar até chegar o dia da...

L1: A formatura?

L2: A formatura. Eu até tenho, eu tenho uns lá nas amostras, mais estava guardado na outra casa, porque agora eu moro num barracão, na casa da minha filha, lá ela construiu um barracão lá pra mim e tal eu até ajudei a construir e tudo pra eu não ficar sozinha. Mais eu deixei um resto de coisa lá sabe, que eu mexia com coisas de fazer boneca e ficou tudo lá na outra casa dentro de um armário grande, está tudo lá e eu não sei nem como que está, porque lá eu dei pro meu filho morar e você sabe, eles não mechem não, já perguntei, “ahh não sei não”.

L1: E essa toalha está lá?

L2: Não a toalha não, a toalha a dona ficou tão louca com essa toalha que ela me pediu pra bordar, assim vê pra poder ir olhando como eu bordei pra ela fazer o bordado e acabou que ela morreu e eu fiquei sem saber onde que ela mora e também tem muitos anos isso, eu falei, ahh ela morreu de repente coitada, e ela era uma colega minha, é ela morava no bairro Amazonas sei lá pra aqueles lados lá.

L1: Então essa é uma história importante pra senhora?

L2: É importante, eu gostei de bordar essa toalha como um desafio.

L1: Isso! [risos]

L2: [risos] ela pediu, ela era muito brincalhona mais ela falou assim “oh se não você eu não sei, você não vai ganhar”, eu falei “e eu?”, ela falou “se você der conta da toalha que eu vou mostrar o risco pra você e você vai comprar, se você der conta dela, por conta dela eu te dou”.

L1: E era uma toalha difícil?

L2: Era uma toalha difícil toda redonda.

L1: É? Muito bordado?

L2: Era dois metros assim e eu dei conta.

L1: Que beleza!

L2: Eu tinha bordado no meio no centro da toalha e em volta, toda com rechilie.

L1: Levou muito tempo bordando?

L2: Levei umas quatro semanas.

L1: Todos os dias?

L2: Todos os dias. Porque eu ia a aula quando não tinha e era uma vez na semana que tinha aula, então lá você só toma uma prática, como você vai fazer, depois em casa você faz.

L1: Eu tenho duas perguntas ainda pra senhora a primeira é a seguinte, é os instrumentos para fazer o bordado de quando a senhora começou a bordar e agora são diferentes?

L2: Não a mesma coisa.

L1: O tipo de linha mudou alguma coisa?

L2: Não a linha, essa aí é a melhor linha que tem, essa aqui também olha, é ancora que chama.

L1: A marca?

L2: É.

L1: Então hoje em dia têm umas marcas melhores?

L2: Têm umas marcas melhores, se não o bordado não fica bom.

L1: Mais a agulha não mudou muito não?

L2: Não a agulha não, a agulha é a mesma, só que tem uma que melhorou pra gente porque as agulhas fininhas têm os buracos muito finos também, agora não, eles fizeram um furo meio vasado da pra você enfiar mais fácil.

L1: Então quem tem problema nos olhos agora está melhor?

L2: Agora está melhor.

L1: E as cores mudaram muito de quando a senhora começou, tinha esse mundo de cores como tem hoje?

L2: Não, lá quando as cores eram muito diferentes, você fazia um vestido de linho, por exemplo, bordava aquele vestido assim, ou casaco o que fosse bordava com a cor, só uma cor de linha, então era rosa era só as rosas com aquelas folhinhas da mesma cor da linha, eu achava muito mais bem feito e bonito.

L1: É, hoje é muito colorido?

L2: Hoje é, hoje é demais da conta, nossa senhora [risos], quando eu fui com a minha neta ela me levou pra ver umas roupas eu falei com ela assim: “ahh Rafa eu acho que vou voltar, depois eu compro o pano e faço a roupa, porque desse jeito não dá não”.

L1: Por causa de muita cor?

L2: Muito mal feito, hoje as costuras estão muito mal feitas, tudo esquisita, umas roupas, não hoje não tem roupa, aqueles cortes tudo e tal, como eu vejo na televisão ainda passa.

L1: Naqueles desfiles?

L2: É, mais você vai olhar ai você não acha daqueles.

L1: Pra comprar não acha não.

L2: Aquele vestido transpassado bonito cadê acabou.

L1: E a senhora acha que não acha porque Dona [XXXXXXX], que não acha mais essas roupas assim?

L2: Acho que é porque mudou tudo, o estilo o pessoal hoje veste qualquer roupa e pronto, antigamente não, a gente pra ir a um casamento você tinha que ir com roupa de linho tudo arrumado, depois que apareceu essa malha na rua nossa gente eu não estou aguentando mais.

L1: [risos] É? Dona [XXXXXXX] se alguém perguntar a senhora assim, o quê que o bordado ensinou pra senhora? Porque a gente ensina muita coisa pros outros, mais o quê que esse ofício de bordar ensinou pra senhora?

L2: O que ele me ensinou mais foi ter capricho só.

L1: Ter capricho?

L2: É às vezes você faz um ponto, mas fica todo cheio, todo encolhido, então fica feio o bordado.

L1: E ensinou a ter paciência?

L2: Paciência muita, [gargalhada] se não tiver não faz.

L1: É?

L2: Principalmente isso aqui, se você não tiver paciência de amarrar isso aqui, fazer isso aqui, você não faz não.

L1: É?

L2: Sua cabeça esquenta e você não sabe nem pra onde mais que pega.

L1: Que beleza! Então tem que ter paciência e tem que ter capricho?

L2: Tem que ter.

L1: E tem que ter mais alguma coisa pra ser uma boa bordadeira?

L2: Não, paciência e capricho.

L1: Paciência, capricho e tem que enxergar bem.

L2: Enxergar bem, não, mas isso tem muita gente que não enxerga bem.

L1: E a gente põe uns óculos também.

L2: Agora ali na... Como que chama?... Eu estava com o nome agora, que tem um lugar que ensina é... crochê, tricô... É... Ah meu deus, é no centro ali da cidade na Rua São Paulo, tem uma loja ali que ensina bordado, tecer crochê, tricô essas coisas, e lá ensina muito bem, gostei muito das roupas de lá tudo lá é muito bem feito.

L1: E tudo a mão?

L2: Tudo a mão.

L1: E as professoras são mais antigas?

L2: São. Eu conheci uma professora que me ensinou a tecer tricô, porque eu sabia tricô, mas eu não sabia seguir essas coisas assim. Mais ai agente aprende quando menino depois eu não sabia mais, então eu fui lá, eu fui lá três vezes e aprendi a fazer blusa.

L1: Que bom! A senhora vê muito menino, a senhora vê gente mais jovem hoje interessada pelo bordado?

L2: Não, não vejo não, e lá em casa então ninguém interessa [gargalhada].

L1: Nem pra usar e nem pra aprender a fazer?

L2: “Ah eu não gosto disso não, não tenho paciência pra isso não”, assim que está hoje, os jovens estão assim hoje.

L1: Os jovens não têm paciência?

L2: Eles falam que não têm, mas tem, é por que não quer, pra quê fazer isso se eles vão lá à loja e compra lá e pronto, tem tudo! Ai que eu falo porque quando a gente tinha que vestir uma blusa bordada você tinha que bordar ela, hoje não, você quer uma coisa bordada você vai lá e está lá ou então taca uma renda ali e pronto, difícil.

L1: Quanto custa mais ou menos hoje pra, por exemplo, bordar uma blusa? A senhora sabe o preço?

L2: Ahh não, não sei não.

L1: Não sabe?

L2: Passaram tantos anos que eu mexi com isso.

L1: É? Não sabe nem colocar o preço?

L2: Não, bom se eu for bordar primeiro eu vou comprar, fazer a conta do material que eu comprei, que eu gastei, vou ver o tempo que eu levei e o bordado se é difícil, requer muita, ai eu sei como é que eu vou cobrar.

L1: Era a pergunta que eu ia fazer pra senhora, como é que a senhora coloca o preço, então a senhora faz a conta desse jeito?

L2: A conta primeiro. Conto, às vezes a pessoa fala “a não”, “não minha filha eu não vou ganhar dinheiro não”.

L1: Então o quê que tem que ter na conta? Quanto gastou com o material...

L2: Isso! Você tem que comprar a linha, tem que comprar várias linhas, porque hoje tem bordado muito misturado, e você fazer a conta de quanto que custou ali, quanto que custou a sua agulha porque agulha perde demais, sabe, então você tem que por tudo incluído, então ai você tem que fazer a conta de quanto você vai gastar, quantos dias você vai gastar. Uma pessoa que varre a casa lava lá uma varanda, está querendo oitenta reais pra lavar um vidro, se você falar “olha o meu barracão lá, você vai lá da uma lavada pra mim, quantos você está cobrando?” “Ah oitenta, pra senhora eu faço oitenta”.

L1: Então o dia é mais ou menos esse preço também? Se a senhora levar um dia a senhora cobra mais ou menos isso?

L2: Não, isso ai não, se eu for cobrar isso eu mato a pessoa [gargalhada] ele não vai querer vai até desistir.

L1: Entendi.

L2: Não eu faço hora, mais também eu vou falar “ohh eu não vou bordar isso depressa não, eu vou devagar”, porque ai quando eu fizer minhas coisas tudo eu sento lá e bordo um pouco.

L1: Muito bem! Será que as pessoas aqui presentes têm alguma pergunta pra fazer? **XXXXXXX**, você têm alguma pergunta que você acha que a sua avó merecia contar?

L2: Já contei **XXXXXXX**.

L1: Que bom, que bom! Bem Dona **XXXXXXX** era isso assim, tem alguma coisa que a senhora queria olha, quando vocês estiverem vendo esse filme, eu queria que vocês não se esquecessem disso, alguma coisa que a senhora queira dizer pra nós, pra nós não esquecermos, uma coisa que a senhora acha importante, uma história da senhora?

L2: Eu acho importante a pessoa pensar bem no que eu falei e vê se passa isso pra frente pros outros, pra pensar, fazer uma reunião, passar aquele filme pra vê as pessoas verem, como era a vida e como é hoje e hoje ainda tem gente que chora miséria, chora vida, chora tudo “ehh vida, ohh vida”. Gente, nós hoje estamos no céu aqui da terra, não falta nada e tudo é comprado. Naquele tempo se você quisesse comer arroz você tinha que limpar no pilão, socar no pilão, o feijão você tinha que plantar colher e na hora de fazer tinha que catar tudo bem catadinho pra pô ele de molho por que tinha muita pedra e tem até hoje, hoje não o feijão você vem com ele só corta ali virou ali pôe o feijão de molho, pôe o feijão pra cozinhar e a pessoa ainda reclama, “Ahh meu deus eu tenho que cozinhar feijão” [gargalhada], e a panela de pressão que não existia, hoje tem panela de pressão pra tudo.

L1: Então a senhora acha que o mundo de hoje é melhor, assim em relação a essas coisas.

L2: Olha, a única coisa que eu acho que está triste no mundo são as drogas os roubos e outras coisas ai que eu não vou nem falar.

L1: A senhora acha Dona **XXXXXXX** que o bordado, que era o ofício da senhora, a senhora aprendeu na escola, as primeiras lições, a senhora acha que a escola podia voltar a ensinar essas coisas?

L2: Eu acho.

L1: Por quê?

L2: A criança aprende e toma amor é lá na escola, ali ele já pega a raiz dele o quê que é que eu vou seguir lá fora que muitas pessoas estão pensando hoje, porque hoje o estudo está dado, está pra todo mundo, até a condução pra pegar o pessoal pra levar e trazer da escola está boa. Agora se fosse aquele tempo que nós estudamos eu e meus irmãos, era muito difícil mesmo, mesmo assim eu achava bom eu achava a vida ótima que viver é bom de mais.

L1: E a senhora acha que ensinar bordado na escola ia ensinar a criançada a ter mais paciência?

L2: Ensinar alimentar bem.

L1: Tem que ser tudo na escola?

L2: Tudo é na escola ué, porque o pai e mãe estão empurrando o menino pra escola que a gente dava educação em casa ensinava em casa, mais hoje é a professora, “ah não eu tenho que levar esse menino pra escola que eu não aguento ele dentro de casa”, que dizer que pai e mãe não estão aguentando e é lá que eles vão aguentar.

L1: E a última pergunta é: a senhora acha que esse bordado na máquina ele não prejudica quem ainda borda a mão ou a senhora acha que foi bom acontecer esse bordado á máquina?

L2: Não, não. O bordado é muito bom, o bordado á maquina é bom pra fazer virou, toalha de mesa, essas mesas grande. Não prejudica nada vai é ensinar cada vez mais a pessoa, a pessoa ela não gosta de ir lá no nordeste cada vez que vai lá traz uma toalha bordada, todo mundo num traz.

L1: Então um complementa o outro é o que a senhora acha?

L2: Hoje, isso ai eu acho. Aqui até hoje você vai bordar você não acha um tecido bom, porque o bordado é bom no algodão, então a toalha de linho bordada é muito bonita muito linda, mas você vai achar quando você vai comprar é um preço que você não da conta mais de comprar, a gente pobre não dá conta de comprar um pano pra fazer um bordado, eu já bordei muito assim pra moça que ia casar ás vezes me dava tudo, eu já entregava tudo bordado.

L1: Quem que dá mais valor para o bordado feito á mão, quem é mais rico ou quem é mais pobre?

L2: Isso ai eu não sei.

L1: Tanto faz! Tem gente pra tudo.

L2: Isso ai o rico é melhor, porque ele compra aonde quiser, o pobre compra aquilo que pode [risos], isso?

L1: Agradecer à senhora Dona [XXXXXXXX], obrigada viu. Muito obrigada, muito obrigada.

L2: Obrigado você viu. Então agora encerrou viu meu filho [risos].

L1: A senhora que uma aguazinha?

L2: Eu vou tomar! Aceita [XXXXXXXX]?

L1: Cansou Dona [XXXXXXXX]?

L2: Não, cansei não.

L1: Cansou não, mais fica falando muito tempo, com o povo perguntando demais.

L2: Nada vocês estão na sua profissão, estão trabalhando, está ganhando o salário ai, eu sei o quê que é isso minha filha, então a gente reconhece. Eu vim aqui por quê? Vim pra ajudar vocês, não? Ele tem trabalho, você tem eles têm, se todo mundo que vocês chamar não vem, então como é que vocês fazem? Então a gente tem fazer é ajudar os outros.

L1: Brigado Dona [XXXXXXXX]!

ÍNDICE POR ASSUNTO

- Alongamento de sílaba(s) 53-54, 56, 67-73, 76-77, 83-84, 86, 89, 93, 99-100, 102, 104-105, 111
- Assalto a turno 54, 56, 67-73, 76-77, 83-85, 89-93, 95, 99, 104, 107, 111
- Cena(s) 14-19, 21, 36, 38, 44-48, 50, 56, 58-59, 61, 67-71, 73-75, 77-81, 92-93, 99-107, 110-112
- (Co)construtor(es), (co)construção 16, 18-20, 56, 59-61, 68, 71, 75, 79, 88-89, 93, 95-96, 99-103, 107-112
- Encenação 50, 68, 79
- Entrevista(s) oral(is) 14-20, 22, 34, 36, 47-49, 55-57, 59, 61-62, 64-65, 67-69, 73-76, 89, 92-95, 99-111-112
- Eventivação 14, 48, 50, 73, 92
- Evento(s) 14-20, 22, 24-25, 30-31, 37, 42-45, 47-50, 55, 58-61, 68-69, 73-74, 77-79, 81, 86, 88-89, 92-93, 95, 100, 102, 109-113
- Linguagem 14, 18-21, 23-29, 31-32, 34-36, 39, 45, 47, 58, 69, 73, 75, 92, 112, 114-116
- Memoração 14, 20, 22, 24, 37, 47-48, 50, 56, 73, 75, 77, 79, 81, 83, 92, 99, 111-112
- Memória(s) 14-15, 18-19, 21-22, 24, 31, 36-49, 58, 64, 66, 69, 73-74, 77-78, 81, 87, 92, 110-112, 114-116
- Operação básica 14-15, 17-18, 20, 36, 49, 67, 110, 112

Repetição de palavra(s)	53-56, 67-70, 72-73, 76-78, 83-84, 89-90, 93, 95, 99, 103, 104-105, 111
Suboperação(ões)	16, 20, 25, 53, 55-56, 58-71, 76-78, 81, 83, 87, 89-90, 92-93, 95-96, 99, 101-102, 107, 111-112
Subtópicos discursivos	18, 20, 60
Topicalização discursiva	14-15, 17-20, 22, 24, 36, 48-50, 56, 67-69, 73, 75, 79, 85, 87, 89, 91-96, 99-100, 102, 109-110, 112
Tópico(s) constituinte(s)	49, 51-54, 61, 65, 74, 80, 85, 96, 104, 107, 111
Tópico(s) discursivo(s)	15-18, 20, 49-51, 56, 60-61, 67-69, 72-74, 76, 78-79, 81, 83-87, 91-94, 106-107, 110, 111,115
Tópico(s) menor(es)	49, 51-52, 54, 61, 74, 79, 84-87, 89, 91, 94, 104-105
Tópico principal	49, 51, 61, 69, 74